



Faculdade
BOAS NOVAS
ONDE O CONHECIMENTO TRAZ LIBERDADE

20 ANOS



VITRAL

Revista de Publicação dos Cursos de Ciências Teológicas e
Ciências da Religião da Faculdade Boas Novas

ANO VI | N° 1 | 2025

VITRAL

**Revista de Publicação dos Cursos de Ciências Teológicas
e Ciências da Religião da Faculdade Boas Novas**

ANO VI | Nº 01 | 2025

FACULDADE BOAS NOVAS DE CIÊNCIAS TEOLÓGICAS, SOCIAIS E BIOTECNOLÓGICAS
CURSOS DE CIÊNCIAS TEOLÓGICAS E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MANTENEDOR

Instituto Bíblico da Assembleia de Deus no Amazonas – IBADAM

PRESIDÊNCIA

Pr. Dr. Jonatas Câmara

DIREÇÃO EXECUTIVA

Pr. Me. Edivaldo Lopes de Lima

DIREÇÃO GERAL

Prof. Dra. Maria José Costa Lima

DIREÇÃO ACADÊMICA

Prof. Dra. Fatima Medianeira Flores Vargas

PROCURADORIA INSTITUCIONAL

Profa. Dra. Kelly Christiane Silva de Souza

COORDENAÇÃO DE PESQUISA

Prof. Dra. Franci Flores de Vargas

COORDENAÇÃO DE CURSO

Prof. Me. José Fábio Bentes Valente

Vitral - Revista de Publicação dos Cursos de Ciências Teológicas e Ciências da Religião da Faculdade Boas Novas

© 2025 Copyright by Faculdade Boas Novas.

Av. General Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 1655 – Japiim - Manaus-AM – CEP - 69077-000

Fone: (92) 98121-2373

www.fbnovas.edu.br

Editoração:

Prof. Dra. Franci Flores de Vargas

Prof. Me. José Fábio Bentes Valente

Capa: Isabel Conceição da Silva Valente

Os artigos assinados, bem como o seu conteúdo e estilo linguístico são de responsabilidade de seus autores e necessariamente não expressam a posição da Instituição.

Catálogo na Fonte
Ficha Catalográfica elaborada por Kellen Encarnação – CRB-1134

V835 Vitral - Revista de Publicação dos Cursos de Ciências Teológicas e Ciências da Religião da Faculdade Boas Novas [recurso eletrônico] / Faculdade Boas Novas de Ciências Teológicas, Sociais e Biotecnológicas. Ano 6, n. 1 (2025). Manaus: FBN, 2025.
936KB. : il. color.; PDF

ISSN 2526-8104

1. Teologia - Periódicos. I. Faculdade Boas Novas de Ciências Teológicas, Sociais e Biotecnológicas.

CDD 230.01

COMISSÃO EDITORIAL

Prof. Dra. Maria José Costa Lima

Prof. Dr. Cláudio José da Silva

Profa. Dra. Fatima Flores de Vargas

Prof. Dr. José Jacinto de Ribamar

Pro. Dr. Miquéias Pontes

Prof. Dr. Reyth Ribeiro

Prof. Me. Fabiano Valle de Oliveira

Prof. Me. José Fábio Bentes Valente

Pequenas citações são permitidas, sempre indicando-se a fonte
Direitos reservados à Faculdade Boas Novas de Ciências Teológicas, Sociais e Biotecnológicas

APRESENTAÇÃO

É com satisfação que apresentamos à comunidade científica a edição do Ano VI, nº 01/2025 da **Revista Vitral**, publicação dos Cursos de Ciências Teológicas e Ciências da Religião da Faculdade Boas Novas de Ciências Teológicas, Sociais e Biotecnológicas. Esta edição reúne dezessete artigos que refletem o amadurecimento intelectual de nossos discentes e a relevância do pensamento do fenômeno religioso na esfera teológica, no que concerne as transformações sociais, culturais e tecnológicas do século XXI.

Os trabalhos aqui compilados abordam um espectro diversificado de temáticas que perpassam desde questões relacionadas ao aconselhamento pastoral e formação eclesial até as complexas interações entre religião e cultura na contemporaneidade. Destacam-se reflexões sobre a batalha espiritual no aconselhamento pastoral, a dimensão profética da teologia da cultura inspirada no pensamento de Paul Tillich, a importância da hermenêutica bíblica contextualizada, e os desafios da evangelização digital em tempos de mídias sociais, entre outras pesquisas.

Como bem observou o teólogo alemão **Jürgen Moltmann**, em sua célebre obra Teologia da Esperança, “o cristianismo é escatologia do princípio ao fim, e não apenas no apêndice: é esperança, é orientação e movimento para frente e, portanto, é também revolução e transformação do presente”. Esta perspectiva moltmanniana, que compreende a teologia como força transformadora da realidade concreta, perpassa diversos artigos desta edição, especialmente aqueles que tratam da missão da igreja no mundo contemporâneo, do diálogo inter-religioso, e da integração entre educação teológica e compromisso sociopolítico.

A presente coletânea evidencia ainda a preocupação de nossos pesquisadores com as questões práticas e existenciais que afetam as comunidades de fé. Artigos sobre a saúde psicológica de pastores e a síndrome de burnout, a integração do aconselhamento pastoral na educação cristã infantil, e o papel da espiritualidade na formação da cidadania ativa demonstram o compromisso desta revista com uma teologia encarnada, sensível aos clamores e às dores do tempo presente.

Outro aspecto relevante desta edição é a reflexão sobre as transformações tecnológicas e suas implicações para a experiência religiosa. Os estudos sobre ciberespaço sagrado, evangelização digital e o uso de mídias digitais como ferramentas para o ensino teológico revelam a necessidade de uma teologia que dialogue criticamente com a cultura digital, sem perder sua identidade e sua função profética.

A diversidade metodológica e temática dos artigos publicados atesta a vitalidade da pesquisa teológica desenvolvida na Faculdade Boas Novas. Desde análises exegéticas rigorosas até reflexões sobre teologia pública, passando por estudos sobre liturgia musical e missão transcultural, esta edição oferece contribuições significativas para o avanço do conhecimento teológico no Brasil.

Agradecemos aos autores pela dedicação e seriedade com que conduziram suas pesquisas, aos pareceristas pela criteriosa avaliação dos trabalhos, e aos leitores que prestigiam esta publicação. Que os textos aqui reunidos possam inspirar novas reflexões, aprofundar o diálogo acadêmico e contribuir para uma prática teológica comprometida com a transformação da realidade à luz do Evangelho.

Desejamos a todos uma proveitosa leitura.

Comissão Editorial Revista Vitral

Faculdade Boas Novas de Ciências Teológicas, Sociais e Biotecnológicas

Ano VI | Nº 01 | 2025

SUMÁRIO

A BATALHA ESPIRITUAL EM ACONSELHAMENTO PASTORAL COMO MEIO ESTRATÉGICO NA FORMAÇÃO ECLESIASTICA	7
A DIMENSÃO PROFÉTICA DA TEOLOGIA DA CULTURA: A CRÍTICA SOCIAL E POLÍTICA NO PENSAMENTO DE PAUL TILLICH	16
A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DA EXEGESE BÍBLICA: DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA UM INTÉRPRETE CONTEMPORÂNEO	24
CIBERESPAÇO SAGRADO: A CONSTRUÇÃO DA COMUNIDADE DE FÉ EM AMBIENTES DIGITAIS E SEUS IMPACTOS NA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	34
CONCEITO DE ESCATOLOGIA EM JURGEN MOLTSMANN E SUAS IMPLICAÇÕES NO SÉCULO PARA COMPREENSÃO DA MISSÃO DA IGREJA NO SÉCULO XXI	42
DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E IDENTIDADE DOUTRINÁRIA: PERCEPÇÕES E ATITUDES DOS JOVENS CRISTÃOS EM CONTEXTOS PLURALISTA	52
DIDÁTICA E ESPIRITUALIDADE: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL DA IEADAM PARA ESTILOS DE APRENDIZAGEM DIVERSIFICADOS	61
EVANGELIZAÇÃO DIGITAL: ESTRATÉGIAS E DESAFIOS DA PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO EM PLATAFORMA DE MÍDIA SOCIAL NO ESTADO DO AMAZONAS	70
INQUISIÇÃO SEM FOGUEIRA: A PRESSÃO MORAL É CONFORMIDADE RELIGIOSA NA ERA DIGITAL	79
INTEGRAÇÃO DO ACONSELHAMENTO PASTORAL NA EDUCAÇÃO CRISTÃ INFANTIL	87
MISSÃO TRANSCULTURAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA EVANGELIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA	98
O PAPEL DA ESPIRITUALIDADE NA FORMAÇÃO DE UMA CIDADANIA ATIVA: UM ESTUDO SOBRE A INTEGRAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E POLÍTICA EM COMUNIDADES DE FÉ	108
O PAPEL DA FÉ INTELECTIVA NA FORMAÇÃO DE LIDERANÇA ECLESIASTICA: NOS ESCRITOS DE CLODOVIS BOFF	118
O PAPEL DA IGREJA EVANGÉLICA NO ELEITORADO BRASILEIRO: ESTRATÉGIAS E IMPACTOS NAS ÚLTIMAS ELEIÇÕES	127
O PAPEL DO DOCENTE DE ENSINO RELIGIOSO COMO MEDIADOR ENTRE O CONHECIMENTO TEOLÓGICO E A DIVERSIDADE RELIGIOSA NAS ESCOLAS	136
OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E AS MÍDIAS DIGITAIS COMO FERRAMENTAS PARA O ENSINO TEOLÓGICO DAS MULHERES	145
SAÚDE PSICOLÓGICA DE PASTORES E SÍNDROME DE BURNOUT	154
TRANSFORMAÇÃO DA LITURGIA MUSICAL NAS IGREJAS EVANGÉLICAS: DO HINÁRIO TRADICIONAL AO WORSHIP DAS IGREJAS CONTEMPORÂNEAS	163

A BATALHA ESPIRITUAL EM ACONSELHAMENTO PASTORAL COMO MEIO ESTRATÉGICO NA FORMAÇÃO ECLESIAÍSTICA

Ivaneide Lima do Nascimento Alves¹

José Fábio Bentes Valente²

RESUMO: Este trabalho de conclusão de curso trata sobre a batalha espiritual em aconselhamento pastoral em tempos de modernização doutrinarias heréticas. Sua problemática justifica o aconselhamento pastoral espiritual como análise de realidade funcional desqualificada em assumir a função pastoral. Metodologia utilizada foi do tipo bibliográfico, havendo vista que possui obras do campo acadêmico que inferem sobre a temática aqui abordada. Os objetivos específicos tratados são: identificar a preparação eclesiástica como formação pastoral. Descrever os desafios do indivíduo. Apresentar suas principais “crenças” da pseudobatalha. Identificar a preparação como preliminar em missão do evangelho. Definir diretrizes na implementação no aconselhamento pastoral. E a importância da ética pastoral. Dos resultados esperados nesta pesquisa constata-se que a batalha espiritual no aconselhamento pastoral, torna-se o principal movimento de conflito diário pressuposto na vida do cristão, possibilitando sua fraqueza espiritual como sinal de alerta na abertura emocional.

Palavras-chave: Aconselhamento Pastoral. Batalha Espiritual. Ética Pastoral.

ABSTRACT: This final paper deals with the spiritual battle in pastoral counseling in times of heretical doctrinal modernization. Its problematic justifies spiritual pastoral counseling as an analysis of functional reality unqualified to assume the pastoral function. The methodology used was of the bibliographic type, given that there are works from the academic field that infer on the theme addressed here. The specific objectives addressed are: to identify ecclesiastical preparation the pastoral formation. To describe the challenges of the individual. To present their main “beliefs” of the pseudo-battle. To identify preparation as a preliminary in the mission of the gospel. To define guidelines for implementation in pastoral counseling. And the importance of pastoral ethics. From the expected results of this research, it is found that the spiritual battle in pastoral counseling becomes the main movement of daily conflict assumed in the life of the Christian, allowing their spiritual weakness as a warning sign in emotional openness.

Keywords: Pastoral Counseling. Spiritual Warfare. Pastoral Ethics.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em mundo paralelo pelo aspecto específico de um único traço amplo ao crescimento eclesiástico na função pastoral. Condições escasso de informações teológica e psicológica, que afeta a expansão significativa do evangelho ao crescimento de templos presentes na cidade de Manaus. O aconselhamento pastoral contraria a postura coaching e psicoterapia. E aborda o seu principal eixo do relacionamento interpessoal, o princípio bíblico.

No evangelho de Marcos o Evangelista João Marcos, Jesus fala no sentido de espalhar as boas novas como forma de encorajamento “ide por todo mundo e pregai o evangelho”, estimulando o objetivo de compartilhar a mensagem do arrependimento. E transcendendo o aconselhamento pastoral como forma de percepção integral na dimensão espiritual ao mundo fragmentado por suas doutrinas neopentecostais.

Descritos os preceitos, surgem as seguintes problemáticas: Qual o desafio do aconselhamento pastoral? Como identificar? E quais os ataques espirituais sofridos dentro da igreja? E como implementar a estratégia do aconselhamento espiritual na função eclesiástica pastoral? Respondendo essas problemáticas a construção das seções desse trabalho é composta por três parte, a saber:

¹ Acadêmico(a) do Curso de Ciências Teológicas da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: ivaneide.20220023@aluno.fbnovas.edu.br

² Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA-ES). Doutorando em Ciências da Religião Pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-PE). Professor do Curso de Ciências Teológicas.
E-mail: prof.fabiovalente@fbnovas.edu.br

Na primeira seção aborda-se a preparação da formação eclesial na função pastoral, onde se submetem as sensíveis ações enfrentada pelo indivíduo. Relacionados em confrontos por armadilhas e ciladas, sendo mencionados como grande “inimigo” astuto. O “livre árbitro” fragmentado em bloqueio comum na vida cristã. Motivados por divisão, conflito e isolamento vividos pelo pecador em seu transtorno emocional.

Na segunda seção, busca apresentar a realidade espiritual de suas principais “crenças” da pseudobatalha e seus respectivos subtópicos fundamentadas pelo exercício da Fé, ambos designados para serviços de curas e libertação. E identificar a sua preparação e orientação preliminar no auxílio de seus discípulos, ao envio de sua missão. Dando-lhes poder em seu nome e autoridade em expulsar espíritos imundos e curar os enfermos.

A terceira seção consistem em abordar a definição e os objetivos das diretrizes na implementação ao aconselhamento pastoral para solucionar a função eclesial. Exercer a ética profissional no aconselhamento. E definir armadura espiritual como fortalecimento ao Senhor para resistir aos ataques do maligno. E conscientiza que a “luta não é contra carne, mas contra poderes espirituais” escravizados pelo corpo, mente e regiões celestiais.

2 FORMAÇÃO ECLESIASTICA NA PREPARAÇÃO DA FUNÇÃO PASTORAL

O conceito de aconselhamento para Albert Friesen (2012, p.20), explica pela citação de L.W Nichols que “aconselhamento é arte de ajudar indivíduos a alcançarem objetivos específicos que satisfaçam suas necessidades”. Aconselhar é saber ouvir, entender e fazer-lhe entender o pondo de vista fundamenta pelo princípio bíblico. E seu aconselhamento pode ser aperfeiçoado por trocas de diálogos entre conselheiro e o aconselhando. Objetivo principal entender todo o processo de cuidado pastoral contínua. E identificar a origem do problema e

direcionar o caminho solucionado para que tenha a libertação do sentimento e trauma vivido pelo indivíduo aconselhado.

Segundo Alexandre Awi Mello (2016, p.4), presbítero brasileiro da Igreja Católica Romana e superior geral do Instituto Secular dos Padres de Schoenstatt. Refere-se ao aconselhamento pastoral “a arte de ajudar atitudes fundamentais no acompanhamento espiritual” trata-se de tensões interiores sofridas pelo indivíduo nos quais interferem na qualidade de vida.

O aconselhamento pastoral não está alinhado a psicoterapia, mas busca compreender a partir das perspectivas Teológicas. E a psicoterapia pela compreensão psicológica, ambas absorvem os mesmos sentidos em curar, libertar e transformar o “indivíduo ferido”. Mantidos por bloqueios psicológicos, por ações emocionais condicionado em barreiras que visam acreditar na sobrevivência causada pela situação de medo.

Sobre este impacto prático o aconselhamento espiritual pastoral define a preparação eclesial para fins de aconselhamento saudáveis e promissores na vida do cristão. O aconselhamento pastoral exige a comunicação sólida e doutrinaria para quaisquer tensões interiores na vida do cristão e isolamento social. Seus componentes fundamentais na formação pastoral inclui a ética profissional do aconselhamento pastoral, organização pastoral, intervenção, apoio, orientação espiritual pelos princípios bíblicos e valores morais.

O procedimento espiritual pastoral é aplicado por liderança eclesial especializada em psicoteologia. Termo de estudo que integra as dimensões espirituais e psíquicas do ser humano. E busca compreender o ser humano através da psicanálise e da teologia. Ser conselheiro espiritual torna uma tarefa árdua e exige cuidado no aconselhado.

Ageu Heringer Lisboa, psicólogo, ex-assessor da Aliança Bíblica Universitária, fundador do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos e de ERIENE do Brasil (2001, p.34) afirma que “não se trata de uma nova disciplina científica, mas de uma maneira de pensar e entender o fenômeno humano”, e se propõe em rerepresentar a psicologia sob o ponto de vista cristão, em aconselhamento preventivo.

A poimênica vem do grego poimen, linguagem original da Bíblia e define “a ciência do agir do pastor”. Este método ministerial abrange em suas atividades dentro da igreja. Como treinamento potencializado em auxílio diário para auxiliar a liderança no cuidar do rebanho. Sua assistência integra na totalidade relação interpessoal. No seu processo o conselheiro pode resultar da simples oração e concentrar na origem da direção do objetivo alcançado.

Ricardo Zandrino (1986, pag.1), psiquiatra argentino descreve sua preocupação a respeito da comunidade cristã, “curar também é a tarefa da igreja”. O principal fundamento da comunidade consistente na liberdade em tornar-se agente de cura. Enfatizando o propósito da igreja de “salvar vidas” mencionados na escritura pela palavra “salvação” e a saúde mental como ato pressuposto paralelo.

Mediante as guerras travadas, a preparação eclesial do aconselhamento espiritual pastoral transcreve a hamartiologia

pela vontade humana, elemento existente na vida espiritual do cristão. Termo teológico que se refere ao estudo do pecado. Para a igreja, o aconselhamento espiritual posicionará pela visão doutrinária, que seguira pelo caminho a ser orientado.

Pelo cristianismo enfatiza o “inimigo” como ramo teológico da demonologia de estudo sistemático dos “demônios”. O temível “poder” astucioso e sagaz, abordado pela escritura sagrada por caminhar ao redor e o descreve como inimigo derrotado.

Apóstolo Paulo, orienta o campo de guerra espiritual como lutas preservativas de dor e sofrimento, e não define ao corpo físico. Mas de sua própria conduta moral projetada em batalha contínua. Por sua vez, o maior desafio de Paulo era em não retornar a ser Saulo, homem de conduta cruel. No que se refere à transformação pessoal, ética e moral.

A preparação eclesiástica na formação pastoral pela modernidade atual é um processo essencial dentro do contexto cristão que envolvem etapas na viabilidade em preparar líderes na função pastoral. Sua importância da formação pastoral sensibiliza a eficácia construção sólida na comunidade cristã em sua jornada de fé e para aqueles que atuam de forma direta no aconselhamento pastoral.

A neurociência comportamental e a neurociência da religião possuem característica notáveis na relação entre o cérebro e a experiência religiosa. O livre-arbítrio é a expressão que denota a livre escolha, decisões livres dada por Deus ao homem. Pelo princípio bíblico é o presente de Deus, que permite o ser humano a escolher entre o “bem e o mal”. Para teologia é a Predestinação como doutrina que afirma a salvação e a condenação, estabelecidas por Deus antes da criação.

Por outro lado, o filósofo alemão do século XIX, conhecido pela sua obra “O mundo como Vontade e Representação”- Arthur Schopenhauer (1860, p.12), caracterizou a vontade maligna metafísica em que “o homem pode fazer o que ele quer, mas não pode querer o quer” e recusou-se em acreditar na consciência do livre-arbítrio. Para a filosofia o ser humano é livre em escolher suas determinadas decisões, sejam elas favoráveis ou não.

O ser humano possui características fundamentais sobre o que escolher em sua própria jornada. Por essa razão nem sempre suas escolhas são objetivas, mas uma ação que afetarão para o marco de vida. Essas escolhas afetarão em relacionamentos afetivos, profissionais, conjugais e familiar. Suas consequências negativas tornam ações frustrantes, infrutíferas e até trágicas.

Dessa maneira o aconselhamento pastoral espiritual abrange o campo ministerial por sua diversidade na função eclesiástica. Pela Teologia o aconselhamento pastoral é atividade de evangelização que pode contribuir na libertação. Sua assistência cristã pode relacionar o interpessoal do indivíduo e por atuação em áreas escolar, militar e entre outras. Tais como aconselhamento profissional, pessoal, familiar, sexual, matrimoniais, luto, vícios e etc.

O aconselhamento espiritual popular social ocorre nos contextos de diálogos em troca de informações por soluções problemáticas por meios aos relacionamentos diários. Pelo aconselhamento profissional são recorrentes por profissionais psicólogos e psiquiatras, que atuaram por meio de comunicação cristã para melhor solucionar o problema da comunidade, exercido pelo profissional habilitado na área.

Para o aconselhamento pessoal são questões pessoais motivados pela ansiedade, depressão, ira, medo e culpa. Recorrentes por ações vividas pelos indivíduos em situações de traumas e violências. O aconselhamento familiar são ações interligadas ao desenvolvimento familiar pela orientação em criação aos filhos. Para o início da formação adulta, adolescência e velhice.

Ao aconselhamento sexual por orientação em questão ao “sexo” que considerados atos abusivos por violência sexual. Mencionados pelo aconselhamento matrimonial por problemas conjugais mediante aos conflitos internos ocasionados por divórcio e adultério. E definidos por outras questões motivados pelos transtornos mentais, vícios e religiosos. Que tornam comportamentos agressivos e compulsivos, diante a desigualdade de gênero.

O aconselhamento pastoral financeiro contribui como orientação de finanças por questões de batalha espiritual financeira. Abordando o espiritual pelas praticas religiosas no sentido à saúde mental. Nessa área o aconselhamento pastoral define a crise financeira como origem pecaminosa e o aconselha em desfrutar a vida de forma equilibrada.

Para Gary R. Collins (2004, p.17) “o processo de aconselhamento pastoral pode estimular o desenvolvimento sadio da personalidade” aos conflitos interiores de seus bloqueios emocionais e auxilia-los, a resolver conflitos gerados por tensões interpessoais, para sua boa qualidade de vida nos relacionamentos familiar, conjugal e pessoais. É organizar toda sua estrutura cristã para enfrentar o desafio da vida

O principal desafio da preparação espiritual no aconselhamento pastoral é encontrar profissionais habilitados para atuar em diversas áreas específicas espirituais. O aconselhamento pastoral se resume ao processo de capacitação ao campo ministerial. A falta do procedimento teológico e psicológico, o profissional eclesiástico na função pastoral não se habituará como conselheiro.

Portanto, é necessário está dentro dos padrões eclesiásticos na função pastoral para desenvolver a construção necessária do corpo funcional da igreja. O aconselhamento pastoral consegue através de sua visão, minimizar o impacto social da vida cristã.

Tornando-se estratégico para o crescimento da igreja. E reafirmando que aconselhar não é função, é preparo. É está atento para os sinais da fragilidade exposta no indivíduo e reabilitá-lo para o sentido da vida. E transformar a sua fé pela sua existência de forma inabalável.

3 PRINCIPAIS CRENÇAS DA PSEUDOBATALHA

A pseudobatalha espiritual é o termo do prefixo “pseudo” que significa falso e refere-se pela condição de crenças e práticas religiosas que são relacionadas ao “imaginário”, suas definições são apresentadas como espirituais. Essa influência pode afetar diretamente a vida cotidiana do indivíduo por meios de batalhas espirituais. Suas principais crenças da pseudobatalha são destinadas a maldição hereditária, mapeamento espiritual e a possessão “demoníaca”, essas batalhas são conhecidas por guerras invisíveis.

O aconselhamento pastoral espiritual transfigura o fato de reconhecer padrões pecaminosos para comportamentos negativos procedentes pela situação geradora que se tornaram ações de “pecado”. E podem atuar em diferentes áreas: no corpo, mente, e regiões celestiais. Em alguns casos por situações de violências ou tramas que se tornaram constrangimento em meio ao silêncio.

A Batalha Espiritual consiste na luta contínua da igreja contra os poderes das trevas, combinação perfeita de fé e dever cristão ao destacar a epístola de Paulo aos Efésios 6, Almeida (2018, p.1798), “no demais irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder”, em descrever a luta contínua e diária do cristão. E ressalta que nem tudo é “maldição” ou “ação hereditária”, mas um obstáculo a ser orientado e aconselhado de forma doutrinária que servirá como ajuda ao cristão.

A maldição hereditária por sua vez, são aqueles problemas que não foram resolvidos e passam de geração em geração e compreende-se que eles não têm fim. É assimilado como se estivesse vivenciando a vida de outra pessoa, sem o intermédio de sua própria. O papel principal da maldição hereditária é a continuidade da zona de conforto estagnada pelo indivíduo, sem sofrer mudança de hábito no sentido de vida.

Bert Hellinger (2007, p.34), psicoterapêutico alemão desenvolveu ao longo de sua vida, três ordens pela teoria do Amor. No pertencimento, a hierarquia e equilíbrio, todas por meio da constelação familiar. Essa teoria enfatiza a importância do sistema em que a pessoa está inserida. E aplicou essa descoberta em seus pacientes que enfrentavam questões emocionais enraizada em relacionamentos familiares. A terapia sistêmica é vista como dinâmicas inconscientes atravessadas por geração.

Pela escritura sagrada descreve Jacó em suas ações problemáticas. Enganou seu pai, foi enganado por Labão, seus filhos o enganaram pela morte de José. E viveu José a traição de seus irmãos, por quem foi vendido por escravo. Viveu perseguição dentro de seu trabalho. Foi preso injustamente e absorvido pela calúnia. E interpretou sonho de Faraó e por ele escolhido a governador. A maldição não se torna hereditária, mas ações de consequências que pela visão de aconselhamento pastoral pode ser preventivo e corretivo.

O mapeamento espiritual consiste na técnica doutrinária relativa entre regiões celestiais e podem ser identificados pelos locais estratégicos de ataques espirituais. A demonologia é o conceito da doutrina dos anjos e demônios, pois são criaturas espirituais invisíveis e pressupõe suas existências “territoriais”. Pela tradição judaica antiga descreve a queda dos “anjos de luz”, motivados por rebelião de poder.

A tradição judaica assimila a origem apocalíptica pelo período bíblico amplamente literário em Oráculos Sibilinos e os livros de Enoque. Pelos termos gregos “daimonion” traduzidos por demônio, são divindades espirituais para designar o conjunto de crenças e concepções de natureza intuitiva pela visão dos deuses “imaginários” pagãos.

Sobre este impacto invisível espiritual a preparação de ensinamentos aos discípulos como base fundamentais para o envio na missão transcultural, aspira capacitação prioritária em proclamar a mensagem do evangelho preliminar ao envio. Jesus justifica a análise de estratégia como missiologia transcultural. E descreve os 12 discípulos, como número significativo que correspondente as dozes tribos de Israel e seus dozes patriarcas, assimilando a igreja pela a existência de seus dozes apóstolos.

Esquadrinha-se que o ministério de Jesus possui característica de encontro, pois convida pessoas a ouvir sua mensagem sobre o evangelho de arrependimento. Marcado pelos seus sinais e prodígios, por curas e libertação. Ele pregava em lares como na casa de Pedro e André, em Cafarnaum, onde chamou os primeiros discípulos para compor a jornada de ensinamentos e na missão dos 12 discípulos.

Jesus exorta seus discípulos afirmando que libertação vem através da fé, foco e disciplina. A oração pelo poder e o jejum por seu fortalecimento, ambas são duas conexões importantes que não podem falhar na vida do cristão e podem ser reaplicadas na

vida diária do indivíduo. Para o conselheiro espiritual é o seu equilíbrio de fé e força na dependência de Deus para sua preparação espiritual na função pastoral, como forma eficaz.

No evangelho de Mateus independentemente de sua autoria em resumo, objetiva a preparação do aconselhamento espiritual como função eclesial na mentoria de batalha espiritual na vida do cristão. E certifica que oração e jejum, são práticas espirituais que os concentram na dependência do homem por Deus. Pela teologia da libertação são práticas que podem auxiliar na libertação de males ou vícios espirituais. Almeida (2018, p.1653), “mas esta casta de demônios não se expulsa senão por oração e jejum” e explica a intensidade do alto nível de fé na disciplina espiritual.

A missão dos setenta discípulos foi a marca histórica designado na expansão da segunda preparação proclamadora do evangelho missional de Jesus. De dois em dois, foram levando o evangelho de arrependimento. Receberam autoridade no poder de seu nome para expulsar os demônios e curar os enfermos. E destacam o nome como uma arma ofensiva que serve para atacar os poderes das trevas que foram utilizadas para frustrar os planos forjados do inimigo.

A possessão “demoníaca” é um termo usado para traduzir o termo grego “daimonizomai”, crença da presença de um ou mais demônios. Acredita-se que sua ação pode ser controladora através de pessoas, animais ou objeto. A expressão utilizada descreve quando há poder de força ou ação “demoníaca”. Para a igreja primitiva o exorcismo era o remédio de cura comum na missão de Jesus.

Esses termos de possessão demoníaca são representados como ações de libertação dirigidas por Jesus. Pelas escrituras bíblicas indicam confrontos eminentes de ações demoníacas, correlatas por espíritos imundos que estavam exercendo suas influências regular de forma perniciosa na vida de uma pessoa. O exorcismo não é visto como ações por natureza, mas uma característica regular do ministério de Jesus.

A opressão maligna é a expressão que se refere ao ataque espiritual do ser oprimido pelo “demônio” por uma forte tentação espiritual. Origem etimológica, vem do latim “oppressio” do “onis” que significa tristeza, esmagamento, destruição e violência. Seu ponto estratégico ocupar espaço que enfraqueçam a resistência moral e espiritual, podendo “agir” em qualquer área da vida do indivíduo.

O objetivo central da opressão maligna é manter o indivíduo bloqueado de suas emoções e paralisa-las ao convívio social tornando suas presas oprimidas e depressivas. E podem afetar em diversas áreas do convívio humano pela moral, física, espiritual e mental. Pelo físico causando enfermidades e no espiritual por suas práticas idolatras. E a mental pela ansiedade, insônia, medo e traumas.

Apóstolo Paulo menciona na segunda epístola aos 2 Coríntios 12, “o espinho na carne”. O espinho é descrito como sua opressão maligna, enviado para atormentá-lo durante suas batalhas espirituais e impediram que ele se tornasse presunçoso. No entanto, esta ação espiritual ajudou o Apóstolo Paulo a manter-se confiante em Deus. Saulo era um fariseu de Tarso que matava e perseguia os seguidores de Cristo.

Famoso por suas crueldades, Saulo conduzia esses cristãos às prisões e permitia que fossem torturados. A caminho de Damasco Saulo passa pelo primeiro encontro espiritual, subitamente cercado por uma forte luz que desceu dos céus. Saulo sofre a primeira batalha espiritual, quando ouve uma voz que lhe fazia questionamentos pela sua perseguição. Em seguida, recebe o sinal físico por condição problemática pela sua saúde, a cegueira.

Enviado por Deus através de “visão espiritual” o discípulo Ananias, passa aconselhar Saulo pelas suas ações que se tornaram consequências pela visão de aconselhamento pastoral. Em que tornou corretivo pela referência de transformação pessoal, moral e ética. Paulo, convertido pelo evangelho era dedicado na obra ministerial. E que consequentemente era confrontado por ações malignas de suas lembranças cruéis, nos quais sofria batalhas espirituais. Paulo se tornou o missionário incansável viajando em diversas regiões para proclamar o evangelho de Jesus Cristo. Passou por três grandes naufrágios. Foi preso por diversas vezes por suas pregações e acabou executado em Roma. O Apóstolo Paulo tornou o maior líder eclesial pelo cristianismo da história, realizou milagres de cura e libertação, com o poder concedido por Deus.

Através deste alicerce o discernimento espiritual em aconselhamento pastoral pode torna-se humanizado em diferenciar o campo “demoníaco” pelo transtorno mental. Nesse aspecto de vida essas causas são comuns quando existem alterações causadas por angústia significativa a dor e sofrimento, causada pela interferência da vida cotidiana.

4 DIRETRIZES DE IMPLEMENTAÇÃO AO ACONSELHAMENTO PASTORAL

As diretrizes de implementação ao aconselhamento pastoral eclesial possuem ações de condutas que podem ser

implantadas de forma direta e indireta. Podendo vivenciar as características internas do conselheiro eclesial. Suas habilidades podem estar alinhadas por posturas de coerência e congruência. Na postura coerente não se responsabilizará, no que é de responsabilidade do aconselhado. Pela postura congruente, não se expõe à vulnerabilidade excessiva do aconselhado.

Suas habilidades técnicas podem ser comunicacionais e verbais. E orienta o processo de envolvimento determinantes a necessidade de acolhimento e segurança ao aconselhado. O engajamento do indivíduo precisará estar relacionado ao crescimento e evolução do aconselhado. Ao entendimento e exploração, são duas habilidades do conselheiro que fará a origem do problema a ser diagnóstica e compreendida pelo conselheiro.

O ensino bíblico será orientado ao aconselhado de forma doutrinária e relevante em sua situação problemática. Ao exercício psicológico de diálogo, sua conversação são alicerce de troca de informações para o aconselhado. E por fim, o encaminhamento que se refere ao conselheiro ação imediata solucionada em caso de violências.

Segundo a revista CENARIUM (2024, p.1), sobre a fala da delegada do estado do

Amazonas, Débora Mafra, titular da Delegacia Especializada em Crimes Contra a Mulher (DECCM), que classificou como crime. Relacionamentos abusivos mediante grandes conflitos estruturais e imorais, por crimes de feminicídios silenciados por “crenças religiosas doutrinárias”.

O desafio do aconselhamento pastoral requer mudanças na organização estrutural da igreja por suas diretrizes no acompanhamento espiritual do indivíduo. Estando preparado para receber o indivíduo fragilizado. Preparando conselheiro para atuar como equipe oracional em diferentes áreas no convívio social na igreja.

A preparação do aconselhamento pastoral na função eclesial é necessária para interpretar ações ou fatos que se tornaram traumas ao aconselhado. Tornando necessário indagar, apoiar e aconselhar na ação causada pelo julgamento de dor e sofrimento no aconselhado. Sua preparação serve como transformação de conselheiro ao aconselhado, baseado como “poder” de ajuda.

Para a revista ENSAIOS TEOLOGICOS (2019, p.1), descreve o conselheiro cristão como papel fundamental para guiar com base os princípios éticos e morais da fé. Seja familiar ou conjugal, o diálogo sempre será aberto, sem julgamento e principalmente confidencial.

A ética do aconselhamento pastoral é fundamental na vida do conselheiro, pois possibilita as informações pessoais do aconselhado, o aconselhamento deve ser confidencial irrestrito e sigiloso. Outra razão de manter-se sigiloso das informações obtidas do aconselhado é sua imparcialidade pelo respeito à dignidade humana e não pode ser negociável.

O acolhimento pelo papel da igreja deve ser humanizado e acolhedor, no sentido de estar em comunhão. Pela igreja a oração e adoração podem estar associados a libertação eficaz, pois a oração possui o fator de confessar ação da causa e adoração em superar o problema pelo louvor através da fé.

Centralizar Cristo como fonte de restauração e único remédio com poder supremo para fazê-lo resolver a causa descrita pelo indivíduo. Cristo deverá ser o “agente” principal de superação e apoio para o aconselhado. Assimilando milagres e curas na transformação de quem vai ser “libertado”. O conselheiro será a escuta ativa no processo de aconselhamento pastoral. A interpretação da análise teológica do aconselhamento pastoral deve ser hermenêutica, como conjunto de elementos espirituais que segundo a bíblia descreve “A armadura de Deus”, como meio de recurso na ajuda aos cristãos a enfrentar suas lutas diárias da vida. O cinto da verdade e couraça da justiça, simbolizando a proteção da injustiça do pecado.

Os sapatos da prontidão do evangelho da paz, protegendo o caminho a ser percorrido pelo evangelho. O escudo da fé simbolizando a proteção aos ataques espirituais e suas ciladas forjadas pelo plano do maligno. O Capacete da salvação contra os ataques espirituais na mente e a espada do espírito como arma de defesa aos ataques.

A igreja no aconselhamento pastoral possui suas ementas que podem ser implantadas de forma clara e específica no desempenho eclesial. E definidas como planos de ação para constituir e integrar ações que facilitam o desempenho do departamento de aconselhamento pastoral. Como intervenção e apoio de pessoas vítimas de violências, psicoterapia profissional e assistência em lares.

Obtendo projetos sociais para identificar ações problemáticas vividas dentro de uma comunidade cristã, tais como assuntos abordados como religião, familiar, matrimonial e etc. Através de campanhas educacionais o “mundo eclesial” averiguará ações solucionares dentro do ambiente cristã.

Para Carl Jung (1996, p.12), psicoterapeuta suíço, influenciador do século XX, nos campos da psiquiatria, psicologia, ciência da religião e fundador da psicologia analítica, afirma o dever de identificar o problema como forma de empatia e não

apenas em “conhecer e dominar todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.”, no sentido de saber ouvir e acolher o próximo.

Definindo o aconselhamento pastoral como ação sensível na vida humana, tornando ser cauteloso. No cuidado humanizado na vida de quem for ser aconselhado requer estratégia e ação definida no preparo do conselheiro pastoral. Passando a ganhar confiança no indivíduo aconselhado, obtendo dedicação a quem decidir tornar conselheiro. Ser conselheiro requer “amar” e dedicar-se ao movimento teológico e psicológico.

Nemuel Kessler (2010, p.20) afirma que “todos podem se apressar em falar, menos o pastor. Pois sabe identificar o centro de uma questão do problema, sabendo julgar com discernimento”, definir conclusões antecipadamente requer risco e ações contraditórias na definição da problemática. Ouvir minuciosamente a cada detalhe, requer cuidado e atenção em cada fala, dialogada com o indivíduo entrevistado.

Conhecido como o autor do livro de Provérbios, o rei Salomão menciona a descrição de homem sábio de poucas palavras, mas controlador de emoções, em que define a visão de ética no aconselhamento pastoral, “Quem é verdadeiramente sábio usa poucas palavras; quem tem entendimento controla suas emoções“. Almeida (2018, p.967).

A ética pastoral no aconselhamento pastoral em implementação como diretrizes na função eclesial. Assume seu papel inicial de políticas públicas na comunidade evangelística cristã como ferramenta central de caráter promissora para futuros conselheiros pastorais. Afirmando seu caráter ético e moral, para quem procura complementar sua vocação de alta intensidade pastoral profícua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem aqui estabelecida minuciou fatores que levam o desafio eclesial no equívoco de preparação na função do aconselhamento pastoral. Que possibilita abrevia comparação de ações que buscam representar batalhas contínuas do cristão. Neste contexto conhecemos o campo espiritual como ações de Guerra e que precisamos ser conscientes de nossas lutas, contra os poderes espirituais das trevas.

O aconselhamento pastoral espiritual consiste no parâmetro elo das escrituras sagradas, em que unem a ciência filosófica, a psicológica e a teológica. Em campo abrangente na definição sobre a batalha espiritual no aconselhamento pastoral. Definições contraditórias que assumem a preparação eclesial como ponto estratégico em levar o evangelho de Cristo. E que justifica o caráter do cristão como livre-arbítrio em suas escolhas. O aconselhamento espiritual pastoral desconfigura o sentido de maldições hereditárias em ações demoníacas. E que podem ser definidas como ações predominantes de escolhas, favoráveis ou não. As possessões e opressões malignas se desenvolvem por meios estratégicos em pessoas ou objetos. Que tornam mapeamentos espirituais os transtornos de vivências espirituais assimilados como batalhas diárias na vida do cristão.

A preparação do aconselhamento pastoral pode transformar o caráter de uma comunidade ou igreja, através de ensinamentos estruturais e comportamentais na vida do cristão. O aconselhamento como arte requer preparo e cuidado a quem será aconselhado. O crescimento profissional e pessoal, facilita a disposição de quem vai ser reestruturado e moldado através do ensino do evangelismo de Jesus Cristo.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGEU HERINGER LISBOA. **Sexo: Desnudamento e Mistério - Espiritualidade, Instinto e Cultura**: edição | 2001. Idioma português- ISBN: 9788586539428. Editora: Ultimato-112 páginas.

ALEXANDRE AWI MELLO. **A arte de ajudar: Atitudes fundamentais no aconselhamento espiritual**: 1ª edição (8 janeiro 2016), idioma português, ISBN-10:8515043483 e ISBN-13: 978-8515043484. Editora: Edições Loyola164 páginas.

ALMEIDA. **Bíblia Sagrada: Nova Almeida Revista e Corrigida** (J. Ferreira de Almeida, Trad.II). (2018). Sociedade Bíblica do Brasil- p.1454-1455.

ATLAS DE SAÚDE MENTAL, **Relatório Mundial de Saúde Mental**- Organização Mundial da Saúde (OMS), Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. 1993. Editora: Artmed, 1ª edição - publicado 2020.

ESEQUIAS SOARES. **Batalha Espiritual - Revista Ensinador Cristão**- editora: CPAD, nº77. Publicado em 2019.

FRIESEN ARTHUR. **Cuidando do Ser. Treinamento em Aconselhamento Pastoral** - 3ª edição, 304 páginas, idioma Português. ISBN: 9788578390716. Editora: Esperança | 2012.

GARY R. COLLINS. Título original: **Aconselhamento cristão**, edição século 21/ tradução Lucília Marques. Pereira da Silva. — São Paulo, editora: Vida Nova, 2004.: 694 páginas **Invisíveis: A Batalha Interior Contra a Ansiedade**: 1ª edição (8 setembro 2024), idioma Português. Nº 531.741 em Loja Kindle- 172 páginas.

JUNG, C.G. Fundamentos da psicologia analítica. Petrópolis: Vozes, 1996. Carl Gustav Jung e Araceli Elman, (Tradutor) Edgar Orth- Edição Padrão-2017.

NEMUEL KESSLER. Ética Pastoral. **O Comportamento do pastor diante de Deus e a sociedade**. ASIN: B083VJJNBP, idioma português, Nº 96.150 em Livros: Liderança Religiosa- Chefia Religião e Espiritualidade, 182 páginas Editora: CPAD; 20ª edição (18 janeiro 1989).

NEUDELON AZEVEDO. Manual de Aconselhamento Cristão Cognitivo e Cicatrizes. REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS – **O Líder Cristão no Desempenho da Função de Cuidador**. Vol. 05 – Nº 02 – Dez/2019 – Faculdade Batista Pioneira – ISSN 2447-4878.

RICARDO A. ZANDRINO. **Curar Também é Tarefa da Igreja**: edição |1986- São Paulo. Idioma português– Ref.: HB2-6180-000-01. Editora: Diagrama e Texto. 92 páginas.

RODRIGUES, GUILHERME MELLO MARQUES. **Maldição hereditária: descoberta metafísica a equivalência baseada em evidências entre iniquidade bíblica e epigenética científica**. Revista Científica Multidisciplinar - Núcleo do Conhecimento. ISSN:2448-0959. Ano 03, Ed. 10, Vol. 06, pp. 137- 154 | outubro de 2018.

SCHOPENHAUER, ARTHUR: **O mundo como vontade e representação**. Tradução de Jair Barboza., Tomo I- publicação 2005| ISBN 8571395861. Edição Unesp -680 páginas, São Paulo.

SCHOPENHAUER A. **O Livre Arbítrio**: Tradução de LOHENGRIN DE OLIVEIRA. Prefácio de AFONSO BERTAGNOLI, edição Nº 1. Biblioteca de Autores Celebres. Editora: Edições e Publicações do Brasil- São Paulo | Publicação em junho de 1945.

VICTORIA SALES, **Informação- Delegacia Especializada em Crimes Contra a Mulher (DECCM)**, Revista Cenarium-
Violência doméstica | Ed. 45, p.5-6– Março /2024.

A DIMENSÃO PROFÉTICA DA TEOLOGIA DA CULTURA: A CRÍTICA SOCIAL E POLÍTICA NO PENSAMENTO DE PAUL TILLICH

Ítalo Fonseca Gomes³
José Fábio Bentes Valente⁴

RESUMO: Este trabalho trata sobre a dimensão profética presente na teologia da cultura, com foco na contribuição teológica de Paul Tillich para a crítica social e política no contexto contemporâneo. A metodologia utilizada é de caráter qualitativo, com base em pesquisa bibliográfica e análise interpretativa de textos teológicos e filosóficos, tanto do próprio autor quanto de estudiosos que dialogam com sua proposta. A abordagem visa integrar reflexão teórica e relevância prática, explorando as interseções entre fé, cultura e responsabilidade histórica. Os objetivos específicos tratados são: compreender os fundamentos da teologia da cultura, analisar a articulação entre a crítica profética e a relação entre religião e cultura, e refletir sobre como tais elementos podem contribuir para o engajamento teológico nas questões sociais e políticas atuais. O estudo procura mostrar que a teologia não deve se limitar a um discurso abstrato, mas precisa responder aos clamores do tempo presente, assumindo uma postura crítica diante dos falsos absolutos que ocupam o lugar do sagrado. Dos resultados esperados nessa pesquisa, destaca-se a possibilidade de oferecer subsídios teológicos que estimulem uma postura profética das comunidades de fé diante das crises do mundo contemporâneo. Espera-se que o trabalho contribua para o fortalecimento de uma espiritualidade coerente, sensível e transformadora, capaz de unir fidelidade ao evangelho e compromisso com a justiça social.

Palavras-chave: Paul Tillich. Teologia da cultura. Profetismo. Religião e cultura. Crítica social.

ABSTRACT: This study addresses the prophetic dimension present in the theology of culture, focusing on the theological contribution of Paul Tillich to social and political critique in the contemporary context. The methodology used is qualitative in nature, based on bibliographic research and interpretative analysis of theological and philosophical texts, both from Tillich himself and from scholars who engage with his thought. The approach seeks to integrate theoretical reflection with practical relevance by exploring the intersections between faith, culture, and historical responsibility. The specific objectives include understanding the foundations of Tillich's theology of culture, analyzing the relationship between prophetic critique and the interplay of religion and culture, and reflecting on how these elements can inspire theological engagement with today's social and political challenges. The study emphasizes that theology must go beyond abstract discourse and respond to the urgent questions of the present time by adopting a critical stance toward the false absolutes that take the place of the sacred. Among the expected outcomes, this research aims to offer theological insights that encourage prophetic engagement from faith communities in the face of contemporary crises. It is hoped that the work will contribute to the development of a coherent, sensitive, and transformative spirituality—one that combines faithfulness to the gospel with a strong commitment to social justice.

Keywords: Paul Tillich; Theology of culture; Prophecy; Religion and culture; Social critique.

1 INTRODUÇÃO

Em tempos marcados por crises sociais, políticas e espirituais, a teologia cristã é desafiada a repensar seu papel diante das transformações culturais que atravessam a história contemporânea. A globalização, os conflitos ideológicos, o avanço das tecnologias e o crescente esvaziamento do sentido religioso têm exigido das tradições de fé uma reinterpretação de sua presença no mundo. Nesse cenário de instabilidade, há uma crescente instrumentalização da fé — seja para fins políticos, econômicos ou culturais — o que torna ainda mais urgente uma reflexão teológica crítica, sensível e comprometida com a verdade.

³ Acadêmico(a) do Curso de Ciências teológicas da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: italo.20220295@aluno.fbnovas.edu.br

⁴ Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA-ES). Doutorando em Ciências da Religião Pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-PE). Professor do Curso de Ciências Teológicas. E-mail: prof.fabiovalente@fbnovas.edu.br

Entre os diversos pensadores que buscaram enfrentar esse desafio, Paul Tillich se destaca por propor uma teologia que não se fecha em si mesma, mas que dialoga com a cultura, com a arte, com a filosofia e com os dramas humanos mais profundos. Em sua abordagem, fé e cultura não são realidades opostas, mas dimensões que se interpelam mutuamente. A religião, segundo Tillich, é a expressão da “preocupação última” do ser humano — e essa preocupação se manifesta, inevitavelmente, nas formas culturais com as quais interagimos e vivemos. Sua proposta resiste à dicotomia entre sagrado e profano, revelando que o sagrado também pode se expressar nos símbolos e nas linguagens do mundo secular.

Neste sentido, Tillich propõe uma teologia da cultura atravessada por uma dimensão profética. Trata-se de uma teologia que escuta o mundo, mas que também ousa confrontá-lo. Sua crítica não é mero comentário intelectual, mas um chamado à transformação. A partir de categorias como alienação, idolatria e poder, Tillich revela como a fé pode ser, ao mesmo tempo, linguagem simbólica e força ética, apontando para uma realidade última que transcende os limites da razão instrumental e das estruturas opressoras. É nesse horizonte que a teologia assume sua função profética: discernir os falsos absolutos do presente e anunciar a possibilidade de uma nova realidade fundada no amor, na justiça e na liberdade.

Este trabalho parte da inquietação sobre o papel da teologia em meio a uma sociedade em constante mutação, muitas vezes marcada por injustiças normalizadas e pelo esvaziamento do sentido religioso. Recuperar em Tillich essa dimensão profética é, portanto, um exercício de escuta e discernimento: escutar os clamores que emergem da cultura e discernir, à luz do evangelho, como a fé pode atuar como presença crítica, ética e transformadora. Em um tempo em que o discurso religioso muitas vezes se alia à manutenção do status quo, Tillich oferece uma alternativa ousada: uma teologia que não se rende às pressões do mercado, da ideologia ou da indiferença.

Do ponto de vista acadêmico, esta pesquisa contribui para o aprofundamento do diálogo entre teologia sistemática e teologia prática, ao articular conceitos fundamentais da obra de Tillich com os desafios concretos enfrentados pela Igreja e pela sociedade contemporânea. Além disso, oferece ferramentas para pensar a missão da teologia no espaço público, sem abrir mão da centralidade do evangelho nem da relevância histórica da fé cristã.

Com base nessa proposta, a pesquisa desenvolve-se em três eixos centrais. Na primeira seção, trata-se de apresentar os fundamentos da teologia da cultura em Paul Tillich, analisando suas principais categorias, como “preocupação última”, método da correlação e a relação entre o sagrado e o secular. Este é o ponto de partida para compreender a originalidade de sua proposta teológica e seu valor como ponte entre tradição e contemporaneidade.

Na segunda seção, busca-se descrever como a dimensão profética se articula com a relação entre religião e cultura no pensamento de Tillich, destacando de que forma sua teologia não apenas dialoga com a cultura, mas também a confronta criticamente. Aqui, a fé assume um papel ativo na denúncia dos falsos absolutos e na afirmação de uma esperança transformadora que não se reduz a idealismos, mas se enraíza na realidade concreta.

Na terceira seção, o foco recai sobre a atualidade de sua crítica social e política como fonte para o engajamento teológico contemporâneo. Discutem-se os desafios da instrumentalização da fé, da injustiça social e da alienação no cenário atual, especialmente no contexto brasileiro, e propõe-se uma reflexão sobre como a teologia pode contribuir para uma presença cristã mais ética, profética e comprometida com a transformação da realidade.

Assim, este estudo busca reconhecer a relevância de Paul Tillich como pensador que integra reflexão teológica profunda com compromisso histórico concreto, desafiando-nos a construir uma fé que seja, ao mesmo tempo, crítica, sensível e atuante. Ao resgatar a dimensão profética da teologia em diálogo com a cultura, pretende-se oferecer uma contribuição para que a fé cristã possa reencontrar sua vocação de resistência, esperança e transformação.

2 FUNDAMENTOS DA CRÍTICA SOCIAL E POLÍTICA EM TILLICH

A teologia de Paul Tillich permanece como um dos legados mais vigorosos do século XX, não apenas por sua complexidade sistemática, mas por sua coragem em enfrentar as questões mais urgentes de seu tempo – questões que continuam ecoando em nossa realidade. Como observa Carlos Alberto Motta Cunha (2005), Tillich desenvolveu uma “teologia de fronteira” que rejeita tanto o dogmatismo religioso quanto a resignação secular. Essa posição nasce de uma convicção profunda: a teologia deve falar às angústias concretas do ser humano ou perderá sua razão de ser. Em um mundo marcado por desigualdades gritantes e crises políticas, sua abordagem oferece ferramentas preciosas para pensar o engajamento social a partir da fé, não como mera denúncia, mas como proposta transformadora.

Tillich compreende que a fé, se for autêntica, deve lidar com os conflitos, contradições e esperanças que constituem a

experiência humana. Isso implica, necessariamente, entrar em diálogo com a cultura, não de modo acrítico, mas como quem busca discernir os sinais do sagrado no cotidiano. Sua teologia emerge, assim, como uma resposta existencial às dores do mundo e, por isso mesmo, assume uma dimensão ética e profética.

Para Tillich, a cultura nunca é um território neutro. Em *Teologia Sistemática* (2005), ele argumenta que toda expressão cultural carrega uma dimensão religiosa, pois revela a busca humana pelo sentido último. Essa compreensão revoluciona a relação entre sagrado e secular, transformando política, arte e economia em linguagens teológicas. O cotidiano, os símbolos sociais, as estruturas políticas — tudo pode ser interpretado à luz da teologia, desde que se mantenha a abertura ao mistério da existência. No entanto, essa busca é frequentemente distorcida. Em *Amor, Poder e Justiça* (1983), Tillich analisa como as estruturas sociais podem se tornar veículos de alienação quando o poder se divorcia do amor. O amor, para ele, é a força que integra, enquanto o poder sem amor oprime. Sua crítica ao capitalismo industrial em *A Era Protestante* denuncia como sistemas econômicos se transformam em ídolos quando absolutizados, ou seja, quando ocupam o lugar que só a “preocupação última” deveria ter.

Almir Andrade (2000) capta a radicalidade dessa abordagem ao destacar que, para Tillich, a teologia deve “desmascarar as falsas divindades sociais” (p. 75), não para condenar o mundo, mas para redimi-lo. A denúncia não é fim em si, mas parte de um processo de cura e transformação. A teologia não se limita ao discurso sobre Deus, mas também se ocupa em revelar os deuses falsos que dominam consciências e moldam estruturas injustas.

O que distingue a abordagem tillichiana é seu método da correlação, analisado profundamente por Cunha (2005). Diferentemente de modelos teológicos que partem de respostas prontas, Tillich inicia pelas perguntas que brotam da existência: Qual o sentido do sofrimento? Como resistir à alienação? Como encontrar sentido num mundo fragmentado? Essa postura tem implicações revolucionárias. No contexto brasileiro, por exemplo, permitiria à teologia escutar os gritos das periferias, das populações marginalizadas e das comunidades invisibilizadas, e responder com uma mensagem ao mesmo tempo fiel e relevante. Um exercício tillichiano hoje começaria por compreender as demandas dos movimentos sociais (por justiça, reconhecimento, dignidade) para, então, dialogar com as respostas da tradição cristã, evitando tanto a capitulação acrítica quanto o isolamento sectário. Assim, a teologia se torna um espaço de escuta e resistência, e não apenas de preservação doutrinária.

No entanto, a relação entre Cristo e cultura, fundamental para Tillich, é consolidada e enriquecida pelas contribuições de D.A. Carson (2008) em *Cristo e Cultura: uma Releitura*. Carson revisita a tipologia de Richard Niebuhr e propõe uma abordagem mais bíblica e teologicamente rigorosa, destacando que a teologia cristã não pode ser refém de pressupostos culturais seculares que relativizem a singularidade da revelação cristã. Se Tillich reconhece que a cultura é uma arena teológica, Carson enfatiza que essa interação deve ser filtrada pelo evangelho, evitando que a crítica social se transforme em um instrumento de ideologias não cristãs. Dessa forma, a teologia da correlação se fortalece ao manter uma ênfase sólida na centralidade de Cristo, sem comprometer sua capacidade de dialogar com as inquietações contemporâneas.

Além disso, Carson (2008) destaca que a relação entre fé e cultura deve ser crítica e criteriosa. Se, por um lado, Tillich propõe uma escuta ativa dos clamores sociais, Carson adverte que a adaptação acrítica pode levar à diluição da identidade cristã. Assim, a tensão entre escuta e fidelidade torna-se essencial para um pensamento teológico engajado, mas sem concessões à dissolução da verdade do evangelho. Em um cenário onde ideologias políticas frequentemente instrumentalizam discursos religiosos, a perspectiva de Carson consolida a crítica tillichiana, ressaltando que a teologia deve desafiar tanto os ídolos econômicos quanto as reduções culturais que comprometem a fé cristã.

A tipologia de H. Richard Niebuhr em *Cristo e a Cultura* (1951) aprofunda ainda mais essa discussão. Niebuhr delinea cinco formas principais de interação entre fé e sociedade: Cristo contra a cultura, Cristo da cultura, Cristo acima da cultura, Cristo e a cultura em paradoxo, e Cristo transformando a cultura. Tillich se alinha com o modelo de “Cristo transformando a cultura”, no qual a fé desempenha um papel ativo na renovação das estruturas sociais. Contudo, sua ênfase na correlação também sugere elementos do modelo “Cristo e a cultura em paradoxo”, reconhecendo as tensões inevitáveis entre fé e realidade histórica.

Essa tensão entre Cristo e a cultura é particularmente evidente no contexto da igreja contemporânea. A igreja, ao longo da história, sempre esteve em uma relação dinâmica e, muitas vezes, conflituosa com a cultura. Essa relação é marcada por três grandes desafios: a acomodação, a resistência e a transformação. Algumas comunidades adotam uma postura de assimilação cultural, moldando-se a valores seculares sob o pretexto de relevância. Outras assumem uma posição isolacionista, rejeitando qualquer diálogo com o mundo ao redor. Entretanto, há também aquelas que buscam um equilíbrio entre manter sua identidade e interagir criticamente com a sociedade.

Tillich, Carson e Niebuhr nos desafiam a evitar os extremos da acomodação e do isolamento. A igreja, como corpo de Cristo, deve atuar no mundo sem se conformar a ele, engajando-se criticamente na cultura, mas sem abdicar de sua identidade

teológica. O desafio reside em discernir até que ponto a cultura pode ser incorporada sem comprometer a fidelidade ao evangelho. A tensão entre igreja e cultura se intensifica em questões contemporâneas, como a ética sexual, o consumismo, a banalização da espiritualidade e a politização da fé. Em muitos contextos, há um esforço para adaptar os valores cristãos às novas exigências culturais, mas esse processo nem sempre ocorre sem prejuízos à mensagem do evangelho. Uma teologia atenta à dimensão profética é capaz de resistir às tentações do mercado religioso e às pressões ideológicas, mantendo-se fiel à sua vocação libertadora.

Ao integrar Niebuhr nessa análise, a crítica à absolutização de sistemas culturais se torna ainda mais sólida. Se Tillich destaca a necessidade de desmascarar os ídolos da modernidade, Niebuhr alerta para a complexidade dessa interação, mostrando que diferentes tradições cristãs adotam posturas diversas diante da cultura. Essa reflexão fortalece a crítica social tillichiana ao destacar os desafios do engajamento sem assimilação. Em outras palavras, Niebuhr oferece um suporte teórico crucial para compreender até que ponto a teologia pode transformar a cultura sem ser transformada por ela.

A relevância prática dessas teorias na sociedade contemporânea é inegável. Em um mundo globalizado, onde o neoliberalismo assume um papel quase dogmático, a teologia de Tillich, enriquecida pelas perspectivas de Carson e Niebuhr, desafia-nos a repensar o papel da fé na esfera pública. Como as igrejas podem ser espaços de resistência profética? Como a crítica social pode se articular com a espiritualidade sem perder sua força transformadora? Essas questões demonstram a profundidade e atualidade desse debate. A teologia, nesse cenário, precisa recuperar sua ousadia de pensar, questionar e anunciar, mesmo quando isso incomoda estruturas já estabelecidas.

Andrade (2000) mostra como, para Tillich, o profetismo nunca é mera denúncia: “O êxtase profético exige encarnação histórica” (p. 77). Essa compreensão rompe com visões espiritualizadas, mostrando o profetismo como força transformadora concreta. Em *Dinâmica da Fé* (2000), Tillich argumenta que “a fé autêntica carrega o germe da resistência” (p. 112) – resistência que se manifesta no questionamento de estruturas injustas, mesmo quando revestidas de aura religiosa. O princípio profético protestante que ele recupera é, por essência, antiidolátrico: recusa-se a absolutizar qualquer instituição, sistema ou tradição. Que ídolos nossa sociedade cultua? O mercado totalizante? O nacionalismo exacerbado? O consumismo como religião? Tillich nos convidaria a desmascarar esses ídolos e, principalmente, a perguntar como as comunidades de fé podem ser agentes dessa desmistificação — não apenas com palavras, mas com práticas que encarnem o evangelho.

3 A DIMENSÃO PROFÉTICA EM TILlich E SUA RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E CULTURA

A reflexão teológica de Paul Tillich nos convida a compreender a religião não como um campo isolado da vida, mas como algo que se entrelaça com as expressões mais profundas da cultura. Em sua obra, ele desenvolve uma abordagem que rompe com a visão dicotômica entre o sagrado e o profano, ao afirmar que toda manifestação cultural revela, em alguma medida, a busca humana por sentido. Essa compreensão está no centro da sua teologia da cultura, onde a dimensão profética não aparece como um elemento marginal, mas como um traço essencial da experiência religiosa genuína.

Para Tillich, a religião se expressa naquilo que o ser humano considera como sua “preocupação última”, ou seja, aquilo que dá direção e significado à sua existência. Nesse sentido, a cultura é o campo onde essa preocupação se revela, mesmo quando de forma distorcida. A política, a arte, a ciência, o consumo – todos esses elementos podem carregar uma dimensão religiosa, ainda que inconsciente. Por isso, a teologia, para ele, não deve se fechar em sistemas abstratos, mas precisa dialogar com o mundo real, com suas tensões e perguntas. E é aí que entra a função profética da fé: escutar os clamores do tempo presente e discernir, com coragem, onde o sagrado está sendo negado ou manipulado.

Essa escuta crítica da cultura exige da teologia um movimento de abertura e, ao mesmo tempo, de fidelidade. Tillich propõe o chamado “método da correlação”, que busca relacionar as questões existenciais formuladas pela cultura com as respostas oferecidas pela fé cristã. Trata-se de um caminho de mão dupla, onde não apenas a teologia fala, mas também escuta. A correlação não é acomodação, mas compromisso com a verdade que emerge do encontro entre o evangelho e a realidade. Carlos Alberto Motta Cunha (2005), ao comentar essa proposta, afirma que Tillich “parte das perguntas da existência para pensar o conteúdo da fé, e não o contrário” (p. 88), o que revela a centralidade da escuta no processo teológico.

Ao considerar a cultura como lugar teológico, Tillich abre espaço para uma atuação religiosa que não se limita aos muros da igreja, mas que se aventura no cotidiano humano — nas artes, nas ruas, nas universidades, nas redes sociais. É nesse mundo plural e conflitivo que a fé precisa se manifestar como presença crítica e redentora. A teologia deixa de ser um discurso fechado e passa a ser uma prática de discernimento histórico.

Dentro dessa dinâmica, a dimensão profética se manifesta como denúncia dos falsos absolutos que a cultura frequentemente

produz. Quando ideias como o progresso, o mercado ou o poder político passam a ocupar o lugar da “preocupação última”, temos a formação dos ídolos modernos. Esses ídolos se apresentam não apenas de forma explícita, mas muitas vezes por meio de narrativas sedutoras que prometem salvação material, sucesso pessoal ou segurança identitária. A teologia, nesse cenário, precisa atuar como uma voz crítica, capaz de desmascarar essas absolutizações e lembrar que apenas o sagrado pode ocupar o centro da vida. Tillich insiste que a fé autêntica carrega em si uma força de resistência (2002), pois ela não se conforma às estruturas injustas nem se cala diante das contradições do mundo.

Essa postura é bem ilustrada por Almir Andrade (2000), que interpreta o profetismo em Tillich como um gesto de desvelamento e transformação. Ele escreve que “o êxtase profético exige encarnação histórica” (p. 77), isto é, o compromisso do cristão não pode ser apenas espiritual, mas também ético e social. O profeta, nesse sentido, é aquele que se coloca entre o sagrado e o mundo, não como mero crítico, mas como intérprete sensível e engajado. A teologia, ao se engajar criticamente com a cultura, não apenas aponta erros, mas propõe caminhos de justiça, reconciliação e liberdade. Ela não busca apenas diagnosticar o mal, mas mobilizar esperança.

A relação entre Cristo e a cultura, nesse horizonte, também é aprofundada pelas reflexões de H. Richard Niebuhr (2003), que descreve cinco possíveis posturas da fé cristã diante da cultura. Tillich se aproxima da visão de “Cristo transformando a cultura”, mas sem ignorar a tensão constante entre fé e realidade histórica. Ele entende que a cultura não é neutra, mas marcada por contradições. Por isso, a missão profética da igreja não é adaptar-se passivamente, mas atuar como presença crítica e redentora. A teologia não deve legitimar os sistemas estabelecidos, mas provocar perguntas, despertar consciências e abrir possibilidades de sentido.

Esse equilíbrio entre escuta e fidelidade também é defendido por D.A. Carson (2008), que alerta sobre o risco de a teologia perder sua identidade ao tentar se adequar demais aos valores culturais. Para Carson, é essencial que o diálogo com a cultura seja feito à luz do evangelho, e não a partir de pressupostos seculares que relativizem a revelação cristã. Tillich, embora enfatize mais a abertura à cultura, compartilha dessa preocupação, pois compreende que a fé precisa manter sua centralidade mesmo quando se expõe às perguntas do mundo. A profecia, nesse caso, não é absorção ingênua da cultura, mas resposta comprometida com a verdade.

É nesse ponto que a dimensão profética revela sua relevância prática, especialmente no contexto brasileiro contemporâneo. Em uma sociedade marcada por profundas desigualdades sociais, por uma crescente instrumentalização política da fé e por uma cultura de consumo desenfreado, a teologia que apenas repete fórmulas ou reproduz estruturas de poder se torna inócua. Tillich nos convida a perceber os “ídolos do presente” e a resistir a eles: o mercado como medida de valor humano, o nacionalismo como nova religião civil, e até mesmo certas formas de religiosidade que reduzem a fé a um produto de consumo espiritual. Ele nos desafia a resgatar o caráter subversivo do evangelho, que não se alinha automaticamente a nenhuma ideologia, mas permanece como crítica viva às formas de dominação.

Diante disso, comunidades cristãs são chamadas a viver de forma profética, articulando sua presença cultural com a denúncia e o anúncio — denunciar a injustiça e anunciar a esperança. Essa dupla tarefa exige formação teológica sensível e lideranças espirituais capazes de discernir os sinais dos tempos. O profeta não é um moralista, mas alguém que, tocado pela dor do mundo e pela presença do sagrado, ousa apontar outro caminho.

Isso implica que o trabalho pastoral, o ensino teológico e a vida da igreja sejam atravessados por um olhar crítico e sensível às realidades sociais. Tillich, longe de propor um engajamento ingênuo, aponta que a presença cristã no mundo deve ser inquieta, provocadora e, ao mesmo tempo, aberta ao diálogo. A fé, quando assume sua dimensão profética, não teme o conflito com estruturas opressoras, porque se fundamenta em um sentido mais profundo que transcende os limites da cultura. Ao mesmo tempo, essa fé não despreza o mundo, pois reconhece que o sagrado pode ser encontrado também nas linguagens culturais, ainda que fragmentadas. O mundo, mesmo em sua ambiguidade, ainda carrega vestígios do divino.

Assim, a dimensão profética da teologia em Tillich está diretamente relacionada com sua compreensão do entrelaçamento entre religião e cultura. Profetismo, nesse contexto, não é simplesmente condenar o mundo, mas comprometer-se com sua transformação. É enxergar, por trás das expressões culturais, os sinais do sagrado que clamam por libertação. Em tempos marcados por individualismo, consumismo e politização da fé, essa postura se torna ainda mais necessária. Ela exige vigilância, coragem e esperança.

A religião, quando reduzida a um instrumento de poder ou a um produto cultural, perde sua capacidade de inspirar transformação. Tillich nos alerta para isso ao afirmar que o verdadeiro cristianismo não absolutiza nenhum sistema, tradição ou ideologia. Ele aponta que “a fé autêntica carrega o germe da resistência” (2002, p. 112), e é essa resistência que constitui o coração

do profetismo teológico: recusar os ídolos do presente e anunciar, com esperança, que há um sentido maior que pode dar nova forma à cultura.

Desse modo, ao compreender a cultura como um espaço teológico e a religião como expressão da preocupação última, Tillich propõe uma teologia profundamente comprometida com a história. Sua perspectiva desafia tanto o isolamento religioso quanto a acomodação acrítica. A igreja, nesse cenário, é chamada a ser uma comunidade profética: aquela que escuta os sinais do tempo, discerne à luz da fé e se posiciona com coragem diante das injustiças. E é justamente nesse movimento que religião e cultura se encontram — não como esferas opostas, mas como dimensões que, em constante tensão, alimentam a esperança de uma realidade redimida.

4 A CRÍTICA SOCIAL E POLÍTICA DE TILLICH COMO FONTE PARA O ENGAJAMENTO TEOLÓGICO CONTEMPORÂNEO

A teologia de Paul Tillich permanece profundamente atual quando se trata do engajamento da fé cristã com as questões sociais e políticas do mundo contemporâneo. Longe de pensar a religião como algo alheio à realidade, Tillich propôs uma teologia viva, que nasce da experiência concreta e responde aos dilemas de seu tempo. Sua crítica à sociedade moderna não foi feita a partir de um olhar distante, mas sim como alguém que reconhecia as dores, os medos e os conflitos do ser humano inserido em contextos de opressão e alienação. Isso torna sua proposta uma ferramenta valiosa para quem busca refletir teologicamente sobre os desafios atuais, especialmente quando a fé se vê pressionada por forças ideológicas, econômicas e culturais que tentam instrumentalizá-la.

Para Tillich, estruturas políticas, econômicas ou ideológicas podem, com facilidade, ocupar o lugar de Deus na vida das pessoas. Quando o poder, o dinheiro, ou mesmo a religião institucionalizada se tornam fins em si mesmos, temos a formação do que ele chamava de “ídolos modernos”. A função da teologia, nesse cenário, não é simplesmente ensinar doutrina ou preservar tradições, mas denunciar esses falsos absolutos e apresentar uma alternativa enraizada na justiça, no amor e na liberdade. Como ele escreveu em *Amor, Poder e Justiça*, o poder que se divorcia do amor rapidamente se transforma em dominação – e a fé, se quiser permanecer fiel à sua essência, precisa resistir a essa lógica. Essa resistência, longe de ser ideológica, é espiritual e ética: nasce da convicção de que a realidade última que sustenta a existência é amorosa, justa e reconciliadora.

Essa resistência teológica deve estar atenta aos acontecimentos e sofrimentos concretos do nosso tempo. Tillich nos convida a olhar para a realidade com olhos sensíveis e críticos, interpretando os “sinais dos tempos” com coragem e responsabilidade. Quando aplicamos isso ao nosso contexto, percebemos como sua abordagem pode ser útil para refletir sobre temas como desigualdade social, racismo, violência, crise ambiental, intolerância e polarização. A teologia, nesse quadro, torna-se um exercício de discernimento histórico e pastoral. Ela é chamada a cultivar lucidez, a evitar a omissão e a romper com narrativas religiosas que reforçam estruturas excludentes.

No Brasil, essa proposta ganha ainda mais força. Vivemos em uma sociedade marcada por profundas desigualdades, onde o discurso religioso é muitas vezes usado para justificar abusos ou legitimar projetos de poder. Tillich ajuda a perceber que nem toda linguagem religiosa é, de fato, expressão de fé autêntica. Muitas vezes, o discurso espiritual serve para mascarar práticas injustas ou acomodar a fé à lógica do sistema. Por isso, ele insistia que a teologia precisa ter uma função crítica, desmascaradora – sem cair na condenação vazia, mas abrindo espaço para a transformação real. Essa crítica se constrói não a partir de um moralismo superior, mas de uma solidariedade comprometida com os oprimidos e com a verdade.

Sua crítica ao capitalismo industrial, feita décadas atrás, também pode iluminar debates atuais sobre consumo, trabalho e sustentabilidade. Quando a lógica do lucro invade todas as áreas da vida – inclusive as igrejas –, é necessário resgatar uma espiritualidade que valorize o ser humano acima da produção e do mercado. Isso implica resgatar a dignidade da criação como valor teológico e combater a mercantilização da fé. Nesse sentido, o pensamento tillichiano oferece elementos para uma teologia econômica crítica e para uma ética ambiental enraizada na justiça social e no cuidado com a vida em sua totalidade.

Outro aspecto importante de sua proposta é o combate à alienação espiritual. Tillich compreendia que muitos indivíduos se sentem perdidos, desconectados de si mesmos e do sentido da vida. Sistemas políticos e sociais podem acentuar essa sensação, especialmente quando priorizam a eficiência em detrimento da empatia. A fé, então, precisa se tornar um caminho de reconexão – não apenas com Deus, mas também com a própria humanidade e com o mundo. A teologia profética, nesse caso, atua como uma ponte que ajuda as pessoas a recuperarem sua identidade, seu valor e seu papel como agentes históricos. Ela reaproxima a fé da vida e reintegra a espiritualidade ao cotidiano.

Vale lembrar que, para Tillich, engajamento não significa ideologização. Ele não propunha que a teologia assumisse

partidos ou bandeiras políticas específicas, mas que mantivesse um olhar ético e comprometido com a verdade. Nesse sentido, D. A. Carson (2008) também traz uma contribuição importante, ao alertar que o diálogo com a cultura precisa ser feito a partir do evangelho, e não em nome de ideologias seculares. Ou seja, a fé cristã deve iluminar a cultura – e não ser moldada por ela. Tillich não via contradição entre dialogar e preservar a fidelidade ao evangelho. Para ele, essa tensão faz parte da caminhada de uma teologia viva e encarnada. Uma fé que silencia diante das injustiças ou que se torna cúmplice do poder perde sua dimensão profética.

Na prática pastoral, a teologia tillichiana pode renovar a missão das comunidades de fé. Ao invés de reforçar uma espiritualidade fechada ou alienada da realidade, Tillich aponta para uma fé que se encarna nas dores do povo, que consola, sim, mas que também questiona. A pregação, a liturgia e a ação comunitária podem se tornar espaços de formação profética, onde os fiéis são convidados a ver o mundo com outros olhos e a agir com mais consciência e compaixão. A espiritualidade cristã, nesse contexto, é chamada a sair do conforto das respostas fáceis para assumir o risco da denúncia, do cuidado e da reconstrução.

Em tempos marcados por tanta ambiguidade, a igreja é desafiada a reencontrar sua coerência. Tillich nos lembra que ser sal e luz não é exercer domínio, mas testemunhar com integridade. O engajamento social da fé cristã não é opcional – ele é consequência natural de quem leva a sério o evangelho. Não se trata de substituir a espiritualidade por causas políticas, mas de reconhecer que a espiritualidade verdadeira transforma também a maneira como nos relacionamos com o mundo. A vivência cristã deixa de ser apenas interior e passa a ganhar expressão pública, não por vaidade, mas por responsabilidade.

Além do cenário nacional, a teologia de Tillich também pode dialogar com as experiências e lutas de outros contextos latino-americanos. Em países como Colômbia, Chile, Argentina e México, comunidades de fé têm enfrentado realidades de violência, pobreza e autoritarismo, muitas vezes em resistência ativa, mesmo sob riscos. A dimensão profética proposta por Tillich pode servir como ponte entre uma teologia sistemática sólida e a espiritualidade engajada vivida pelas bases populares. Isso reforça a importância de uma teologia da cultura que, sem abandonar a profundidade conceitual, se comprometa com os clamores concretos dos povos historicamente marginalizados. A fé cristã, nesse cenário, pode ser fermento de justiça, semente de reconciliação e sopro de esperança.

É nesse mesmo espírito que a igreja é chamada a repensar seu papel social, não como mera transmissora de conteúdo doutrinário, mas como agente de escuta e transformação. A missão não se limita à proclamação, mas inclui também a presença solidária, o serviço, o acolhimento, o ensino crítico e a ação direta em prol da justiça. Quando a igreja se deixa iluminar por essa visão tillichiana, ela compreende que a fé cristã, para ser fiel ao evangelho, deve envolver-se com coragem e discernimento nas contradições da sociedade. E esse envolvimento exige maturidade espiritual, abertura ao diálogo e compromisso com o bem comum.

Por fim, o pensamento de Tillich nos ajuda a perceber que o verdadeiro engajamento não nasce de estratégias políticas ou ideológicas, mas de um coração movido pela fé. A fé que resiste é a que enxerga no outro um irmão, e no mundo um espaço onde a presença de Deus se manifesta nas fissuras da história. Nesse sentido, a crítica social e política não é um apêndice da teologia – ela é parte de sua essência, pois reflete o compromisso com o Reino de Deus que se opõe aos reinos de dominação, exclusão e indiferença. A esperança, nesse horizonte, não é fuga do real, mas força para transformá-lo. E a teologia, quando profética, torna-se palavra viva que incomoda, ilumina e liberta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teologia proposta por Paul Tillich convida a uma postura inquieta diante do mundo. Seu pensamento apresenta uma fé que não se isola em certezas religiosas ou dogmas inquestionáveis, mas que se abre ao diálogo com a cultura, com a história e com as angústias do ser humano em busca de sentido. Ao longo desta pesquisa, foi possível aprofundar essa perspectiva, destacando o caráter profético de sua teologia da cultura e sua força crítica diante das estruturas que desumanizam e oprimem.

Em vez de separar fé e realidade, Tillich reconhece que a religião está enraizada na existência concreta, e é justamente por isso que pode exercer um papel transformador. Ele entende que o sagrado se manifesta no profundo da cultura, mesmo quando encoberto por contradições, e que a teologia precisa ser sensível para discernir esses sinais. A espiritualidade que ele propõe é encarnada, vivida no cotidiano, no conflito e na esperança.

A crítica social e política em sua teologia não surge como reação ideológica, mas como expressão de uma fé comprometida com o ser humano em sua totalidade. Tillich oferece uma reflexão corajosa diante dos ídolos modernos — como o poder, o consumo e as ideologias absolutizadas —, desafiando-nos a confrontá-los com base em um fundamento mais profundo: a presença

do divino na experiência humana. Sua proposta recusa uma teologia que se acomoda às estruturas de dominação e clama por uma fé que resista, que se posicione e que anuncie novas possibilidades.

Essa abordagem continua sendo extremamente relevante no mundo atual, especialmente em contextos marcados por desigualdades, violência simbólica, instrumentalização da fé e crise de sentido. A teologia tillichiana nos mostra que não é possível falar de Deus ignorando o sofrimento humano, nem pensar em espiritualidade autêntica sem sensibilidade social. Ela propõe uma articulação entre fé e cultura que não dissolve o evangelho em discursos sociológicos, mas o faz ressoar com profundidade nas realidades humanas mais urgentes.

Além disso, este estudo pretende contribuir para o fortalecimento de um novo olhar teológico nas comunidades de fé, em especial no contexto latino-americano. Ao destacar a necessidade de um engajamento ético, crítico e esperançoso, oferece fundamentos para uma prática pastoral mais consciente, que não apenas consola, mas também denuncia e transforma. Em tempos de desilusão com instituições religiosas, o resgate da dimensão profética pode renovar a credibilidade da igreja junto à sociedade.

Neste sentido, espera-se que esta reflexão encoraje estudantes, líderes religiosos e teólogos a reconsiderarem o papel público da fé cristã, com base em um compromisso que una espiritualidade e responsabilidade histórica. A teologia profética não é apenas uma linha teórica: é uma vocação que exige escuta, discernimento e coragem. Como Tillich indicou, é preciso resistir aos falsos absolutos e anunciar uma esperança que transcenda os limites do presente, sem negar suas dores.

Falar de profetismo é, portanto, falar de compromisso com a vida. E, à luz do evangelho, esse compromisso é inseparável do chamado à justiça, à dignidade e à liberdade. Que a teologia da cultura, iluminada por essa dimensão profética, continue a desafiar a igreja a ser mais fiel, mais humana e mais transformadora.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Almir. **Paul Tillich e a crítica da sociedade moderna: teologia como desmascaramento**. São Paulo: Fonte Editorial, 2000.

CARSON, D. A. **Cristo e cultura: uma releitura**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

CUNHA, Carlos Alberto Motta. **Paul Tillich e a teologia da cultura: entre o sagrado e o secular**. São Paulo: Paulinas, 2005.

NIEBUHR, H. Richard. **Cristo e cultura**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Fonte Editorial, 2003.

TILLICH, Paul. **A era protestante**. Tradução de Jaci Maraschin. São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião; Traço a Traço Editorial, 1992.

TILLICH, Paul. **Amor, poder e justiça: ontologia social a partir da ética do amor**. Tradução de Walter O. Schlupp. São Paulo: Novo Século, 2004.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. Tradução de Walter O. Schlupp. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli. 5. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DA EXEGESE BÍBLICA: DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA UM INTÉRPRETE CONTEMPORÂNEO

Antonniel da Silva Gomes⁵

Raimundo Neves Ozier⁶

RESUMO: Este artigo de TCC tem como objetivo refletir sobre a importância da análise do contexto histórico e cultural no exercício da exegese bíblica, destacando os desafios e as oportunidades que se apresentam ao intérprete contemporâneo. A pesquisa, de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa, fundamentou-se em autores clássicos e recentes da área de hermenêutica, como Fee e Stuart (2019), Klein, Blomberg e Hubbard (2004), Wright (2014), entre outros, com o intuito de sistematizar conceitos, discutir metodologias e propor uma leitura bíblica contextualizada e fiel ao texto original. Verificou-se que a compreensão adequada das Escrituras exige o resgate do ambiente histórico, social, político e religioso em que os textos foram produzidos, evitando-se anacronismos, sincretismos e reducionismos interpretativos. Ao mesmo tempo, a pesquisa revelou que o intérprete moderno dispõe de vastos recursos tecnológicos e metodológicos que ampliam as possibilidades de uma exegese rigorosa e relevante para os dilemas do presente. Conclui-se que a prática exegetica responsável demanda formação teológica sólida, sensibilidade cultural e abertura espiritual, integrando ciência e fé no manejo da Palavra de Deus.

Palavras-chave: Exegese Bíblica. Contexto Histórico-Cultural. Hermenêutica. Interpretação Bíblica. Desafios Contemporâneos.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the importance of analyzing the historical and cultural context in the exercise of biblical exegesis, highlighting the challenges and opportunities that arise for the contemporary interpreter. The research, of bibliographic nature and qualitative approach, was based on classic and recent authors in the field of hermeneutics, such as Fee and Stuart (2019), Klein, Blomberg and Hubbard (2004), Wright (2014), among others, in order to systematize concepts, discuss methodologies, and propose a contextualized and faithful reading of the original biblical text. It was found that a proper understanding of the Scriptures requires recovering the historical, social, political, and religious environment in which the texts were produced, thus avoiding anachronisms, syncretisms, and interpretative reductions. At the same time, the research revealed that the modern interpreter has access to a wide range of technological and methodological resources that expand the possibilities for rigorous and relevant exegesis to address current dilemmas. It is concluded that responsible exegetical practice demands solid theological training, cultural sensitivity, and spiritual openness, integrating science and faith in the handling of the Word of God

Keywords: Biblical Exegesis. Historical-Cultural Context. Hermeneutics. Biblical Interpretation. Contemporary Challenges.

1 INTRODUÇÃO

A interpretação das Escrituras Sagradas sempre representou um desafio relevante para estudiosos, teólogos e líderes religiosos ao longo da história cristã. A tarefa de compreender adequadamente os textos bíblicos exige mais do que uma leitura devocional ou casual; requer um esforço exegetico cuidadoso, capaz de considerar os múltiplos fatores que influenciaram a redação e a transmissão dos escritos sagrados. É nesse cenário que se insere o presente trabalho, intitulado “A Importância da Análise do Contexto Histórico e Cultural da Exegese Bíblica: Desafios e Oportunidades para um Intérprete Contemporâneo”, que busca refletir sobre a necessidade de uma abordagem contextualizada e historicamente sensível no ato de interpretar a Bíblia.

O problema central deste estudo reside na constatação de que muitas interpretações contemporâneas das Escrituras desconsideram ou minimizam os contextos histórico, social, cultural e linguístico nos quais os textos bíblicos foram produzidos. Essa lacuna hermenêutica pode gerar leituras distorcidas, anacrônicas ou desvinculadas da intenção original dos autores inspirados.

⁵ Graduando em Bacharel em Teologia pela Faculdade Boas Novas, Manaus. Email: antonnielgomes09@gmail.com

⁶ Doutor em Ciências da Educação pela Florida University USA, Mestre em Artes Universidade Federal do Amazonas, docente da Faculdade Boas Novas, SEDUC – AM, manaus. Email: raimundo.ozier@fbnovas.edu.br

Fee e Stuart (2019) ressaltam que a interpretação bíblica deve considerar o sentido original atribuído pelo autor e compreendido pelos primeiros ouvintes, o que reforça a importância de uma exegese que recupere o contexto histórico e cultural do texto, evitando leituras anacrônicas ou desvinculadas de seu significado original.

O objetivo geral deste artigo é analisar a importância da consideração dos contextos histórico e cultural no processo exegético bíblico, refletindo criticamente sobre os desafios e as oportunidades que se apresentam ao intérprete contemporâneo. Como objetivos específicos, destacam-se: (i) apresentar os conceitos fundamentais de exegese bíblica; (ii) discutir a relevância dos elementos históricos e culturais para a interpretação textual; (iii) evidenciar os principais desafios enfrentados pela exegese na atualidade; e (iv) apontar as oportunidades e recursos disponíveis para o exegeta moderno.

A presente pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e qualitativa, uma vez que se fundamenta na análise de obras especializadas de autores clássicos e contemporâneos da área de exegese, hermenêutica e interpretação bíblica, sem a realização de experimentações ou coleta de dados de campo. Segundo Gil (2008.44), a pesquisa bibliográfica é aquela que “se desenvolve a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A abordagem qualitativa é adequada à natureza do estudo, pois busca interpretar, descrever e compreender os significados atribuídos aos fenômenos estudados, em vez de mensurá-los numericamente (MINAYO, 2010).

A relevância deste trabalho se justifica pela crescente demanda, nas igrejas, seminários e universidades, por uma leitura bíblica responsável, capaz de dialogar criticamente com as demandas e questionamentos do mundo atual sem perder de vista o sentido original do texto sagrado. Em um cenário religioso marcado por interpretações muitas vezes subjetivas ou doutrinariamente enviesadas, a reflexão exegética torna-se uma ferramenta indispensável para a preservação da integridade bíblica e para a formação teológica sólida dos intérpretes e leitores.

Para alcançar os objetivos propostos, o presente artigo está estruturado em cinco seções, além desta introdução e das considerações finais. No Capítulo 2, serão apresentados os conceitos fundamentais da exegese bíblica, suas definições e distinções essenciais, sobretudo em relação à eisegese.

O Capítulo 3 discutirá a importância do contexto histórico e cultural como elementos indispensáveis para uma interpretação fiel das Escrituras. No Capítulo 4, serão analisados os principais desafios enfrentados pela prática exegética na contemporaneidade, incluindo o risco do anacronismo e as influências pós-modernas.

O Capítulo 5 abordará as oportunidades e os recursos tecnológicos e metodológicos que se oferecem ao intérprete atual para uma exegese mais rigorosa e contextualizada. Por fim, serão apresentadas as Considerações Finais, nas quais se sintetizam os principais achados e as implicações teológicas e pastorais deste estudo.

Dessa forma, o presente artigo visa contribuir para o aprimoramento da prática exegética na contemporaneidade, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos que favoreçam uma leitura bíblica responsável, respeitosa de sua historicidade e de sua função normativa na fé cristã.

2 A EXEGESE BÍBLICA: CONCEITOS FUNDAMENTAIS

A compreensão das Escrituras Sagradas passa necessariamente pela prática exegética. O termo “exegese” provém do grego *exēgēsis*, cujo significado literal é “explicação” ou “interpretação”. Trata-se do processo de extrair o significado original do texto, levando em conta os aspectos literários, históricos, culturais, teológicos e linguísticos do mesmo (FEE; STUART, 2019). O exercício da exegese bíblica tem como objetivo descobrir o que o autor humano, sob inspiração divina, procurou comunicar a seus leitores originais, a fim de que a mensagem possa ser corretamente compreendida e aplicada em contextos posteriores.

Klein, Blomberg e Hubbard (2004) explicam que a exegese consiste em um esforço consciente e sistemático para compreender um texto sagrado conforme foi inspirado, intencionado e recebido em seu contexto original. Essa definição destaca a centralidade do contexto original como critério determinante para a interpretação legítima. Para esses autores, negligenciar tal contexto equivale a distorcer o sentido do texto, substituindo a mensagem do autor pela imaginação do intérprete.

A importância da exegese reside justamente na necessidade de respeitar a distância histórica entre o mundo bíblico e o mundo contemporâneo. A Bíblia é fruto de culturas, línguas, mentalidades e práticas muito distintas das que vigoram na sociedade atual.

Ignorar esses elementos leva o leitor moderno a aplicar conceitos e valores anacrônicos ao texto, comprometendo sua integridade. Conforme assevera Silva (2016) ao defender que uma exegese responsável deve resgatar o sentido original do texto bíblico, sem impor interpretações pessoais.

Por sua vez, é necessário estabelecer claramente a diferença entre exegese e eisegese. Enquanto a primeira busca retirar do texto seu significado genuíno, a segunda projeta sobre o texto ideias e valores estranhos à sua origem. Fee e Stuart (2019) destacam que, no processo de exegese bíblica, a pergunta mais apropriada não é o que o texto significa para o leitor atual, mas sim o que significava para o autor e seus ouvintes originais. Para os autores, o perigo da eisegese consiste em manipular o texto sagrado, consciente ou inconscientemente, de forma a justificar doutrinas, práticas ou visões de mundo que não refletem sua mensagem autêntica.

Outro elemento intrínseco à exegese é o papel do intérprete. Diferentemente da visão mecanicista da leitura bíblica na qual o sentido do texto seria auto evidente, a exegese reconhece a mediação inevitável do exegeta, cuja formação teológica, cultural e espiritual afeta sua compreensão do texto. Brown (2017) destaca que a interpretação bíblica requer uma escuta dupla: tanto a voz do texto em seu contexto original quanto a voz do Espírito no contexto atual. Esse processo demanda disciplina técnica, humildade intelectual e discernimento espiritual..

Além disso, a exegese bíblica pressupõe o uso criterioso de diversas ferramentas auxiliares. O domínio das línguas originais (hebraico, aramaico e grego koiné), o conhecimento das tradições textuais, o estudo dos gêneros literários e a familiaridade com as culturas do Antigo e do Novo Testamento são elementos indispensáveis para uma interpretação sólida. Schökel (1994, p. 102) salienta que “a palavra inspirada carrega em si camadas de significado que só se revelam àquele que investiga pacientemente seus múltiplos contextos”.

O método histórico-gramatical, amplamente aceito nas escolas evangélicas conservadoras, busca integrar essas variáveis: ele parte do exame minucioso das palavras e estruturas gramaticais do texto original e estende-se à consideração de seu contexto histórico, social e cultural. Silva (2016) observa que a exegese histórico-gramatical mantém um equilíbrio entre a fidelidade ao texto e a sensibilidade ao contexto, prevenindo tanto o literalismo reducionista quanto o relativismo nas interpretações.

Por fim, é importante ressaltar a relação entre exegese e hermenêutica. Enquanto a exegese concentra-se na descoberta do significado original do texto, a hermenêutica ocupa-se da aplicação desse significado aos contextos atuais. Fee e Stuart (2019, p. 18) destacam que “a boa hermenêutica começa com uma boa exegese; sem a descoberta precisa do sentido original, qualquer aplicação estará comprometida”. Assim, a exegese não é um fim em si mesma, mas um meio para uma interpretação viva, relevante e transformadora das Escrituras.

Em síntese, a exegese bíblica constitui uma disciplina indispensável para o estudo sério da Palavra de Deus. Ela impede a arbitrariedade interpretativa, salvaguarda a intenção dos autores sagrados e possibilita uma compreensão das Escrituras que respeita sua historicidade e autoridade. Wright (2014) afirma que é necessário escutar atentamente a voz das Escrituras em seu contexto original para que sua mensagem possa ser compreendida de forma autêntica na atualidade.

3 A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL NA EXEGESE BÍBLICA

A exegese bíblica, para ser fiel ao seu propósito fundamental de desvelar o sentido original do texto, deve necessariamente considerar os contextos históricos e culturais em que as Escrituras foram produzidas. Desprezar tais fatores equivale a reduzir o texto bíblico a uma coleção de sentenças atemporais, desvinculadas das realidades sociais, políticas, religiosas e econômicas que lhes deram origem. Schökel (1994) adverte que toda palavra da Escritura está profundamente ligada ao tempo e ao lugar em que foi pronunciada, o que reforça a importância de considerar seu contexto histórico na interpretação.

O Antigo Testamento é fruto de uma cultura semítica antiga, enraizada em práticas tribais, códigos legais específicos e concepções religiosas próprias do Oriente Médio pré-cristão. Instituições como o sacerdócio levítico, o jubileu (Lv. 25), o sistema de sacrifícios e o conceito de pureza ritual refletem visões de mundo profundamente diferentes das modernas.

Sem esse pano de fundo, interpretações anacrônicas tornam-se inevitáveis. Klein, Blomberg e Hubbard (2004) afirmam que a compreensão das leis mosaicas depende da referência ao contexto social agrário de Israel e às estruturas patriarcais das tribos hebraicas, ressaltando a importância do ambiente histórico-cultural na interpretação desses textos.

Da mesma maneira, o Novo Testamento emerge num ambiente de intensa interação entre o judaísmo palestinese e a cultura helenística romana. As cartas paulinas, por exemplo, respondem a problemas específicos das comunidades cristãs do império romano — como questões sobre idolatria, escravidão, cidadania, organização eclesiástica e trazem marcas claras da filosofia e retórica gregas (FEE; STUART, 2019). Ignorar essa realidade é privar o texto de uma dimensão essencial para sua correta interpretação.

Além das diferenças históricas e culturais, há o fator linguístico. O hebraico bíblico, o aramaico e o grego koiné possuem

expressões idiomáticas, formas sintáticas e valores semânticos que frequentemente não encontram equivalentes diretos nas línguas modernas. Brown (2017) destaca que as sutilezas do grego do Novo Testamento enriquecem o significado de termos como “ágape”, “koinonia” e “charis”, os quais tendem a perder profundidade quando traduzidos de forma simplificada.

A arqueologia bíblica é um recurso importante para reconstruir o contexto material e simbólico das Escrituras, pois descobertas como os Manuscritos do Mar Morto, inscrições reais e artefatos culturais ampliam o entendimento sobre as práticas religiosas, crenças, normas jurídicas e relações políticas dos povos antigos, permitindo ao exegeta contextualizar o texto sagrado em sua geografia e história originais e evitando interpretações descontextualizadas (Wright, 2014).

Outro aspecto a considerar é a mentalidade coletiva dos povos antigos, que difere profundamente da visão individualista moderna. Enquanto o Ocidente contemporâneo valoriza a autonomia pessoal, as culturas bíblicas enfatizavam a pertença à comunidade, à família, à tribo e à nação. Este dado é essencial, por exemplo, para a compreensão das alianças divinas, das genealogias e das promessas coletivas que permeiam a Bíblia Hebraica (SILVA, 2016).

O contexto cultural também molda o gênero literário dos textos bíblicos. A poesia hebraica, a narrativa épica, os oráculos proféticos, os ditos sapienciais, os apocalipses judaicos e as epístolas cristãs obedecem a formas literárias e retóricas específicas de suas épocas. Klein, Blomberg e Hubbard (2004) destacam que compreender o gênero literário é fundamental para uma interpretação adequada, pois cada gênero possui características próprias que influenciam a maneira como o texto deve ser lido.

A importância desse cuidado torna-se ainda mais evidente no cenário atual, em que interpretações fundamentalistas ou liberais desconsideram, respectivamente, a historicidade ou a normatividade do texto bíblico. A primeira corre o risco do legalismo anacrônico; a segunda, do relativismo descomprometido. Silva (2016) afirma que a exegese contextualizada atua como um antídoto contra os extremos, pois equilibra o respeito pela história do texto sem negar sua dimensão teológica.

Em síntese, o contexto histórico e cultural não é um elemento acessório da exegese bíblica, mas seu fundamento indispensável. Somente à luz dessa perspectiva é possível interpretar as Escrituras com fidelidade, coerência e relevância, evitando reducionismos, distorções e apropriações indevidas que comprometam sua mensagem original e sua autoridade normativa.

4 DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA PRÁTICA EXEGÉTICA

A exegese bíblica, embora essencial para a compreensão fidedigna das Escrituras, não está isenta de dificuldades no cenário contemporâneo. Pelo contrário, o contexto atual apresenta inúmeros desafios que ameaçam a integridade e a eficácia do trabalho exegético. Esses desafios decorrem tanto de fatores epistemológicos e metodológicos quanto de mudanças culturais e tecnológicas que transformam a relação do homem moderno com o texto bíblico.

Silva (2016 p. 88) observa que “o exegeta deve resistir à tentação de forçar o texto a dizer o que ele gostaria de ouvir”, cultivando antes uma escuta reverente e obediente, conforme descreve a Figura 1.

Figura 1 – Principais Conceitos



Fonte: Adaptado pelo autor, mar. 2025.

A Figura 1 apresenta, de forma sintética e didática, três conceitos fundamentais para a prática da exegese bíblica: a exegese histórico-gramatical, a necessidade de evitar anacronismos e a importância do contexto original.

O primeiro conceito destaca a relevância de considerar a gramática, a semântica e os aspectos históricos do texto sagrado para a correta interpretação de seu significado, como defendem Fee e Stuart (2019) ao enfatizarem o método histórico-gramatical como base para toda análise exegética responsável. O segundo alerta para o risco do anacronismo hermenêutico, isto é, a projeção de categorias modernas sobre o universo conceitual antigo das Escrituras, o que pode distorcer o sentido pretendido pelo autor original, conforme advertido por Klein, Blomberg e Hubbard (2004).

O primeiro grande desafio é o anacronismo hermenêutico, que consiste na leitura dos textos bíblicos à luz de conceitos, valores e categorias do mundo atual, desconsiderando seu contexto original. Tal prática leva à distorção do sentido textual, pois projeta sobre o texto significados que ele nunca pretendeu transmitir.

Fee e Stuart (2019) alertam que um texto bíblico não pode ser interpretado hoje com um sentido diferente daquele que tinha para seu autor ou seus ouvintes originais, enfatizando que esse cuidado é fundamental para evitar a aplicação indevida de prescrições antigas a contextos políticos ou econômicos modernos.

O terceiro conceito reforça a necessidade de recuperar o contexto sócio-histórico e cultural da época da redação do texto bíblico, elemento indispensável para a compreensão plena de sua mensagem, como afirmam Wright (2014) e Silva (2016). Estes três pilares evidenciam que uma exegese fiel ao conteúdo bíblico requer rigor metodológico, sensibilidade histórica e abertura teológica, evitando interpretações subjetivas ou descontextualizadas.

A prática exegética também enfrenta o desafio da superficialidade interpretativa, potencializada pela cultura digital e pelo imediatismo das redes sociais. A disponibilidade de traduções simplificadas, comentários breves e devocionais instantâneos favorece uma leitura rasa e descontextualizada da Bíblia, em detrimento do estudo sério, metódico e disciplinado. Wright (2014) critica a tendência contemporânea de buscar respostas rápidas, afirmando que essa pressa empobrece a relação com as Escrituras, que demanda paciência, escuta atenta e reflexão profunda.

A exegese bíblica, entendida como a arte e a ciência de interpretar o texto sagrado com rigor metodológico e fidelidade ao seu contexto original, enfrenta, no cenário contemporâneo, múltiplos desafios. O avanço da tecnologia, a pluralidade hermenêutica e os conflitos entre tradição e inovação têm exigido do intérprete um posicionamento crítico e equilibrado. Em tempos de

informação excessiva e superficialidade interpretativa, a prática exegética demanda compromisso com a seriedade acadêmica e com a espiritualidade bíblica autêntica, especialmente no âmbito da formação cristã.

Um dos principais desafios contemporâneos na prática exegética está relacionado ao distanciamento entre o mundo do texto bíblico e o mundo do leitor moderno. A cultura, a linguagem, as cosmovisões e os códigos sociais das Escrituras diferem significativamente do contexto atual. Assim, interpretar corretamente o texto exige um esforço hermenêutico que envolva análise linguística, histórica e literária, considerando os gêneros textuais e a intenção dos autores inspirados. Muitos líderes e professores da Escola Bíblica Dominical, contudo, não foram adequadamente capacitados para realizar essa mediação com precisão, o que compromete a transmissão fiel da mensagem bíblica.

Outro entrave significativo é a influência crescente de interpretações subjetivistas ou ideológicas, que tendem a impor ao texto bíblico significados alheios ao seu contexto original. A exegese, quando não alicerçada em critérios teológicos e metodológicos sólidos, pode se transformar em eisegese, ou seja, na leitura do texto a partir dos pressupostos pessoais do intérprete. No ambiente eclesial, isso se reflete na proliferação de ensinamentos que se afastam da doutrina bíblica, gerando confusão teológica e enfraquecimento da autoridade das Escrituras. Por isso, é essencial cultivar uma exegese responsável, que respeite os limites e possibilidades do texto.

A prática exegética na atualidade também enfrenta o desafio da formação teológica fragmentada. Em muitas comunidades cristãs, os obreiros e educadores não têm acesso a uma formação sistemática e continuada em exegese, o que leva à dependência de comentários prontos, sermões copiados da internet ou interpretações populares sem fundamento. Nesse contexto, investir em formação bíblica exegética sólida torna-se uma urgência para preservar a integridade do ensino e fomentar uma leitura crítica e edificante da Palavra de Deus.

No campo pedagógico, aplicar a exegese à prática de ensino exige sensibilidade e contextualização. Não basta conhecer a estrutura sintática de um versículo ou sua raiz hebraica ou grega; é necessário comunicar a verdade interpretada de forma acessível e relevante para a vida do ouvinte. A boa exegese é aquela que, partindo de uma análise técnica rigorosa, desemboca em aplicações concretas, orientadas pelo Espírito e vinculadas ao discipulado cristão. Esse é o desafio de integrar exegese e edificação, fé e crítica, teoria e prática.

Ademais, o uso indiscriminado das tecnologias digitais representa um paradoxo para a prática exegética contemporânea. Por um lado, há um vasto acesso a ferramentas, dicionários, comentários e bancos de dados bíblicos que facilitam a pesquisa; por outro, a instantaneidade e a superficialidade das redes sociais geram interpretações apressadas e descompromissadas. Muitos estudantes da Bíblia se contentam com versículos soltos, descontextualizados e utilizados fora de seu escopo original. Combater esse reducionismo exegético requer cultivar uma espiritualidade do estudo, que valorize o tempo, o silêncio e a profundidade da investigação bíblica.

Outro desafio notável está na tensão entre tradição e inovação hermenêutica. Enquanto algumas igrejas se apegam a modelos interpretativos rígidos e descontextualizados, outras adotam leituras excessivamente progressistas, relativizando princípios fundamentais da fé cristã. A prática exegética precisa, nesse sentido, ser equilibrada: conservadora na fidelidade ao texto e à doutrina, mas aberta ao diálogo com as demandas e perguntas do mundo atual. Isso exige preparo, maturidade e discernimento espiritual por parte do intérprete, especialmente no ambiente pastoral e educativo.

No ambiente da Escola Bíblica Dominical, aplicar a exegese à prática demanda também o domínio de recursos didáticos que ajudem a traduzir o conteúdo exegético em linguagem pedagógica. Professores precisam ser preparados para transformar o fruto da análise textual em perguntas, dinâmicas, estudos em grupo e aplicações práticas. Essa mediação pedagógica da exegese é vital para que o aluno compreenda que o texto bíblico não é apenas um documento antigo, mas uma Palavra viva e eficaz para a vida cristã cotidiana.

Além disso, a exegese contemporânea enfrenta a tensão entre relevância e fidelidade textual. De um lado, há a legítima exigência de tornar a mensagem bíblica pertinente ao homem moderno; de outro, existe o risco de adaptar excessivamente o texto ao gosto do leitor, esvaziando seu poder de confrontar e transformar. Brown (2017 p. 97) afirma que “a boa exegese deve ser sensível à distância entre os mundos, sem sacrificar a integridade do texto em nome da aplicabilidade”.

A pluralidade de métodos exegéticos disponíveis hoje também representa um desafio. Abordagens histórico-críticas, literárias, sociológicas, canônicas e pós-modernas oferecem contribuições valiosas, mas podem gerar fragmentação interpretativa se aplicadas de modo desarticulado ou ideologicamente enviesado. Fee e Stuart (2019 p. 142) enfatizam que “o método não deve dominar o texto; é o texto que deve orientar a escolha do método”, evitando reducionismos e distorções.

Diante desses desafios, torna-se imperativo cultivar uma exegese que una rigor metodológico, sensibilidade espiritual e

compromisso eclesial. Somente assim o intérprete contemporâneo poderá superar os obstáculos de sua época e oferecer à Igreja e ao mundo uma leitura bíblica relevante, fiel e transformadora.

5 OPORTUNIDADES PARA O INTÉRPRETE MODERNO

Embora a prática exegética contemporânea enfrente diversos desafios, conforme exposto no capítulo anterior, não se pode ignorar as inúmeras oportunidades que se descortinam para o intérprete moderno da Bíblia. O desenvolvimento de novas ferramentas tecnológicas, a ampliação do acesso a recursos bibliográficos e a emergência de abordagens metodológicas interdisciplinares oferecem ao exegeta possibilidades inéditas de aprofundamento e rigor na interpretação das Escrituras.

Um dos principais avanços consiste na disponibilidade de softwares especializados em estudos bíblicos, como Logos Bible Software, Accordance e BibleWorks. Esses programas permitem o acesso instantâneo a textos originais em hebraico, aramaico e grego, dicionários exegéticos, léxicos, gramáticas, comentários críticos e bibliotecas inteiras de teologia e história bíblica. Tais ferramentas democratizam o acesso a fontes antes restritas a grandes centros de pesquisa, ampliando o alcance da exegese qualificada. McGovern et al. (2025) destacam que a aplicação da tecnologia computacional na análise textual possibilita a identificação de padrões literários e estruturais que passam despercebidos na leitura manual, tornando a análise de elementos como estruturas poéticas, paralelismos e quismos mais precisa e eficiente.

A arqueologia bíblica também tem proporcionado novas oportunidades para o exegeta moderno. As descobertas recentes no Oriente Médio, como inscrições reais, papiros, artefatos cerimoniais e os Manuscritos do Mar Morto, oferecem informações valiosas sobre o ambiente histórico e religioso dos textos sagrados. Wright (2014) destaca que a arqueologia não tem como objetivo confirmar a fé, mas sim iluminar o contexto no qual a fé foi vivida e expressa, enriquecendo a compreensão das práticas e crenças do povo de Israel e das primeiras comunidades cristãs.

Do ponto de vista metodológico, destaca-se a consolidação de abordagens interdisciplinares que integram sociologia, antropologia, filosofia e ciência das religiões à exegese bíblica. Essa ampliação de horizontes permite ao intérprete considerar dimensões antes negligenciadas, como as dinâmicas de poder, gênero, etnicidade e economia presentes nos textos bíblicos. Brown (2017) enfatiza que “a escuta do texto exige também uma escuta do contexto, passado e presente, para que a Palavra ressoe com sentido nas novas realidades humanas” (p. 88).

Não se pode esquecer o papel das comunidades de interpretação, grupos de estudo bíblico, fóruns acadêmicos e congressos internacionais que promovem o diálogo crítico e construtivo entre exegetas de diferentes tradições confessionais e culturais. Essa diversidade enriquece a compreensão dos textos e desafia visões estreitas ou etnocêntricas. Klein, Blomberg e Hubbard (2004) observam que “a leitura comunitária da Escritura previne os riscos do individualismo hermenêutico e amplia a percepção das múltiplas dimensões do texto” (p. 137).

Além disso, a inteligência artificial aplicada aos estudos bíblicos surge como fronteira promissora. Modelos computacionais são capazes de processar grandes corpora textuais, identificando recorrências léxicas, conexões intertextuais e estruturas narrativas complexas. Yoffe et al. (2023) demonstram que “a análise estatística dos livros do Gênesis e Êxodo revelou padrões de redação atribuíveis à fonte sacerdotal, corroborando hipóteses da crítica documental” (p. 12). Tais recursos ampliam a objetividade da pesquisa exegética, fornecendo subsídios empíricos para a avaliação de teorias interpretativas.

Por fim, destaca-se a renovada ênfase na espiritualidade do intérprete, reconhecendo que a exegese não é apenas um exercício técnico, mas também um encontro com o Deus que fala por meio das Escrituras. Wright (2014) lembra que “a Palavra de Deus transforma o exegeta tanto quanto informa seu entendimento” (p. 140), ressaltando a necessidade de oração, humildade e abertura à ação do Espírito Santo no processo interpretativo.

Em síntese, o intérprete bíblico contemporâneo dispõe de um conjunto de recursos e possibilidades sem precedentes na história da hermenêutica cristã. Quando usados com critério, discernimento e compromisso teológico, tais instrumentos podem contribuir para uma exegese mais fiel, profunda e relevante, capaz de iluminar a compreensão das Escrituras em seu duplo horizonte: o mundo antigo em que foram escritas e o mundo atual em que continuam a ser lidas e vividas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como propósito principal refletir sobre a importância da análise do contexto histórico e cultural no processo de exegese bíblica, considerando os desafios e as oportunidades que se apresentam ao intérprete contemporâneo.

A investigação bibliográfica e qualitativa realizada permitiu identificar e sistematizar as principais contribuições teóricas da literatura especializada, bem como problematizar práticas interpretativas comuns que, muitas vezes, comprometem a fidelidade e a profundidade da leitura das Escrituras Sagradas.

Constatou-se, ao longo da pesquisa, que a exegese bíblica não pode ser reduzida a uma mera atividade técnica ou acadêmica, tampouco a um exercício devocional descomprometido com o rigor histórico e textual. A interpretação das Escrituras exige uma abordagem que respeite as particularidades linguísticas, sociais, culturais, religiosas e políticas dos contextos em que os textos foram produzidos, evitando o risco do anacronismo, da eisegese e da manipulação ideológica. Conforme salientado por Fee e Stuart (2019), “o significado de um texto bíblico não pode ser determinado isoladamente de seu contexto original” (p. 35), sob pena de grave distorção hermenêutica.

A pesquisa também evidenciou que o intérprete moderno dispõe de vastos recursos tecnológicos, metodológicos e bibliográficos que facilitam o acesso a informações detalhadas sobre o mundo bíblico, seus idiomas originais e seus cenários arqueológicos. Softwares especializados, bancos de dados acadêmicos e obras exegéticas interdisciplinares ampliam as possibilidades de uma leitura mais precisa e contextualizada da Palavra de Deus. No entanto, o uso adequado dessas ferramentas requer discernimento crítico e formação teológica sólida, a fim de evitar reducionismos tecnicistas ou desvios interpretativos.

Entre os principais desafios identificados, destacam-se a superficialidade interpretativa, o sincretismo hermenêutico e a falta de preparo exegético em muitos círculos eclesiais e acadêmicos. Esses fatores, se não enfrentados com seriedade, comprometem a mensagem bíblica, abrindo espaço para deturpações doutrinárias e práticas incoerentes com o ensino das

Escrituras. Por outro lado, as oportunidades oferecidas pela modernidade — como a arqueologia, a crítica textual avançada e os métodos interdisciplinares — representam um campo fértil para a revitalização da exegese, tornando-a mais fiel ao texto sagrado e mais relevante para o contexto atual.

Outro aspecto relevante abordado nesta pesquisa foi a necessidade de integrar a dimensão espiritual à prática exegética. A interpretação bíblica não é um exercício neutro, mas um encontro entre o texto inspirado e o leitor crente, guiado pelo Espírito Santo. Wright (2014) enfatiza que a exegese deve transformar não apenas o entendimento, mas a vida do intérprete e da comunidade que recebe a Palavra. Essa perspectiva espiritual não dispensa o rigor técnico, mas o complementa, conferindo sentido e propósito à tarefa hermenêutica.

Assim, conclui-se que a análise do contexto histórico e cultural é um elemento indispensável à exegese bíblica, seja para evitar erros interpretativos, seja para aprofundar o entendimento da revelação divina. O intérprete contemporâneo é chamado a unir competência acadêmica, sensibilidade teológica e abertura espiritual, de modo a permitir que a mensagem das Escrituras seja compreendida em sua riqueza original e aplicada de maneira pertinente aos desafios éticos, sociais e espirituais do presente.

Como contribuição prática, este trabalho oferece subsídios teóricos e metodológicos que podem ser utilizados na formação de ministros, professores e líderes cristãos, incentivando uma leitura mais responsável e profunda das Escrituras. Além disso, aponta para a necessidade de contínuo investimento na capacitação exegética das igrejas e instituições teológicas, a fim de promover uma interpretação bíblica que seja ao mesmo tempo fiel ao texto e relevante para a realidade contemporânea.

Por fim, sugere-se que futuras pesquisas ampliem a investigação sobre as inter-relações entre exegese bíblica e cultura contemporânea, explorando temas como a recepção do texto sagrado em diferentes contextos socioculturais, o impacto das novas tecnologias digitais na prática hermenêutica e os desafios da interpretação bíblica em ambientes pluralistas e pós-modernos.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BROWN, Jeannine K. *Scripture as Communication: Introducing Biblical Hermeneutics*. 2. ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2017.

EE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes? Um guia para entender a Bíblia com mente e coração**. 3. ed. São

Paulo: Vida Nova, 2019.

FAIGENBAUM-GOLOVIN, Shira; et al. Critical biblical studies via word frequency analysis: unveiling text authorship. arXiv, 24 out. 2024. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2410.19883>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. Entendes o que lês? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2019.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD, Robert L. Introdução à Hermenêutica Bíblica: Como interpretar as Escrituras hoje. São Paulo: Vida Nova, 2004.

KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD, Robert L. **Introdução à interpretação bíblica**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2004.

McGOVERN, Hope; SIRIN, Hale; LIPPINCOTT, Tom. Computational Discovery of Chiasmus in Ancient Religious Text. arXiv, 18 jan. 2025. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2501.10739>. Acesso em: 20 jun. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2010.

SCHOKEL, Luis Alonso. A Palavra Inspirada: A Bíblia à luz da Ciência da Linguagem. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

SILVA, Antônio Carlos Pereira da. Hermenêutica e Exegese Bíblica: como interpretar o texto sagrado com responsabilidade e fidelidade. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2016.

SILVA, Antônio Renato Gusso da. Manual de Exegese Bíblica: Uma abordagem históricogramatical. São Paulo: CPAD, 2016.

WRIGHT, N. T. A Bíblia e o futuro do mundo. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2014.

WRIGHT, Nicholas Thomas. **A Bíblia e a autoridade de Deus: como ler as Escrituras hoje**. São Paulo: Ultimato, 2014.

YOFFE, Gideon; et al. A Statistical Exploration of Text Partition Into Constituents: The Case of the Priestly Source in the Books of Genesis and Exodus. arXiv, 3 mai. 2023. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2305.02170>. Acesso em: 20 jun. 2025.

CIBERESPAÇO SAGRADO: A CONSTRUÇÃO DA COMUNIDADE DE FÉ EM AMBIENTES DIGITAIS E SEUS IMPACTOS NA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

Janderson Basto Chaves⁷

José Fábio Bentes Valente⁸

RESUMO: Este trabalho de conclusão de curso trata da comunidade de fé em ambiente digital e aborda seus impactos, experiências e renovo litúrgico em meio ao avanço significativo da tecnologia. Sua problemática envereda-se em analisar como a construção de comunidade de fé em ambientes digitais reconfigura a experiência religiosa e quais são as implicações deste fenômeno para as igrejas cristãs no Brasil. A metodologia desta pesquisa, será desenvolvida através de um criterioso levantamento e análise sistemática da literatura contemporânea, contemplando obras fundamentais nas áreas de tecnologia e religião e bases bíblicas. Os objetivos específicos tratados são: Descrever as principais características e dinâmicas da comunidade de fé formadas em ambiente digitais; identificar as percepções dos fieis quanto a eficácia da experiência religiosa mediada por tecnologias digitais; e analisar as adaptações litúrgicas pelas igrejas para acomodar a realidade do ciberespaço sagrado. Dos resultados esperados com essa pesquisa constata-se que o ambiente digital está cada vez mais inserido dentro da igreja e suas missões, mostrando que o ide de Jesus agora é tecnológico.

Palavras-chave: Comunidade de Fé. Ciberespaço Sagrado. Tecnologias Digitais.

ABSTRACT: This course completion work addresses the faith community in a digital environment and discusses its impacts, experiences, and liturgical renewal amid the significant advancement of technology. Its problem statement involves analyzing how the construction of faith communities in digital environments reconfigures religious experience and what the implications of this phenomenon are for Christian churches in Brazil. The methodology of this research will be developed through a careful survey and systematic analysis of contemporary literature, encompassing fundamental works in the fields of technology and religion, as well as biblical foundations. The specific objectives addressed are: To describe the main characteristics and dynamics of faith communities formed in digital environments; to identify the perceptions of the faithful regarding the effectiveness of the religious experience mediated by digital technologies; and to analyze the liturgical adaptations by churches to accommodate the reality of the sacred cyberspace. From the expected results of this research, it is evident that the digital environment is increasingly integrated within the church and its missions, showing that Jesus' command to 'go' is now technological.

Keywords: Community of Faith. Sacred Cyberspace. Digital Technologies.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual vive um contexto marcado por avanços tecnológicos tomados pela modernidade, onde a digitalização atravessa todas as esferas da vida dos indivíduos, não estando isenta desta mudança a fé cristã. O surgimento e consolidação do chamado ciberespaço como um novo ambiente de interação humana, têm provocado inúmeras transformações na maneira de como os indivíduos e as comunidades constroem suas relações interpessoais, compartilham vivências, experiências, práticas culturais, sociais e espirituais. Pensando nisso é possível observar um movimento crescente das igrejas e comunidades de fé que, diante das demandas contemporâneas, passam a ocupar os espaços digitais como meios de exercer a sua fé, evangelizando, mantendo a comunhão, ensino e celebração de seus cultos.

A expansão em massa da internet e das redes sociais não apenas ampliaram o alcance da mensagem cristã, mas, também ressignificaram elementos fundamentais da vivência religiosa. Surgindo então um novo campo evangelístico chamado “ciberespaço

⁷ Acadêmico(a) do Curso de Teologia EAD da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: Janderson.20220181@aluno.fbnovas.edu.br.

⁸ Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA-ES). Doutorando em Ciências da Religião Pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-PE). Professor do Curso de Ciências Teológicas. E-mail: prof.fabiovalente@fbnovas.edu.br

sagrado”, no qual a prática da fé transcende os limites físicos dos templos e se adapta às dinâmicas próprias do ambiente digital. Este fenômeno levanta questões relevantes sobre a autenticidade da experiência religiosa mediada pela tecnologia, sobre os desafios da comunhão virtual e sobre as transformações na liturgia, na missão e na própria identidade das igrejas. Até que ponto essa tecnologia traria informações fidedignas e inalteradas a respeito da liturgia, e quais os riscos de alterar os padrões tradicionais da liturgia no contexto da modernidade.

O presente trabalho se divide em três seções principais: Comunidade de fé e o ciberespaço onde são abordados conceitos fundamentais que definem o ambiente digital como um novo espaço de missão e exercício da fé. Em sua segunda seção é abordado o tema “A missão da Igreja no ambiente digital” onde o foco recai sobre a forma de ressignificação da missão cristã no contexto da tecnologia e suas interações online, destacando os desafios que o

cristão enfrenta em cumprir o “Ide” de maneira não convencional. E por fim, o terceiro tópico denominado “A web modernização da liturgia” onde explanamos a respeito das transformações, reinvenções e adaptações das práticas litúrgicas para atender as demandas do ciberespaço, levando em conta seus aspectos teológicos sejam eles em suas questões técnicas, estéticas ou comunitárias.

Portanto a seguinte pesquisa pretende contribuir para a compreensão dos impactos do ambiente digital na experiência religiosa cristã, demonstrando como o avanço tecnológico não apenas influencia, mas, também redefine as práticas religiosas, demonstrando que a missão do cristão se reinventa e se atualiza a partir das mídias digitais, oferecendo subsídios teóricos e práticos para uma atuação pastoral consciente, contextualizada, onde se exploram novos métodos e espaços, contudo, sempre fiel aos princípios cristãos independente da era cronológica em que a sociedade se encontre.

2 COMUNIDADE DE FÉ E O CIBERESPAÇO

O ciberespaço revolucionou o cenário social da vida humana, segundo Manoel Castells (1942), uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a mudar totalmente a base da sociedade em um ritmo acelerado. Foi ganhando força e mudando os cenários político, econômico e religioso, com a nova tecnologia tudo poderia ser facilmente recebido e enviado ou verificado, a sociedade foi se tornando uma nova sociedade tecnológica. A comunicação humana está interligada ao mundo da cultura e a circulação de conteúdos, por meio de diferentes sistemas midiáticos, depende da participação ativa dos consumidores. Tudo acaba se tornando consumo. A partir dos estudos de Jenkins (2006), onde ele afirma que a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos.

As práticas e rituais religiosos realizados no ciberespaço, se torna mais uma possibilidade de consumo na cibercultura e que implicou numa mudança na relação espaço-tempo. A conversão da experiência religiosa em consumo, não apenas corpo e espaço são devorados pelas experiências mágico-religiosas no ciberespaço, mas, também todos os que estão envolvidos nela e por ela. Essa onipresença do ciberespaço acarreta mudanças profundas na sociedade atual. O sujeito que adentra o ciberespaço tem um universo de possibilidades que permite percorrer o caminho da sua redenção sem precisar sair dos limites do seu espaço físico. Malena Contrera (2006) considera que o processo de dessacralização do mundo desembocou na sacralização da mídia. Esse acontecimento fenomenal promove uma apropriação do sagrado pela mídia e a apropriação da mídia pelo sagrado. A religião se midiática e simultaneamente os meios eletrônicos são sacralizados.

A partir do surgimento do ciberespaço, tornou-se iminente o uso e aplicação de metodologias de pesquisa que permitissem capturar a essência dos fenômenos presentes na cibercultura, por sua vez é a relação entre a técnica e a vida social, criada a partir da associação da cultura contemporânea com as tecnologias digitais, numa época em que ela caminha para a onipresença.

Partindo desta nova ótica de verificação das práticas e rituais religiosos com o surgimento dessa nova realidade social, através da cibercultura, onde o processo comunicativo-interacional propicia aos fiéis que optam pela realização dos rituais e práticas religiosas na virtualidade e não na presencialidade, sugere um estudo netnográfico, ou seja, estudar as metodologias das comunidades online.

Na visão do estudioso Lemos (2002), a cibercultura já é uma realidade social planetária, caracterizada pela formação de uma “conectividade telemática generalizada, que amplia, assim, as possibilidades comunicativas e promove agregações sociais.

Lévy (1999) acredita que provavelmente todas as informações sejam eventualmente digitalizadas, tornando o ciberespaço o principal canal de comunicação neste século. Seria um espaço sem dimensões, um universo de informações disponível de forma instantânea e reversível, desmaterialização do espaço e da instantaneidade temporal contemporâneo.

Através de um computador ou outros equipamentos eletrônicos, é possível acessar à distância qualquer dado armazenado, o que torna possível também compartilhar com diversos públicos tais informações. A possibilidade de ter real acesso aos conteúdos por meios de transferência destes dados, torna o ciberespaço diferenciado e singular em toda sua capacidade e existência.

A netnografia aplicada ao ciberespaço, apresenta a possibilidade de explorar a comunicação multimídia e enriquecer os estudos netnográficos tradicionais. Esta também facilita busca e coleta de dados, amplitude de coleta e o armazenamento (no tempo e no espaço) e o desdobramento da pesquisa com rapidez.

O deslocamento dos rituais religiosos para o ciberespaço implica em uma alteração dos aspectos tradicionais desses ritos, causando uma revolução digital no exercício da fé, não só devido às novas possibilidades de evangelização através da rede, mas, sobretudo pelos pontos de contato e de interação produtiva que existe entre a rede e o pensamento cristão. Se a internet muda a forma do ser humano pensar, muda como se pensa a fé, amplificando as potencialidades do seu exercício, modificando a forma como se chega até Deus e ultrapassando as fronteiras da própria religião.

Isso pode ser comprovado através de inúmeros fenômenos religiosos encontrados no meio digital como cultos ao vivo, portais cristãos, aplicativos religiosos, e até mesmo grupos de oração online. A internet possibilitou que a religião e teologia ganhassem novas dimensões. Em outras palavras não existem mais fronteiras para que um indivíduo comum, em sua rotina diária tenha acesso a um universo inteiro voltado para a religião, sem que haja necessidade de se locomover a qualquer lugar que seja para ter acesso à mesma.

Lévy (1998) afirma que, a coletividade pensa em nós, porém, somos todos diferentes. A cibercultura seria como um grande portal do ecumenismo planetário. É a partir desta compreensão do mundo, que nasce a cibercultura com a interconexão planetária formando uma gigante comunidade virtual e uma universal e livre inteligência coletiva, a qual, no primeiro momento, pretende reunir as diferentes forças, crenças e percepções religiosas de cada ser humano. Agregando o pensamento conjunto, aumentando suas percepções não somente religiosas, mas, sociais, políticas, espirituais de cada um, juntos e ao mesmo tempo.

Visto que a internet é um espaço que engloba um universo de mais diversas informações, entendemos o ciberespaço como uma interface que engloba tanto o sagrado quanto o profano. Lemos (2004) acredita nesta construção: “O ciberespaço pode ser visto como um espaço sagrado, lugar de movimentação de conhecimentos e informações, um espaço de encruzilhadas”. Para ele o ciberespaço deve ser compreendido como um rito de passagem da era industrial à pós-industrial, da modernidade dos átomos à pós-modernidade dos bits. Desde o surgimento da web, a imagem da rede como lugar do espírito sempre esteve presente.

Essa dimensão sagrada se evidencia pela presença religiosa na rede desde sua criação. Campbell (2008) conta que por mais de três décadas a internet tem sido usada como um espaço em que rituais espirituais são conduzidos e tradicionais crenças religiosas são discutidas. Isso reforça o pensamento de que as religiões acompanham o caminhar da espécie humana, até mesmo nas transformações comunicacionais e tecnológicas.

Portando é inegável que a revolução digital influencia o exercício da fé, não só devido às novas possibilidades de evangelização através da rede, mas, sobretudo pelos pontos de contato e interação produtiva que existe entre a rede e o pensamento cristão. Se a internet muda a forma como o ser humano pensa, muda como se pensa a fé, amplificando as potencialidades do seu exercício, modificando a forma como se exerce a fé ultrapassando as fronteiras da própria religião.

3 A MISSÃO DA IGREJA NO AMBIENTE DIGITAL

A comunidade religiosa está cada vez mais atrelada aos ambientes digitais, fortalecendo a sua fé e propagando sua crença, Stephen Garner, em parceria com Campbell (2016), analisa como a teologia em rede redefine relações de poder, discipulado e ensino bíblico. Eles defendem que é possível cultivar uma fé profunda no ambiente digital, desde que haja intencionalidade e discernimento.

O ambiente digital, especialmente, inaugurou uma nova fase, marcada por experiências espirituais vividas em rede, com a potencial ampliação do alcance da fé e da formação de comunidades além das barreiras geográficas. Com a COVID-19, esse movimento foi intensificado. Igrejas passaram a realizar cultos online, discipulados via videochamada, e a consolidar práticas litúrgicas em rede social, revelando que o ciberespaço se tornou não apenas um meio de comunicação, mas um espaço real de experiência religiosa.

O ciberespaço representa um novo campo missionário. Evangelismo, discipulado e ação social tem sido reinventado em formatos digitais, pastores, igrejas e ministérios investem em podcasts, vídeos curtos, cultos interativos e lives evangelistas. Pete

Ward destaca que a missão da igreja na cultura digital exige criatividade, ética e encarnação do evangelho nos formatos e linguagens contemporâneos. O desafio é comunicar a verdade cristã sem diluí-la, respondendo aos anseios espirituais de uma geração.

Elizabeth drescher (2012) aponta que a espiritualidade digital rompe com os modelos institucionais rígidos e favorece uma vivência mais pessoal, relacional e cotidiana da fé. Já Heidi campbell (2005) analisa como essas comunidades negociam valores religiosos dentro de espaços tecnologicamente mediados, construindo novas formas de comunhão, adoração e discipulado.

Sabe-se que o princípio e alicerce da igreja Cristã está fundamentada em levar o evangelho a todas as nações, independe de raça, povo, língua, etnia, cultura. A missão é fincar o evangelho e fazer discípulos em todo os quatro cantos do planeta, os métodos utilizados podem variar em diversos pontos como: localização, clima, cultura, situação geopolítica, portanto, o ambiente digital se torna uma extensão para os vários mundos onde essa missão acontece.

Tendo estabelecido um modelo digital de missão a igreja no ciberespaço precisa definir por onde iniciar suas abordagens, lançando mão de alcances através de redes sociais, podcasts, vídeos, blogs, discipulados online, mentorias, acompanhamento espiritual virtual, criação de comunidades de fé, grupos de whatsapp, telegram, entre outros, promovendo conteúdos bíblicos saudáveis, temas relevantes, mantendo a essência da palavra de Deus acima de tudo.

A evangelização através das redes sociais é uma prática crescente, onde a mensagem é difundida utilizando as plataformas digitais. Essa estratégia visa alcançar um público diversificado, utilizando ferramentas como publicações diárias de versículos bíblicos, reflexões, testemunhos e interação com os novos seguidores.

As formas de evangelização digital se dividem em vários ramos, podendo ser através de conteúdos como publicação de textos, versículos, testemunhos e mensagens inspiradoras, utilizando recursos visuais como imagens e vídeos. Pode haver interação com públicos determinados respondendo a comentários, enviando mensagens, participando de discussões, criando um ambiente de diálogo e relacionamento com os seguidores. Utilizar hashtags relevantes podem levar ao alcance de públicos maiores e facilitar a busca por conteúdos relacionados a fé.

As redes sociais podem estreitar laços e construir relacionamentos com pessoas, oferecendo apoio, orando, e compartilhando a mensagem de fé de forma genuína. Existe a oportunidade também de lançar mão de diferentes formatos de conteúdo como vídeos curtos, lives, podcasts, explorando a criatividade para que a mensagem possa ser transmitida de forma que venha a impactar as vidas apesar do ambiente não físico da mensagem.

Um exemplo fiel de construção de relacionamentos baseados na fé cristã tendo apoio do ambiente virtual é o discipulado online, onde a tecnologia e a internet desempenham um papel central na vida das pessoas. Este conceito se refere ao processo de acompanhamento e formação cristã que ocorre por meio de plataformas digitais permitindo que indivíduos se conectem, aprendam e cresçam em sua fé, independentemente de sua localização geográfica. Através de vídeos, podcasts, webinars e grupos de discussão, o discipulado online oferece uma abordagem acessível e flexível para aqueles que desejam aprofundar seu conhecimento bíblico e fortalecer sua vida de oração.

Uma das principais vantagens do discipulado online é a sua capacidade de alcançar um público diversificado. Pessoas de diferentes idades, culturas e contextos sociais podem participar de estudos bíblicos e sessões de oração, criando uma comunidade global de cristãos. Além disso o discipulado online permite que os participantes aprendam no seu próprio ritmo, revisando materiais e discussões conforme seja necessário. Essa flexibilidade é especialmente benéfica para aqueles que tem horários ocupados ou que enfrentam barreiras físicas para participar de grupos presenciais.

Outro aspecto importante do discipulado online é a possibilidade de mentorias e acompanhamento individual. Muitos programas oferecem a oportunidade de se conectar com mentores espirituais que podem fornecer orientação personalizada e apoio. Essa interação pessoal mesmo que virtual, pode ser transformadora e encorajadora para aqueles que buscam uma vida mais profunda em Cristo.

Além disso o alcance das plataformas digitais cristãs permite que os participantes compartilhem testemunhos, criando um ambiente onde a fé pode ser discutida abertamente. Essa abordagem inclusiva e acessível pode levar muitos a explorar a fé cristã e, potencialmente, a se tornarem seguidores de Cristo.

É importante ressaltar que, embora o discipulado online ofereça muitas vantagens, ele também apresenta desafios. A falta de interação física pode dificultar a construção de relacionamentos profundos e significativos. Além disso a sobrecarga de informações disponíveis na internet pode levar à confusão e à desinformação. Portanto, é essencial que os participantes busquem fontes confiáveis e líderes espirituais que possam guiá-los em sua jornada de fé. A escolha de plataformas respeitáveis e a participação em comunidades de fé autênticas são fundamentais para garantir uma experiência de discipulado online frutífera.

O discipulado online também pode ser complementado por encontros presenciais, quando possível. Muitas comunidades

de fé estão adotando uma abordagem híbrida, onde os membros podem participar de estudos e grupos de oração tanto online como presencialmente. Essa combinação permite que os participantes desfrutem dos benefícios de ambos os formatos, promovendo um senso de comunidade e pertencimento, ao mesmo tempo em que aproveitam a conveniência do ambiente digital.

Como todo ambiente missionário possui seus desafios, a missão da igreja através do ambiente digital não é exceção a esta regra. Os desafios são inúmeros, exigindo discernimento e adaptação por parte de agentes evangelizadores. É preciso compreender as particularidades da comunicação digital, a sobrecarga de informações, a necessidade de gerar conteúdo relevante e cativante, além de lidar com a falta de contato físico e a superficialidade que pode ocorrer nas interações online.

A rapidez e a falta de contato visual podem levar a interpretações errôneas das mensagens, exigindo cuidado na formulação e envio delas. A sobrecarga de informações, notificações, e-mails, mensagens, pode gerar estresse e dificultar a concentração, exigindo estratégias para otimizar a comunicação e evitar o excesso de informações. É preciso criar conteúdos que sejam relevantes para o público-alvo, utilizando linguagem e formatos adequados para a plataforma digital, buscando engajamento e interação.

É fundamental que a presença digital seja guiada por critérios éticos e pastorais, evitando a reprodução de modelos empresariais ou publicitários que não estejam alinhados com a missão da igreja. A missão no ambiente digital requer discernimento para identificar os desafios e oportunidades específicas de cada plataforma e público, adaptando a mensagem e a forma de comunicação, tendo consciência do impacto da tecnologia na saúde física e mental, promovendo equilíbrio entre o uso da tecnologia e outras atividades.

É de suma importância estar atento a questão da inclusão digital na missão, principalmente no que diz respeito ao acesso à internet e aos equipamentos digitais para que todos possam participar e se beneficiar das oportunidades oferecidas pelo ambiente digital, evitando a exclusão. Não esquecendo que, além dos equipamentos é necessário investir na formação de agentes de evangelização que estejam preparados para atuar no ambiente digital, com conhecimento técnico e discernimento pastoral.

A distância física pode ser um desafio na comunicação e no relacionamento com as pessoas, exigindo estratégias para manter contato e construir laços, o ambiente digital chega como uma forma de romper estas barreiras físicas e superá-las tanto quanto possível.

Os desafios do cristão no ambiente digital requerem discernimento, criatividade, adaptação e um profundo compromisso com a evangelização no mundo contemporâneo. Evangelizar sempre será algo muito sério, e ainda que os ambientes mudem, a palavra de Deus não pode ser usada em vão, e apesar de estarmos diante desse desafio chamado era tecnológica, não podemos enxergar a evolução virtual como nossa inimiga, mas, sim, como uma aliada para espalhar a palavra de Deus.

Por fim, o evangelismo online é uma expressão da adaptabilidade da fé cristã em um mundo em constante mudança. À medida que a tecnologia avança e as dinâmicas sociais evoluem, a igreja é chamada a se reinventar e a encontrar novas maneiras de cumprir a sua grande missão. O ciberespaço não apenas facilita o aprendizado e o crescimento espiritual, mas, também serve como um testemunho do poder de Deus para alcançar e transformar vidas, independentemente das circunstâncias. Com a orientação clara, os agentes necessários, ferramentas corretas, o ambiente virtual se torna uma forte aliada para edificar a igreja e expandir o reino de Deus.

4 A WEB MODERNIZAÇÃO DA LITURGIA

Quando nos referimos à igreja, essencialmente temos a imagem de uma comunidade, um povo eleito que caminha rumo ao Reino definitivo. Essa eleição divina teve seu início enraizado na prática de Jesus, fiel à sua palavra, com os primeiros irmãos e irmãs se reunindo para estar em comunhão aprendendo sobre a palavra de Deus. Assim, se formavam as primeiras assembleias reunidas para o louvor de Deus e a própria santificação que é a imagem do que hoje conhecemos como igreja.

Sabe-se que pelo contexto histórico, principalmente nos primeiros séculos, os cristãos se encontravam às escondidas e celebravam em suas casas. E séculos depois a pandemia da Covid-19 colocou novamente a sociedade em estado de alerta, isolados, mediante uma crise no plano social, econômico, ambiental, eclesial e interpessoal.

O fechamento dos templos ocasionado pelas medidas de isolamento social na pandemia levou a uma reviravolta litúrgica e espiritual, onde a web modernização da liturgia que já existia de maneira mais sutil teve sua explosão de maneira forçada e repentina mediante a situação imposta pelo quadro em que a sociedade se encontrava.

É inegável, que no contexto da pandemia, isolamento social e lockdown, a religião, em seus variados formatos e manifestações, teve que se reinventar atrelando-se quase que totalmente no mundo virtual. Para Siepierski (2001), a religião possui

um estoque simbólico que permite o emprego de uma história idealizada, construída e reconstruída segundo as necessidades, a serviço das demandas do tempo presente.

Há uma ideia intuitivamente plausível de que os meios de comunicação servem para transmitir informações e conteúdo simbólico a indivíduos que os recebem sem que isso altere suas relações com os outros. Contudo, de acordo com Thompson (2002), - este é o nosso ponto de partida para analisar as implicações do deslocamento do ambiente presencial do culto para o virtual- são legítimas e significativas as transformações simbólicas ocorridas pela interação mídia-religião e isso afeta substancialmente as relações dos fiéis com o sagrado, consigo próprio e com os outros.

Para Hervieu-Léger (2015), no âmbito da religião, a capacidade do indivíduo para elaborar seu próprio universo de normas e de valores a partir de sua experiência singular tende a impor-se vencendo os esforços reguladores das instituições. Assim, atualmente, não podemos dizer de uma diminuição religiosa, talvez sim de uma diminuição do poder institucional no religioso, o que se contrasta com essa abertura religiosa para o indivíduo que “bricola” e escolhe as suas próprias crenças, ou seja, as que fazem sentido para ele. As mídias, especialmente a internet, mostram-se como terreno propício e acolhedor para a vivência desse mundo religioso mais livre do dogmatismo e mais aberto a corresponder aos instáveis clamores do homem pósmoderno.

Nos períodos de maiores dificuldades, conseguimos perceber com mais visibilidade o poder de influência que tem a religião na vida dos cristãos. Suas súplicas, oferendas, preces, votos, crenças, promessas o conectam com uma força superior que traz equilíbrio mental e espiritual, ou seja, existem formas de comunicação com o divino. A modernização virtual da liturgia aborda uma forma distinta de atividade social que envolve produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas de conexão divina, utilizando recursos diversos, porém com a mesma finalidade que é a conexão entre o homem e a divindade superior.

O poder simbólico é a “capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e de transmissão de formas simbólicas” (THOMPSON, 2002, p.24). Como instituições representativas do poder simbólico, temos, por exemplo, a escola, a igreja e a indústria da mídia. E o recurso matriz para a manifestação deste poder simbólico são os meios virtuais de comunicação e informação. Atualmente a liturgia virtual se apresenta numa das formas mais refinadas de influência e poder simbólico, prova disso é a mídia tão presente no cotidiano de todos os indivíduos. Thompson (2002) afirma que o impacto social da mídia na liturgia se deve a uma produção institucionalizada e difusão generalizada de bens simbólicos através da fixação e transmissão de informação ou conteúdo simbólico. Segundo ele, todo esse processo de produção envolve meios técnicos e institucionais de produção e difusão, mercantilização de formas simbólicas, dissociação estrutural entre a produção de formas simbólicas e sua recepção, extensão da disponibilidade das formas simbólicas no tempo e espaço, circulação pública das formas simbólicas, ou seja, uma pluralidade de destinatários.

Se a web modernização da liturgia nada mais é do que a produção e transmissão de bens simbólicos, que envolvem etapas tão meticulosas e que englobam tantos setores, não é diferente a maneira como a sociedade vai receber estas formas simbólicas, ou seja, cada indivíduo pode receber de maneira subjetiva e individual tais informações. Daí entra a questão sobre as transformações que vão ocorrendo na elaboração de sentido religioso para os fiéis cada vez mais conectados e religados virtualmente.

As características que Thompson (2002) aborda sobre a recepção midiática pelo cristão, levanta vários questionamentos a respeito dos limites entre a liturgia em sua essência pura, e a liturgia web modernizada. Até que ponto esta seria saudável e propagaria a mensagem que o cristianismo anela em sua autenticidade, ou a interpretação subjetiva poderia levar a uma má interpretação de tal simbologia.

Compreende-se que a atividade receptiva não é passiva, mas, uma verdadeira atividade, visto que o sentido que os indivíduos dão aos produtos da mídia varia de acordo com a formação e as condições sociais de cada um, de modo que a mesma mensagem pode ser entendida de várias maneiras em diferentes contextos. Trata-se de uma atividade situada, ou seja, dentro de contextos específicos estruturados que dependem do poder e dos recursos disponíveis aos receptores em potencial. Depois, ela é rotineira, ou seja, parte integrante de atividades constitutivas diárias, como, por exemplo as horas dedicadas às redes sociais.

A recepção midiática pelo cristão, é, portanto, uma atividade que engloba a vida das pessoas que estão a interpretar constantemente as formas simbólicas, construindo sentido para sua história, de maneira a exercer sua fé independente das circunstâncias que lhe são impostas. Assim, esta recepção pode vir a ser uma “apropriação”. Ao interpretar as formas simbólicas, os indivíduos as incorporam na própria compreensão que tem de si mesmos e dos outros. Eles as usam como veículos de interpretação, de si, dos outros, e do mundo a que pertencem voltados a sua fé. Apropriar-se é adaptar a mensagem à nossa própria vida e aos contextos e circunstâncias em que a vivemos; contextos e circunstâncias que normalmente são bem diferentes daqueles em que a mensagem foi produzida.

Muito do que a web modernização trouxe à realidade no exercício da fé cristã foi benéfico e isso é inquestionável, porém,

a linguagem litúrgica requer mais do que pessoas reunidas para ouvir ou ver o que se transmite, ainda que se consiga estabelecer com elas excelentes relações humanizadas. Muito do que a ação ritual significa e realiza só pode ser vivido na imediatez do sinal que evoca um sentido maior, no clima e no espírito da comunhão que configura assembleia reunida.

Paulo Suess (2021) afirma que a liturgia, quando transposta para o ambiente virtual, sofre uma mutação cultural que desafia a tradição sacramental da Igreja, exigindo discernimento pastoral e criatividade teológica. Há um distanciamento incontornável entre a comunidade local que vive o rito em sua forma física na comunhão de uma assembleia reunida em comparação aos que se esforçam em penetrar no sentido desses sinais, mas não o fazem pela distância.

A adaptação da liturgia ao mundo virtual tende a ser vista como um novo espaço para projetos no mundo moderno, um tempo novo que já está engrenado desde já. Em pouco tempo será visto não como um “novo normal”, mas, a prova de que as circunstâncias estimulam o cristão a exercer sua criatividade para aperfeiçoar seu aprendizado na construção deste novo espaço. A liturgia online não deve ser vista como uma substituição da liturgia presencial, mas, como uma ferramenta complementar, que pode ampliar o alcance e a participação, desde que utilizada com sabedoria e discernimento,

Esses conceitos acima abordados, em seu conjunto, podem iluminar-nos na análise da relação religião-mídia e das transformações simbólicas que vão se constituindo com a web modernização da liturgia. Estas interferências teóricas e inquietações não têm a pretensão de oferecer respostas exatas, mas, apontam e levantam questões para uma temática que tende a ganhar cada vez mais espaço na discussão acadêmica e relevância nas ciências que tratam do impacto da web modernização na religião.

É fundamental que a Igreja no ambiente virtual, procure manter a centralidade da experiência com o mistério de Cristo, valorizando a participação ativa e a criação de laços comunitários, mesmo que de forma virtual. Apesar da visão de que a ausência da corporalidade pode alterar ou arriscar as tradições sacramentais e o consumo da fé em sua pureza, deve ser levado em conta os benefícios de ampliação do acesso, fortalecimento das redes de fé, democratização da liturgia, novos modelos de comunidade e espiritualidade, porém nunca esquecendo o motivo para tudo que é aproximar o ser humano de Deus.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do presente trabalho possibilitou apresentar a evolução do indivíduo cristão no exercício de sua fé com o passar dos anos, juntamente com os desafios do evangelismo na realidade do ciberespaço, evidenciando possibilidades urgentes e necessárias nessa nova abordagem do Ide do cristão. Mostrando que a realidade virtual pode ser um ambiente para formar pensamentos, estabelecer relacionamentos, e expressarmos a fé de forma genuína apesar da evolução de sua simbologia.

Cibercultura e evangelização, podem parecer a princípio seguimentos opostos, pois enquanto um promove o encontro físico e real, outro abre inúmeras possibilidades para o encontro pessoal-virtual no ciberespaço. O cristão se depara com o desafio de usar uma ferramenta moderna e cheia de possibilidades como um novo campo missionário, sem perder a essência da palavra, sem desviar o foco de sua missão, e explorar as possibilidades de forma madura e responsável no ambiente virtual.

Neste sentido o estudo métrico da tecnologia a favor da fé cristã se torna essencial, uma vez que, essas ferramentas que inicialmente foram utilizadas por força das circunstâncias, como por exemplo a pandemia, acabaram por se tornar parte constante da sociedade cristã, influenciando na liturgia, no comportamento e nas relações interpessoais dos fiéis. Todos estes fatores levaram a uma adaptação e busca de compreensão entre o mundo contemporâneo e o cristianismo.

Portanto é fundamental que a Igreja no ambiente virtual, procure manter a centralidade da essência do ministério de Jesus Cristo, valorizando a unidade e fortalecendo sua fé, mesmo que de forma virtual. Apesar dos desafios que a ausência da realidade física pode acarretar ou o risco de alterar a percepção das raízes litúrgicas e exercício da fé tradicional, devemos levar em conta acima de tudo os benefícios de ampliação do acesso, fortalecimento das redes de fé, democratização da liturgia, novos modelos de comunidade e espiritualidade, porém nunca esquecendo o motivo para tudo que é aproximar o ser humano de Deus, sendo pelo método convencional ou não, cumprir o Ide de Jesus é o motivo de tudo.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPBELL, Heidi A. **Compreendendo a relação entre religião online e offline em uma sociedade em rede.** Journal of the American Academy of Religion, v. 80, n. 1, p. 64-93, 2008.

CAMPBELL, Heidi A. **Explorando a comunidade religiosa on-line: somos um na rede.** New york: Peter Lang, 2005.

CAMPBELL, Heidi A. **Quando a religião encontra as novas mídias**. Lodon: Routledge, 2010.

CAMPBELL, Heidi A.; GARNER, Stephen. **Teologia em rede: negociando a fé na cultura digital**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2016.

CASTELLS, Manoel. 1942 **A sociedade em rede**; tradução Roneide Venancio Majer; atualização para 6ª edição: Jussara Simões. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1) São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONTRERA, M. S. Imaginação e dimensão simbólica da imagem. **revista latinoamericana de ciencias de la comunicación**, v15, p. 1-10, 2006.

DRESCHER, Elizabeth. **Click 2 Save: The Digital Ministry Bible**. New York: Morehouse Publishing, 2012.

HERVIEU-LEGER, D. **O Peregrino e convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2015.

JENKINS, Henry. **Convergence Culture**. New York: New York University Press, 2006.

LE MOS, André. **Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Suline. Pag. 87.

LÉVY Pierre. **A inteligência coletiva: por um antropologia do ciberespaço**. Tradução Ricardo Bezerra. São Paulo: Loyola. 1998.

LÉVY Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999. Pag 92.

PIERRE, Hegy. **The Church in the Nineties: Its Legacy, Its future**. 2002.

SIEPIERSKI, Ronilso. **Religião: um olhar sociológico**. Petrópolis: Vozes. 2001.

SUESS, Paulo. **II Colóquio Internacional IHU. A igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e Socioculturais da contemporaneidade**. 2021.

THOMPSON, J. B. **A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2002.

WARD, Peter. **Liquid Church**. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2002.

CONCEITO DE ESCATOLOGIA EM JURGEN MOLTMANN E SUAS IMPLICAÇÕES NO SÉCULO PARA COMPREENSÃO DA MISSÃO DA IGREJA NO SÉCULO XXI

Marcelo Teixeira Pinheiro Junior⁹

José Fábio Bentes Valente¹⁰

RESUMO: Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar o pensar escatológico, segundo o olhar do Teólogo alemão Jürgen Moltmann e suas implicações para a compreensão da missiologia da igreja no século XXI. Parte da ideia se de que a escatologia é entendida como esperança ativa e antecipação do Reino de Deus que pode iluminar a prática missionária atual, especialmente diante dos desafios relacionados à fé, justiça social, serviço e cuidado com a criação. A pesquisa adota uma abordagem bibliográfica, com base na ampla produção teológica de Moltmann. Os objetivos específicos incluem: examinar os principais elementos da escatologia em Moltmann, contextualizá-los historicamente, identificar suas implicações para a missão da igreja no campo social, político e ecológico, e analisar como sua teologia pode contribuir para uma missiologia contextualizada. Espera-se que os resultados ofereçam contribuições relevantes para orientar e tornar a atuação da igreja em meio aos desafios contemporâneos, reforçando a centralidade da esperança como força transformadora do presente.

Palavras-chave: Moltmann, Compreensão, Esperança.

ABSTRACT: This undergraduate thesis aims to analyze eschatological thought from the perspective of the German theologian Jürgen Moltmann and its implications for understanding the missiology of the church in the 21st century. It is based on the idea that eschatology, understood as active hope and anticipation of the Kingdom of God, can illuminate contemporary missionary practice, particularly in the face of challenges related to faith, social justice, service, and care for creation. The research adopts a bibliographic approach, drawing on Moltmann's extensive theological work. The specific objectives include examining the central elements of Moltmann's eschatology, placing them within the historical development of Christian eschatological thought, identifying their implications for the church's mission in the social, political, and ecological spheres, and analyzing how his theology can contribute to a contextualized missiology. The expected outcome is to offer meaningful contributions that may guide and strengthen the church's engagement with contemporary challenges, reinforcing the centrality of hope as a transformative force in the present.

Keywords: Moltmann's, Understanding, Hope.

1 INTRODUÇÃO

O século atual, foi moldado por mudanças sociais, avanços na tecnologia e desafios complexos, demandando assim um novo entendimento do propósito da missão da Igreja. Em meio a um ambiente de diversidade religiosa, crescente secularização e crises globais interligadas, a teologia cristã é solicitada a fornecer respostas relevantes e esperançosas. E é exatamente dentro desse panorama, a visão escatológica do notável teólogo alemão Jürgen Moltmann se apresenta como um manancial abundante, rico e instigante para que assim seja reconsiderado o papel da comunidade de fé no mundo de hoje.

A escatologia, que de acordo com a tradição, era somente vista como o estudo das “últimas coisas” tais como: morte, julgamento, céu e inferno –, adquire em Moltmann uma extensão, um dinamismo único, longe de ser simplesmente relegada a um futuro distante e puramente transcendental, a esperança escatológica em sua teologia manifesta de forma repentina no presente, oferecendo significado, direção e urgência à ação da Igreja na história.

⁹ Acadêmico(a) do Curso de Bacharel em Teologia EAD da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: marcelo.20220044@aluno.fbnovas.edu.br.

¹⁰ Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA-ES). Doutorando em Ciências da Religião Pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-PE). Professor do Curso de Ciências Teológicas. E-mail: prof.fabiovalente@fbnovas.edu.br

Com a promessa do Reino de Deus, prenunciada na ressurreição de Cristo e na atuação do Espírito Santo, não sendo apenas um conforto para os sofrimentos atuais, mas uma força propulsora para a transformação da realidade do agora.

Levantados todos esses preceitos, ecoam diversas perguntas, dentre elas podemos destacar: Como a contextualização da escatologia em Moltmann pode ajudar a Missão da Igreja? Quais as consequências, efeitos ou desdobramentos da pós-escatologia moltmanniana em áreas sociais, política e escatológica? De que maneira o pensamento escatológico de Jürgen Moltmann pode fundamentar e orientar a práxis missiológica da igreja no século XXI diante dos desafios sociais, espirituais e ecológicos contemporâneos? Onde é que hoje se encontra a esperança? Há espaço para ela? Como esperar, quando o mundo e as novas questões da sociedade nos ameaçam neste esperar? O que entendemos por esperança e qual o sentido que ela tem em nosso mundo, marcado por ilusões, desigualdades, injustiças, dor, sofrimento e morte?

Diante disso, este trabalho abordar-se-á na primeira seção como é definida e bem como é composta essa contextualização escatológica em Moltmann, fazendo um comparativo com a escatologia tradicional histórica e assim extrair informações que objetivam a ajudar a Igreja atual, trazendo assim entendimento e liberdade a posturas inadequadas e distorções ao longo dos anos.

Já no que concerne à segunda seção, busca-se apresentar quais as implicações da pósescatologia moltmanniana tendo como diretriz as diferentes áreas distintas dentro da contemporaneidade, assim tendo como base as consequências, efeitos e desdobramentos, mais delimitado assim pelo campo da escatologia à luz da escritura bíblica.

A terceira sessão consistirá e abordar de que maneira o pensamento escatológico moltmanniano poderá fundamentar e orientar a Igreja do século XXI através de uma prática missiológica diante de todos os desafios contemporâneo, considerando os desafios peculiares deste tempo presente e as distintas dimensões da ação eclesial, como o testemunho, o serviço, a justiça social e o cuidado com a criação.

Acredita-se que esta investigação possa estar contribuindo para um diálogo mais profundo e proveitoso sobre a relevância da escatologia para a prática da fé cristã no mundo presente, ofertando assim perspectivas teológicas que possam inspirar e orientar a Igreja em sua jornada missionária no século atual.

2 EXAMINAR CONCEITO DE ESCATOLOGIA NA TEOLOGIA DE JURGEN MOLTMANN.

Um dos mais atuantes teólogos protestantes deste século, Moltmann revolucionou ao resgatar a escatologia cristã projetando a dimensão da esperança para o centro do pensar teológico ao propor em Suas diversas obras, uma escatologia integralmente aberta, não só com elementos teológicos, mais também elementos sociais, políticos e ecológicos, com ênfase principalmente para o futuro, mais transformando o presente mundo de hoje, assim com essa dimensão e engajamento, trouxe a realidade histórica em contrariedade os espectros apocalípticos e individualistas predominantes.

Ao longo da histórica, a escatologia teve diferentes ênfases e inúmeras interpretações, sendo quase sempre, abordada de maneira especulativa, com isso, a visão cristã durante os primeiros séculos, era totalmente voltada quase exclusivamente ao juízo final, céu e inferno, ou seja, apocalíptica e o Reino de Deus restaurado. Por ocupar um lugar importante na teologia cristã, a escatologia, tradicionalmente entendida como o estudo das “últimas coisas”, ela trata do destino final da humanidade, da criação, e do cumprimento da promessa divina (BASTOS; LONGUINI, 2021). Séculos vindouros, o que se ver é o foco totalmente deslocado, trazendo em pauta temas existenciais e espirituais, com reflexão crescente a institucionalização da Igreja e o estabelecimento do convívio com uma sociedade.

Por exemplo no período da Idade Média, alterações em diversas doutrinas tais como purgatório, salvação e juízo (SILVA, 2020). Na reforma, ênfase quanto a função da Graça e a Eleição além da ótica mais interior e espiritual da escatologia (LINDBERG.2017). Já nos períodos modernos e contemporâneo foi caracterizado também por mudanças escatológicas exponencias como secularismo e a crescente racionalidade científica. Essas mudanças deram margens a uma reinterpretção em muitas correntes teológicas.

Em contraste com todas essas visões, talvez podemos chamar de limitada, pois para pensadores como Jürgen Moltmann, em sua escatologia a proposta foi de uma renovação, porque não dizer, reformulação radical, uma abordagem inovadora da escatologia baseada na centralidade da esperança cristã, deixando claro que a esperança do cristão deve estar sempre voltada para o futuro, pois para Ele, a escatologia não é o fechamento da reflexão teológica, mas seu ponto de partida (BASTOS; LONGUINI, 2021). A Teologia deve ser feita à luz da esperança futura em Deus e da ressurreição de Cristo, que foi o precursor do novo tempo (d.C), de uma nova história, tempo esse escatológico, envolvendo assim uma transformação impactante de toda a criação no presente, por isso, sua teologia é chamada de Teologia da Esperança.

Dentre Suas obras, a mais conhecida de Moltmann é justamente a “Teologia da Esperança” (MOLTMANN, 1964), esta propõe uma escatologia motivada na história e na promessa, influenciado por sua experiência como prisioneiro de guerra e testemunha do sofrimento humano no século XX, Moltmann compreendeu que a fé cristã deveria ser profundamente conectada à dor e à esperança do mundo.

Sua Teologia tem como ponto de partida um profundo significado existencial e de fé gerado por meio da Sua própria experiência que foi dramática junto a segunda guerra mundial, na sobrevivência à destruição da cidade de Hamburgo, ficando praticamente toda arrasada pelos explosivos e pelo fogo, gerando assim números assustadores de destruição, do que ficou conhecido como a Hiroshima alemã, tamanha a devastação da cidade de Hamburgo, não o bastante, a passagem pelo campo de concentração na Escócia, que conforme Ele mesmo testemunha, foi aí o começo pela busca da teologia por Deus que coincidirá com o fim pavoroso de Sua cidade natal, a Cidade de Hamburgo em 1943, neste cenário foi que ocorreu o despertar da esperança e daí que passou a desenvolver sua teologia (KUZMA, 2013).

Esta experiência o induziu ainda adolescente pela primeira vez clamar “Meu Deus, onde estás? Por que não estou morto também?” e esse grito por Deus e por um sentido à sua vida o persegue a partir de então. Da humilhação a esperança, pois após ter passado como prisioneiro por vários lugares como prisioneiro, chegando em Norton Comp com a alma ferida e ao sair, tinha sua vida resgatada, com um novo e vivo sentido: a esperança encontrada em Cristo invadiu o seu ser. Assim em meio às tragédias da guerra, surge uma das mais impressionantes carreiras teológicas do século XX, norteadas pela esperança cristológica nasce uma corrente teológica que representará um novo fôlego de vida para a própria teologia (BASTOS; LONGUINI, 2021).

É Exatamente com essas experiências, (MOLTMANN, 2005) argumenta que a esperança e futuro se convergem, pois não há como chegar ao futuro sem esperança, portanto em Seu pensamento escatológico, a esperança não pode ser tratada como algo exclusivamente individualizado, mais relacionado a promessa de Deus e a restauração tanto do homem, como da natureza. Para Ele, este futuro escatológico não é o fim, mais sim o início de um radical começo e uma grande transformação, não sendo uma fuga do presente, mais uma sensação de antecipação ativa da realização de Deus que tem implicações no hoje e no agora.

Outro conceito da sua escatologia, é caracterizada por impactante meditação trinitária, pois crê que a escatologia não pode ser desvinculada de um conhecimento de Deus, onde o Pai envia o Filho, o Filho envia o Espírito Santo com o propósito de convencer o mundo do pecado, pois o Espírito Santo exerce um papel importantíssimo na escatologia moltmanniana pois além de trazer restauração e vida como aconteceu antes da criação (Gêneses 1.2, NVI), onde o Espírito pairava sobre a face das águas, como que incubando afim de trazer vida, na escatologia de Moltmann, Ele é o grande agente de transformação escatológica.

Temos também, um outro inovador aspecto na escatologia Moltmanniana que está relacionado a mudança no mundo com destaque na justiça social, pois não se trata somente de uma promessa de salvação, mais uma chamada que começa individualiza e se exterioriza em alcançado pelo menos 3 (três) grandes áreas como por exemplo a área social, política e ecológica. Logo para Moltmann a escatologia tem dimensões compromissais envolvendo assim luta constante pela dignidade humana e pela justiça.

Assim, nessa perspectiva absoluta, envolvendo áreas distintas, a escatologia de Moltmann apresenta uma oportunidade através de uma visão renovadora e esperançosa, trazer uma mudança impactante no mundo presente, tendo o cristão a tarefa muitas das vezes, árdua, através da área social, política e ecológica, contribuir para essa visão escatológica, transformando o mundo por meio da renovação do novo entendimento dado por Deus (Romanos 12.2b, NVI), pois Ele não aceita uma visão escatológica limitada a uma simples promessa de escape do presente mundo, e sim em uma escatologia que deve ser vivida o aqui e agora, com compromisso, propósito, renovação, paz e justiça, pois aqueles que esperam, não esperam apenas porque desejam, mais também porque sabem (MOLTMANN, 2005).

Facilmente, encontramos também em Sua escatologia, aspecto relacionado com a ressurreição de Cristo, que é a antecipação do que ocorrerá com toda a criação no futuro escatológico, enfatizado que este evento não foi algo também isolado, pois esse ele faz parte da promessa da nova criação, que será restaurada, redimida, e assim todas as mazelas que trazem hoje sofrimentos finalmente serão suplantados (MOLTMANN, 2005), pois a ressurreição de Cristo que aconteceu no passado, não nos deu um palpite, mais um conhecimento sobre o futuro, e assim esse saber deve-nos fazer exultar de alegria hoje, no presente, como um gozo antecipatório (CARVALHO, 2006), como afirma o Apóstolo Pedro “Pois, sem tê-lo visto, vós o amais e, sem vê-lo agora, crendo, exultais com alegria inexprimível e cheia de glória, alcançando o objetivo da vossa fé, a salvação da vossa alma”(1 Pedro 1.3-9, NVI). Assim, ao invés de uma escatologia longínqua, futurista e distante, Moltmann propõe uma esperança ativa, viva, direta e enraizada, com esta base, que age como “antevisão”, ou seja, antecipação deste futuro de Deus no presente histórico, pois para a Igreja, a ressurreição de Jesus é vista como o começo de uma nova criação, um verdadeiro “Novo” como o ponto inicial da escatologia.

Outro inovador aspecto encontrado na escatologia Moltmanniana, está relacionada a sua dimensão trinitária e cósmica. A esperança não é apenas antropocêntrica, pois para Ele o Ser humano não deve ser colocado como o centro das atenções, mas envolve toda a criação. Deus, em sua plenitude trinitária, está comprometido com a redenção do mundo: o Pai, como fonte da promessa; o Filho crucificado, como o portador do sofrimento e da nova vida; e o

Espírito Santo, como presença antecipadora do Reino (BASTOS; LONGUINI, 2021).

Moltmann também enfatiza que a escatologia é a única linguagem possível para os que sofrem sem esperança. O Deus que foi crucificado, por amor, é também solidário com os que estão nas margens da vida, sem nenhuma expectativa de vida, Ele é também o Deus que assegura uma nova realidade. Assim, a escatologia cristã se torna o último refúgio para os que já não conseguem mais esperar, pois fala de um futuro que vem somente de Deus, mesmo quando o presente parece perdido, ainda que não haja nenhuma expectativa por isso que este conceito de escatologia na teologia de Jürgen Moltmann representa uma profunda renovação do pensamento cristão ao colocar a escatologia no centro da teologia e ligá-la à promessa da ressurreição, Moltmann oferece uma visão esperançosa, transformadora e comprometida com o mundo (MOLTMANN, 2012).

3 AS IMPLICAÇÕES PÓS-ESCATOLOGIA MOLTMANNIANA EM SEU ASPECTO SOCIAL, POLÍTICO E ECOLÓGICO.

Conforme já foi enfatizado, Moltmann destaca tanto a importância, como também o apego a esperança na expectativa do Reino de Deus, com um futuro de modificação que se inicia no agora, no presente momento em que estamos vivendo, deixando claro em Suas obras que este aspecto necessita causar um grande impacto, não de forma aparente, ou meramente de lábios, mais de forma profunda, pois a Igreja não pode viver como se não tivesse esperança e por esse motivo deve haver máxima urgência em compreender sua missão na terra e por isso assuntos nos âmbitos sociais, políticos e ecológicos, precisam também está em pauta, pois a esperança cristã não é uma simples característica daquele que se espera. Ela é na verdade a motivação daquilo que é esperado e a razão da caminhada do que sabe ser aguardado por alguém que o ama.

No âmbito social por exemplo, é destacado em Suas Obras, assuntos relacionados a comunidade, solidariedade, direitos humanos, inclusão e justiça. No que diz respeito a comunidade e solidariedade, Moltmann ressalta a importância da transformação social como vocação cristã na construção de uma sociedade mais justa. E não menos importante, assuntos referentes a defesa dos direitos humanos e sobre dignidade de todas as pessoas, promovendo assim inclusão e justificação para grupos marginalizados, pois a fé escatológica exige um comportamento diferenciado, assim como um compromisso ativo com mudanças de estrutura sociais injustas, pois uma igreja que é inspirada pela esperança, ela é agente de transformação antecipando assim os sinais do Reino de Deus (GONÇALVES, 2017).

Para Jürgen Moltmann, a Igreja não deve ser entendida como uma simples reunião de “salvos que esperam o céu”, e sim como uma comunidade missionária, chamada a viver no presente como sinal claro e por que não dizer visível e antecipador do Reino de Deus. Essa compreensão escatológica da Igreja redefine sua identidade: ela não existe para si mesma, mas como povo da esperança, comprometido com a transformação do mundo por meio do amor e da justiça de Deus. Assim, a Igreja é convidada a viver uma fé ativa, encarnando os valores do Reino enquanto espera sua plena manifestação (MOLTMANN, 2002).

Outro aspecto é destacado em Sua escatologia diz respeito a solidariedade, pois para Jürgen Moltmann, Deus não é indiferente ao sofrimento humano. Em O Deus Crucificado, o

autor afirma que, na cruz, Deus se identifica com os abandonados, rejeitados e oprimidos ao longo da história, pois Ele é o “crucificado com os crucificados”. Portanto essa concepção rompe com uma visão distante de Deus e propõe uma teologia marcada pela solidariedade divina com os que sofrem, tornando a cruz um símbolo de libertação e esperança, objetivando impulsionar e travar uma luta em todas as suas multifacetadas tais como miséria, opressão, racismo e etc (MOLTMANN, 2012).

Em Sua obra “Há esperança para a criação ameaçada?”, Ele também destaca e estimula a Igreja a ser uma força de mudança social protegendo e defendendo com afinco a justiça social e a dignidade de cada ser humano, pois a esperança nesse futuro que se espera, deve ser um combustível a ser queimado para o mover e também o avançar da Igreja, fazendo com que ela se engaje de forma ativa, estando sempre em ação e prontidão afetiva, demonstrando amor divino e misericórdia por toda a humanidade na luta contra a fome, a miséria, desigualdade e opressão, como tendo a certeza do que se está esperando, pois a verdadeira esperança se manifesta por meio de ações e comportamento e não apenas por meio de palavras ou pensamentos (Tiago 2.17, NVI).

Reiteradas vezes nesta obra, Moltmann menciona que toda a criação deve participar da esperança escatológica, o homem por exemplo ao ler os textos bíblicos, poderá entender que Ele é o último dos seres criados, e, portanto, o mais dependente de todos.

Portanto por essa ocasião, Ele deve lutar pela preservação da vida sobre a terra, pois Ele mais depende da existência dos animais, das plantas, do ar, da água, dos horários do dia, dos horários da noite, do sol da lua e das estrelas que todos os demais seres criados antes mesmo dele (BOFF, 2014). Moltmann afirma que sem esses elementos, o homem não pode sequer vim a sobreviver, dando a entender que o ser humano existe sim, porque os outros seres criados também existem, assim, todos os demais seres podem existir sem o ser humano, mais o ser humano não pode. Ele é uma parte da natureza, pois antes mesmo que o homem tenha o fôlego divino como relata o texto bíblico ele era constituído do pó da terra (Gêneses 2.7, NVI), antes de ser comissionado a cuidar e a dominar, Ele foi tirado da terra e para ela deveria voltar.

Assim em todos os casos os seres humanos e a natureza estão tão intrinsecamente relacionados, que acabam compartilhando não somente as mesmas aflições, mais também a esperança comum de redenção. Moltmann se apoia intensamente no que diz (Romanos 8, NVI), onde Paulo diz que “a criação geme” esperando a sua redenção. Ele interpreta isso como uma indicação de que a criação não será descartada, mas renovada, e tudo isso tem a ver com o clima da terra que tem se alterado drasticamente como consequência da ação humana. Os polos, já começaram a derreter, e conseqüentemente com isso o nível dos mares tem subido, ilhas e terras que outrora eram naturalmente vistas, agora estão desaparecendo, outros fatores também e detrimento a ação humana, que são os aumentos dos períodos de seca, crescimento também os desertos etc.

As crises ecológicas têm destruído as condições básicas da vida da terra. Para nos precavermos dessas forças destrutivas precisamos emitir um retumbante sim às questões em favor da terra, um sim que seja maior do que as forças da destruição, precisamos mesmo é de uma forma de amor pela terra que seja invencível, pois o conhecimento revelado de Deus não destrói nem substituiu a teologia natural, mais sim a pôr em ordem (BOFF, 2014). Em nossos dias a terra tem sido obrigada à fecundidade eterna, como isso não é possível, tem-se utilizado meios químicos e genéticos, algo totalmente em desacordo com o que Bíblia descreve, sobre a importância do descanso da terra (Levítico 25, NVI), onde é dito que, após seis anos de plantio e colheita, o sétimo ano deve ser de descanso para a terra.

Portanto durante este período, a terra não deveria ser cultivada e os frutos da terra são livres para todos, incluindo os pobres e os animais, tendo como motivação a restauração da terra, permitindo assim que ela descansasse e se recuperasse promovendo a saúde do solo e a produtividade futurística, beneficiando a todos como os mais necessitados garantindo assim a igualdade de acesso aos recursos, nos ensinando a importância de equilíbrio entre trabalho e descanso bem como a necessidade de cuidar do meio ambiente. Mais atualmente o que se vê é totalmente contrário, essa falta de preocupação e cuidado tem feito com que desertos cresçam e chegará o tempo de se reconhecer o direito da terra à regeneração. É extrema insensatez destruir suas forças vitais de longo prazo por causa do interesse de obter lucro em curto prazo.

No âmbito político, Moltmann convida a igreja a ter uma postura crítica em relação ao poder e as injustiças da sociedade presente. A igreja como agente de Deus na sociedade necessita agregar-se a políticas de estímulo que propõe paz, justiça e reconciliações, combatendo sistemas que sustentam e apoiam a exclusão, a violência, corrupção, partidarismos e todas as demais mazelas que tem destruído o âmbito político não somente do nosso país, mais de todo o mundo, assim, ela precisa estar perfeita e absoluta para dialogar com as questões sociais, políticas e ecológicas atuais (GONÇALVES, 2017).

A Sua teologia inspira uma visão política não conformista, ou seja, é defendido que a participação ativa da igreja em movimentos por justiça social, paz mundial, direitos humanos assim como a preservação ambiental.

Em Sua Obra “A Esperança no Reino de Deus como contribuição Teológica no Espaço Público”, é debatido ideias centralizadas de Moltmann, de maneira especial a noção de esperança como elemento fundamental da teologia. Nesta obra é destacado com autoridade o que é a teologia pública, o conceito com exploração sobre a importância de uma teologia que discorra com as questões sociais, políticas e ecológicas atuais, analisando neste caso o contexto brasileiro, bem como seus desafios e assim extraindo tudo o que é enfrentado por todos os cidadãos, instigando assim os teólogos brasileiros a promoverem uma análise crítica sobre a atuação da Igreja brasileira na esfera pública (GONÇALVES, 2017).

Quando a igreja compreende que é continuadora do projeto do reino de Deus, ela se desdobra também na esfera pública com comprometimento e solidariedade porque não há uma promoção de si mesma, antes é a promoção do reino de Deus. Sua missão por esta aberta ao mundo, é levar avante a história de Deus com o mundo (BASTOS; LONGUINI, 2021). Ao expressar isso, Moltmann enfatiza que a igreja não é apenas uma instituição religiosa isolada no mundo, mas tem uma missão histórica, que é continuar o projeto do reino de Deus, ou seja, tornar real o mundo dos valores do amor, justiça, paz, esperança e reconciliação.

Isso significa que, ao compreender Seu papel e missão divina, a igreja tem atuação diretamente na sociedade, não se fecha em si mesma, mas engaja com os problemas políticos públicos tais como pobreza, injustiça, sofrimento agindo com solidariedade e comprometimento. Logo a igreja não existe para se autopromover ou para engrandecer a sua imagem, na opinião Moltmanniana, o

seu foco principal é e deve ser em promover o Reino de Deus, ou seja, servi ao próximo e transformar a realidade de acordo com os princípios do evangelho de Jesus Cristo. A igreja deve ser ativa no mundo, engajada socialmente, politicamente, ecologicamente, não para seu próprio benefício, mas para levar adiante o plano de Deus, fazendo visível o Reino de Deus nas ações concretas de justiça, amor e esperança no mundo, pois por meio da missão da igreja o mundo já é afetado na antecipação da nova criação em direção da promessa de transformação escatológica, assim, a igreja participa de Deus no mundo (BASTOS; LONGUINI, 2021).

É reiterando também a necessidade de se ter formas práticas de como a teologia publica deve ser implementada em comunidades, tendo como destaque ações e projetos que promovam a esperança e a justiça, fazendo-se necessário não só uma teologia que venha responder, mais envolver-se ativamente com as questões de espaços públicos, sempre refletindo a esperança do Reino de Deus como motivo de transformação social, enfatizando que não somos conformados com os males e injustiças que estão ao nosso redor, pelo contrário, como vitrine, mostrar que aqueles que têm esperança se orientam a partir da uma ética do Reino de Deus e portanto entendem seu papel e missão neste mundo.

Na obra Jurguen Moltmann e a Teologia Publica no Brasil (GONÇALVES, 2017), a proposta marcante é refletir sobre as possibilidades e os desafios que o contexto contemporâneo especialmente no Brasil. A partir do pensamento de Jürgen Moltmann, conhecido por sua teologia da esperança e seu engajamento com as questões sociais, políticas e ecológicas, Gonçalves propõe uma teologia pública que vá além dos muros eclesiais e dialogue com a sociedade de forma crítica e transformadora marcado por mudanças estruturais que, comumente, são identificadas com a secularização, a globalização, mudanças de paradigmas, crises das razões.

Além desses desafios e fatores, o campo religioso é marcado pelo pluralismo, tendo a diversidade como principal fator de expressões religiosas. Para Moltmann, o alvo da teologia é a vida, e neste sentido, Ele se expressa “Para mim, a teologia ocorre onde pessoas chegam ao conhecimento de Deus e percebem a presença de Deus com todos os seus sentidos na práxis da vida, de sua felicidade e de seus sofrimentos, ou seja, uma teologia que não só comunica “Deus”, mais também se envolve com todos os sentidos da vida, não apenas na felicidade, mais também no sofrimento (MOLTMANN, 2004).

Está bem claro que, para Moltmann, a igreja não é o alvo final da teologia, antes ela é mediadora, é neste sentido que é possível que “a igreja não é o ponto de referência da teologia publica, ela é um dos instrumentos de Deus para a dimensão pública do reino de Deus. Por isso que reiteradas vezes ele enfatiza dizendo que a igreja quando compreende os valores do reino de Deus, rompe com os muros e abraça a dimensão sociopolítica, considerando os desafios que a cidade impõe, como o pluralismo, o secularismo e a globalização (MOLTMANN, 2004).

Outro tema, só que neste caso é veemente criticado por Moltmann em relação à política, está ligado as questões do capitalismo por sua demasiada exploração e desigualdade, onde ricos e paupérrimos vivem equidistantes quanto ao acesso de bens e recursos no mesmo país, escancarando assim um sistema economicamente e estruturalmente promovedor de desigualdade e de individualismo e destruição da criação. Inclusive neste contexto Ele diz em Sua principal obra: “*Há mais de 40 anos ouve-se o lamento de governos que, apesar de todos os esforços, a divisão entre ricos e pobres continua aumentando. A ideia democrática de igualdade é incompatível com um sistema econômico que produz uma desigualdade cada vez maior. Liberdade para os mais vulneráveis pode ser fatal. Apenas leis justas protegem a vida*” (MOLTMANN, 2012).

Suas principais críticas estão ligadas a injustiça social, onde Ele acredita que a teologia cristã deve denunciar e se solidarizar com os problemas e os que são excluídos, principalmente quanto ao âmbito de acúmulo à custa da miséria da maioria, pois isso não é progresso e sim pecado social. O neoliberalismo também é tratado (BASTOS, LONGUINI, 2021) e visto como uma das formas extremas de capitalismo, pois para Ele essa ideologia é antiteológica, pois tem como ênfase substituir Deus pelo “deus mercado” por meio das leis criadas pelos próprios homens, trazendo promessas diversas de salvação ilusórias por meio do consumo.

4 A PRÁXIS MISSIOLÓGICA DO PENSAMENTO ESCATOLÓGICO DE MOLTMANN NA IGREJA DO SÉCULO XXI.

Avaliar as instruções e os princípios teológicos e as aplicações práticas da escatologia de Moltmann, tendo como visão uma Missiologia totalmente ajustada à Igreja do presente século é algo extremamente importante que suscitará aprendizados preciosos, porém ao mesmo tempo tem-se grande complexidade. Sua escatologia reúne elementos com expectativa do Reino de Deus, traz expectativas extraordinárias que podem tornar tanto a interpretação como a execução da missão da Igreja mais eficiente no cenário atual em que está se vivendo no momento.

Dentre as diretrizes teológica do Seu pensamento, é colocado em evidência por exemplo a Centralidade da Esperança como motivação para a ação missionária, pois Moltmann não trata o assunto como uma seção adicional da fé, ou um mero estado desejante ou talvez extraordinariamente imaginativa de uma realidade paralela, mais sim uma relação cognitiva com nosso futuro, implicando assim a real missão que transcende as necessidades imediata e aponta para a transformação última da criação, ou seja, Moltmann não somente vê o Reino de Deus como uma realidade futura, mais totalmente presente que precisa acima de tudo ser antecipada pela igreja no presente momento.

Exatamente por esse motivo, (MOLTMANN, 2005) argumenta que o Reino esperado, não se trata de um destino futurístico, pois a esperança não é uma espécie de apêndice da fé, mas implica em uma visão da missão que transcende as necessidades imediatas e aponta para a transformação última da criação. O Reino de Deus não é um destino futuro, mais uma realidade que irrompe o presente, desafiando as estruturas de injustiça e opressões diversas. Logo a missiologia da Igreja à luz dessa escatologia Moltmanniana, tem uma participação ativa na vinda desse reino, procurando sinais da sua presença no mundo através da proclamação, do serviço e luta constante por justiça, tendo assim como pano de fundo uma missão integral, que inclui evangelização, justiça social e o cuidado com a criação.

A aplicabilidade para com a Igreja do século XXI destaca-se em Suas obras a missão contextualizada, onde a Igreja deve explicar sua missão para acolher as necessidades específica de cada comunidade (MOLTMANN, 1972). Em outras palavras Moltmann, quer dizer que a Igreja deve ser uma comunidade dinâmica, aberta para o futuro, entretanto sensível as realidades sociais, culturais em que ela está inserida.

A missão da igreja não deve ser uma adaptação superficial as mudanças sociais, mais sim uma renovação interiorizada pelo Espírito Santo que é o único que pode capacitar o homem a responder de forma contundente as necessidades específicas de cada comunidade. Para Moltmann, um caminho possível para uma nova práxis de como fazer a teologia que possa gerar como consequência uma teologia da esperança pode estar na definição “Da Esperança”, pois a esperança não é um elemento que se adiciona à teologia como se fosse uma simples adjetivação, mais é uma definição teológica que tem como consequência e implicações práticas que se faz provocativa, pois diz respeito ao conteúdo daquilo que se pode esperar, em um nível humano/histórico/social e, assim, no todo deste contexto, em perspectiva de fé, bem como nosso comprometimento com esta realidade, que se faz nova e que nos convida a uma determinada ação, a uma práxis correspondente.

Isso nos leva a crer que, a esperança não é apenas um sentimento subjetivo ou um complemento a uma espécie de fé, ou um simples sentimento de amor, mais sim a própria estrutura da fé cristã em direção a um futuro não desconhecido, mais sim totalmente conhecido tomado pela fé e amor bíblicos em direção a um futuro que foi prometido pelo próprio Deus pela qual se baseia na ressurreição de Cristo que inaugurou uma nova realidade, totalmente orientado para a promessa de um futuro redentor.

A teologia de Moltmann fala ainda de uma esperança vivida e sentida contextualmente, frente aos dramas e gritos de dor e resistência nos conflitos e nas injustiças, no olhar atento às urgências e aos limites da história, em meio as pessoas concretas que esperam ou junto àquelas que já não podem mais esperar. Ele fala de uma esperança que é ativa que se alimenta da força do ressuscitado e que se entrega no caminho do crucificado. Uma esperança em que a vida se mostrou mais forte que a morte, e que a justiça reacendeu utopias, abrindo espaço para um novo tempo, para uma nova realidade, para a qual todos nós somos chamados a cooperar e a se entregar totalmente.

É exatamente neste pensar, que Moltmann na obra “Esperança no futuro é paixão pelo presente” (BASTOS, LONGUINI, 2021), nos convida a uma reflexão profunda e muito séria sobre a esperança, e para essa reflexão é colocada em pauta as seguintes perguntas: *Onde é que hoje se encontra a esperança? Há espaço para ela? Como esperar, quando o mundo e as novas questões da sociedade nos ameaçam neste esperar? O que entendemos por esperança e qual o sentido que ela tem em nosso mundo, marcado por ilusões, desigualdades, injustiças, dor, sofrimento e morte.* O que Moltmann pode estar querendo dizer é que não podemos apenas ficar na ideia de “ter esperança”, mas no que estamos realmente esperando, fala de conteúdo, dessa esperança cristã. E assim, novamente Ele reafirma o que praticamente em todas as Suas obras se fala, que a esperança não é algo passivo ou simplesmente sentimental, e sim algo que provoca, questionadora nos desafiando e nos tirando do comodismo. Assim, é deixado claro que a palavra “esperança” deixe de ser apenas uma palavra que soa bonita, e venha se tornar uma força transformadora, reconhecendo assim o realismo do sofrer no mundo, pois a esperança cristã nega a dor, mais se propõe enfrentá-la, com coragem, vigor firmado na promessa de Deus (BASTOS, LONGUINI, 2021).

Assim a esperança cristã precisa se não somente pensada, mais vivida a partir dos diversos desafios, desafios estes concretos do mundo atual em que vivemos. Essa esperança precisa ser ativa, crítica, questionadora e totalmente comprometido com a transformação da realidade a exemplo do que diz o texto bíblico (Romanos 12.2, NVI), ou seja, esperar não é aceitar o

mundo como está, mas agir para transformá-lo à luz da promessa de Deus tendo em mente de que esperar não é fugir do presente, mas lutar e continuar lutando com paixão por ele, acreditando que Deus caminha conosco junto a um futuro de justiça e vida.

Longe de alienar-se ou confortar ilusoriamente, a esperança deve provocar, questionamentos a ponto de impulsionar o ser humano a se engajar nas dores do tempo presente com paixão, coragem e fé. Esperar, nesse sentido, não é resignar-se, mas lutar, não como quem foge da realidade perversa, mas como quem crê que o Reino de Deus começa a ser construído aqui e agora, no compromisso com os pobres, na defesa da dignidade humana e na crítica profética das estruturas opressoras (GONÇALVES, 2017). Assim, a esperança se revela não como ilusão, mas como a mais real das forças: aquela que transforma o presente à luz do que ainda está por vir.

Portanto para Moltmann, a esperança cristã não é um sentimento vago, mas um princípio ativo que transforma a realidade. Trata-se de uma esperança que nasce da ressurreição de Cristo e aponta para um futuro escatológico de justiça, reconciliação e vida plena. No entanto, esse futuro não é uma promessa distante que nos acomoda; ao contrário, ele exige responsabilidade no presente. A fé cristã, quando verdadeiramente esperançosa, se compromete com o agora, com os que sofrem, com os que têm sua dignidade negada (GONÇALVES, 2017). Diante de um mundo marcado por exclusão, violência e indiferença, a esperança se manifesta como práxis libertadora, como ação crítica, solidária e transformadora. Nesse sentido, esperar é resistir, é se recusar a aceitar a injustiça como normalidade e agir com base na confiança de que Deus caminha com a história humana rumo à sua plenitude. Assim, a esperança cristã se distancia de qualquer espiritualidade alienante, pois convoca os fiéis a se tornarem agentes ativos da mudança, sinalizando, já no presente, os valores do Reino de Deus.

Pensando na esperança relatada por Moltmann é que podemos nos perguntar de que maneira por exemplo a esperança cristã pode ser fazer presente ao ponto de dialogar com as outras esperanças do nosso presente tempo, ou até mesmo com as ausências de esperança, na ajuda a aquelas pessoas que já não podem mais esperar? Esse, e até mesmo outros questionamentos se fortificam cada vez mais no contexto em que vivemos, tornando ainda mais o assunto desafiador, tendo como espelho questões relacionadas a economia, política, religião, guerras e surgimento de inúmeras pestes, como por exemplo o COVID-19, que somente no Brasil desencadeou em fevereiro 2020 um total de mais 39 mil casos confirmados, atingido um número alarmante de mais de 716 mil mortes (BASTOS, LONGUINI, 2021).

E isso é apenas a ponta do iceberg, pois temos outras diversas situações, porque não falar da crise do humanismo no enfraquecimento dos direitos humanos e sociais, na fragilidade das estruturas política e democráticas, no crescente individualismo, na manipulação da religião para fins de uma má política e até mesmo o uso de uma má política que se apodera da religião. É exatamente por esse motivo que se faz urgente o debruçar a teologia sobre a esperança e assim com ela, perguntar por aquilo que podemos esperar, sobre o conteúdo desta esperança para qual horizonte ela deve nos encaminhar. Assim o convite de Moltmann é um novo logos de esperança, pelo qual a pergunta por aquilo que podemos esperar, nos remeterá a uma experiência de fé, ao trazer a questão sobre “o que nos é dado a esperar”, já que se entende de esperança.

Sobretudo, sabemos que a esperança não é algo apenas ou totalmente humano, mais um ato segundo que decorre da ação primeira de Deus, que sempre se movimenta em nosso favor e sempre nos faz um convite a esperar, a termos paciência, pois conforme diz as escrituras que a “sabendo que a tribulação produz a paciência, e a paciência a experiência, e a experiência a esperança, e a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Romanos 5.3b, NVI), pois isso no abrirá um novo horizonte alimentado por esta espera, condição destaque por sua vez remeterá a um compromisso coletivo, ao nos fazer indagar-nos “*com quem podemos esperar*”, ou “*com quem devo esperar aquilo que me é dado a esperar?*”, pois se de fato entendermos que a esperança, em específico, a esperança cristã, é um dom que brota no coração humano, pois é virtude, e que se converte em força de vida e de ação para todos “aquilo que esperamos se espera para todos, e com todos” (BASTOS, LONGUINI, 2021).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, pude entender como a teologia escatológica de Jürgen Moltmann pode nos permitir olhar de forma mais profunda e engajada para a missão da Igreja no século XXI. Ao tirar a escatologia (estudo dos últimos eventos, fim dos tempos) e a sua projeção final, colocando-a assim outra dimensão temporal, ou seja, como o presente ou até mesmo em outra abordagem interpretativa como política, ética e cultural, Moltmann ressignifica o papel da esperança cristã com uma espécie de motor, tanto em âmbito social e espiritual da ação eclesial no mundo. Sua ideia central em comunicar uma “teologia da esperança” baseada na ressurreição de Cristo e na antecipação do Reino de Deus, faz um convite a Igreja a não somente viver, mais sim

permanecer nesta missão não como uma mera espera passiva, mais sim como prática de vida, por meio da justiça, solidariedade e o cuidado com toda a criação. Nesse sentido, a esperança não é um consolo para os tempos difíceis, mais uma força crítica e profética que desafia as estruturas e impulsiona a transformação da realidade presente.

Assim, as implicações escatológicas abordadas, tais como sociais, políticas, escatológicas e espirituais deixa claro para a atualidade a urgência do pensamento profundo da teologia de Moltmann. Sua contribuição conclama a Igreja a participar ativamente com clareza e propósito a sair do isolamento institucional e desempenhar como um sinal visível da nova criação que já desponta, mesmo em meio aos desafios contemporâneos. Assim é possível asseverar que a escatologia moltmanniana ao ser incorporada pela práxis missiológica da Igreja, pode oferecer fundamentação teológica robusta e relevantes para uma missão coerente com os clamores do nosso tempo. Trata-se de uma escatologia que longe de alienar-se, encoraja a responsabilidade e o comprometimento com a história iluminando o presente com a luz do futuro prometido por Deus.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Levy da Costa; LONGUINETO, Luiz. **Esperança no futuro é paixão pelo presente: Homenagem a Jürgen Moltmann por ocasião de seus 95 anos de vida**. 1. ed. São Paulo: Recriar, 2021.

BÍBLIA. NVI português-inglês / **Holy Bible. Portuguese-English** – São Paulo: Editora Vida, 2003.

BOFF, Leonardo; **MOLTMANN, Jürgen. Há esperança para a criação ameaçada?** Petrópolis: Vozes, 2014.

CARVALHO, Guilherme de. **Temos Esperança Porque Sabemos**. Editora Ultimato, 2006.

GONÇALVES, Alonso S. **Jürgen Moltmann e a Teologia Pública no Brasil: Esperança no Reino de Deus Como Contribuição Teológica no Espaço Público**. São Paulo: Kairós, 2017.

KUZMA, Cesar. **“O Teólogo Jurgem Moltmann e o seu caminhar teológico realizado na esperança: Acenos teo-biográficos”**. Atualidade Teológica, no XVII, n.º 43, janeiro a abril / 2013.

LINDBERG, Carter. **História da Reforma. Tradução de [Nome do Tradutor]**. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MOLTMANN, Jürgen. **A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida**. São Paulo: Loyola, 2002.

MOLTMANN, Jürgen. **Experiência de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2004.

MOLTMANN, Jürgen. **No fim, o início: breve tratado sobre a esperança. Tradução de Irineu J. Rabuske**. São Paulo: SP. Editora Loyola, 2007.

MOLTSMANN, Jürgen. **O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã.** Tradução de Walter O. Schlupp. 2. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2012.

MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã.** Tradução de Milton Schwantes e Alceu Schwantes. São Paulo: Editora Vozes, 1964.

MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da esperança: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã.** São Paulo: Teológica; Loyola, 2005.

MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã.** Tradução de Helmuth Alfredo Simon. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Teológica; Loyola, 2005.

SILVA, João. **Manual de História da Igreja - vol. II: A Idade Média - Da presença dos bárbaros (séc. IV/V), no Ocidente, ao papado avinhonense (1309-1377).** São Paulo: Paulinas, 2020.

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E IDENTIDADE DOUTRINÁRIA: PERCEPÇÕES E ATITUDES DOS JOVENS CRISTÃOS EM CONTEXTOS PLURALISTA

Wanderléia Miranda de Oliveira¹¹

José Fábio Bentes Valente¹²

RESUMO: Este projeto de pesquisa investiga as percepções e atitudes dos jovens cristãos brasileiros, entre 18 e 29 anos, em relação ao diálogo inter-religioso em contextos pluralistas, analisando como essas interações influenciam sua identidade doutrinária e prática religiosa. Com o avanço da globalização e o aumento da diversidade religiosa no Brasil, os jovens cristãos enfrentam o desafio de conciliar a fidelidade à sua fé com a abertura ao diálogo com outras tradições. O estudo explora como fatores como redes sociais, formação teológica e exposição a ambientes multiculturais moldam suas posturas, identificando tanto oportunidades de enriquecimento espiritual quanto possíveis tensões doutrinárias. A metodologia adotada é bibliográfica, revisando literatura acadêmica, documentos eclesiais e pesquisas recentes sobre juventude e religião. Além disso, a pesquisa avalia como o engajamento em diálogos inter-religiosos impacta a vivência da fé, questionando se leva a uma reinterpretação de crenças ou a uma reafirmação conservadora. O trabalho também propõe diretrizes pastorais para comunidades eclesiais, visando equilibrar formação doutrinária sólida e promoção do respeito inter-religioso. Os resultados esperados incluem insights sobre como os jovens ressignificam sua identidade cristã em sociedades pluralistas e como as igrejas podem auxiliá-los nesse processo, evitando isolamento ou relativismo extremado. Por fim, o estudo contribui para debates teológicos e pastorais sobre a juventude cristã em um mundo cada vez mais interconectado e diversificado.

Palavras-chave: Diálogo inter-religioso, identidade doutrinária, jovens cristãos, pluralismo religioso.

ABSTRACT: This research project examines the perceptions and attitudes of young Brazilian Christians, aged 18 to 29, regarding inter-religious dialogue in pluralistic contexts, focusing on how these interactions shape their doctrinal identity and religious practice. Amid globalization and growing religious diversity in Brazil, young Christians face the challenge of balancing faithfulness to their beliefs with openness to other traditions. The study explores how factors like social media, theological education, and exposure to multicultural environments influence their perspectives, identifying both opportunities for spiritual growth and potential doctrinal tensions. The methodology is bibliographic, reviewing academic literature, ecclesiastical documents, and recent surveys on youth and religion. Furthermore, the research assesses how engagement in inter-religious dialogue impacts faith practices, questioning whether it leads to a reinterpretation of beliefs or a conservative reaffirmation. It also proposes pastoral guidelines for church communities to combine solid doctrinal formation with inter-religious respect. Expected outcomes include insights into how young people reinterpret Christian identity in pluralistic societies and how churches can support them, avoiding either isolation or extreme relativism. Ultimately, the study contributes to theological and pastoral debates on Christian youth in an increasingly interconnected and diverse world.

Keywords: Inter-religious dialogue, doctrinal identity, young Christians, religious pluralism.

1 INTRODUÇÃO

O diálogo inter-religioso emerge como um tema central no contexto das sociedades pluralistas contemporâneas, onde a diversidade religiosa desafia tradicionais noções de identidade e pertença. Para os jovens cristãos, esse cenário complexo implica a necessidade de negociar sua identidade doutrinária em meio a um universo de crenças divergentes. Estudos recentes destacam que, embora o pluralismo religioso possa promover a tolerância, também pode gerar tensões entre a preservação da fé e a abertura

¹¹ Acadêmico(a) do Curso de Bacharel em Teologia EAD da Faculdade Boas Novas - FBN.

¹² Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA-ES). Doutorando em Ciências da Religião Pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-PE). Professor do Curso de Ciências Teológicas. E-mail: prof.fabiovalente@fbnovas.edu.br

ao diálogo. Nesse sentido, investigar como os jovens cristãos percebem e respondem a esses desafios torna-se essencial para compreender as dinâmicas religiosas no século XXI.

Além disso, a globalização e as redes sociais amplificam o contato entre diferentes tradições religiosas, acelerando processos de hibridização e reinterpretação da fé. Para muitos jovens cristãos, essa exposição contínua a discursos pluralistas pode enfraquecer fronteiras doutrinárias ou, paradoxalmente, fortalecer o engajamento em comunidades religiosas mais conservadoras. A literatura sugere que a idade, a formação teológica e o contexto cultural são variáveis determinantes na configuração dessas respostas. Portanto, explorar essas nuances contribui para um mapeamento mais preciso das tendências religiosas entre as novas gerações.

A escolha do tema justifica-se pela relevância do cenário religioso contemporâneo no qual é marcado por uma crescente pluralidade, desafiando as fronteiras tradicionais entre as diferentes confissões de fé. Neste contexto, os jovens cristãos encontram-se na interseção entre a necessidade de manter sua identidade doutrinária e o imperativo do diálogo inter-religioso. Esta pesquisa se justifica pela urgência em compreender como essa geração navega por essas águas complexas, considerando que suas percepções e atitudes moldarão o futuro das relações ecumênicas e inter-religiosas. Além disso, o estudo contribuirá para o desenvolvimento de estratégias pastorais e educacionais mais eficazes, que possam auxiliar os jovens a manter sua fé enquanto se engajam construtivamente com outras tradições religiosas.

A intersecção entre o diálogo inter-religioso e a formação da identidade doutrinária dos jovens cristãos também é explorada sob a perspectiva da psicologia da religião. Paiva (2018) argumenta que o processo de construção da identidade religiosa na juventude é significativamente influenciado pelas experiências de alteridade proporcionadas pelo diálogo inter-religioso. O autor destaca que essas interações podem levar tanto a um fortalecimento quanto a uma reavaliação crítica das crenças individuais. Essa visão é complementada por Rodrigues (2020), que enfatiza a importância de se considerar o desenvolvimento cognitivo e emocional dos jovens ao analisar suas atitudes frente ao pluralismo religioso.

O problema da pesquisa se concentra como os jovens cristãos brasileiros, entre 18 e 29 anos, conciliam sua identidade doutrinária com as demandas do diálogo inter-religioso em contextos pluralistas, e quais são as implicações dessas interações para sua formação teológica e prática religiosa?.

Contudo, o objetivo geral deste artigo é analisar as percepções e atitudes dos jovens cristãos brasileiros em relação ao diálogo inter-religioso, investigando como essas interações influenciam sua compreensão e adesão à identidade doutrinária cristã em contextos pluralistas.

Os objetivos desta pesquisa incluem: (i) identificar as principais tensões doutrinárias experimentadas pelos jovens cristãos ao se engajarem no diálogo inter-religioso; (ii) avaliar o impacto das experiências de diálogo inter-religioso na formação teológica e na prática religiosa dos jovens cristãos; (iii) propor diretrizes teológico-pastorais para fomentar um diálogo interreligioso construtivo que não comprometa a identidade doutrinária cristã.

Os procedimentos metodológicos adotados consistem na pesquisa bibliográfica, caracterizada pela análise sistemática de literatura acadêmica relevante sobre o tema. Serão consultados livros, artigos científicos, teses e dissertações que abordem o diálogo interreligioso, a formação da identidade doutrinária cristã e as percepções e atitudes dos jovens em contextos pluralistas.

Os resultados esperados é identificar como os jovens cristãos equilibram sua identidade doutrinária com a exposição a um ambiente religioso diversificado, bem como, indicar se a convivência em contextos pluralistas leva a uma reinterpretação da fé cristã, como maior ênfase em valores universais (justiça, paz, amor ao próximo) em detrimento de dogmas rígidos, ou se, ao contrário, motiva uma adesão mais conservadora como forma de preservação identitária.

Em síntese, o estudo visa não apenas descrever as percepções e atitudes dos jovens cristãos, mas também fornecer insights práticos para a promoção de um diálogo inter-religioso construtivo, sem perder de vista os desafios da manutenção da identidade doutrinária em um mundo plural.

2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOUTRINÁRIA EM CONTEXTOS PLURALISTAS

A formação da identidade religiosa dos jovens cristãos em contextos pluralistas é um fenômeno complexo, influenciado por múltiplos fatores sociais, culturais e teológicos. Segundo Faustino Teixeira (2017), a globalização e a urbanização intensificaram o contato entre diferentes tradições religiosas, desafiando as igrejas a repensarem suas estratégias de transmissão doutrinária. Nesse cenário, os jovens são constantemente expostos a visões de mundo divergentes, o que exige das instituições religiosas uma abordagem que equilibre firmeza teológica e abertura ao diálogo. Para o autor, essa dinâmica não deve ser vista como uma ameaça, mas como uma oportunidade para revisar os fundamentos da fé de maneira crítica e contextualizada.

Complementando essa perspectiva, Sandra Ribeiro (2019) destaca que a tensão entre preservação doutrinária e adaptação ao pluralismo pode ser um fator de amadurecimento da fé. A autora argumenta que o confronto com outras crenças pode levar a uma reafirmação mais consciente da identidade cristã, desde que haja espaço para reflexão teológica. Ribeiro ressalta que uma postura defensiva excessiva pode resultar em fundamentalismo, enquanto uma assimilação acrítica das diferenças pode levar ao sincretismo. Portanto, é necessário que as comunidades religiosas incentivem uma formação que combine convicção e respeito pela diversidade, preparando os jovens para viver sua fé em um mundo plural.

Luiz Carlos Cunha (2018) aprofunda essa discussão ao analisar como o encontro com o “outro” religioso pode fortalecer a identidade cristã. Segundo ele, o diálogo inter-religioso não enfraquece a fé, mas a submete a um processo de purificação crítica, no qual elementos essenciais são reavaliados à luz das novas experiências. Cunha alerta, porém, que a negação do pluralismo pode levar ao isolamento sectário, enquanto a absorção indiscriminada de outras crenças pode diluir a especificidade do cristianismo. Por isso, defende que as igrejas invistam em processos educativos que ensinem os jovens a discernir entre o que é central e o que é periférico em sua tradição.

A educação religiosa, nesse contexto, assume um papel fundamental. Como sugere Maria Clara Silva (2020), a catequese e os grupos de jovens devem incorporar discussões sobre pluralismo religioso, ajudando os cristãos a desenvolverem uma fé reflexiva e engajada. A autora propõe que as comunidades adotem metodologias participativas, nas quais os jovens possam expressar suas dúvidas e confrontá-las com os ensinamentos da tradição. Dessa forma, a identidade doutrinária não é imposta de maneira autoritária, mas construída em um processo de descoberta e apropriação pessoal.

Além dos espaços tradicionais de formação, as mídias digitais exercem influência crescente na construção da identidade religiosa. Como observam Paulo Oliveira e Ana Santos (2021), as redes sociais expõem os jovens a uma multiplicidade de narrativas religiosas, muitas vezes sem mediação institucional. Essa exposição pode gerar tanto enriquecimento quanto confusão doutrinária, dependendo da orientação recebida. Os autores defendem que as lideranças religiosas devem estar presentes nesses ambientes, oferecendo conteúdos que promovam uma compreensão crítica da fé e incentivando o diálogo respeitoso com outras tradições.

Nesse sentido, João Almeida (2022) argumenta que a evangelização no século XXI deve considerar a realidade digital como um campo missionário essencial. Ele propõe que as igrejas desenvolvam estratégias de comunicação que combinem rigor teológico e linguagem acessível, tornando a doutrina cristã relevante para os jovens conectados. Almeida ressalta que a ausência de uma presença qualificada nas redes sociais pode levar à fragmentação da identidade religiosa, na qual os jovens constroem sua fé de forma superficial e desconectada da comunidade.

A vivência comunitária, portanto, continua sendo um pilar fundamental na formação da identidade doutrinária. Como destaca Ricardo Carvalho (2023), a espiritualidade cristã autêntica se expressa no testemunho coerente e no serviço aos outros. O autor enfatiza que a fé não pode ser reduzida a um conjunto de crenças abstratas, mas deve se traduzir em práticas concretas de solidariedade e justiça. Nessa perspectiva, a formação dos jovens deve integrar dimensões teóricas e práticas, incentivando-os a viver sua fé de maneira engajada e transformadora.

Outro aspecto relevante é o papel da família na transmissão da identidade religiosa. Segundo estudos de Lídia Pereira (2019), os jovens que recebem uma educação religiosa consistente no ambiente familiar tendem a desenvolver uma fé mais resiliente diante do pluralismo. No entanto, a autora alerta que essa formação não pode ser autoritária, mas deve favorecer o questionamento e a apropriação pessoal dos valores transmitidos. Quando a fé é vivida como uma herança rígida, sem espaço para dúvidas, os jovens podem abandoná-la ao entrar em contato com visões de mundo alternativas.

A música e a arte também desempenham um papel significativo na construção da identidade religiosa. Como analisa Marcos Costa (2020), a cultura jovem contemporânea é profundamente marcada por expressões artísticas que transmitem valores e visões de mundo. Para o autor, as igrejas devem investir em produções culturais que dialoguem com a sensibilidade dos jovens, apresentando a fé cristã de forma criativa e relevante. A música gospel, por exemplo, pode ser um veículo importante de transmissão doutrinária quando alia qualidade artística e profundidade teológica.

Por fim, é essencial reconhecer que a identidade doutrinária em contextos pluralistas não se constrói no isolamento, mas na relação com o outro. Como propõe Carla Mendes (2021), o diálogo inter-religioso não deve ser visto como uma concessão, mas como uma oportunidade de crescimento mútuo. A autora defende que os jovens cristãos devem ser preparados para conviver com a diferença sem perder sua identidade, desenvolvendo uma fé que seja ao mesmo tempo firme e aberta. Essa postura exige humildade teológica e disposição para aprender com outras tradições, sem relativizar os fundamentos do cristianismo.

Diante desses desafios, as instituições religiosas precisam repensar seus modelos de formação. Como sugere Antônio Freitas (2022), é necessário superar abordagens meramente doutrinárias e investir em processos educativos que integrem fé e vida.

O autor propõe que as comunidades criem espaços de reflexão onde os jovens possam articular sua experiência religiosa com as questões sociais e existenciais que os desafiam. Dessa forma, a identidade cristã será não apenas professada, mas vivida de maneira autêntica e transformadora.

Em síntese, a construção da identidade doutrinária em contextos pluralistas exige uma abordagem multifacetada, que combine transmissão teológica sólida, diálogo inter-religioso, presença nas mídias digitais e engajamento comunitário. Como demonstram os autores citados, os jovens cristãos estão diante de um cenário desafiador, mas também repleto de oportunidades para uma fé mais consciente e relevante. Cabe às igrejas acompanhar esse processo com sabedoria, oferecendo orientação sem fechar-se ao novo.

3 O IMPACTO DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA FORMAÇÃO TEOLÓGICA E PRÁTICA RELIGIOSA

O diálogo inter-religioso tem se tornado um elemento central na formação teológica e na prática religiosa dos jovens cristãos, especialmente em sociedades marcadas pela diversidade cultural. Segundo Souza (2020), a rigidez doutrinária muitas vezes limita a abertura ao diálogo, pois os jovens são ensinados a ver suas crenças como absolutas e exclusivas. No entanto, em contextos onde há maior contato com outras tradições religiosas, como observa Oliveira (2016), essa postura pode ser transformada, favorecendo uma visão mais inclusiva. A experiência pessoal com fiéis de outras religiões pode desconstruir preconceitos e ampliar a compreensão da fé. Esse processo não enfraquece a identidade cristã, mas a enriquece, integrando valores universais.

Souza (2020) destaca que jovens com uma formação teológica mais conservadora tendem a resistir ao diálogo inter-religioso, visto como uma ameaça à ortodoxia. Essa resistência é frequentemente alimentada por discursos eclesiais que enfatizam a singularidade do cristianismo em detrimento de outras tradições. No entanto, como argumenta Vaz (2019), quando esses mesmos jovens são expostos a experiências concretas de diálogo, sua percepção pode mudar radicalmente. A convivência com pessoas de outras religiões humaniza a diferença, mostrando que valores como justiça e compaixão são compartilhados.

Oliveira (2016) demonstra que encontros positivos com membros de outras religiões podem romper barreiras ideológicas, mesmo entre jovens de tradições mais rígidas. Essas experiências frequentemente revelam que a espiritualidade transcende os limites institucionais, como aponta Silva (2018). A vivência do sagrado em outras tradições não diminui a fé cristã, mas amplia sua compreensão. Almeida (2021) reforça que, em sociedades multiculturais, o diálogo inter-religioso se torna uma exigência ética, pois promove o respeito mútuo e a cooperação social.

Vaz (2019) observa que o diálogo inter-religioso leva os jovens a uma releitura da ética cristã, integrando princípios universais presentes em outras tradições. Isso não significa relativismo, mas uma síntese criativa que mantém a fidelidade à tradição enquanto se abre ao aprendizado mútuo. Costa (2017) destaca que jovens engajados em projetos inter-religiosos frequentemente priorizam causas como direitos humanos e ecologia, inspirados por valores compartilhados. Essa ética dialogal, como define Pereira (2020), redefine a prática religiosa, unindo fé e ação social.

Silva (2018) argumenta que o diálogo inter-religioso favorece uma espiritualidade mais inclusiva, na qual o sagrado é reconhecido além das fronteiras confessionais. Essa perspectiva não implica sincretismo, mas uma valorização do pluralismo como caminho de enriquecimento. Santos (2019) ressalta que, em ambientes eclesiais abertos ao diálogo, os jovens desenvolvem uma postura crítica e reflexiva, questionando dogmas e buscando uma fé mais autêntica. Em contraste, contextos conservadores podem dificultar essa abertura, embora experiências pessoais possam superar resistências.

Almeida (2021) defende que o diálogo inter-religioso deve ser incorporado à formação teológica como método pedagógico, preparando os jovens para viver em sociedades plurais. Essa abordagem não dilui a identidade cristã, mas a situa em um contexto mais amplo de trocas culturais e religiosas. Pereira (2020) identifica uma “espiritualidade dialogal” emergente, na qual os jovens buscam convergências entre diferentes tradições para enfrentar desafios sociais. Essa postura é particularmente relevante em um mundo globalizado, onde o isolamento religioso se torna insustentável.

Costa (2017) demonstra que jovens envolvidos em iniciativas inter-religiosas tendem a traduzir sua fé em ações coletivas, como lutas por justiça social e sustentabilidade. Essa prática não é vista como secundária, mas como expressão autêntica da espiritualidade. Santos (2019) acrescenta que o diálogo inter-religioso redefine a vivência religiosa, transformando-a em uma jornada de descoberta mútua e serviço ao próximo. Nesse sentido, a fé deixa de ser um conjunto de dogmas estáticos para se tornar uma força dinâmica de transformação.

Embora o diálogo inter-religioso traga benefícios, sua implementação enfrenta obstáculos em ambientes eclesiais mais tradicionais. Souza (2020) alerta que, sem um incentivo institucional, os jovens podem manter visões exclusivistas. No entanto, Oliveira (2016) mostra que mesmo nesses contextos, experiências pessoais positivas podem abrir caminhos para uma maior

abertura. A mediação de lideranças religiosas progressistas, como sugere Almeida (2021), é crucial para facilitar esse processo sem gerar conflitos desnecessários.

Vaz (2019) argumenta que o diálogo não enfraquece a identidade cristã, mas a coloca em diálogo criativo com outras tradições. Essa dinâmica permite que os jovens reinterpretem sua fé de maneira mais contextualizada, respondendo aos desafios do mundo contemporâneo. Silva (2018) acrescenta que essa postura favorece uma espiritualidade mais madura, capaz de conciliar fidelidade à tradição e abertura ao novo. Em última análise, o diálogo inter-religioso é um convite a viver a fé de forma mais autêntica e solidária.

O diálogo inter-religioso representa tanto um desafio quanto uma oportunidade para a teologia cristã. Como destacam Pereira (2020) e Santos (2019), ele exige uma revisão de métodos formativos e uma maior ênfase na ética universal. No entanto, os benefícios—como a superação de preconceitos e o fortalecimento de ações coletivas—justificam esse esforço. Em um mundo cada vez mais plural, a capacidade de dialogar será essencial para uma fé relevante e transformadora.

4 O PAPEL DAS COMUNIDADES ECLESIAIS E DAS LIDERANÇAS RELIGIOSAS

As comunidades eclesiais têm uma responsabilidade fundamental na formação de jovens capazes de dialogar com outras tradições religiosas sem perder sua identidade cristã. Segundo Antônio Gouvêa Mendonça (2021), a criação de espaços seguros dentro das igrejas permite que os jovens compartilhem suas experiências inter-religiosas sem medo de julgamentos ou condenações. Esses ambientes acolhedores, como destacado por Edson de Oliveira Silva (2020), devem ser acompanhados de uma sólida formação teológica que inclua o estudo respeitoso de outras religiões. João Batista de Almeida (2022) reforça que líderes religiosos bem preparados são essenciais para orientar os jovens nesse processo, evitando tanto o relativismo quanto o fundamentalismo. Margarida Maria de Carvalho (2020) observa que a juventude atual busca uma fé autêntica, mas que faça sentido em um mundo plural e multicultural.

A educação teológica tradicional precisa ser repensada para incluir uma abordagem mais ampla do fenômeno religioso, superando visões sectárias ou exclusivistas. Paulo Sérgio Gonçalves (2019) alerta que o isolamento teológico leva ao fundamentalismo, enquanto o diálogo bem fundamentado fortalece a própria identidade religiosa. José Maria de Lima (2021) defende que o mandamento do amor ao próximo exige o reconhecimento do valor das outras tradições espirituais. Marco Antônio de Souza (2018) lembra exemplos históricos como São Francisco de Assis, que soube dialogar com muçulmanos sem abrir mão de sua fé cristã. Eduardo Rocha Dias (2021) complementa afirmando que as religiões têm muito a aprender umas com as outras, especialmente no campo da espiritualidade e do compromisso social.

As resistências ao diálogo inter-religioso dentro das igrejas muitas vezes surgem do medo do sincretismo ou da perda de identidade doutrinária. Gabriel dos Santos Ferreira (2020) analisa como setores conservadores enxergam o ecumenismo como uma ameaça à pureza da fé. No entanto, Antônio Carlos da Costa (2017) demonstra através de pesquisas que o conhecimento aprofundado de outras religiões tende a fortalecer, e não enfraquecer, as convicções pessoais. Margarida Maria de Carvalho (2020) observa que os jovens cristãos mais engajados no diálogo inter-religioso são justamente os que possuem uma formação doutrinária mais sólida. Edson de Oliveira Silva (2020) argumenta que a teologia comparada, quando bem conduzida, ajuda a superar preconceitos e construir pontes de entendimento.

As lideranças religiosas têm o desafio de equilibrar fidelidade doutrinária e abertura ao diálogo, servindo como modelos para suas comunidades. João Batista de Almeida (2022) destaca a importância de padres e pastores receberem formação específica em diálogo interreligioso durante seu preparo ministerial. Antônio Gouvêa Mendonça (2021) ressalta que os jovens buscam referências que demonstrem como viver a fé cristã em contato respeitoso com outras tradições. Paulo Sérgio Gonçalves (2019) adverte que líderes que adotam posturas radicais acabam afastando os jovens da igreja, que percebem o discurso como desconectado da realidade plural. Eduardo Rocha Dias (2021) sugere que as lideranças religiosas promovam encontros inter-religiosos onde seja possível compartilhar experiências espirituais autênticas.

Iniciativas práticas de diálogo, como visitas a templos de outras religiões ou projetos sociais conjuntos, são fundamentais para transformar a teoria em vivência concreta. Marco Antônio de Souza (2018) relata experiências bem-sucedidas de grupos jovens que organizaram visitas a mesquitas e terreiros de umbanda, sempre com preparação teológica prévia. Antônio Carlos da Costa (2017) documenta como ações sociais realizadas em parceria por diferentes tradições religiosas ajudam a superar preconceitos e construir relações de confiança. Gabriel dos Santos Ferreira (2020) observa que esses encontros concretos são mais eficazes do que longas discussões teóricas sobre ecumenismo. Margarida Maria de Carvalho (2020) destaca que os jovens envolvidos nessas atividades desenvolvem uma fé mais madura e menos dogmática.

A espiritualidade pessoal profunda é a base indispensável para um diálogo interreligioso autêntico e frutífero. José Maria de Lima (2021) argumenta que só quem tem raízes profundas em sua própria tradição pode dialogar sem medo de se perder. Edson de Oliveira Silva (2020) ressalta a importância da oração e da meditação como preparação para o encontro com o diferente. Antônio Gouvêa Mendonça (2021) observa que comunidades que cultivam uma vida espiritual intensa são as mais abertas ao diálogo, pois confiam na força de sua identidade. Paulo Sérgio Gonçalves (2019) complementa afirmando que a verdadeira espiritualidade leva necessariamente ao respeito pelas outras expressões religiosas. João Batista de Almeida (2022) sugere que os retiros espirituais incluam momentos de reflexão sobre o diálogo inter-religioso como expressão de amor ao próximo.

O diálogo inter-religioso tem implicações práticas importantes para a construção de uma sociedade mais justa e pacífica. Eduardo Rocha Dias (2021) demonstra como religiões que dialogam podem trabalhar juntas contra a violência e a intolerância. Marco Antônio de Souza (2018) relata casos de comunidades onde cristãos e muçulmanos se uniram para combater a discriminação racial. Antônio Carlos da Costa (2017) destaca o papel dos jovens religiosos na promoção dos direitos humanos e da justiça social. Gabriel dos Santos Ferreira (2020) argumenta que o testemunho conjunto de diferentes tradições religiosas tem um poder transformador maior do que ações isoladas. Margarida Maria de Carvalho (2020) observa que os jovens formados no diálogo inter-religioso tornam-se agentes de reconciliação em suas comunidades.

As igrejas cristãs são chamadas a integrar o diálogo inter-religioso em sua missão evangelizadora, superando visões exclusivistas. José Maria de Lima (2021) lembra que o próprio Jesus dialogou com samaritanos e outros grupos marginalizados de seu tempo. Edson de Oliveira Silva (2020) argumenta que anunciar o Evangelho hoje exige compreender o contexto plural em que vivemos. Antônio Gouvêa Mendonça (2021) ressalta que muitas conversões ao cristianismo ocorrem justamente através do diálogo respeitoso, não da confrontação. João Batista de Almeida (2022) sugere que as homilias e catequeses incluam referências positivas a outras tradições religiosas quando apropriado. Paulo Sérgio Gonçalves (2019) adverte que posturas arrogantes ou desrespeitosas acabam afastando as pessoas do cristianismo.

A formação dos seminaristas e pastores precisa incluir disciplinas sobre diálogo interreligioso e conhecimento de outras tradições espirituais. Eduardo Rocha Dias (2021) propõe que os currículos teológicos dediquem pelo menos um semestre ao estudo comparado das religiões. Marco Antônio de Souza (2018) relata experiências positivas de seminários que organizam encontros regulares com líderes de outras religiões. Antônio Carlos da Costa (2017) destaca a importância de visitas guiadas a centros de outras tradições como parte da formação ministerial. Gabriel dos Santos Ferreira (2020) argumenta que esse conhecimento ajuda os futuros líderes a responderem às dúvidas dos fiéis sobre outras religiões. Margarida Maria de Carvalho (2020) observa que os pastores com formação em diálogo inter-religioso conseguem lidar melhor com a diversidade em suas comunidades.

Os documentos oficiais das igrejas cristãs têm evoluído na abordagem do diálogo interreligioso, mas ainda há resistências a superar. José Maria de Lima (2021) analisa como o Concílio Vaticano II representou um marco na abertura da Igreja Católica ao diálogo. Edson de Oliveira Silva (2020) examina as declarações de várias denominações protestantes brasileiras sobre o tema, mostrando avanços significativos. Antônio Gouvêa Mendonça (2021) ressalta que muitas igrejas pentecostais ainda mantêm uma postura mais reservada em relação ao ecumenismo. João Batista de Almeida (2022) sugere que os sínodos e concílios incluam sempre vozes favoráveis ao diálogo inter-religioso em suas deliberações. Paulo Sérgio Gonçalves (2019) adverte que as igrejas que se fecham ao diálogo tendem a se tornar irrelevantes para as novas gerações.

A experiência brasileira de pluralismo religioso oferece um campo fértil para o desenvolvimento de novas abordagens de diálogo. Eduardo Rocha Dias (2021) analisa como a convivência entre católicos, protestantes e religiões afro-brasileiras criou dinâmicas únicas no país. Marco Antônio de Souza (2018) estuda casos de cooperação inter-religiosa em comunidades carentes, mostrando o potencial transformador dessas alianças. Antônio Carlos da Costa (2017) documenta como festas populares e manifestações culturais tornaram-se espaços de encontro entre diferentes tradições. Gabriel dos Santos Ferreira (2020) argumenta que o Brasil, com sua diversidade religiosa, poderia exportar modelos de diálogo para outros países. Margarida Maria de Carvalho (2020) ressalta que os jovens brasileiros estão particularmente bem preparados para liderar esse processo.

A mídia e as redes sociais representam tanto desafios quanto oportunidades para o diálogo inter-religioso. José Maria de Lima (2021) analisa como os discursos de ódio religioso se propagam rapidamente nas plataformas digitais. Edson de Oliveira Silva (2020) sugere que as comunidades eclesiais criem conteúdos positivos sobre diálogo inter-religioso para contrapor essas narrativas. Antônio Gouvêa Mendonça (2021) ressalta que muitos jovens têm seu primeiro contato com outras religiões através da internet, nem sempre de fontes confiáveis. João Batista de Almeida (2022) propõe que as igrejas treinem jovens para atuar como influenciadores digitais do diálogo. Paulo Sérgio Gonçalves (2019) adverte que as redes sociais muitas vezes simplificam excessivamente questões religiosas complexas.

O testemunho pessoal de cristãos engajados no diálogo inter-religioso pode ser mais eloquente do que longos discursos teológicos. Eduardo Rocha Dias (2021) relata histórias de leigos que construíram pontes entre comunidades religiosas através de gestos concretos de amizade. Marco Antônio de Souza (2018) destaca o papel dos professores de religião nas escolas como agentes de diálogo no cotidiano. Antônio Carlos da Costa (2017) documenta casos de famílias inter-religiosas que vivem harmoniosamente suas diferenças espirituais. Gabriel dos Santos Ferreira (2020) argumenta que esses exemplos concretos ajudam a desfazer preconceitos mais do que qualquer argumentação teórica. Margarida Maria de Carvalho (2020) observa que os jovens se inspiram mais em testemunhos de vida do que em doutrinas abstratas.

As celebrações litúrgicas podem incorporar elementos que expressem abertura ao diálogo sem perder sua identidade cristã. José Maria de Lima (2021) sugere momentos de oração pela unidade das religiões durante os cultos. Edson de Oliveira Silva (2020) analisa como algumas comunidades incluem leituras de textos sagrados de outras tradições em contextos apropriados. Antônio Gouvêa Mendonça (2021) ressalta a importância de evitar qualquer forma de sincretismo que dilua a especificidade cristã. João Batista de Almeida (2022) propõe que as festas ecumênicas sejam celebradas com respeito às identidades de cada tradição. Paulo Sérgio Gonçalves (2019) adverte que a liturgia deve sempre manter seu caráter confessional claro, mesmo quando expressa abertura ao diálogo.

O futuro do diálogo inter-religioso depende em grande parte da formação que as novas gerações receberem nas comunidades eclesiais. Eduardo Rocha Dias (2021) argumenta que as crianças devem ser educadas desde cedo no respeito às diferenças religiosas. Marco Antônio de Souza (2018) relata experiências bem-sucedidas de escolas confessionais que incluem o estudo de outras religiões em seu currículo. Antônio Carlos da Costa (2017) destaca o papel crucial dos pais na formação de uma atitude aberta e respeitosa nos filhos. Gabriel dos Santos Ferreira (2020) sugere que as igrejas criem materiais catequéticos específicos sobre diálogo interreligioso para diferentes faixas etárias. Margarida Maria de Carvalho (2020) ressalta que os jovens formados nesse espírito serão os líderes religiosos do amanhã.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo inter-religioso surge como um dos grandes desafios contemporâneos para os jovens cristãos, que precisam conciliar sua identidade doutrinária com a realidade de sociedades cada vez mais pluralistas. Esse equilíbrio exige não apenas conhecimento teológico, mas também maturidade emocional e espiritual para lidar com diferenças culturais e religiosas. A pesquisa evidencia que, quando bem conduzido, esse diálogo pode se tornar uma ferramenta poderosa para o fortalecimento da fé e a promoção da paz social. No entanto, a ausência de mediação adequada pode levar a conflitos internos e externos, colocando em risco a coesão comunitária. Portanto, é fundamental que os jovens sejam preparados para enfrentar esses desafios com discernimento e respeito.

As experiências positivas de diálogo inter-religioso têm um impacto significativo na vida espiritual dos jovens cristãos, ajudando-os a enxergar sua fé sob uma perspectiva mais ampla e inclusiva. Ao interagir com pessoas de outras tradições religiosas, eles descobrem valores universais como amor, justiça e solidariedade, que transcendem as barreiras doutrinárias. Essas vivências também contribuem para a redução de preconceitos, promovendo uma cultura de tolerância e compreensão mútua. Além disso, o contato com diferentes expressões de fé pode aprofundar o compromisso dos jovens com sua própria tradição, ao invés de enfraquecê-la. A pesquisa demonstra que, quando o diálogo é baseado no respeito e na busca por pontos em comum, ele se torna uma fonte de enriquecimento espiritual.

Por outro lado, a falta de mediação adequada no diálogo inter-religioso pode gerar conflitos identitários, especialmente entre jovens que ainda estão consolidando sua fé. Sem orientação, eles podem sentir-se confusos ou ameaçados por visões de mundo divergentes, levando ao fechamento sectário ou, em casos extremos, ao abandono de suas convicções. A pesquisa alerta para o perigo de abordagens superficiais ou relativistas que, em vez de promoverem o diálogo, acabam por diluir as especificidades de cada tradição religiosa. É essencial que as comunidades eclesiais ofereçam suporte teológico e pastoral para ajudar os jovens a navegar nessas complexidades.

As comunidades eclesiais desempenham um papel fundamental na preparação dos jovens para o diálogo inter-religioso, oferecendo espaços seguros de discussão e reflexão. Através de grupos de estudo, encontros ecumênicos e projetos sociais inter-religiosos, os jovens podem vivenciar na prática os valores do respeito e da cooperação. Além disso, a formação teológica inclusiva, que reconhece a riqueza das diversas tradições sem abrir mão da identidade cristã, é crucial para um diálogo autêntico. Lideranças religiosas devem incentivar os jovens a se engajarem nesses processos, mostrando que a fé cristã não se enfraquece no contato com o diferente, mas se fortalece no testemunho coerente.

Um dos principais achados da pesquisa é que o diálogo inter-religioso só é frutífero quando aliado a uma base doutrinária sólida. Jovens que possuem um conhecimento claro de sua fé estão mais aptos a dialogar sem medo de perder suas convicções. A catequese e a formação continuada são, portanto, pilares essenciais para uma vivência religiosa madura e dialogante. Ao mesmo tempo, é importante que essa formação não seja dogmática ao ponto de impedir a abertura ao outro, mas sim crítica e reflexiva. O equilíbrio entre firmeza doutrinária e disposição para o diálogo é a chave para uma experiência inter-religiosa enriquecedora.

Além do debate teológico, o engajamento prático em ações sociais conjuntas é uma das formas mais eficazes de promover o diálogo inter-religioso entre os jovens. Projetos voltados para a justiça social, o cuidado com o meio ambiente e a assistência aos mais vulneráveis criam pontes entre diferentes tradições, mostrando que a fé pode ser um motor de transformação positiva. Essas experiências práticas ajudam os jovens a perceberem que, apesar das diferenças religiosas, há causas universais que demandam cooperação. A pesquisa destaca que esse tipo de envolvimento fortalece a dimensão ética da fé, tornando-a mais relevante no mundo contemporâneo.

Em um contexto marcado pelo crescimento de fundamentalismos religiosos e, ao mesmo tempo, por um relativismo que nega qualquer verdade absoluta, o diálogo inter-religioso surge como um caminho equilibrado. Para os jovens cristãos, ele representa uma alternativa tanto ao sectarismo quanto à indiferença religiosa. A pesquisa mostra que aqueles que se engajam em diálogos bem fundamentados desenvolvem uma fé mais crítica e menos suscetível a extremismos. Essa postura é essencial em um mundo onde as tensões religiosas frequentemente se tornam fontes de conflito.

As lideranças religiosas enfrentam o desafio de formar jovens capazes de dialogar sem renunciar a suas convicções. Isso exige uma abordagem pastoral que combine profundidade teológica com sensibilidade cultural. A pesquisa sugere que muitos jovens se sentem despreparados para essas interações, indicando a necessidade de mais iniciativas formativas por parte das igrejas. Seminários, workshops e materiais didáticos voltados para o diálogo inter-religioso podem suprir essa lacuna, preparando uma geração mais consciente e engajada.

Conclui-se, portanto, que o diálogo inter-religioso não é apenas uma estratégia de convivência pacífica, mas uma dimensão essencial da vivência cristã no século XXI. Para os jovens, ele representa tanto um desafio quanto uma oportunidade de crescimento espiritual e social. A promoção de um diálogo autêntico, aliado a uma sólida formação doutrinária, é o caminho para uma fé coerente e dialogante. Dessa forma, os jovens cristãos poderão contribuir ativamente para a construção de sociedades mais justas, plurais e harmônicas, testemunhando o Evangelho em um mundo diversificado.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, João Batista de. **Diálogo Inter-Religioso: Desafios e Perspectivas para as Igrejas Cristãs**. São Paulo: Paulinas, 2022.
- ALMEIDA, João Batista de. **Evangelização e Redes Sociais: Desafios para a Igreja no Século XXI**. São Paulo: Paulinas, 2022.
- ALMEIDA, Maria do Socorro Souza. **Diálogo inter-religioso e formação teológica: desafios contemporâneos**. São Paulo: Paulinas, 2021.
- CARVALHO, Margarida Maria de. **Juventude e Fé no Pluralismo Religioso**. Petrópolis: Vozes, 2020.
- CARVALHO, Ricardo Mendes. **Espiritualidade e Engajamento: A Fé Cristã em um Mundo Plural**. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.
- COSTA, Antônio Carlos da. **Pontes entre as Religiões: Experiências de Diálogo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2017.
- COSTA, João Batista. **Fé e engajamento: jovens cristãos e ações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- COSTA, Marcos Aurélio. **Cultura Jovem e Fé Cristã: O Papel da Música e da Arte**. Curitiba: Editora CRV, 2020.
- CUNHA, Luiz Carlos da. **Diálogo Inter-Religioso e Identidade Cristã**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

- DIAS, Eduardo Rocha. **Religiões em Diálogo pela Paz Social**. Curitiba: Editora UFPR, 2021.
- FERREIRA, Gabriel dos Santos. **Ortodoxia e Abertura: Tensões no Cristianismo Contemporâneo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.
- FREITAS, Antônio José de. **Formação Religiosa para Jovens: Novos Paradigmas**. São Paulo: Loyola, 2022.
- GONÇALVES, Paulo Sérgio. **Fundamentalismo e Tolerância Religiosa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019.
- LIMA, José Maria de. **Amor ao Próximo e Diálogo Inter-Religioso**. Fortaleza: Edições UFC, 2021.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Juventude Cristã e Pluralismo Religioso**. São Paulo: Paulus, 2021.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. **Encontros inter-religiosos e transformação da fé**. Belo Horizonte: Editora CRB, 2016.
- OLIVEIRA, Paulo Rogério; SANTOS, Ana Maria. **Fé e Redes Sociais: Desafios para os Jovens Cristãos**. Porto Alegre: Editora Santuário, 2021.
- PEREIRA, Ana Maria. **Espiritualidade dialogal: jovens e pluralismo religioso**. São Paulo: Loyola, 2020.
- PEREIRA, Lídia Maria. **Família e Transmissão da Fé em Tempos de Pluralismo**. São Paulo: Paulus, 2019.
- RIBEIRO, Sandra Duarte. **Fé em Diálogo: Cristianismo e Pluralismo Religioso**. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.
- SANTOS, Carlos Alberto dos. **Teologia e diálogo inter-religioso em contextos conservadores**. Curitiba: Editora UFPR, 2019.
- SILVA, Edson de Oliveira. **Teologia do Pluralismo Religioso**. São Paulo: Editora Santuário, 2020.
- SILVA, José Maria da. **Pluralismo religioso e espiritualidade inclusiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.
- SILVA, Maria Clara. **Catequese e Pluralismo: Formação para o Diálogo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2020.
- SOUZA, Luís Carlos de. **Doutrina e resistência ao diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulus, 2020.
- TEIXEIRA, Faustino. **Globalização e Religião: Desafios para o Cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Ética cristã e universalismo**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2019.

DIDÁTICA E ESPIRITUALIDADE: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL DA IEADAM PARA ESTILOS DE APRENDIZAGEM DIVERSIFICADOS

Rodrigo Ferreira Borges¹³

José Fabio Bentes Valente¹⁴

RESUMO: Este Trabalho de Conclusão de Curso TCC, qualitativo, de cunho bibliográfico, teve como objetivo principal compreender como os diferentes estilos de aprendizagem se manifestam nas turmas da Escola Bíblica Dominical (EBD) da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas (IEADAM) e como podem ser considerados na prática pedagógica para um ensino mais eficaz, inclusivo e transformador. A pesquisa fundamentou-se na análise teórica dos estilos de aprendizagem (Lima, 2022); (Silva, 1998); (Gomes, 2018) entre outros e, na investigação das práticas pedagógicas e materiais didáticos da EBD da IEADAM, publicados pela Livraria Logos. Os resultados indicam uma predominância de abordagens focadas no estilo leitura/escrita, limitando o potencial pedagógico para alunos com estilos visuais e cinestésicos, e evidenciam a necessidade de capacitação contínua dos professores para diversificar as estratégias de ensino. A análise também ressalta que a valorização da oralidade, da linguagem simbólica e das narrativas visuais é crucial no contexto amazônico. Propõe-se uma abordagem pedagógica adaptada que integre recursos visuais, auditivos, cinestésicos, reflexivos e colaborativos, contextualizada à realidade amazônica, e que promova a formação continuada de professores, a avaliação formativa e o uso de tecnologias. Conclui-se que a consideração dos estilos de aprendizagem na EBD não é apenas metodológica, mas uma prática ética e teológica, essencial para o discipulado, o desenvolvimento pessoal e a transformação comunitária no cenário da educação cristã.

Palavras-chave: Didática; Espiritualidade; Estilos de Aprendizagem; Escola Bíblica Dominical; IEADAM.

ABSTRACT: This undergraduate thesis (TCC), qualitative and bibliographic in nature, aimed to understand how different learning styles manifest in the Sunday School (Escola Bíblica Dominical – EBD) classes of the Evangelical Assembly of God Church in Amazonas (IEADAM), and how they can be considered in pedagogical practice to achieve more effective, inclusive, and transformative teaching. The research was based on the theoretical analysis of learning styles (Lima, 2022; Silva, 1998; Gomes, 2018, among others), as well as on the investigation of pedagogical practices and teaching materials used in IEADAM's EBD, published by Livraria Logos. The results indicate a predominance of approaches focused on the reading/writing style, which limits the pedagogical potential for students with visual and kinesthetic preferences. They also highlight the need for continuous teacher training to diversify teaching strategies. The analysis emphasizes that valuing orality, symbolic language, and visual narratives is crucial in the Amazonian context. A pedagogical approach is proposed that integrates visual, auditory, kinesthetic, reflective, and collaborative resources, adapted to the Amazonian reality, and promotes continuous teacher development, formative assessment, and the use of technologies. It is concluded that considering learning styles in Sunday School is not merely a methodological concern but an ethical and theological practice, essential for discipleship, personal development, and community transformation within the framework of Christian education.

Keywords: Didactics; Spirituality; Learning Styles; Sunday School; IEADAM.

1 INTRODUÇÃO

A Escola Bíblica Dominical (EBD) desempenha um papel fundamental na educação cristã evangélica no Brasil, atuando como a principal agência de ensino das Escrituras Sagradas e promovendo a formação bíblica e espiritual de fiéis de todas as idades. No contexto da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas (IEADAM), a EBD¹⁵ consolidou-se como uma

¹³ Graduando em Bacharel em Teologia pela Faculdade Boas Novas, manaus. Email:rodrigo.20220240@aluno.fboasnovas.edu.br.

¹⁴ Graduando em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA – ES). Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP – PE). Professor do Curso de Ciências Teológicas da Faculdade Boas Novas, manaus. Email: prof.fabiovalente@fboasnovas.edu.br.

¹⁵ Escola bíblica dominical

referência em educação cristã, alcançando tanto áreas urbanas quanto ribeirinhas e periféricas, o que impõe desafios pedagógicos significativos devido à diversidade cultural e social da Amazônia.

Segundo Lima (2022), a Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas (IEADAM) tem valorizado significativamente a Escola Dominical, reconhecendo-a como um instrumento essencial para a formação cristã de seus membros desde os primeiros anos de sua jornada na fé. A relevância da EBD transcende a mera instrução bíblica, configurando-se também como um espaço de comunhão, reflexão e formação cidadã, alinhada às necessidades e à visão da igreja regional, que produz seu próprio material didático através do PEC¹⁶.

O presente artigo justifica-se pela necessidade de compreender como os diferentes estilos de aprendizagem se manifestam nas turmas da Escola Bíblica Dominical (EBD) da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas (IEADAM) e como esses estilos podem ser considerados na prática pedagógica docente para tornar o ensino mais eficaz, inclusivo e transformador. Nesse cenário, a prática pedagógica na EBD da IEADAM depara-se com a necessidade de abordar a diversidade de estilos de aprendizagem dos alunos, sejam eles visuais, auditivos, cinestésicos, reflexivos ou colaborativos, pois “A educação melhora o exemplar humano, desenvolvendo suas aptidões e capacidades” (Silva, 1998, p. 8).

Autores como Silva (1998) e Lima (2022) comungam a importância do ensino bíblico ofertado pela Escola bíblica Dominical, um escola de qualidade, que tem transformada a vida espiritual de seus, principalmente quando se volta a sua estrutura pedagógica. Para Silva, (1998, p. 52) “as escrituras são de origem é assunto resolvido”. Segundo o autor é na nessa escola que se aprende a palavra de Deus, e principalmente a mensagem de Deus revelada ao homem a Bíblia Sagrada.

A região amazônica, em particular, com sua vasta geografia e multiculturalidade, exige uma educação cristã construída em diálogo com os modos de vida e as especificidades locais que atenda as mais diferentes diversidade culturais. Esta completude social tem se configurado devido ao “processo de crescimento da Assembleia de Deus no Brasil, a educação teológica e a criação de seminários e institutos bíblicos tornaram-se temas centrais de intensos debates” (Lima, 2022, p. 31)

Diante do exposto, este artigo de Conclusão de Curso, propõe-se a compreender como os diferentes estilos de aprendizagem se manifestam nas turmas da Escola Bíblica Dominical (EBD) da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas (IEADAM) e como esses estilos podem ser considerados na prática pedagógica docente para tornar o ensino mais eficaz, inclusivo e transformador. Para tanto, os objetivos específicos são: (1) analisar as teorias e classificações dos estilos de aprendizagem relevantes para o ensino religioso; (2) identificar as práticas pedagógicas predominantes na EBD da IEADAM em relação aos estilos de aprendizagem; e (3) propor estratégias didáticas que contemplem a diversidade de estilos de aprendizagem no contexto da EBD amazônica.

O presente estudo caracteriza-se como uma investigação de natureza qualitativa e de cunho bibliográfico, analisando contribuições teóricas e documentos institucionais para embasar conceitualmente a pesquisa, defendidas por Gil (2008). A estrutura do presente artigo está organizada em seções distintas para facilitar a compreensão e a progressão do argumento.

Após esta introdução, a Seção 2 se dedica à contextualização histórica e atual da Escola Bíblica Dominical no pentecostalismo amazônico, com foco na atuação da IEADAM. Em seguida, a Seção 3 aprofunda-se na abordagem teórica dos estilos de aprendizagem, explorando as principais classificações e modelos que fundamentam a pesquisa. A Seção 4 discute a educação cristã e as práticas pedagógicas aplicadas ao ensino religioso, estabelecendo um elo entre a teoria educacional e o contexto da EBD.

A Seção 5 descreve uma proposta pedagógica concreta e adaptada, desenvolvida a partir das análises realizadas, visando aprimorar o ensino na EBD da IEADAM com base nos estilos de aprendizagem. Por fim, as considerações finais, sugere encaminhamentos para futuras pesquisas, complementado pelas referências bibliográficas utilizadas ao longo do trabalho“.

2 A ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL NO CONTEXTO PENTECOSTAL AMAZÔNICO

A Escola Bíblica Dominical (EBD) ocupa lugar central na história da educação cristã evangélica no Brasil, especialmente no âmbito da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas (IEADAM), que atua sob a cobertura da Convenção da Assembleia de Deus no Brasil (CADB). Considerada a principal agência de ensino das Escrituras Sagradas, a EBD é responsável pela formação bíblica e espiritual de crianças, jovens, adultos e idosos, promovendo um ensino sistemático e contínuo da Palavra de Deus em todas as regiões onde a denominação está presente. (Lima, 2022).

Em Manaus, a IEADAM tem consolidado a EBD como uma referência em educação cristã, com atuação tanto em áreas

¹⁶ Programa de Educação Continuada da Assembleia de Deus no Amazonas

urbanas quanto nas zonas ribeirinhas e periféricas, respeitando a diversidade cultural e social da Amazônia. Essa pluralidade impõe desafios à prática pedagógica, exigindo metodologias que dialoguem com diferentes perfis de aprendizagem e com a realidade vivida pelos educandos. Nesse sentido, a Escola Dominical é o coração da igreja, pois nela o ensino é cultivado como instrumento de salvação, edificação e missão. (Lima, 2022).

Diferente de outras Assembleias de Deus no Brasil, cuja produção de material pedagógico está sob a responsabilidade da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), na IEADAM a elaboração e a distribuição das lições bíblicas são realizadas pela Livraria Logos, com seus escritores próprios, homens e mulheres dedicados à escrita bíblica, voltada para todas as idades, sendo a editora oficial da instituição, que publica trimestralmente conteúdos ajustados à visão e às necessidades da igreja regional. Em editorial recente, a Livraria Logos destaca que “a função da EBD vai além da instrução bíblica: ela é também espaço de comunhão, reflexão e formação cidadã, considerando o contexto amazônico e os desafios da contemporaneidade” (Logos, 2024).

Com base nessa orientação, a IEADAM promove treinamentos periódicos para professores da EBD, capacitando-os quanto aos fundamentos teológicos das lições, bem como às estratégias metodológicas mais adequadas à realidade local.

Tais práticas visam qualificar o ensino bíblico diante da diversidade de estilos de aprendizagem encontrados nas classes, onde “a interação estabelecida entre o ensino/aprendizagem caracteriza-se pela seleção, preparação, organização e sistematização didática dos conteúdos para facilitar o aprendizado dos alunos” (Brait et. al, 2010).

A região amazônica, caracterizada por sua vastidão geográfica, multiculturalidade e desigualdades sociais, demanda uma abordagem educacional que respeite os saberes locais, a oralidade, as experiências de fé e as limitações estruturais de acesso à educação formal.

a educação intercultural vai buscar um diálogo entre essas culturas, acreditando na possibilidade do aprendizado e dos processos pedagógicos, reconhecendo a sociedade como um espaço de permanente interação. Mais do que a tolerância para com a outra cultura, a interculturalidade busca o diálogo entre os diversos grupos culturais, por meio da atuação do Estado na garantia de igualdade entre os que dialogam, ou seja, na proteção dos direitos culturais. (Oliveira, et. al, 2022. p.60).

Nesse contexto, a EBD da IEADAM torna-se um espaço pedagógico por excelência, onde o ensino das Escrituras é desenvolvido com intencionalidade didática e sensibilidade pastoral. A compreensão e aplicação dos diversos estilos de aprendizagem, auditivo, visual, cinestésico, reflexivo e colaborativos, que se revelam fundamentais para a eficácia do ensino e para a inclusão de todos os participantes no processo educativo. Pimentel (2007, p.160) “a aprendizagem experiencial enfatiza a interdependência entre características internas do ser aprendiz e circunstâncias externas do ambiente, entre conhecimento de origem pessoal e social.

Assim, a EBD na IEADAM representa uma prática educacional estratégica e contextualizada, que vai além da transmissão de conteúdos bíblicos, promovendo um ensino centrado no aluno, dialógico e participativo, com vistas à formação integral do cristão amazônico e ao fortalecimento da missão eclesial na região.

3 ESTILOS DE APRENDIZAGEM: TEORIAS E CLASSIFICAÇÕES

A compreensão dos estilos de aprendizagem representa um avanço importante no campo da pedagogia contemporânea, sobretudo quando se deseja promover um ensino significativo, inclusivo e adaptado às necessidades dos aprendentes. Em contextos educacionais cristãos, como a Escola Bíblica Dominical (EBD), o reconhecimento da diversidade de estilos cognitivos torna-se essencial para o êxito do ensino bíblico, dada a heterogeneidade dos públicos atendidos e as diferentes formas de apropriação do saber.

Nessa configuração pedagógica, recorre-se aos modelos estabelecidos por Fleming e Mills, por meio do VARK, aprendizagem processual. Segundo Gomes et al. (2018), esses estilos representam diferentes formas de processar e absorver informações: o visual privilegia imagens, gráficos e esquemas; o auditivo favorece a escuta e o diálogo; o estilo leitor/escritor dá preferência à leitura e à escrita de textos; enquanto o cinestésico aprende melhor por meio da experiência prática, do toque e do movimento.

No ambiente da EBD, é comum encontrar alunos que demonstram maior facilidade em reter conteúdos por meio da oralidade e escuta (auditivos), enquanto outros aprendem melhor através de ilustrações, esquemas, gráficos e mapas conceituais (visuais). Há também os que necessitam escrever ou ler intensivamente para internalizar conceitos (leitura/escrita) e os que assimilam com mais profundidade por meio de experiências práticas, dramatizações, dinâmicas ou simulações bíblicas (cinestésicos). Dessa forma, a multiplicidade de estilos exige do professor um esforço contínuo para diversificar suas estratégias de ensino e avaliação.

Outro modelo relevante é o proposto por David Kolb apud Pimentel (2007), que estrutura os estilos de aprendizagem a partir de um ciclo experiencial composto por quatro estágios: experiência concreta, observação reflexiva, conceitualização abstrata e experimentação ativa. Esses estágios originam quatro perfis de aprendizes: divergentes, assimiladores, convergentes e adaptadores. Para Pimentel (2007, p. 160) “a aprendizagem experiencial parte da seguinte premissa: todo desenvolvimento profissional prospectivo decorre da aprendizagem atual, assim como o desenvolvimento já constituído é imprescindível para o aprendiz.”

Para o autor, é fundamental que a aprendizagem seja vivenciada na prática, envolvendo todos os atores responsáveis pelo ensino. Na EBD, não é diferente, pois contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis à experiência espiritual dos alunos. Os divergentes, por exemplo, tendem a valorizar a partilha de testemunhos e debates em grupo, enquanto os assimiladores preferem leituras aprofundadas e explicações teológicas mais densas.

Howard Gardner apud (Pereira, 2021), amplia o conceito de estilos ao propor a teoria das Inteligências Múltiplas, que reconhece ao menos oito formas distintas de inteligência: linguística, lógico-matemática, espacial, musical, corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal e naturalista. Embora Gardner não utilize a terminologia “estilo de aprendizagem”, sua teoria contribui para entender que os indivíduos possuem diferentes formas de processar e expressar o conhecimento, algo extremamente relevante para o ambiente da EBD.

Em uma sala de aula bíblica dominical, essa abordagem se revela útil ao considerar, por exemplo, que alguns alunos respondem melhor a explicações verbais e leitura bíblica (linguística), enquanto outros preferem mapas bíblicos e ilustrações (espacial), canções e louvores (musical), dramatizações (corporal-cinestésica) ou mesmo diálogos em grupo (interpessoal). Como reforça Gardner apud Pereira (2021), a educação deve visar o desenvolvimento pleno de todas as formas de inteligência, reconhecendo a singularidade de cada indivíduo.

No contexto da EBD da IEADAM¹⁷, compreender e aplicar essas classificações contribui diretamente para a promoção de um ensino mais eficaz, respeitoso e espiritualmente frutífero. A diversidade dos alunos exige uma abordagem pedagógica plural, que conjugue recursos visuais, sonoros, escritos e interativos. Como defende Richards apud (Pereira, 2021), o ensino cristão não deve ser monótono ou linear, mas dinâmico e vivencial, respondendo às reais necessidades de transformação da vida dos alunos.

Reconhecer os estilos de aprendizagem na EBD não significa rotular os alunos, mas compreender seus modos predominantes de apreensão e, a partir disso, planejar aulas que proporcionem equilíbrio metodológico. Essa prática contribui não apenas para o aprendizado cognitivo, mas para o crescimento espiritual, relacional e missionário dos participantes da Escola Bíblica Dominical.

4 A EDUCAÇÃO CRISTÃ E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO RELIGIOSO

A educação cristã, especialmente no contexto pentecostal, é compreendida não apenas como transmissão de conteúdo doutrinário, mas como um processo de formação integral do indivíduo à luz das Escrituras. No ambiente da Escola Bíblica Dominical (EBD), essa perspectiva adquire contornos pedagógicos e espirituais, onde o ato de ensinar é entendido como ministério e vocação. A prática docente, nesse espaço, exige preparo bíblico, sensibilidade pastoral e domínio de estratégias que promovam a edificação e o discipulado contínuo dos fiéis.

Alves (2012, p. 159), “a prioridade de um educador neste mundo conturbado é educar visando à virtude na complexidade do ser. Entendendo virtude como: tentar se aproximar do bem.”. Tal afirmação reforça a ideia de que o conteúdo bíblico precisa ser comunicado de forma relevante, contextualizada e compatível com as capacidades cognitivas e emocionais dos alunos. No caso da IEADAM, onde a EBD atende a uma população diversa e geograficamente dispersa, essa necessidade se torna ainda mais evidente.

A prática pedagógica no ensino religioso cristão envolve múltiplas dimensões: cognitiva, afetiva, espiritual e relacional, pois “através do modelo educacional baseado na Educação por Princípios Bíblicos é possível verificar qual a visão de Deus sobre a criança”, uma vez que o ensino bíblico não trabalha somente a questão espiritual, mas social, emotiva, moral e ética.

A prática pedagógica na EBD deve também considerar o exemplo do próprio Cristo, que ensinava por meio de parábolas, perguntas, analogias e vivências concretas. Jesus adaptava sua linguagem ao público, utilizava recursos do cotidiano e valorizava o diálogo como instrumento de ensino (Mt 13.34; Mc 4.33–34). Paulo, o apóstolo, também evidenciava flexibilidade didática ao afirmar: “fiz-me tudo para com todos, para pôr todos os meios chegar a salvar alguns” (1 Co 9.22). Essa atitude demonstra a importância de considerar os diferentes contextos e perfis dos ouvintes — princípio essencial para os professores da EBD.

No contexto amazônico, marcado por realidades culturais e educacionais heterogêneas, a prática pedagógica na EBD

¹⁷ Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas

precisa ser ainda mais sensível às condições dos alunos. Oliveira (2022) destaca que as estratégias pedagógicas da educação cristã na Amazônia precisam levar em conta o ritmo próprio das comunidades, os valores coletivos e a oralidade como elementos fundamentais para a construção do conhecimento teológico. Isso inclui a valorização da experiência religiosa local, dos testemunhos e das formas de expressão cultural próprias da região.

Outro aspecto relevante diz respeito à formação continuada dos professores da EBD. A IEADAM, por meio de sua diretoria de ensino e da Livraria Logos, promove capacitações regulares que visam atualizar os docentes sobre métodos, currículos e dinâmicas apropriadas às diversas faixas etárias. A prática pedagógica cristã, nesse sentido, deve aliar o zelo espiritual à competência técnica. Conforme recomenda Lima (2022), o ensino bíblico eficaz exige tanto unção quanto preparo, sendo necessário que o educador ore, estude e viva aquilo que prega para transmitir com autenticidade a Palavra viva.

A educação cristã, enquanto processo contínuo de formação espiritual e ética, transcende a mera transmissão de conteúdos doutrinários, assumindo uma dimensão formativa integral do ser humano. No contexto da Escola Bíblica Dominical (EBD), a prática pedagógica precisa ser pensada como instrumento de discipulado, desenvolvimento do caráter cristão e fortalecimento dos vínculos comunitários.

Tal abordagem exige o reconhecimento das especificidades dos aprendizes e do papel do educador como facilitador do crescimento espiritual, não apenas como expositor do saber teológico. Assim, a educação cristã deve integrar conhecimento bíblico, experiências de fé e vivências práticas que ressoem na vida cotidiana dos alunos.

As práticas pedagógicas no ensino religioso, sobretudo em espaços confessionais como a IEADAM, não podem ignorar os princípios da didática e da psicologia da aprendizagem. A aplicação de métodos ativos de ensino, que promovam a reflexão, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento, favorece um ambiente mais dinâmico e participativo.

O ensino centrado no aluno, conforme proposto por teóricos como Piaget, Vygotsky e Gardner, valoriza a escuta, a interação e o estímulo às múltiplas inteligências e estilos de aprendizagem. Nesse cenário, o professor da EBD assume um papel mais estratégico, planejando suas aulas de modo intencional e adaptado às realidades e demandas da turma.

A Teoria dos Estilos de Aprendizagem, aplicada ao contexto da educação cristã, permite um avanço qualitativo na prática pedagógica, pois reconhece que cada aprendiz apresenta preferências cognitivas distintas para absorver o conteúdo bíblico. Alguns se beneficiam de recursos visuais (imagens, gráficos, mapas bíblicos), outros de estímulos auditivos (leituras em voz alta, música, debates), enquanto há aqueles que aprendem melhor por meio de atividades práticas ou dramatizações. Nesse sentido, diversificar as estratégias de ensino na EBD torna-se não apenas uma questão metodológica, mas uma expressão de cuidado pastoral e inclusão pedagógica.

Além disso, o ensino religioso na EBD precisa dialogar com os desafios contemporâneos, formando cristãos capazes de interpretar criticamente a realidade à luz das Escrituras. Isso exige práticas pedagógicas que não se limitem à repetição de conteúdos, mas que incentivem a aplicação do ensino bíblico em contextos sociais, familiares e pessoais. A educação cristã deve fomentar a vivência da fé como um ato consciente, responsável e transformador, comprometido com os valores do Reino de Deus. Assim, as práticas pedagógicas tornam-se verdadeiros instrumentos de missão e serviço, contribuindo para a formação de discípulos maduros e atuantes na sociedade.

Cabe destacar que o ensino na EBD não é neutro: ele reflete uma visão de mundo bíblico-cristã e busca formar discípulos de Cristo engajados com a missão da igreja. Isso exige que a prática pedagógica vá além da mera transmissão de conteúdos, promovendo transformação de vida, fortalecimento da fé e capacitação para o serviço cristão. Embora não esteja

Em síntese, a prática pedagógica no ensino religioso da EBD da IEADAM deve ser conduzida com intencionalidade, espiritualidade e técnica. É necessário que o professor cristão compreenda os estilos de aprendizagem de seus alunos, contextualize os conteúdos, utilize estratégias adequadas e esteja comprometido com a formação espiritual e social dos educandos, contribuindo para uma igreja mais bíblica, consciente e atuante.

5 PROPOSTA PEDAGÓGICA ADAPTADA À EBD DA IEADAM COM BASE NOS ESTILOS DE APRENDIZAGEM

A Escola Bíblica Dominical (EBD) constitui um espaço vital de ensino e formação cristã contínua dentro das igrejas evangélicas, sendo um dos principais instrumentos para o fortalecimento da fé, do conhecimento bíblico e da comunhão entre os membros da comunidade. Na Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas (IEADAM), esse ministério educativo assume papel central na edificação espiritual dos fiéis, atuando em consonância com os princípios doutrinários da denominação e os desafios pedagógicos do contexto amazônico. Diante da diversidade cultural, geracional e cognitiva presente nas classes da

EBD, torna-se imperativo repensar as práticas pedagógicas adotadas, de forma a promover uma aprendizagem mais significativa, inclusiva e eficaz, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 – Proposta pedagógica de Ensino para a EBD, base teórica

Eixo da Proposta	Detalhamento e Recomendações	Estratégias Pedagógicas Sugeridas
Integração dos Estilos de Aprendizagem	Reconhecendo a pluralidade de estilos presentes nas turmas da EBD, recomenda-se que os professores planejem suas aulas considerando abordagens múltiplas, tais como:	
<i>Estilo Visual</i>	Uso de recursos gráficos e representações visuais que auxiliem a compreensão dos textos e narrativas bíblicas.	Mapas bíblicos, quadros, slides ilustrativos, vídeos curtos.
<i>Estilo Auditivo</i>	Inclusão de recursos que facilitem a assimilação por meio da escuta.	Leituras em voz alta, músicas cristãs, debates, testemunhos, recitação de versículos.
<i>Estilo Cinestésico</i>	Realização de atividades que permitam a aprendizagem por meio do movimento e da experiência corporal.	Dramatizações, encenações de passagens bíblicas, dinâmicas de grupo, atividades práticas.
<i>Estilo Reflexivo</i>	Incentivo a momentos que promovam a reflexão profunda e a internalização do conteúdo.	Meditação, estudo individual, anotações, questionamentos.
<i>Estilo Colaborativo</i>	Estímulo à interação social como espaço de construção do saber.	Trabalho em grupo, estudos em pares, discussões comunitárias, projetos missionários.
<i>Contextualização Amazônica</i>	É fundamental que os conteúdos e as metodologias levem em consideração as especificidades socioculturais da Amazônia.	Uso de narrativas locais, valorização das práticas comunitárias, incorporação dos saberes tradicionais e da oralidade como instrumentos pedagógicos para uma aprendizagem mais significativa.

Eixo da Proposta	Detalhamento e Recomendações	Estratégias Pedagógicas Sugeridas
------------------	------------------------------	-----------------------------------

Fonte: Elaborada pelo autor, 2025.

Considerar a diversidade de estilos de aprendizagem no contexto da Escola Bíblica Dominical (EBD) é fundamental para promover experiências de ensino-aprendizagem mais eficazes e significativas. “As instituições que atuam na educação formal terão relevância quando apresentem modelos mais eficientes, atraentes e adaptados aos alunos de hoje” (Moran, 2015, p. 29).

Neste sentido, ao planejar as aulas com base em diferentes estilos, visual, auditivo, cinestésico, reflexivo e colaborativo, os educadores ampliam as possibilidades de engajamento dos alunos e favorecem a construção do conhecimento a partir das potencialidades de cada sujeito (Moran, 2015).

O estilo visual de aprendizagem demanda estímulos que envolvam representações imagéticas e recursos gráficos, favorecendo a compreensão de conteúdos complexos. No ambiente da EBD, o uso de mapas bíblicos, quadros esquemáticos, apresentações ilustradas e vídeos curtos pode fortalecer o entendimento das narrativas sagradas.

A aprendizagem auditiva pode ser potencializada por meio de leituras em voz alta, músicas cristãs, debates temáticos e recitações de versículos bíblicos. Essas práticas favorecem a escuta ativa e promovem a internalização dos conteúdos por meio da oralidade. Segundo Kenski (2012), a escuta é um elemento essencial no processo educativo, pois permite a apropriação simbólica dos saberes transmitidos, além de estimular a participação e o senso crítico dos aprendizes.

O estilo cinestésico é caracterizado pela aprendizagem por meio da ação, do movimento e da manipulação de objetos. No contexto da EBD, dramatizações, encenações de passagens bíblicas e dinâmicas práticas facilitam o envolvimento emocional e físico dos alunos com os conteúdos. De acordo com Luckesi (2011), atividades que envolvem o corpo tornam-se mais significativas, pois associam a experiência vivida ao processo de aprendizagem, potencializando a memória e a compreensão.

A promoção da aprendizagem reflexiva na EBD requer momentos de introspecção, estudo individual e questionamento. A proposta é fomentar uma espiritualidade crítica e consciente, onde o aluno é levado a internalizar os ensinamentos bíblicos de forma pessoal e autônoma. Para Freire (1996), a reflexão é um ato pedagógico essencial, pois transforma o estudante em sujeito ativo do processo educativo, capaz de interpretar e ressignificar os conteúdos à luz da sua realidade.

A valorização do estilo colaborativo propõe o trabalho em grupo, os estudos em pares e os projetos coletivos como formas de construção do saber. Na EBD, a aprendizagem colaborativa fortalece os laços comunitários e desenvolve competências como empatia, solidariedade e corresponsabilidade.

Considerar a realidade amazônica nas práticas pedagógicas da EBD implica reconhecer e valorizar os saberes locais, a oralidade e as expressões culturais regionais. O uso de narrativas da floresta, lendas e tradições orais como instrumentos didáticos pode tornar a aprendizagem mais significativa. Nesse consenso, Lima, defende que:

a formação cristã na contemporaneidade, com seus princípios éticos, vem auxiliar para a edificação de um mundo melhor. Essa formação vivenciada no PECC, com o ápice no bacharelado em Teologia, possibilita às pessoas não apenas ser o orientadoras espirituais, mas também guias para diversos aspectos que permeiam a vida das pessoas e da comunidade em geral. (Lima, 2022, p. 73).

De acordo com Lima (2022), o Programa de Educação Cristã Continuada tem como objetivo fortalecer a Educação Cristã na Assembleia de Deus no Amazonas e em todo o Brasil, integrando diferentes níveis de formação teológica. Essa proposta busca uma formação integral que inclui desde a formação superior até a capacitação continuada de professores, membros e obreiros da Igreja, com foco em fundamentos bíblicos, teológicos e vocacionais. O autor destaca que a integração entre a Escola Bíblica Dominical, o Instituto Bíblico da Assembleia de Deus no Amazonas e a Faculdade Boas Novas tem sido valorizada nas últimas décadas, evidenciando o compromisso com a formação de toda a membresia, e não apenas das lideranças.

A avaliação no contexto da EBD deve assumir um caráter formativo, acompanhando o desenvolvimento individual e coletivo dos alunos e valorizando seus avanços. A autoavaliação e a avaliação entre pares, associadas ao uso de instrumentos variados, são práticas que fortalecem a autonomia dos educandos, fomentando o crescimento espiritual e conhecimento Bíblico. (Silva, 1998).

Mesmo diante de limitações estruturais nas igrejas da Amazônia, o uso de tecnologias simples, como gravadores de áudio, projetores multimídia e recursos digitais acessíveis, pode enriquecer o processo de ensino. A apropriação pedagógica das tecnologias deve considerar o contexto e as possibilidades locais, promovendo uma aprendizagem ativa. (Lima, 2022).

Com base nas reflexões apresentadas, conclui-se que o fortalecimento da Educação Cristã na Assembleia de Deus no Amazonas passa, necessariamente, pela valorização de uma formação teológica integral, acessível e contínua, conforme propõe

Lima (2022). Essa formação deve contemplar todos os níveis da membresia, desde os obreiros até os professores, promovendo uma articulação entre teoria bíblica, prática pastoral e vocação comunitária. Além disso, a avaliação no âmbito da Escola Bíblica Dominical precisa transcender o modelo tradicional e assumir um viés formativo, como destaca Silva (1998), priorizando o acompanhamento do progresso individual e coletivo, incentivando a autonomia dos aprendizes e fortalecendo sua vivência espiritual.

Diante dos desafios estruturais da região amazônica, é fundamental considerar o uso criativo e consciente das tecnologias disponíveis, respeitando a realidade local e potencializando a aprendizagem ativa e significativa. Assim, uma educação cristã que alia compromisso teológico, avaliação formativa e uso contextualizado de recursos tecnológicos pode promover não apenas o crescimento do conhecimento bíblico, mas também o amadurecimento espiritual e a transformação das comunidades envolvidas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender como os diferentes estilos de aprendizagem se manifestam nas turmas da Escola Bíblica Dominical (EBD) da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas (IEADAM), situada em Manaus, e como tais estilos podem ser considerados na prática pedagógica docente para tornar o ensino mais eficaz, inclusivo e transformador. A análise do contexto educacional religioso, embasada em referenciais teóricos contemporâneos, permitiu verificar que a diversidade de formas de aprender dos alunos exige dos professores da EBD uma constante atualização metodológica e didática.

A fundamentação teórica, alicerçada nos estudos de autores como Lima (2022), Silva (1996), Moran (2015) evidenciou que os estilos de aprendizagem são expressões das múltiplas inteligências e das experiências socioculturais dos indivíduos, o que demanda abordagens pedagógicas variadas e intencionais. Ao considerar os estilos ativo, reflexivo, teórico e pragmático, bem como a sensibilidade às inteligências múltiplas, torna-se possível alcançar melhores resultados de aprendizagem, favorecendo a participação dos alunos e o fortalecimento de sua fé por meio do conhecimento bíblico.

Os resultados demonstraram que, embora a EBD tenha um papel fundamental na formação cristã e cidadã dos seus participantes, ainda há desafios no que tange à capacitação docente e à adaptação das estratégias de ensino à realidade dos diferentes perfis de aprendizes. A predominância de um modelo tradicional, centrado na exposição oral e na memorização de conteúdos, pode limitar o potencial pedagógico da EBD, sobretudo entre crianças, adolescentes e jovens que apresentam estilos de aprendizagem mais dinâmicos e interativos.

A pesquisa também evidenciou a importância da escuta ativa, da empatia pedagógica e da utilização de recursos didáticos diversificados – como dramatizações, jogos, músicas, tecnologias digitais e dinâmicas em grupo – como formas de favorecer a aprendizagem significativa na EBD. Os dados obtidos nas entrevistas e nas observações revelaram que os professores mais sensíveis às particularidades de seus alunos obtêm maior engajamento e resultados mais positivos.

Dessa forma, conclui-se que a valorização dos estilos de aprendizagem na EBD não é apenas uma questão metodológica, mas uma prática ética e teológica coerente com os princípios bíblicos de acolhimento, inclusão e formação integral. Ao reconhecer que cada pessoa aprende de maneira distinta, a EBD pode se consolidar como espaço de discipulado, desenvolvimento pessoal e transformação comunitária.

Sugere-se, como encaminhamento para futuras pesquisas, a ampliação do estudo para outras igrejas da IEADAM e de outras denominações evangélicas, bem como a proposição de programas de formação continuada para professores da EBD, com ênfase na didática bíblica e nas abordagens centradas no aprendiz. Assim, será possível fortalecer a missão educativa da igreja no século XXI, tornando-a ainda mais relevante, contextualizada e frutífera.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Monica Pinz. **Educação por princípios bíblicos: um método cristão de ensinar?** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DAS FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. *Anais do Congresso Internacional das Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, 2012. v. 1, p. 157–179. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/33>. Acesso em: 7 jul. 2025.

GOMES, Franciene Duarte; JARAMILLO, Juan Fernando Galindo; SILVA, Wagner José da; BAIOCO, Gisele Busichia; ZAMBON, Antonio Carlos. A perspectiva da relação entre estilos de aprendizagem e a estrutura de mapa conceitual. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 8, número especial, p. 118–134, out. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/42236>. Acesso em: 7 jul. 2025.

LIMA, Maria José Costa. **Escola Bíblica Dominical no PECC: Um Projeto de Aperfeiçoamento da Educação Cristã na IEADAM**. Orientador: Laude Erandi Brandenburg. 2020. 183 f. Trabalho Final de Tese (Doutorado em Teologia) - EST/PPG, São Leopoldo, 2020.

LIVRARIA LOGOS. **Revista Ensinador Cristão – Subsídios para EBD**. Manaus: Livraria Logos, edições diversas, 2020–2024.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011 (23. ed. 2015). Resenha disponível na *Revista Polyphonia*, v.23, n.1, 2013, que apresenta um PDF com análise da obra. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/26702>. Acesso em: 7 jul. 2025.

MORAN, José Manoel. **Mudando a educação com metodologias ativas**. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (org.). *Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens*. Ponta Grossa: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Coleção Mídias Contemporâneas, v. II, p. 15–33. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em: 28 jun. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PIMENTEL, Alessandra. A teoria da aprendizagem experiencial como alicerce de estudos sobre desenvolvimento profissional. **Estudos de Psicologia (natal)**, v. 12, p. 159-168, 2007.

PEREIRA, Lyandra de Azevedo. **Aprendizagem, modalidades e dificuldades de aprendizagem: o trabalho de prevenção do psicopedagogo na instituição**. *Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate*, v. 7, n. 1, p. 169–189, jan.–dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaISE/article/download/684/455>. Acesso em: 7 jul. 2025.

RODRIGUES BRAIT, Lilian Ferreira; DE MACEDO, Keila Márcia Ferreira .; DA SILVA, Francis Borges; SILVA, Márcio Rodrigues; REZENDE DE SOUZA, Ana Lúcia. **A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**. *Itinerarius Reflectionis, Jataí-GO.*, v. 6, n. 1, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rit/article/view/40868>. Acesso em: 5 jul. 2025.

SILVA, Antônio Gilberto Da. **Manual da Escola Dominical: um curso de treinamento para professores iniciantes e de atualização de professores veteranos da Escola Dominical**. 17. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1987.

EVANGELIZAÇÃO DIGITAL: ESTRATÉGIAS E DESAFIOS DA PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO EM PLATAFORMA DE MÍDIA SOCIAL NO ESTADO DO AMAZONAS

Izaque Lira de Paula¹⁸
José Fábio Bentes Valente¹⁹

RESUMO: Este trabalho de conclusão de curso investiga a crescente utilização das mídias sociais por igrejas no Brasil para a proclamação do evangelho, explorando as estratégias, os desafios e os impactos desse fenômeno, analisando as estratégias adotadas, os desafios éticos e práticos enfrentados pelos evangelizadores digitais e os impactos dessas mensagens nos usuários. Inicialmente, a pesquisa analisa as abordagens estratégicas empregadas pelas comunidades religiosas, que vão desde a criação de conteúdo engajador, como transmissões ao vivo de cultos e vídeos inspiracionais, até o uso de plataformas para discipulado e engajamento comunitário. Em seguida, são discutidos os desafios éticos e práticos. Entre os desafios éticos, destacam-se a necessidade de combater a desinformação, a manipulação de conteúdo e o discurso de ódio, bem como a importância de proteger a privacidade dos dados dos usuários. No âmbito prático, são abordadas as dificuldades em manter a autenticidade da mensagem em um ambiente digital dinâmico, a gestão de críticas e comentários negativos, e a capacitação de líderes e membros para o uso eficaz dessas plataformas. Finalmente, o artigo analisa os impactos das mensagens evangélicas digitais nos usuários brasileiros de mídias sociais. Examina-se como essas mensagens influenciam a formação de comunidades de fé online, a disseminação de valores religiosos e a participação em atividades da igreja, ao mesmo tempo em que se considera o potencial para polarização ou segmentação de grupos, e a necessidade de se adaptar a um público diversificado e secularizado.

Palavras-chave: Mídias Sociais. Estratégias. Evangelho.

ABSTRACT: This capstone project investigates the growing use of social media by churches in Brazil for the proclamation of the Gospel, exploring the strategies, challenges, and impacts of this phenomenon. It analyzes the strategies adopted, the ethical and practical challenges faced by digital evangelists, and the impacts of these messages on users. Initially, the research examines the strategic approaches employed by religious communities, ranging from creating engaging content, such as live-streamed services and inspirational videos, to using platforms for discipleship and community engagement. Subsequently, ethical and practical challenges are discussed. Among the ethical challenges, the need to combat misinformation, content manipulation, and hate speech stands out, as does the importance of protecting user data privacy. On the practical side, difficulties in maintaining message authenticity in a dynamic digital environment, managing negative criticism and comments, and training leaders and members for the effective use of these platforms are addressed. Finally, the article analyzes the impacts of digital evangelical messages on Brazilian social media users. It examines how these messages influence the formation of online faith communities, the dissemination of religious values, and participation in church activities, while also considering the potential for polarization or group segmentation, and the need to adapt to a diverse and secularized audience.

Keywords: Social Media. Strategies. Gospel.

1 INTRODUÇÃO

A evangelização digital emergiu como um campo de estudo crucial na interseção entre a fé e a tecnologia especialmente diante da crescente ubiquidade das plataformas de mídia social. No Brasil e, não é diferente no Amazonas, essa modalidade de proclamação do evangelho tem ganhado força, impulsionada pela vasta penetração da internet e pelo tempo que os cidadãos dedicam ao consumo de conteúdo online. Este artigo propõe uma análise aprofundada das estratégias e desafios da evangelização

¹⁸ Acadêmico Izaque Lira de Paula do Curso de Teologia da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: izaquelira5@gmail.com

¹⁹ Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA-ES). Doutorando em Ciências da Religião Pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-PE). Professor do Curso de Ciências Teológicas. E-mail: prof.fabiovalente@fbnovas.edu.br

digital em plataformas de mídia social no Estado do Amazonas. Nosso objetivo geral é investigar as abordagens utilizadas e os obstáculos enfrentados pelos evangelizadores digitais, avaliando sua eficácia e as implicações para a disseminação do evangelho na era digital. Para tanto, descrevemos as principais estratégias empregadas, identificaremos os desafios éticos e práticos inerentes a essa prática e analisaremos os impactos das mensagens evangélicas digitais entre os usuários de mídias sociais no Amazonas.

A abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa é a qualitativa, que segundo Marconi (2010) evidenciam que a abordagem qualitativa se trata de uma pesquisa que tem como argumento, refletir e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a obscuridade do comportamento humano e ainda fornecer análises mais detalhadas sobre as especulações, atitudes e tendências de comportamento. A técnica utilizada nesta pesquisa, baseia-se na pesquisa bibliográfica que segundo Lakatos (2011, p. 43-44), “trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita”.

Assim este trabalho foi desenvolvido com base em uma pesquisa exploratória que segundo Gil (1999, P. 43) “são desenvolvidas como objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. A pesquisa acadêmica sobre este tema no Brasil ainda está em desenvolvimento, mas já aponta para a complexidade desses impactos, que variam significativamente de um indivíduo para outro e de uma comunidade para outra.

2 AS ESTRATÉGIAS DE IGREJAS PARA A UTILIZAÇÃO DAS MÍDIAS SOCIAIS

As plataformas de mídia social é um campo intensamente dinâmico e com abordagens variadas e interessantes. “A cultura digital, com sua velocidade e interatividade, apresenta tanto desafios quanto oportunidades únicas para a disseminação do Evangelho. As igrejas precisam aprender a ‘falar a língua’ das novas mídias para serem relevantes na vida das pessoas.” (WARD, 2002). Neste contexto as igrejas tem ao longo do tempo, umas mais outras menos, lançado mão da variedade de recursos e meios para propagar o evangelho e difundir a sua doutrina e arrebatar fiéis. Para tal, as igrejas produzem conteúdos relevantes e diversificado, utilizando-se de meios como devocional e reflexões, que são compartilhados diária ou semanalmente, com mensagens bíblicas, reflexões sobre versículos e devocionais inspiradores, fazendo uso de imagens e vídeos ou textos escritos, com o objetivo de alimentar a fé para a vida no dia a dia.

Outra forma de conteúdo são os testemunhos, onde compartilha-se história de transformação de vida e fé de membros da igreja com o objetivo de demonstrar o impacto da crença na vida real. Nesse processo são apresentados vídeos curtos com entrevista, mostrando a pessoa que recebeu a transformação ou foi agraciada com alguma bênção. Dessa maneira procura-se atingir a pessoa que está do outro lado, passando a ela, que talvez possa estar sofrendo com situação parecida, a possível solução para o “mal” ou problema que a atinge.

Fazem uso também de conteúdo temático, onde aborda-se temas relevantes para a sociedade à luz da fé cristã, como família, propósito de vida, desafios emocionais, entre outros objetivando a ampliação de público a ser atingido. Outra forma de aumentar o público alvo é a cobertura de eventos e cultos, através de transmissões ao vivo de cultos, eventos especiais, com presença de cantores ou pregadores conhecidos nacionalmente, despertando nos membros e simpatizantes o interesse em participarem remotamente.

Existe também a utilização de conteúdo interativo com criação de enquetes, perguntas e respostas, desafios bíblicos e outras formas de interação, com o objetivo de incentivar o engajamento dos seguidores e criar um senso de comunidade online. Dessa forma a igreja não é mais representada apenas através dos templos físicos, o espaço e distâncias foram superados, agora igrejas conseguem fiéis mesmo em locais que não possuem templo físico, e os fiéis fazem suas doações mesmo a distância, como afirma Freston (2008), “A internet e as tecnologias digitais não são apenas ferramentas, mas também novos espaços onde a fé pode ser comunicada e vivenciada”.

Certamente é necessário que as igrejas mais tradicionais, realizem sua adaptação, para manter a mensagem de Cristo como ele é, sem perder a sua essência, mas sem descartar o uso das mídias sociais, para não perder espaço neste “novo mundo” que é o das plataformas digitais, para levar a mensagem do Evangelho as pessoas, por mais distantes fisicamente que elas estejam, como diz Freston (2008), “A evangelização digital exige uma adaptação das estratégias tradicionais, mantendo a essência da mensagem.”

2.1 Utilização Estratégicas Das Plataformas

As igrejas buscam de forma estratégica atingir o maior número de pessoas, para isso se utilizam de todas as ferramentas disponíveis nas redes sociais, tais como Instagram, usando conteúdo visual atraente como fotos e vídeos curtos com mensagens

impactantes, citações bíblicas em designe criativo, stories com momentos do dia a dia da igreja, mostrando os bastidores, levando os seguidores a se sentirem parte e participantes da comunidade, mesmo estando à distância, pois passa a ver todos os detalhes das cerimônias e até dos momentos de descontração que acontecem na igreja, sentindo-se ligados à irmandade, segundo Lövheim (2013), “A evangelização no espaço digital não se trata apenas de transmitir conteúdo, mas de criar relacionamentos significativos e oportunidades para o diálogo e o encontro com o transcendente”.

Mas ainda existem outras plataformas que são utilizadas como o facebook e Youtube que permite o compartilhamento de mais extensos, como transmissão de cultos, artigos de blog, anúncio de eventos e principalmente a criação de grupos para interação e discipulado online, além de vídeos longos com pregações completas, estudos bíblicos em séries e testemunhos detalhados, bem como conteúdo musical e, ainda tem aquelas igrejas que fazem dos vídeos no formato mais curto e criativo, bem como músicas e, até humor e desafios um meio de transmitir a mensagem de fé de forma inovadora, através do Tik Tok, para alcançar o público mais jovem.

2.2 Interação e Construção De Comunidade

“As redes sociais permitem a criação de comunidades de fé online que podem nutrir a espiritualidade e oferecer apoio mútuo, especialmente para aqueles que estão geograficamente distantes ou se sentem marginalizados pelas estruturas religiosas tradicionais.” (CAMPBELL, 2010).

As igrejas que atuam nas plataformas digitais, realizam a interação de vários modos, como responder a comentários e mensagens, demonstrando atenção e cuidado com os seguidores, não deixando de responder as dúvidas, bem como a mensagens diretas dos seguidores, mostrando o quanto eles são importantes para a comunidade e liderança; a criação de grupos online é outra maneira de realizar compartilhamento de experiências, orações e estudos bíblicos entre membros, para isso utilizam Facebook e WhatsApp. Como afirma Torres (2010, p. 10), “Tenha um conteúdo que seja relevante para a comunidade de seus clientes, sempre se preocupando em manter um conteúdo atualizado e útil para seu público”.

A utilização de lives interativas, com transmissão ao vivo, dando espaço para perguntas e respostas cria uma interação direta com a audiência, o que tem apresentado bom resultado. Não se pode esquecer do incentivo ao compartilhamento, sempre é bom criar motivação nos seguidores para que realizem o compartilhamento dos conteúdos da igreja em seus próprios perfis, com o objetivo de ampliar o alcance da mensagem, pois quanto maior for o número de pessoas alcançadas com a mensagem cristã, melhor será e a possibilidade de aumentar os seguidores será cada vez maior.

2.3 Marketing e Alcance

O marketing nas mídias sociais é o conjunto de ações de marketing digital que visam criar relacionamento entre a empresa e o consumidor, para atrair a sua atenção e conquistar o consumidor online. O marketing nas mídias sociais envolve basicamente relacionamento com seus clientes através da Internet. O conteúdo, gerado no marketing de conteúdo, é peça chave deste processo, pois ajuda a manter uma conversa mais constante, e, portanto, facilita o relacionamento. (TORRES, 2010, p. 12).

O marketing precisa ser feito da melhor maneira para que possa alcançar o maior número de pessoas, para tal usar hashtags populares e específicas do universo cristão com o objetivo de aumentar a visibilidade das publicações é fundamental; realizar parcerias com influenciadores cristão, que compartilham de valores semelhantes para atingir um público cada vez maior; realizar anúncios pagos em plataformas para alcançar públicos específicos com base em interesse e localização demográfica, bem como utilizar palavras-chave relevantes nos títulos e descrições dos vídeos e posts para que sejam encontrados mais facilmente. “Os consumidores são atraídos para o seu site, pois as ferramentas de busca, como o Google, varrem este conteúdo, o exibem para seus consumidores no momento em que ele está buscando algo relacionado ao seu negócio”. (TORRES, 2010, p. 08).

Mesmo tratando-se de igrejas e conteúdo religioso, não podemos esquecer que todos são consumidores de um “produto”, no caso aqui tratado, consumidores da mensagem cristã, portanto as opções de marketing são aplicadas da mesma forma, não importando o tipo de conteúdo, pois o que se busca neste caso é abranger ou ser visto ou ainda acessado pelo maior número de pessoas possível e, esse possível não tem um fim, pois sempre é possível alcançar um pouco mais, daí a importância de sempre está procurando novas e criativas maneiras de marketing, para sempre ir um pouco mais além, como afirma Torres (2010, p. 10) “Divulgue constantemente seu blog, ajudando seu conteúdo a ser conhecido nas mídias sociais, em outros blogs, no Twitter,

Facebook e Orkut. Integre seu Blog ao Twitter, de maneira que toda vez que você colocar conteúdo, ele aparecerá para seus seguidores no Twitter”.

Para Lion (2007), existe uma preocupação que não pode ser descartada e que se precisa estar sempre atento, que é a questão da autenticidade e o cuidado com a mensagem que se transmite para não cair em descrédito, pois com a mesma velocidade que se leva a mensagem do evangelho, também são levados os escanda-los, ou seja, quando se vive diferente daquilo que se prega, os seguidores também ficarão sabendo. “A autenticidade e a transparência são cruciais na evangelização digital. Em um ambiente onde a informação flui livremente, a incongruência entre a mensagem e a prática da igreja pode ser rapidamente exposta, minando a credibilidade”.

Outro fator que não podemos deixar passar despercebido é a atenção que se precisa ter para que o processo midiático não interfira na religião, pois trará certamente prejuízos pois para Jorge Miklos (2010), sendo a religião um fenômeno da cultura, parece-nos que há interferências mediáticas no cenário religioso e, na mesma medida, interferências religiosas no cenário mediático. A partir desse ponto inicia-se as preocupações com as interferências das redes sociais e todos os meios midiáticos na religião, pois o uso dos meios midiáticos pela religião é um processo que ao meu modo de pensar não traz problemas; já ao fazer o processo inverso, ou seja, as mídias sociais interferirem na religião, vemos com certa preocupação e receio de que o “sagrado” seja “contaminado” pelo secular, o que provocaria alterações ou mudanças talvez indesejadas.

3 DESAFIOS ÉTICOS E PRÁTICOS ENFRENTADOS PELOS EVANGELIZADORES DIGITAIS NO USO DAS MÍDIAS SOCIAIS PARA A PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO

A evangelização digital, embora pareça uma ferramenta poderosa e não digo que não seja, na verdade ela é um poderoso meio para alcançar as pessoas, no entanto apresenta uma série de desafios éticos e práticos para aqueles que buscam proclamar o Evangelho nas mídias sociais. Esse é um ambiente dinâmico e navegar por ele requer sabedoria, discernimento e uma compreensão profunda das implicações de suas ações, o que significa dizer que não dá pra simplesmente pegar um celular e começar a fazer live, ou gravar vídeos com pregações ou testemunhos e sair postando nas redes sociais.

3.1 Desafios Éticos

Os dilemas éticos na evangelização digital muitas vezes se entrelaçam com questões de autenticidade, privacidade e respeito. Segundo CAMPBELL (2010, p.15) “As novas mídias não apenas oferecem novas formas de engajamento religioso, mas também levantam questões sobre a autenticidade e a performance da religião em ambientes digitais, onde a apresentação de si e a gestão da impressão são cruciais.”

As pessoas sempre são tentadas a criar personagens “perfeitas”, ou seja, sentem a necessidade de parecerem para aqueles que os seguem e curtem as suas postagens, como pessoas sem defeito e, acabam por criarem personagens idealizadas online, o que fatalmente pode levar a falta de autenticidade e, conseqüentemente prejudicar a credibilidade do evangelizador e da mensagem. A busca por números de seguidores e engajamento pode, por vezes, sobrepor-se à qualidade e integridade do conteúdo, levando a práticas antiéticas como a compra de seguidores ou o uso de discursos polarizadores para gerar cliques. É crucial manter a honestidade e a transparência, apresentando o Evangelho de forma genuína, sem simplificações excessivas ou distorções para agradar ao público.

Evangelizadores digitais podem se depararem com informações sensíveis e pessoais de indivíduos que buscam conselho ou apoio, portanto precisam respeitar a privacidade e passar confiabilidade no sentido de que a confidencialidade seja garantida, pois a responsabilidade de proteger a privacidade dessas pessoas é primordial. Aqueles que utilizam as mídias sociais para proclamarem o evangelho, precisam a cima de tudo ter em mente que mesmo que o compartilhamento de uma história ou testemunho, que possa elevar o número de acessos e conseqüentemente de seguidores, não pode ser usada sem o consentimento explícito por violar a confiança e causar danos, mesmo que essa divulgação seja feito na forma de anonimato. É necessário que os limites sejam estabelecidos de maneira clara para garantir que a confiabilidade seja sempre mantida e evitar danos.

As mídias sociais, infelizmente, podem ser um terreno fértil para o discurso de ódio e a polarização. Evangelizadores digitais podem ser tentados a usar uma linguagem agressiva ou excluir grupos específicos em seus conteúdos, ou podem ser alvos de ataques, como afirma O’leary (1998, p.78) “Enquanto a internet pode conectar indivíduos e comunidades, ela também

amplifica vozes e pode criar 'câmaras de eco' que reforcem crenças existentes, dificultando o diálogo inter-religioso e fomentando a polarização." Portanto se faz necessário manter uma postura de amor, respeito e diálogo construtivo, mesmo que seja um desafio constante, especialmente quando se lida com críticas ou discordâncias. É ético e cristão promover a união e a compreensão, em vez de fomentar divisões.

A linha entre inspirar e manipular pode ser tênue, sendo de responsabilidade de cada criador de conteúdo evangelístico, o desenvolvimento de material relevante e envolvente o suficiente para se destacar e gerar impacto real em um ambiente de atenção dispersa, sem fazer uso de táticas de culpa, medo ou coerção para induzir à conversão ou doações financeiras, como afirma Campbell (2013,p.55), "Em um cenário de sobrecarga de informação, a capacidade de capturar e reter a atenção do público tornou-se uma mercadoria valiosa. Para a religião, isso significa competir não apenas com outras mensagens religiosas, mas com a vastidão do conteúdo de entretenimento e informativo." A proclamação do Evangelho deve ser baseada na liberdade e no amor, e não na exploração da vulnerabilidade das pessoas.

3.2 Desafios Práticos

Além das questões éticas, a evangelização digital enfrenta obstáculos práticos relacionados à natureza da própria mídia social e à forma como o conteúdo é consumido. A internet está saturada de conteúdo, e a atenção dos usuários é um recurso escasso. Criar mensagens que se destaquem e retenham a atenção em meio a tanto ruído é um desafio significativo. A brevidade e o apelo visual são importantes, mas não podem comprometer a profundidade da mensagem do Evangelho. Para Campbell (2010, p.42) "A presença religiosa online não é meramente uma transposição de práticas offline para o digital, mas exige uma remediação e reimaginação da forma como a fé é expressa, tornando-a inteligível e acessível para as culturas digitais emergentes."

Campbell aponta para o desafio prático de adaptar a linguagem, o formato e as estratégias da evangelização para as particularidades de cada plataforma e mídia social, exigindo criatividade e uma compreensão profunda das culturas digitais. Sabemos que o Evangelho é atemporal, mas sua apresentação nas mídias sociais exige uma adaptação constante de linguagem e formato. O que funciona no TikTok pode não funcionar no Facebook. Entender as nuances de cada plataforma e criar conteúdo relevante para diferentes públicos é um desafio contínuo que exige criatividade.

A credibilidade é algo a ser perseguido a todo o tempo, pois a proliferação de notícias falsas e desinformação online torna mais difícil para os evangelizadores digitais estabelecerem e manterem sua credibilidade. É crucial basear as mensagens em fontes confiáveis e evitar a propagação de mitos ou informações não verificadas, mesmo que pareçam apoiar a causa, pois uma vez que se cai em descrédito, provavelmente não se consiga mais voltar a ter credibilidade, pois as notícias nas redes sociais sempre estão retornando, principalmente quando se tem interesses contrários, os adversários não esquecem e estão sempre a lembrar nas redes o acontecido, justamente para não permitir que alguém que sofreu descrédito, venha a se recuperar.

A exposição nas mídias sociais dos evangelizadores digitais, os deixam suscetíveis ao cyberbullying e a assédio online, além de ataques e críticas. Saber lidar com o cyberbullying de forma saudável e não reativa, sem deixar que ele afete a missão, é um desafio prático e emocional. Nesses casos manter a serenidade e ter sabedoria são a chave para a sobrevivência nesse meio, e ter sucesso no trabalho de evangelização, na busca pelas almas, cumprindo o ide de Jesus.

Os impactos e o alcance genuíno não podem ser simplesmente pelo quantitativo de curtidas, compartilhamento e visualizações, pois as métricas das mídias sociais podem ser superficiais e não refletem necessariamente o impacto espiritual genuíno. Fazer a medição do alcance real e a transformação de vidas através da evangelização digital ainda é um desafio, pois o verdadeiro impacto muitas vezes é invisível e se manifesta offline. Como afirma

Campbell (2012) "As métricas de popularidade online, como 'curtidas' e 'seguidores', podem oferecer uma falsa sensação de impacto. O verdadeiro desafio reside em discernir se essa atividade digital se traduz em engajamento significativo, conversão ou crescimento espiritual genuíno."

4 OS IMPACTOS DAS MENSAGENS EVANGÉLICAS DIGITAIS NOS USUÁRIOS DE MÍDIAS SOCIAIS NO BRASIL

O Brasil, com sua vasta população conectada e uma significativa presença evangélica, que ultrapassa com folga os trinta por cento da população, é um terreno fértil para a evangelização digital. As mensagens evangélicas nas mídias sociais têm gerado impactos multifacetados nos usuários, moldando não apenas sua espiritualidade, mas também suas interações sociais, percepções de mundo e até mesmo comportamento de consumo.

4.1 Conexão, Comunidade e Discipulado

Um dos impactos mais evidentes é a ampliação da conexão e da formação de comunidades. As plataformas digitais permitem que indivíduos de diferentes locais geográficos se conectem em torno de uma fé comum, superando barreiras físicas. Segundo Lins (2020, p.289) “As mídias sociais têm reconfigurado as coletividades evangélicas, permitindo a emergência de ‘igrejas líquidas’ ou comunidades virtuais onde a fé é praticada e compartilhada para além dos limites físicos dos templos.” O que tem sido chamado de igrejas virtuais, vem desafiando as estruturas pastorais tradicionais, pois agora a distância não é mais um impedimento para que a pessoa possa fazer de uma igreja, mesmo que ela esteja em outra região do país, a distância geográfica já não existe, estamos todos conectados e a noção de pertencimento religioso mudou. Isso cria:

Comunidades Virtuais de Fé: Muitos usuários encontram nas redes sociais um espaço para compartilhar suas experiências de fé, tirar dúvidas, receber apoio e participar de estudos bíblicos online. Essa “igreja virtual” pode complementar ou até mesmo substituir a presença física em templos, especialmente para aqueles com mobilidade reduzida, que vivem em áreas sem templos próximos ou que buscam anonimato inicial.

O acesso a Conteúdo Edificante como Mensagens, sermões, devocionais e músicas evangélicas estão disponíveis a um clique, permitindo que os usuários acessem conteúdo espiritual a qualquer momento e em qualquer lugar, o que proporciona uma maior facilidade ao conteúdo religioso, do que quando se tem somente o acesso no templo físico. Agora se pode aproveitar as horas vagas para culto, seja em casa ou em outro lugar. Isso pode fomentar o crescimento espiritual e o discipulado individual, tornando a fé mais acessível e personalizável.

A influência de Líderes Digitais como Pastores, cantores e influenciadores digitais evangélicos acumulam milhões de seguidores no Brasil, exercendo uma influência considerável. Eles não apenas pregam, mas também moldam opiniões sobre temas sociais, políticos e culturais sob uma ótica religiosa. Como afirma Maurício, 2017. “O surgimento e a popularidade dos influenciadores digitais no meio evangélico brasileiro indicam uma nova dinâmica de consumo religioso, onde a mensagem do Evangelho é embalada em formatos mais acessíveis e atrativos, permeando o cotidiano dos fiéis através de postagens, stories e transmissões ao vivo. Essa forma de consumo, muitas vezes, é mediada pela figura carismática do influenciador.”

4.2 Desafios e Impactos Negativos

A disseminação de mensagens evangélicas no ambiente digital não está isenta de desafios e impactos negativos, que necessariamente precisam ser trabalhados, superados e evitados como:

Polarização e Discurso de Ódio: Infelizmente, o ambiente digital pode amplificar discursos polarizados e, por vezes, de ódio. Mensagens evangélicas, quando mal interpretadas ou intencionalmente direcionadas, podem contribuir para a intolerância religiosa, o preconceito contra minorias ou a disseminação de informações descontextualizadas, especialmente em temas sensíveis como política, sexualidade e ciência. Segundo Resende (2024), “No contexto brasileiro, a presença evangélica nas mídias sociais frequentemente se articula com pautas político-sociais conservadoras. Isso não só reforça bolhas ideológicas, mas também contribui para a polarização do debate público, onde visões religiosas específicas são amplificadas e, por vezes, confrontadas com outras narrativas.”

Superficialidade e Consumo da Fé: A lógica das mídias sociais, que valoriza a velocidade, o engajamento rápido e o “conteúdo mastigado”, pode levar a uma superficialidade na abordagem da fé. Mensagens reduzidas a “pílulas de sabedoria” podem simplificar doutrinas complexas e promover um “cristianismo de conveniência”, onde a profundidade da reflexão e do compromisso pode ser perdida em detrimento do consumo rápido de conteúdo, como afirma Campbell (2013). “A lógica das mídias sociais de ‘pílulas de conteúdo’ e a busca por respostas imediatas podem levar os usuários evangélicos a uma reinterpretação da fé, priorizando mensagens de autoajuda, prosperidade e bem-estar em detrimento de uma compreensão mais profunda das doutrinas ou do discipulado contínuo.”

Nesse caso o perigo é que pessoas em busca de satisfazer os seus desejos, ou encontrar meios de justificar seus atos “errados”, fiquem a buscar conteúdos que lhe satisfaça, ao invés de ouvir a verdade bíblica, pois quando se vai ao templo para cultivar e ouvir a mensagem do Evangelho, não se escolhe o tipo de mensagem que vai ser ministrada, ouve-se a mensagem pregada sem interferência. Já nas redes sociais se não gostar da mensagem, se pode sair e procurar outra com um clic, o que pode levar as pessoas a procurarem se satisfazerem em vez de serem corrigidas pela mensagem do Evangelho.

Pressão por Performance e Comparação: Assim como em outros nichos das redes sociais, a evangelização digital pode

gerar uma pressão para a “performance espiritual”. Usuários podem se sentir compelidos a exibir uma fé “perfeita” ou a comparar suas vidas com a de influenciadores evangélicos, levando a sentimentos de inadequação, ansiedade e até mesmo ao “esfriamento espiritual” quando a realidade online não corresponde à vida offline. Aí mora o grande perigo para aqueles que deixam de congregar numa igreja física e passam a viver apenas das mensagens e cultos das redes sociais, pois ao tentar imitar o influenciador evangélico, pode se frustrar, pois nas redes sociais se apresenta um personagem “perfeito” que na realidade não existe, e quando não consegue agir como aquele personagem das redes sociais, vem a frustração que pode acarretar vários problemas, inclusive o abandono da fé.

Desinformação e Notícias Falsas: A facilidade de disseminação de conteúdo nas redes sociais também abre portas para a desinformação e fake news no contexto religioso. Mensagens sem base teológica sólida ou factível podem se espalhar rapidamente, confundindo os usuários e, em casos extremos, influenciando decisões importantes em suas vidas.

Um aspecto crucial é a vulnerabilidade de grupos religiosos à desinformação, frequentemente explorada por agentes mal-intencionados. Estudos indicam que comunidades de fé, onde a confiança entre os membros e nas lideranças é elevada, podem se tornar ambientes férteis para a propagação de narrativas falsas. Cunha (2022) destaca que “fake news nas igrejas é uma epidemia a ser curada”, ressaltando as consequências negativas que as mentiras podem gerar, como o descrédito de figuras públicas e a polarização dentro das próprias comunidades. Em seu artigo, ela cita experiências de pastores que foram vítimas de campanhas de desinformação, evidenciando como a imagem de um indivíduo pode ser manchada e como a confiança pode ser abalada.

Fragilização da Comunidade Local: Embora as comunidades online sejam valiosas, uma dependência excessiva delas pode, em alguns casos, fragilizar a importância da igreja local e do relacionamento presencial. A autenticidade dos vínculos, a prestação de contas mútua e a experiência coletiva de adoração podem ser comprometidas se a fé se tornar predominantemente digital.

Um ponto central é que, embora as mídias sociais facilitem a comunicação e a organização de grupos com interesses comuns, elas também podem levar a uma substituição das interações face a face. Isso é destacado por Putnam (2000), que, ao discutir o declínio do capital social nos Estados Unidos, argumenta que o tempo dedicado a atividades virtuais pode reduzir o engajamento em associações civis e interações presenciais que fortalecem a comunidade. Embora Putnam foque mais na televisão, seus argumentos sobre a substituição de atividades sociais podem ser estendidos ao contexto das mídias sociais, onde a imersão no ambiente digital pode diminuir a participação em eventos locais e o envolvimento em iniciativas comunitárias.

Além disso, a natureza fragmentada da informação e a formação de câmaras de eco nas mídias sociais podem minar a diversidade de perspectivas e o diálogo construtivo, essenciais para a resiliência de uma comunidade. Hampton et al. (2015), em suas pesquisas sobre o uso de mídias sociais e capital social, sugerem que, embora a internet e as redes sociais possam fortalecer laços fracos, elas nem sempre se traduzem em um aumento do engajamento cívico ou da solidariedade em nível local, e podem até mesmo criar divisões ao enfatizar interesses específicos em detrimento do bem comum da comunidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impacto das mensagens evangélicas digitais no Brasil é um fenômeno em constante evolução remodelando as paisagens religiosas e comunicacionais do país. As plataformas de mídias sociais provaram serem ferramentas incrivelmente poderosas, permitindo que a mensagem do Evangelho transcenda barreiras geográficas e alcance corações de formas antes inimagináveis. Vimos como elas facilitam a formação de comunidades virtuais, o acesso contínuo a conteúdo edificante e a ascensão de novos líderes e vozes que, de outra forma, não teriam tal alcance. O potencial para o discipulado online, o apoio mútuo e a conexão espiritual é imenso, e muitos usuários brasileiros se beneficiam diariamente dessa acessibilidade e senso de pertencimento.

No entanto, o sucesso e a escala da evangelização digital trazem consigo uma série de responsabilidades e desafios complexos. A superficialidade inerente a algumas interações digitais, a pressão por performance e validação online, e o risco de polarização e disseminação de desinformação são questões éticas e práticas que exigem constante discernimento. A tentação de reduzir a profundidade do Evangelho a “pílulas” de conteúdo para engajamento rápido, ou de priorizar métricas de vaidade em detrimento do impacto espiritual genuíno, são armadilhas reais.

Portanto, a eficácia futura da evangelização digital no Brasil dependerá não apenas da maestria em estratégias e ferramentas tecnológicas, mas, crucialmente, de um compromisso inabalável com a integridade, autenticidade e amor. Navegar este cenário exige sabedoria para discernir quando o digital serve à fé e quando pode desvirtuá-la. A proclamação do Evangelho nas mídias sociais deve, em última análise, complementar e fortalecer o discipulado, a comunidade e a transformação de vidas de forma significativa, transcendendo a tela para impactar a realidade. O desafio é grande, mas a oportunidade de comunicar uma mensagem

de esperança e verdade em um mundo cada vez mais conectado é ainda maior. A pesquisa acadêmica sobre este tema no Brasil ainda está em desenvolvimento, mas já aponta para a complexidade desses impactos, que variam significativamente de um indivíduo para outro e de uma comunidade para outra.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPBELL, H. A. **Digital Religion**: Understanding Religious Practice in New Media Worlds. Routledge, 2013. p. 55.

CAMPBELL, H. A. **Religion and the Internet**: Research Prospects. Routledge, 2012.

CAMPBELL, Heidi. A. **When Religion Meets New Media**. Routledge, 2010.

CAMPBELL, Heidi. A. **When Religion Meets the Web**, 2010. CUNHA, M. **Fake News nas Igrejas**: uma epidemia a ser curada. Le Monde Diplomatique Brasil. (16 de maio 2022). Disponível em: <https://diplomatique.org.br/fake-news-nas-igrejasuma-epidemia-a-a-ser-curada/>

CUNHA, M. **Fake News nas Igrejas**: uma epidemia a ser curada. Le Monde Diplomatique Brasil. (16 de maio 2022). Disponível em: <https://diplomatique.org.br/fake-news-nasigrejasuma-epidemia-a-ser-curada/>

FRESTON, Paul – “**Evangelical Christianity and Democracy in Latin America**”. 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HAMPTON, K. N., Lee, C. J., & Her, E. J. **How new media affordances shape the relationship between communication and social support**: The case of Facebook and marital support. *New Media & Society*, 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 6. ed., rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2011.

LINS, Beatriz A.; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Renata. **Mídias digitais e as fronteiras do religioso**. *Cadernos de Campo*, 2020. (supl), 289-301.

LOVHEIM, Mia – **Doing God Online: How Digital Religion is Changing Faith**”, 2013.

LYONS, Gabe; KINNAMAN – “**Um Christian**: what a new Generation really thinks about Christianity. . . and why tt matters”. 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
O’LEARY, S. **Cybertheology: The Religious, the Ethical, and the Posthuman**. Manchester University Press, 1998, p. 78.

MAURÍCIO, L. L.; GEROLIS, T. V.; MEDEIROS, V. L. **A Influência das Mídias Sociais Digitais no Consumo de Produtos e Serviços Religiosos**. In: Anais do SIMSAD, 2017.

O’LEARY, S. **Cybertheology: The Religious, the Ethical, and the Posthuman**. Manchester University Press, 1998, p. 78.

PUTNAM, R. D. **Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community**. Simon & Schuster, 2000.

REZENDE, D. B. H. **Os Evangélicos e os Meios de Comunicação no Brasil: Inserção Midiática, Competição Social e Poder Simbólico**. Revista Eletrônica Multidisciplinar de Investigação Científica, 2024.

TORRES, Cláudio. **Guia Prático de Marketing na internet para Pequenas Empresas**. Copyright, 2010. WARD, Pete – “**Liquid Church: 6 – D Christianity Going With the Flow**”, 2002.

WARD, Pete – “**Liquid Church: 6 – D Christianity Going With the Flow**”, 2002.

INQUISIÇÃO SEM FOGUEIRA: A PRESSÃO MORAL É CONFORMIDADE RELIGIOSA NA ERA DIGITAL

Kelly Moura Braga²⁰

José Fábio Bentes Valente²¹

RESUMO: O estudo investiga como a pressão moral e a conformidade religiosa se manifestam nas redes sociais, propondo uma comparação com as inquisições históricas, onde a vigilância social substituiu a violência física. Na era digital, as redes sociais atuam como novos espaços de julgamento, impondo normas sociais e morais nas comunidades religiosas, onde a conformidade é esperada e as opiniões divergentes são silenciadas por medo de exclusão social. O objetivo da pesquisa é analisar como a pressão moral nas plataformas digitais influencia a conformidade religiosa e a liberdade de expressão, afetando a saúde mental de indivíduos que buscam aceitação e muitas vezes comprometem sua autenticidade. A metodologia adotada será bibliográfica, com levantamento de obras especializadas nas áreas de religião e comunicação digital. A análise envolverá o estudo das plataformas mais utilizadas por comunidades religiosas, o impacto das pressões morais e casos de “cancelamento” por opiniões não conformes. Como resultados alcançados pode observar que as redes sociais funcionam como arenas de julgamento moral em comunidades religiosas, promovendo conformidade e silêncio. Essa pressão compromete a autenticidade dos indivíduos e afeta sua saúde mental.

Palavras-chave: Conformidade religiosa. Pressão moral. Redes sociais

ABSTRACT: The study investigates how moral pressure and religious conformity manifest themselves on social media, proposing a comparison with historical inquisitions, where social surveillance replaced physical violence. In the digital age, social media act as new spaces of judgment, imposing social and moral norms on religious communities, where conformity is expected and dissenting opinions are silenced for fear of social exclusion. The objective of the research is to analyze how moral pressure on digital platforms influences religious conformity and freedom of expression, affecting the mental health of individuals who seek acceptance and often compromise their authenticity. The methodology adopted will be bibliographic, with a survey of specialized works in the areas of religion and digital communication. The analysis will involve the study of the platforms most used by religious communities, the impact of moral pressures and cases of “cancellation” for non-conforming opinions. As results achieved, it can be observed that social media functions as a moral judgment arena within religious communities, promoting conformity and silencing dissent. This pressure compromises individual authenticity and negatively impacts mental health.

Keywords: Religious conformity. Moral pressure. Social networks.

1 INTRODUÇÃO

Na era digital, a pressão moral e a conformidade social são intensificadas pelas redes sociais, que atuam como novos espaços de julgamento, onde a vigilância coletiva substituiu a violência física da Inquisição. Isso cria um ambiente em que as pessoas se sentem forçadas a aceitar normas sociais e morais, temendo represálias e exclusão virtual. Como resultado, muitos se autocensuram e deixam de expressar opiniões diferentes.

As redes sociais não servem apenas para nos conectar, mas também moldam nosso comportamento de formas prejudiciais. Elas recompensam a conformidade e punem a individualidade, criando um ciclo de pressão social que dificulta a expressão autêntica. Essa hipótese sugere que, embora não existam fogueiras físicas, a pressão moral intensa e a necessidade de aceitação social na esfera digital formam um novo tipo de inquisição, onde o medo de ser “cancelado” ou criticado é tão eficaz quanto a perseguição direta.

Assim, observamos que a pressão moral das comunidades religiosas nas redes sociais promove um ambiente em que os indivíduos silenciarão suas crenças divergentes e se conformarão, parecido com a inquisição, mas sem punições físicas.

²⁰ Acadêmico do Curso de Teologia EAD da Faculdade Boas Novas - FBN, E-mail: kelly.20210332@aluno.fbnovas.edu.br

²¹ Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA-ES). Doutorando em Ciências da Religião Pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-PE). Professor do Curso de Ciências Teológicas. E-mail: prof.fabiovalente@fbnovas.edu.br

A problemática da pesquisa se baseia nas seguintes perguntas: Quais plataformas são mais usadas para discussões religiosas e como elas exercem pressão moral? Existem casos de “cancelamento” por crenças não conformes? O que é semelhante e o que é diferente na imposição de moralidade atual?

O objetivo geral é investigar como a pressão moral nas redes sociais afeta a conformidade religiosa e a liberdade de expressão entre indivíduos de comunidades religiosas, analisando as dinâmicas sociais que promovem o silêncio de crenças divergentes na era digital. Levantando como objetivos específicos: Analisar as plataformas digitais mais utilizadas por comunidades religiosas e como elas influenciam a pressão moral sobre os membros. Identificar e estudar casos de “cancelamento” ou banimento que ocorreram em comunidades religiosas devido a opiniões não conformes. Explorar a comparação entre as práticas de conformidade religiosa contemporâneas e as inquisições históricas, destacando semelhanças e diferenças.

A fim solucionar essas perguntas problemáticas no primeiro momento iremos identificar qual são as plataformas digitais que intensificam a pressão moral em comunidades religiosas, promovendo conformidade e vigilância sobre os membros. No segundo momento iremos verificar como ocorre o cancelamento em comunidades religiosas quando líderes ou membros expressam opiniões divergentes da doutrina, gerando exclusão social, conflitos internos e debates sobre tradição e inclusão. E no terceiro momento estaremos comparando as inquisições históricas com práticas religiosas contemporâneas, mostrando que, apesar da mudança nos métodos, o controle da ortodoxia e a exclusão de divergentes ainda persistem.

A era digital oferece um espaço onde a religiosidade é amplamente debatida e praticada, mas também onde a vigilância social é forte. Comunidades religiosas podem impor pressão moral sobre seus membros, criando um ambiente onde a conformidade é esperada. Essa situação é semelhante à inquisição, que buscava manter a ortodoxia, mas sem os métodos violentos de antigamente.

O tema “Inquisição Sem Fogueira: A Pressão Moral é a Conformidade Religiosa na era digital” é relevante, pois hoje a maior parte das interações sociais ocorrem nas redes digitais. A religiosidade, importante na formação de identidades e valores, enfrenta dinâmicas que podem tanto incluir quanto excluir.

A pressão para se conformar a normas e crenças nas redes sociais é intensa, assim como ocorria nas inquisições do passado. Contudo, as punições não são mais físicas, mas se manifestam em exclusão social, fazendo com que as pessoas silenciem suas opiniões e questionamentos.

Este estudo visa entender como essa pressão moral afeta a liberdade de crença e a expressão pessoal. Além disso, explorar essas dinâmicas podem trazer inspirações sobre a saúde mental de indivíduos que, em busca de aceitação, podem comprometer sua autenticidade.

A análise da conformidade religiosa na era digital pretende contribuir para um debate crítico sobre a ética da comunicação online e a necessidade de respeitar a diversidade de crenças. Assim, a pesquisa é uma ferramenta importante para promover comunidades religiosas mais inclusivas, onde a liberdade de expressão não seja sacrificada pela conformidade.

Por fim, investigar formas de resistência e estratégias para um diálogo mais respeitoso nas redes sociais é essencial. A busca por soluções que incentivem a liberdade de expressão e a diversidade de opiniões pode ajudar a construir um ambiente digital mais saudável, onde a individualidade seja valorizada e a pressão para se conformar diminua.

Dessa maneira, este trabalho se propõe a explorar as nuances dessa “inquisição sem fogueira”, contribuindo para um debate mais amplo sobre as implicações sociais e religiosas das interações online atuais.

A metodologia desta pesquisa, em sua dimensão bibliográfica, será desenvolvida através de um criterioso levantamento e análise sistemática da literatura especializada, contemplando obras fundamentais nas áreas de Ensino Religioso, diversidade religiosa e era digital. O processo investigativo incluirá a consulta a diferentes bases de dados acadêmicas, bibliotecas digitais e repositórios institucionais, buscando identificar publicações relevantes que abordem especificamente sobre o tema em questão.

O desenvolvimento da pesquisa bibliográfica seguirá etapas sistematizadas, iniciando com a identificação e seleção das fontes primárias e acadêmicas relevantes. Esta fase da pesquisa será orientada por critérios específicos de inclusão secundárias, incluindo livros, artigos científicos, teses, dissertações, documentos oficiais e outras publicações e exclusão, considerando a relevância, atualidade e pertinência das fontes em relação ao objeto de estudo, com especial atenção às publicações que abordem as especificidades sobre a pressão moral e sobre a conformidade religiosa na era digital.

A organização e sistematização do conhecimento obtido através da pesquisa bibliográfica será estruturada de forma a evidenciar as principais contribuições teóricas, debates contemporâneos e lacunas existentes na literatura sobre a conformidade religiosa na era digital. Este processo permitirá não apenas mapear o estado atual do conhecimento sobre o tema, mas também

identificar possíveis caminhos para o desenvolvimento de novas perspectivas teóricas e práticas que contribuam para o aprimoramento do sobre conformidade religiosa na era digital, considerando suas particularidades e desafios específicos.

2 PLATAFORMAS DIGITAIS MAIS UTILIZADAS POR COMUNIDADES RELIGIOSAS QUE INFLUENCIAM NA PRESSÃO MORAL SOBRE OS MEMBROS

Nos últimos anos, as plataformas digitais se tornaram espaços cada vez mais relevantes para comunidades religiosas, especialmente com a crescente digitalização das interações sociais. A pandemia de COVID-19 acelerou essa transição para o online, forçando muitas igrejas, templos e outras organizações religiosas a adaptarem suas práticas ao ambiente virtual. No entanto, essas plataformas não são apenas canais de transmissão de conteúdo religioso, mas também espaços nos quais os membros dessas comunidades são constantemente influenciados por diversas pressões morais, que vão desde a conformidade com dogmas até a conformidade com comportamentos sociais aceitos dentro do grupo (SOUZA, 2013a).

Historicamente, as comunidades religiosas estavam centradas em espaços físicos, como igrejas, templos, mesquitas ou sinagogas, Segundo Chagas e Patriota (2021), as redes sociais digitais têm promovido uma reconfiguração das experiências religiosas de comunidade, permitindo que a fé seja compartilhada de forma interativa e contínua no ciberespaço, ultrapassando as limitações dos espaços físicos tradicionais. Tornando-se vitais para a transmissão de sermões, cultos, pregações e atividades comunitárias. A partir desse movimento, surgiu uma nova forma de interação, mais dinâmica e contínua, entre os líderes religiosos e os membros das congregações.

O YouTube passou a ser uma ferramenta importante para a propagação de conteúdos religiosos, como sermões e pregações, ampliando o alcance das mensagens para além dos espaços físicos de culto; reflexões e testemunhos também circulam por essa plataforma, promovendo uma forma de rede social religiosa (CAMPBELL, 2012; LÉVY, 2003).

O Facebook, por sua vez, oferece espaços onde membros podem interagir, compartilhar postagens sobre fé, discutir questões doutrinárias ou sociais, e até mesmo organizar eventos. Esses grupos frequentemente se tornam locais em que os membros são incentivados a se comportar de acordo com normas e valores específicos da religião, criando uma pressão moral implícita para a conformidade. A análise de discursos de ódio nas redes sociais digitais revela como tais ambientes podem reforçar estereótipos e generalizações, além de promover atitudes de superioridade ou inferioridade entre os membros (SILVA, 2020).

Segundo Nascimento (2020), o Instagram tem sido amplamente utilizado como um canal de evangelização e fortalecimento da fé, especialmente por meio de conteúdos visuais como versículos bíblicos, mensagens motivacionais e momentos de culto. Esse uso não apenas amplia o alcance das mensagens, mas também reforça o sentimento de pertencimento dos seguidores, principalmente por meio de recursos como os stories, que geram maior proximidade e engajamento com as lideranças religiosas.

Segundo Mochel (2024), os grupos de WhatsApp usados para oração e comunhão religiosa frequentemente transmitem não apenas conteúdos de fé, mas também instruções moralizantes e imposições implícitas sobre a presença e participação dos fiéis, configurando uma forma moderna de controle social.

De acordo com Smith e Duggan (2013), durante a pandemia, plataformas como Zoom passaram a ser largamente adotadas por comunidades religiosas para cultos, estudos bíblicos e reuniões de oração, promovendo uma interação mais próxima entre os fiéis, enquanto os podcasts religiosos se consolidam como canais permanentes de debates teológicos e morais. Porém essas plataformas digitais não apenas conectam os membros das comunidades religiosas, mas também exercem uma pressão moral significativa sobre eles.

É interessante destacar que em muitas comunidades religiosas, especialmente as mais conservadoras, há uma expectativa de que os membros sigam rigorosamente as doutrinas e ensinamentos do líder espiritual ou da tradição religiosa. Como aponta Kadooka (2019), nas comunidades religiosas no Facebook, os participantes mantêm um ideal moral rígido, atuando como vigilantes e aplicando sanções sociais a quem se desvia desses valores; esse mecanismo reforça a conformidade e promove exclusão de comportamentos considerados desalinhados com a fé.

Também tem as plataformas digitais para criarem um ambiente em que os membros são constantemente avaliados e avaliadores. Comentários, curtidas e compartilhamentos tornam-se métricas de aceitação e aceitação social. A necessidade de mostrar constantemente uma “imagem correta” diante da comunidade religiosa pode gerar uma pressão intensa para que os membros se conformem a ideais muitas vezes irrealistas ou idealizados de perfeição moral e espiritual. Isso pode resultar em uma sobrecarga psicológica, já que as pessoas podem sentir a necessidade de sempre estar “à altura” do que é esperado, não apenas nas esferas físicas, mas também nas digitais (FREITAS, 2022; BARROS JÚNIOR, 2023).

E com isso entra o papel crucial na formação das atitudes e comportamentos dentro de suas comunidades através dos

líderes religiosos. Porque eles podem intensificar a pressão moral nas plataformas digitais. Sermões e mensagens pessoais podem ser dirigidos aos membros com o intuito de guiá-los, mas também podem se tornar instrumentos de controle social. Como aponta Sousa (2018), em grupos de oração no WhatsApp, as lideranças religiosas utilizam mensagens pessoais que vão além de conteúdo espiritual, orientando comportamentos morais e reforçando padrões de conduta, o que pode funcionar como instrumento de controle social e reforçar a conformidade ao discurso pastoral.

Precisamos ressaltar que estudos no Brasil mostram que cerca de 40% das pessoas se sentem pressionadas e julgadas nas redes sociais, devido a expectativas de exibir uma imagem idealizada; essa vigilância constante pode gerar ansiedade e sobrecarga emocional, especialmente em contextos de forte presença religiosa online (DATAFOLHA, 2022).

Segundo Azevedo e Ferreira (2019), a constante exposição a normas e imagens idealizadas nas redes sociais, especialmente em contextos religiosos, pode causar sobrecarga emocional, sentimento de culpa e levar ao distanciamento da fé quando as expectativas se tornam inviáveis.

As interações intensas nas plataformas digitais têm potencial para fomentar tanto a solidariedade quanto pressões morais internas. Nesse contexto, as lideranças podem utilizar as mensagens para moldar valores e comportamentos, exigindo conformidade e culminando em efeitos psicológicos como angústia ou exclusão, um fenômeno destacadamente analisado por Vasconcelos e Cavalcante (2019).

3 CANCELAMENTO OCORRIDOS EM COMUNIDADES RELIGIOSAS DEVIDO A OPINIÕES NÃO CONFORMES

O conceito de “cancelamento” se tornou amplamente discutido nas últimas décadas, especialmente com o crescimento das redes sociais e das plataformas digitais, onde a opinião pública é rápida e, muitas vezes, implacável. O termo se refere ao ato de uma pessoa ou grupo ser marginalizado, excluído ou criticado publicamente devido a um comportamento, fala ou ação que não se alinha com as normas ou valores de uma determinada comunidade ou sociedade. Dentro das comunidades religiosas, o cancelamento tem assumido uma forma peculiar: muitas vezes, ele está ligado ao questionamento ou à expressão de opiniões que não estão em conformidade com a doutrina religiosa ou com as expectativas da congregação. Este artigo explora três casos de cancelamento ocorridos em comunidades religiosas devido a opiniões não conformes e analisa as implicações sociais e psicológicas desses eventos. É interessante destacar que as obras dos Winston et al. (2019), Suderman (2013) e Bell (2011), ajudam explicar os cancelamentos dos casos abaixo.

3.1 O Caso de Josh Harris e a Igreja Evangélica

Josh Harris foi um dos mais conhecidos pastores da Igreja Evangélica nos Estados Unidos, especialmente pelo seu livro *I Kissed Dating Goodbye*, que se tornou um manual para muitos jovens cristãos conservadores. Harris se destacou por promover uma visão estrita sobre o namoro e os relacionamentos, advogando pelo abstencionismo até o casamento e a separação clara entre os sexos. Contudo, em 2019, Harris anunciou sua decisão de deixar o ministério pastoral e se afastar da fé cristã tradicional, além de revelar publicamente que havia mudado suas crenças sobre muitos dos ensinamentos que ele mesmo havia defendido.

Esse afastamento de Harris das normas religiosas tradicionais causou um grande impacto na comunidade evangélica. Muitos de seus seguidores e colegas de ministério o “cancelaram” publicamente, acusando-o de traição à fé e aos princípios que ele mesmo havia promovido. O fato de ele questionar publicamente a moralidade de certos ensinamentos tradicionais foi considerado uma ameaça à coesão da comunidade religiosa, e ele enfrentou uma pressão considerável de membros da sua antiga igreja e seguidores nas redes sociais, levando ao seu afastamento definitivo de muitas dessas comunidades. Esse caso exemplifica como as comunidades religiosas podem usar o “cancelamento” como uma ferramenta para manter a pureza doutrinária e afastar aqueles que divergem das crenças predominantes.

3.2 O Caso de Nadia Bolz-Weber e a Igreja Luterana

Nadia Bolz-Weber é uma pastora e autora conhecida por suas opiniões progressistas dentro da Igreja Luterana, especialmente em relação a temas como sexualidade, gênero e inclusão. Ela fundou a “House for All Sinners and Saints”, uma igreja inclusiva em Denver, nos Estados Unidos, que se dedica a uma abordagem mais aberta e moderna do cristianismo. No entanto, sua defesa de posições progressistas sobre questões como casamento entre pessoas do mesmo sexo e sua crítica a algumas doutrinas tradicionais do cristianismo acabaram gerando polêmica e resistência de setores mais conservadores da Igreja Luterana.

Em um caso notável de cancelamento, Bolz-Weber foi severamente criticada por membros de sua denominação por desconsiderar certos aspectos da ortodoxia luterana, como a doutrina tradicional sobre o pecado e a salvação. Seus seguidores progressistas a apoiaram, mas muitos outros membros da igreja, especialmente aqueles ligados à vertente mais conservadora da Luterana, a acusaram de heresia e traição dos ensinamentos clássicos da igreja. Esse cancelamento foi uma forma de disciplinar e marginalizar uma pastora que, por meio de suas opiniões não conformes, desafiava os fundamentos doutrinários da tradição religiosa.

O caso de Bolz-Weber mostra como a intolerância a opiniões divergentes dentro das comunidades religiosas pode levar a um cancelamento não só social, mas também profissional e espiritual. Sua experiência ressalta a dificuldade de conciliar a liberdade de expressão e as reformas teológicas com a necessidade de preservar a unidade e a ortodoxia dentro da Igreja.

3.3 O Caso de Rob Bell e a Igreja Evangélica

Rob Bell, pastor e autor de livros como *Love Wins*, que questiona a visão tradicional do inferno e da salvação, se tornou uma figura controversa dentro da Igreja Evangélica. Em *Love Wins*, Bell sugere que a ideia de um inferno eterno para os não salvos pode ser uma concepção equivocada da natureza de Deus, argumentando que o amor de Deus é mais inclusivo do que muitas doutrinas tradicionais sugerem. Suas opiniões foram recebidas com críticas ferozes, e Bell foi rapidamente “cancelado” por muitos dos líderes evangélicos conservadores que viam suas ideias como uma ameaça às doutrinas centrais do cristianismo evangélico.

Bell enfrentou uma severa campanha de desacreditação que incluiu desde acusações de heresia até boicotes a seus livros e eventos. Ele foi exposto a uma intensa pressão pública, e muitos de seus seguidores o abandonaram, acusando-o de minar a fé cristã verdadeira. O cancelamento de Bell foi emblemático da rígida linha doutrinária de muitas denominações evangélicas, que não toleram desvio de ensinamentos clássicos e exigem conformidade total às normas estabelecidas. No entanto, Bell manteve sua posição e continuou a promover suas ideias em outros contextos, demonstrando a resiliência diante de uma pressão considerável.

O cancelamento dentro das comunidades religiosas geralmente ocorre quando um indivíduo expressa opiniões que desafiam ou questionam a doutrina oficial. Esse tipo de “cancelamento” reflete a tentativa das comunidades religiosas de manter a coerência teológica e moral, buscando proteger sua identidade e coesão interna. No entanto, esse processo pode ter consequências psicológicas profundas para os indivíduos afetados, como sentimentos de exclusão, perda de identidade e solidão. Além disso, o cancelamento pode afetar a saúde mental dos membros, resultando em ansiedade e distúrbios de autoestima devido ao isolamento social e espiritual.

Por outro lado, o cancelamento pode gerar uma reflexão mais ampla sobre a necessidade de aceitação das diferenças dentro das comunidades religiosas e sobre como essas comunidades podem se adaptar às mudanças sociais e culturais, sem perder sua identidade fundamental. A resistência ao cancelamento, como observada nos casos de Harris, Bolz-Weber e Bell, pode ser vista como uma oportunidade para reimaginar e reinterpretar as tradições religiosas de maneira mais inclusiva e aberta, respeitando a diversidade de pensamento e crença.

Os casos de cancelamento de figuras públicas dentro de comunidades religiosas, como Josh Harris, Nadia Bolz-Weber e Rob Bell, demonstram o impacto da rigidez doutrinária sobre os indivíduos que desafiam as normas estabelecidas. Enquanto esses processos de exclusão podem fortalecer a unidade interna de algumas comunidades, também geram divisões e confrontos que levam à marginalização de vozes divergentes. Ao mesmo tempo, esses eventos abrem espaço para o questionamento das estruturas tradicionais, possibilitando um debate sobre a inclusão e a aceitação das diferenças dentro das comunidades religiosas. A forma como as religiões lidam com as opiniões não conformes será determinante para seu futuro, pois o equilíbrio entre tradição e inovação se torna cada vez mais necessário em um mundo cada vez mais plural e conectado.

4 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE AS PRÁTICAS RELIGIOSA CONTEMPORÂNEAS E AS INQUISIÇÕES HISTÓRICAS

A relação entre religião e poder tem sido uma constante ao longo da história da humanidade. Em diversas épocas, práticas religiosas foram associadas ao controle e à conformidade de seus seguidores, muitas vezes utilizando punições severas e exclusão como ferramentas de disciplinamento. Um dos períodos mais marcantes dessa relação foi a época das Inquisições, que ocorreram principalmente durante a Idade Média e a Idade Moderna, onde autoridades religiosas e políticas usaram de processos inquisitórios para manter a ortodoxia religiosa. Por outro lado, as práticas contemporâneas de conformidade religiosa, frequentemente mediadas pelas plataformas digitais e pelo controle social das redes de fé, apresentam características distintas, mas também ressoam com

métodos coercitivos de controle social. Este artigo analisa as semelhanças e as diferenças entre essas práticas históricas de conformidade religiosa e as atuais, utilizando uma abordagem crítica sobre a evolução das formas de controle religioso e suas implicações sociais.

As Inquisições, que ocorreram entre os séculos XII e XVIII, são um dos exemplos mais conhecidos de como as instituições religiosas utilizaram seu poder para garantir a conformidade doutrinária e eliminar heresias. Inicialmente estabelecidas pela Igreja Católica durante o papado de Gregório IX (1233), as Inquisições tinham o objetivo de identificar e punir aqueles considerados hereges – indivíduos cujas crenças estavam em desacordo com a doutrina oficial da Igreja. A prática de interrogatório, tortura e execução era comum durante essas investigações, com a intenção de forçar a conformidade e garantir a pureza da fé (KAMEN, 1997; FEITLER, 2007).

A principal semelhança entre as práticas inquisitoriais e as atuais práticas de conformidade religiosa é o uso de punições para garantir que os indivíduos sigam os preceitos da religião dominante. Embora os métodos tenham mudado – as torturas físicas, por exemplo, deram lugar a formas mais sutis de pressão social e psicológica –, ainda existem mecanismos de controle social que marginalizam aqueles que se afastam da ortodoxia religiosa. A exclusão social e as ameaças de excomunhão, que eram comuns nas Inquisições, encontram eco em práticas contemporâneas de controle religioso, onde a alienação e o estigma social se tornam formas de disciplinamento (GILLESPIE, 2018; SARMENTO et. al, 2021).

Nas últimas décadas, o cenário de conformidade religiosa mudou significativamente, especialmente com o advento das plataformas digitais e das redes sociais. Hoje, as igrejas e organizações religiosas usam a internet para transmitir suas mensagens, organizar cultos, compartilhar doutrinas e interagir com seus membros. Muitos líderes religiosos exigem que seus seguidores se comportem de acordo com certas normas, e a pressão para ser “aprovado” pela comunidade se tornou uma forma de disciplinamento. De acordo com Gillespie (2018), a interação online, com comentários, curtidas e compartilhamentos, gera uma pressão social que funciona como um mecanismo de controle, onde os indivíduos buscam pertencimento por meio da conformidade. Nas palavras de Sarmiento et al. (2021), aqueles que não se adequam às normas religiosas são frequentemente expostos ao estigma e à exclusão, em um processo de disciplinamento social que ecoa práticas históricas de punição moral.

Apesar das diferenças tecnológicas e culturais, existem algumas semelhanças fundamentais entre as práticas de conformidade religiosa das Inquisições históricas e as atuais. A primeira semelhança é a intolerância à diversidade religiosa. Nas Inquisições, as ideias divergentes eram vistas como uma ameaça à ordem social e espiritual, e os hereges eram considerados inimigos da fé. Conforme afirma Souza (2013b), em muitos contextos religiosos contemporâneos, ainda existe uma resistência significativa ao questionamento de certos dogmas, e aqueles que propõem novas interpretações das escrituras ou das práticas religiosas podem ser marginalizados ou até mesmo expelidos das comunidades religiosas.

Além disso, tanto nas Inquisições quanto nas práticas religiosas contemporâneas, há uma forte pressão para a conformidade social. Conforme afirma Kamen (1997), durante as Inquisições os indivíduos eram forçados a se submeter ao julgamento da Igreja, sob ameaça de excomunhão ou até mesmo morte em caso de recusa. Por outro lado, segundo Campbell (2012) e Lévy (2003), nos dias atuais, a conformidade religiosa é frequentemente mantida por meio de pressões sociais, como a exclusão de grupos e redes sociais religiosas ou pela estigmatização daqueles que “desviam” da norma, gerando um sentimento de isolamento entre os indivíduos não conformistas.

Outra semelhança importante é o controle moral e comportamental. Conforme afirma Kamen (1997), nas Inquisições a moralidade e o comportamento dos indivíduos eram cuidadosamente vigiados, e os hereges eram frequentemente acusados de imoralidade. De forma semelhante, segundo Campbell (2012) e Gillespie (2018), muitas comunidades religiosas contemporâneas impõem padrões rígidos de comportamento moral, frequentemente relacionados à sexualidade, às relações familiares e ao consumo de substâncias, controlando o comportamento pessoal de seus membros.

No entanto, há também diferenças significativas entre as Inquisições históricas e as práticas de conformidade religiosa contemporâneas. A principal diferença é o uso de violência física. Enquanto as Inquisições eram caracterizadas por torturas e execuções, as práticas de conformidade religiosa contemporâneas raramente recorrem à violência física direta. Conforme afirma Foucault (2014), o poder moderno tende a se exercer não mais pela violência direta, mas por meio de estratégias disciplinares e de vigilância que moldam os comportamentos e subjetividades dos indivíduos. Segundo Souza (2013), as instituições religiosas atuais frequentemente mantêm o controle através de pressões sociais, emocionais e econômicas, como a perda de status dentro da comunidade religiosa ou o afastamento das redes de apoio social.

Além disso, a natureza descentralizada das práticas religiosas contemporâneas também é uma diferença importante. Conforme afirma Hutchings (2019), enquanto a Igreja Católica detinha um poder centralizado e absoluto durante as Inquisições,

hoje muitas comunidades religiosas operam de forma descentralizada, mediadas por líderes locais ou plataformas digitais. Nas palavras de Silva e Nalini (2015), o uso de fanpages no Facebook mostra uma pluralidade de discursos religiosos, evidenciando que o controle de uma única autoridade institucional cede lugar à diversidade de vozes e interpretações no ambiente digital.

Outra diferença relevante é o grau de visibilidade pública. Conforme afirma Hutchings (2019), enquanto as Inquisições operavam de forma bastante aberta, com julgamentos públicos e punições visíveis, as práticas de conformidade religiosa contemporâneas ocorrem muitas vezes em esferas mais privadas, como grupos fechados em redes sociais ou aplicativos de oração, onde as normas se tornam mais sutis, mas ainda exigem aderência. Nas palavras de Silva e Nalini (2015), esses espaços privados permitem um controle moral “nos bastidores”, reforçando a disciplina interna sem o espetáculo público das punições históricas.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Michael J. **Podcasting religious studies**. *Religion*, v. 45, n. 4, p. 573–584, 22 jun. 2015.

DOI: 10.1080/0048721X.2015.1055668.

AZEVEDO, Bonnie M. M.; FERREIRA, Raphael da S. **Redes sociais e religião: um estudo sobre a experiência religiosa dos jovens na sociedade imagética conectada**. *Numen*, Juiz de Fora, v.21, n.1, 2019. DOI: 10.34019/2236-6296.2018.v21.22122. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/22122>. Acesso em: 10 maio. 2025.

BARROS JÚNIOR, M. **A sociedade do espetáculo narcísico: curadoria da vida e autoexposição nas redes sociais**. Portal de Divulgação Científica do IPUSP, 2023. Disponível em: <https://sites.usp.br/psicousp/redes-sociais-na-construcao-da-imagem-sujeito/>. Acesso em: 10 maio. 2025.

BELL, Rob. **Love Wins: a book about heaven, hell, and the fate of every person who ever lived**. New York: HarperOne, 2011.

CAMPBELL, Heidi A. **Exploring religious community online: We are one in the network**. New York: Peter Lang, 2012.

CEP, Casey. **The Gospel in a Time of Social Distancing: how Christian worship migrated para o digital durante a pandemia**. *The New Yorker*, 29 mar. 2020. Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/on-religion/the-gospel-in-a-time-of-social-distancing>. Acesso em: 15 maio. 2025.

CHAGAS, Hudson Ramos Santos das; PATRIOTA, Karla Regina Macena Pereira. **Redes sociais digitais e a reconfiguração das experiências religiosas de comunidade**. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Belo Horizonte, v. 81, n. 318, p. 59–76, abr./jun. 2021.

DATAFOLHA. 40% dos brasileiros relatam medo de serem julgados nas redes sociais, diz pesquisa. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 15 set. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/09/40-dos-brasileiros-relatam-medo-deserem-julgados-nas-redes-diz-datafolha.shtml>. Acesso em: 10 maio. 2025.

FEITLER, Bruno. **Inquisition, juifs et nouveaux-chrétiens au Brésil**. Le Nordeste, XVIIe XVIIIe siècles. Louvain: Presses Universitaires de Louvain, 2003 (reeditado 2007).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raul de Sá Schnoor. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREITAS, J. S. L. **Redes sociais e bem-estar: efeitos da curadoria da vida e do imperativo do prazer visual**. *Expressão Católica*, 2022, p.23. Disponível em: https://www.academia.edu/119252400/REDES_SOCIAIS_E_BEM_ESTAR_Expressão_Cat%C3%B3lica. Acesso em: 10 maio. 2025.

GILLESPIE, Marie. **Social media and religious change**. London: Open University, 2013.

HUTCHINGS, Tine. **Digital Religion and Social Media: Networked Faith in the Twenty-First Century**. Palgrave Macmillan,

2019.

KADOOKA, Aline de Assis. **A inquisição virtual: um estudo sobre a moralidade nos sites de redes sociais.** 2019. Doutorado em Psicologia – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Franca, SP. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/183633>. Acesso em: 10 maio. 2025.

KAMEN, Henry. **The Spanish Inquisition: a historical revision.** New Haven: Yale University Press, 1997.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 2003.

MOCHEL, Lorena. **WhatsApp como campo de batalha: reflexões ético-metodológicas a partir de uma etnografia em grupos de oração evangélicos.** Gesto, Imagem e Som – Revista de Antropologia, São Paulo, v. 9, e 216670, 2024. Disponível em: <https://revistas.usp.br/gis/article/view/216670>. Acesso em: 7 jun. 2025.

NASCIMENTO, E. C. do. **Ciberteologia e redes sociais: o Instagram como novo púlpito digital na contemporaneidade.** Horizonte, Belo Horizonte, v. 18, n. 55, p. 1011–1030, 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/23058>. Acesso em: 1 maio. 2025.

SARMENTO, Maria José; GONÇALVES, Maria João; MENDONÇA, Sílvia. **As dinâmicas de julgamentos morais nas redes sociais: uma leitura a partir do conceito de economia moral.** Civitas, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 127–145, 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/38785>. Acesso em: 1 maio. 2025.

SILVA, Cristiomar da; NALINI, Lauro Eugênio Guimarães. **Religião e mídias sociais: a disseminação do discurso religioso no Facebook.** Revista Panorama – Comunicação Social, Goiânia, v.5, n.1, p.65–77, 2015. DOI: 10.18224/pan.v5i1.4326. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/4326>. Acesso em: 10 maio. 2025.

SILVA, João M. da. **Redes sociais e religiosidade: controle moral e conformidade nas comunidades online.** Revista Brasileira de Sociologia, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 85-102, 2020.

SMITH, A.; DUGGAN, M. **Online Dating & Relationships.** Washington, DC: Pew Research Center, 2013. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/internet/2013/10/21/online-dating-relationships/>. Acesso em: 10 maio. 2025.

SOUSA, M. T. de. **Rezando pelo smartphone: reconfigurações de práticas religiosas em um grupo de oração católico pelo WhatsApp.** Revista Fronteiras, São Paulo, v.20, n.2, p.217–230, 2018. DOI: 10.4013/fem.2018.202.07.

INTEGRAÇÃO DO ACONSELHAMENTO PASTORAL NA EDUCAÇÃO CRISTÃ INFANTIL

Renan de Souza Dutra²²

José Fábio Bentes Valente²³

RESUMO: Este trabalho de conclusão de curso trata sobre a integração do aconselhamento pastoral na educação cristã infantil, considerando os desafios contemporâneos enfrentados pelos conselheiros para a promoção de um efetivo aconselhamento. Sua problemática envereda-se em analisar como o aconselhamento pastoral pode ser integrado de forma eficaz na educação cristã infantil, visando promover o desenvolvimento espiritual, social e emocional nas crianças. A metodologia utilizada foi do tipo bibliográfica, haja vista possuir uma gama de obras do campo acadêmico e teológico que inferem sobre essa temática aqui abordada. Os objetivos tratados são: Identificar o conceito de aconselhamento pastoral na infância; descrever quais as estratégias de aconselhamento pastoral adaptadas ao público infantil; e analisar sobre o local oportuno para aplicação do processo de aconselhamento e os seus possíveis desafios. Dos resultados esperados nessa pesquisa, constata-se que, em meio às influências externas e às pressões sociais, o aconselhamento pastoral proporciona um ambiente seguro onde as crianças podem encontrar consolo e direção espiritual, capacitando-as a viverem de forma plena e significativa em Cristo.

Palavras-chave: Aconselhamento pastoral. Infância. Educação cristã.

ABSTRACT: This final course paper addresses the integration of pastoral counseling in Christian childhood education, considering the contemporary challenges faced by counselors in promoting effective counseling. The central issue lies in analyzing how pastoral counseling can be effectively integrated into Christian childhood education, aiming to foster spiritual, social, and emotional development in children. The methodology used was of the bibliographic type, in view of having a range of works from the academic and theological field that infer about this theme addressed here. The specific objectives are: to identify the concept of pastoral counseling in childhood; to describe the pastoral counseling strategies adapted for children; and to analyze the appropriate setting for applying the counseling process and its possible challenges. From the expected outcomes of this research, it is found that, amid external influences and social pressures, pastoral counseling provides a safe environment where children can find comfort and spiritual guidance, empowering them to live fully and meaningfully in Christ.

Keywords: Pastoral counseling. Childhood. Christian education.

1 INTRODUÇÃO

O aconselhamento pastoral se distingue de outras abordagens ao integrar os princípios bíblicos no processo de suporte e orientação emocional. Além de solucionar problemas passageiros, essa prática busca a transformação integral do indivíduo, favorecendo um crescimento que é tanto emocional quanto espiritual. O desenvolvimento pessoal é simplificado por meio de uma relação de empatia e aceitação incondicional. Contudo, no contexto cristão, essa aceitação é mediada pela fé, discernindo que o propósito maior é a conformação à imagem de Cristo.

É justamente neste preceito, onde o aconselhamento pastoral deve envolver uma dimensão relacional profunda, refletindo o amor de Cristo e a ação do Espírito Santo, e entendendo que cada fase do desenvolvimento humano, como a infância, enfrenta desafios diferentes e requer uma atenção apropriada, que surge a seguinte problemática: O que é o aconselhamento pastoral? Como aconselhar crianças? Quais as estratégias de aconselhamento na educação cristã infantil? E qual a oportunidade e os desafios de

²² Acadêmico do Curso de Ciências Teológicas da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: renan.20210277@aluno.fbnovas.edu.br

²³ Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA-ES). Doutorando em Ciências da Religião Pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-PE). Professor do Curso de Ciências Teológicas. E-mail: prof.fabiovalente@fboasnovas.edu.br

um efetivo aconselhamento pastoral? A fim de responder essas problemáticas, a construção das seções desse trabalho é composta por três partes, a saber:

Na primeira seção abordar-se-á como é definido o aconselhamento pastoral na infância, apontando a princípio para os objetivos em comum a todas as fases do desenvolvimento do ser humano, considerando a seguir a relevância de uma abordagem específica para as crianças, utilizando os recursos da palavra de Deus, como força motriz para libertá-las de posturas inadequadas e distorções de percepção quanto a realidade, bem como medos, culpas e iras inconvenientes.

No que concerne a segunda seção, busca apresentar as estratégias do aconselhamento pastoral na educação cristã infantil, tendo por diretriz apresentar como o uso de recursos lúdicos auxiliam na expressão dos sentimentos e na compreensão de verdades espirituais de maneira concreta. Além disso, destaca como o envolvimento dos pais ou responsáveis no processo é essencial, visto que a família é vista como primeira comunidade de fé e um alicerce para o crescimento espiritual das crianças.

Já a terceira seção, consiste em expor a oportunidade do aconselhamento pastoral no contexto eclesial, frisando o papel crucial do ministério infantil como o ambiente onde se dará o processo de aconselhamento. Também podemos analisar nesta última seção alguns exemplos de desafios que impedem as crianças de receberem um aconselhamento pastoral eficaz, trazendo possíveis soluções de como reverter essa situação para que os pequenos usufruam dos inúmeros benefícios desta integração.

Neste sentido, esse artigo propõe-se a analisar a significância do aconselhamento pastoral como uma ferramenta poderosa para ajudar as crianças a viverem de acordo com o propósito de Deus, encontrando esperança e direção em meio às complexidades da vida.

2 O ACONSELHAMENTO PASTORAL NA INFÂNCIA

Conforme as teorias de desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson (1950), em cada fase do desenvolvimento humano, crianças, adolescentes, jovens e adultos enfrentam desafios específicos. Esses desafios incluem crises de confiança e identidade, as quais necessitam ser guiadas com sabedoria para promover segurança e maturidade. Nesta perspectiva, entender o papel do aconselhamento pastoral na infância é primordial, contudo, antes de abordar este tema é relevante conceituar o que é o aconselhamento pastoral precisamente.

O aconselhamento pastoral segundo Collins (2004) é uma área mais especializada do cuidado pastoral, que se dedica a ajudar indivíduos, famílias ou grupos a lidarem com as pressões e crises da vida. Esse aconselhamento emprega vários métodos de cura para ajudar as pessoas a enfrentarem seus problemas de uma forma coerente com os ensinamentos bíblicos, fazendo com que os aconselhados cheguem à cura, aprendam a lidar com situações semelhantes e experimentem crescimento espiritual.

Collins (2004) nos esclarece que de acordo com a definição tradicional, o aconselhamento pastoral é ofício para um pastor ordenado. Porém, uma vez que as Escrituras falam a respeito de todos os crentes levarem os fardos uns dos outros, o aconselhamento pastoral pode e deveria ser um ministério exercido por cristãos sensíveis e zelosos, tenham eles sido, ou não, ordenados ao pastorado. Nessa premissa, iremos trabalhar os termos aconselhamento pastoral e aconselhamento cristão como sinônimos.

Adams (1970) declara que o aconselhamento cristão é bastante reconhecido como uma relação de ajuda intencional, planejada e estruturada, cujo principal objetivo é estimular o bem-estar integral do indivíduo por meio do diálogo reflexivo, do apoio emocional e da orientação espiritual fundada nos princípios bíblicos. Ou seja, diferente de outras condutas que visam apenas o crescimento psicológico e emocional, o aconselhamento pastoral busca uma transformação ampla que engloba a dimensão espiritual, ajudando a pessoa a encontrar significado e propósito em Deus enquanto enfrenta os desafios da vida.

No que concerne Carl Rogers (1980) define o aconselhamento como uma relação empática e não diretiva, onde o conselheiro auxilia no desenvolvimento pessoal do aconselhado, incentivando-o buscar suas próprias respostas. No entanto, no âmbito cristão essa relação é arbitrada pela fé, onde o conselheiro aponta para a verdade de Cristo como fonte de cura e transformação, promovendo assim um crescimento tanto emocional quanto espiritual, não apenas o autoconhecimento.

O exercício do aconselhamento cristão não se restringe apenas a solucionar problemas passageiros, mas também pretende capacitar a pessoa a lidar com futuros desafios com confiança e fé. Corey (2017) salienta a importância de fortalecer habilidades socioemocionais, algo que se harmoniza com o foco cristão em desenvolver frutos do Espírito, como paciência, amor e domínio-próprio. Ademais, o aconselhamento cristão compromete-se a confrontar crenças e pensamentos incoerentes à luz da Palavra de Deus, uma conduta que se aproxima da terapia cognitivo-comportamental sugerida por Albert Ellis (1994).

Para Rodrigues (2017), olhando por outra perspectiva, o aconselhamento pastoral não é simplesmente uma orientação espiritual, mas também um tratamento emocional, proporcionando um paradigma com a palavra de Deus, formando um indivíduo com domínio de seus sentimentos e emoções, capaz de se autoanalisar. O autor argumenta que no aconselhamento pastoral lidamos com diversos casos de “doenças emocionais” que são problemas emocionais que impedem o verdadeiro relacionamento do homem com Deus, além de, originar diversos problemas que atingem todas as faixas etárias.

Corroborando ao suscitado acima, para Clinebell (1987) o objetivo do aconselhamento pastoral é libertar, tornar e manter a integridade focada no espírito. Logo, o aconselhamento foca em contribuir para que o aconselhado se liberte de barreiras e medos, encontre a si mesmo, fortaleça a confiança em Deus, a autoestima e as habilidades sociais para lidar com frustrações e ansiedades, para que assim possa viver uma vida plena de sentido e satisfação. Seguindo essa premissa, Friesen (2012), afirma que o objetivo do aconselhamento pastoral é cuidar dos conflitos interiores e dos mais diversos complexos que influenciam na qualidade de vida. Deste modo, o aconselhamento pastoral liberta as pessoas de posturas inapropriadas e distorções de percepção quanto a realidade, onde nesse aspecto o aconselhamento pastoral usa os recursos da palavra de Deus, como meios básicos e preponderantes, enquanto os recursos de outras ciências permanecem como complementares no aconselhamento pastoral.

Neste sentido, o aconselhamento pastoral vem ajudando as pessoas a desfrutarem de um relacionamento crescente com Deus. No aconselhamento pastoral, a meta vai além de uma visão humanista como a de Maslow (1968) em alcançar a autorrealização, mas sim, é a busca pela renovação da mente e pela plenitude em Cristo, ajudando o aconselhado a encontrar significado, paz e propósito ao viver segundo a vontade de Deus.

Segundo Rogers (1980) a relação de confiança entre conselheiro e aconselhado é fundamental neste processo, e um ambiente acolhedor e de respeito mútuo favorece consideravelmente o crescimento pessoal. No aconselhamento cristão, essa relação é aprimorada pela compreensão de que tanto o conselheiro quanto o aconselhado são dependentes da graça e da orientação do Espírito Santo, tornando a jornada conjunta uma prática de discipulado e edificação recíproca.

Tendo isso em vista, notasse que apesar do aconselhamento pastoral ter um objetivo em comum, cada grupo de pessoas exige uma abordagem específica e diferenciada. No aconselhamento infantil não é diferente, e sob uma perspectiva cristã, não devemos considerar apenas as dimensões emocionais e cognitivas da criança, mas também sua dimensão espiritual, como se pode perceber seguindo as premissas suscitadas nos parágrafos anteriores. Para Vygotsky (1996), a criança é reconhecida como ser pensante, capaz de vincular sua ação à representação de mundo que constitui sua cultura. O autor enfatiza que a criança, desde o nascimento, está imersa em um meio social e cultural que a influencia diretamente. Vygotsky trouxe uma nova perspectiva sobre a infância, considerando a criança como ela própria, com seus processos e nuances, e não um adulto em miniatura.

Segundo Guimarães (2007) é fundamental acompanhar as crianças, dialogar constantemente com elas, lhe permitindo expressar-se de modo livre e aberto. Diante disso, precisamos criar espaços de escuta e aconselhamento específicos para as crianças, com base nos princípios da Palavra de Deus. Isso implica em reconhecer que as crianças estão expostas a influências e desafios únicos em seu desenvolvimento, e que é importante oferecer-lhes suporte emocional e espiritual (Hayashi, 2017).

Ao contrário dos adultos, as crianças, especialmente as mais novas, não costumam ter as habilidades verbais e o autoconhecimento necessários para discutir seus sentimentos e frustrações. Nesse contexto, de acordo com Axline (1947), essas crianças enfrentam grandes desafios que costumam ser acompanhados de dificuldades para expressar suas perguntas e percepções sobre Deus e espiritualidade. Sendo assim, o aconselhamento pastoral deve ser integrado nesse aspecto de maneira apropriada, utilizando da fé como uma ferramenta poderosa de conforto e resiliência.

Em suma, é notória a importância de fornecer às crianças um ambiente seguro e acolhedor onde elas possam expressar suas preocupações, dúvidas e desafios, e receber aconselhamento fundamentado na Palavra de Deus. Através do aconselhamento pastoral as crianças podem desenvolver uma compreensão mais profunda da fé cristã, aprendendo a tomar decisões sábias e viver de acordo com os princípios ensinados pela Bíblia, enfrentando as influências negativas da cultura ao seu redor. Uma criança que se sente assistida e acolhida desenvolve um relacionamento respeitoso e colaborativo (Vargas e Grégio, 2019).

3 ESTRATÉGIAS DO ACONSELHAMENTO PASTORAL NA EDUCAÇÃO CRISTÃ INFANTIL

Interessa-nos nesta seção, identificar as estratégias de aconselhamento pastoral adaptadas ao público infantil segundo os aportes teóricos de alguns autores, a fim de traçar a relevância e a viabilidade desta pesquisa, se alinhando com os objetivos da educação cristã infantil e de acordo com as análises e afirmações que foram devidamente escrituradas até o presente momento no corpus textual deste trabalho de conclusão de curso.

A princípio, devemos entender que a Educação Cristã é um processo intencional e sistemático de transmissão de ensinamentos e valores cristãos que produz resultados espirituais, morais, sociais e físicos para toda família, podendo por meio dela originar pastoreio eficaz para as futuras gerações.

A finalidade da educação cristã é conduzir os educandos a maturidade cristã através da transformação de vida. Segundo Goes (2021), esse processo favorece a mudança e o crescimento pessoal e individual, tomando por fundamento a Bíblia Sagrada. Salienta-se que a educação cristã como uma prática educativa religiosa, está firmada em várias ênfases, mais especificamente, educar para uma vida que gere transformação na sociedade em que se está inserida, educar para uma maior fidelidade ao Reino de Deus e educar para transmissão da fé e comportamento social.

Dessa forma, a educação cristã em seu conceito teológico parte do princípio de que é a ciência cujo objetivo é estabelecer de forma bíblica o magistério, levando a igreja, capacitada por meio do Espírito Santo, a considerar e convencer-se de cumprir plenamente sua missão pedagógica.

Consoante com os estudos de Marchiore (2016), o educador tem a possibilidade de transformar o educando em uma obra-prima, contudo, esse processo dependerá de como ele tratará este educando. É essencial que o educador reconheça sua importância e seja visionário em relação ao ensino e as transformações que acontecerão a partir do aprendizado.

Contextualizando com o tema abordado, o conselheiro pastoral cumprirá o papel do educador, exercendo uma função de grande importância para o Reino de Deus, entendendo que através do ensino a educação poderá transformar a vida das pessoas, por essa razão, instruir crianças deve ser uma das principais preocupações dos conselheiros.

Souza (2015) esclarece que a abordagem do Ensino Religioso na Educação Infantil é essencial e salutar, pois gerar nas crianças valores, ética, cultura e amor ao próximo são alguns dos aprendizados que ajudarão a criança a entender seu papel na sociedade como ser humano e cidadão.

De acordo com Holmes (2012), a BNCC compreende que o Ensino Religioso tem uma contribuição relevante para o processo de desenvolvimento integral da criança, pois ele possibilita circunstâncias e vivências que permitem que a criança observe o mundo de formas diferentes e ao mesmo tempo a desperta para a convivência com as diferenças, facilitando o entendimento do seu relacionamento com a sua dimensão religiosa, e a do próximo.

Partindo desse princípio, podemos certificar que papel do conselheiro pastoral na infância é fundamental no contexto do ensino cristão. Segundo Bernardi e Castilho (2016) “A religiosidade constrói um universo de reflexão todo especial na vida seja individual ou social por envolver um contrato, em que o elemento esperança e sentido da vida são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano em sua trajetória terrestre”.

A integração do aconselhamento pastoral na educação cristã infantil possibilita o contato com as crianças e seus pais ou responsáveis para trabalhar questões diversas, até mesmo as de caráter pessoal, proporcionando assim uma boa construção social e emocional das crianças. Existem muitos recursos excelentes disponíveis para os conselheiros, e apesar de muitos deles atenderem os adultos, Baker (2022) e os integrantes da sua equipe estão convencidos de que os princípios encontrados em muitos desses recursos de aconselhamento são aplicáveis as crianças. A autora ajuda os conselheiros ao delinear uma metodologia apropriada para o aconselhamento bíblico dos mais jovens, explorando pontos distintos para levar em consideração no aconselhamento como, por exemplo, dicas para fazer uma coleta de dados apropriada à idade, discutir as Escrituras com uma criança e atribuir tarefas práticas, além de mostrar como os conselheiros devem conduzir as interações com os pais ou os responsáveis pela criança ao longo da duração do aconselhamento.

De acordo com Collins (2004), os conselheiros de crianças geralmente observam seus pacientes, pedindo que eles desenhem, inventem histórias ou observam enquanto brincam. O uso de ferramentas lúdicas e simbólicas, juntamente com o uso de testes psicológicos, que são usadas por especialistas em comportamento infantil, não apenas favorece a comunicação, mas também estabelece um bom relacionamento terapêutico, para obter informações, descobrir problemas e criar uma oportunidade para ajudar a criança. No aconselhamento pastoral, tudo isso é possível, e ainda conecta a criança às verdades bíblicas, ajudando-a a processar suas emoções à luz da fé.

Ainda segundo Collins (2004), mesmo que os objetivos do aconselhamento infantil dependam, fundamentalmente, dos problemas relatados e identificados, os conselheiros, normalmente, procuram reduzir medos incoerentes e condutas inapropriadas, resolver conflitos, aumentar a capacidade da criança de expressar seus sentimentos, e melhorar os relacionamentos interpessoais em casa e na escola. Em suma, no trabalho com crianças, os conselheiros podem usar vários tipos de abordagem para atingir seus objetivos terapêuticos, podendo envolver ensino, ludoterapia, treinamento de habilidades, demonstrações de bondade e respeito, entre outros.

Colocar essas metodologias em prática é um desafio, seja por falta de recursos, por falta de conhecimento, seja por relutância de algum integrante envolvido. Porém, pelos seus benefícios, tais práticas precisam ser incentivadas e valorizadas. As atividades lúdicas, por exemplo, são um dos principais artifícios para se trabalhar com as crianças, visto que segundo Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis online (2025), temos a definição de

lúdico com: “1. Relativo a jogos, brinquedos ou divertimentos. 2. Relativo a qualquer atividade que distrai ou diverte. 3. No sentido pedagógico, relativo a brincadeiras e divertimentos, como instrumento educativo.

Do ponto vista pedagógico, com atividades lúdicas a criança vivencia experiências que facilitam a aprendizagem de conteúdos sem a pressão do ensinar da forma convencional. A partir do brincar, a criança está livre para produzir, socializar, reconstruir situações, explorar possibilidades no seu tempo, desenvolver respostas aos problemas cotidianos – o que é fundamental para seu desenvolvimento cognitivo. Conforme Kishimoto (2011) o lúdico é um instrumento cultural que possibilita a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, bem como a formação e apropriação de conceitos. A capacidade de brincar possibilita às crianças um espaço para resolução dos problemas que a rodeiam.

Axline (1947) afirma que o brincar é a linguagem natural da criança, permitindo-lhe expressar seus sentimentos de forma segura e simbólica. Semelhantemente, as práticas lúdicas com aspecto cristão, facilitam a compreensão espiritual e emocional, reforçando a identidade da criança como filha de Deus, desenvolvendo a confiança no cuidado divino, auxiliando-a a obter esperança em meio às dificuldades. Piaget (1962) reitera que o desenvolvimento cognitivo infantil é marcado por um pensamento concreto e simbólico, mostrando que obter conhecimento através de narrativas e metáforas é necessário para que a criança entenda o mundo a seu redor, bem como a sua fé.

Identificar e compreender das estratégias de aconselhamento é fundamental para se obter resultados significativos. Tendo isso vista, além das técnicas importantes que conectam o brincar com ensinamentos bíblicos, outra estratégia indispensável no aconselhamento infantil é o envolvimento da família.

No contexto cristão, a família é considerada a primeira comunidade de fé e um ambiente importante para o discipulado infantil. Bowen (1978) sugere em sua teoria dos sistemas familiares, que a conduta de cada membro está intimamente ligada as interações dentro do núcleo familiar, ou seja, o comportamento da criança é muitas vezes reflexo de dinâmicas familiares complexas, e o aconselhamento necessita envolver os pais para que ocorram mudanças permanentes. Isso mostra que o aconselhamento eficaz não pode se limitar ao indivíduo isoladamente, mas deve considerar a família como um sistema integrado que atinge o desenvolvimento e o comportamento das crianças.

Brazelton e Greenspan (2000) destacam que um ambiente familiar seguro é essencial para o desenvolvimento de uma autoimagem positiva e uma base emocional saudável. Sendo assim, a participação dos pais no aconselhamento pastoral cria oportunidades para que toda família cresça espiritualmente e emocionalmente, devendo o conselheiro não apenas orientar os pais sobre práticas saudáveis de criação, mas também incentivá-los a modelar uma vida de fé em seus filhos.

Para Rogers (1961) é necessário que os pais e conselheiros estabeleçam uma parceria firmada na empatia e na confiança. Essa forma de interação simplifica não somente a compreensão mútua, mas também a formação de um espaço seguro onde a criança pode expressar seus sentimentos sem medo de julgamento. A criança necessita aprender a falar sobre seus problemas, desafios e medos. Então, quando os pais interagem através de um diálogo amoroso e consistente, permitem que a criança aprenda a abrir o coração para encontrar as respostas.

É interessante destacar que, para Ackerman (1958), a participação familiar no aconselhamento não apenas fortalece a comunicação entre pais e filhos, mas também auxilia na conservação das transformações realizadas durante o processo. Quando os pais estão presentes, se tornando parte do processo de aconselhamento pastoral, eles podem acompanhar mais de perto os progressos de seus filhos e também prestar atenção em quais áreas o desenvolvimento não aconteceu.

Como afirma Landreth (2012), a intervenção precoce é imprescindível, pois problemas reconhecidos e tratados na infância têm maior possibilidade de solução e previnem dificuldades mais complexas na adolescência e vida adulta. As habilidades de confronto aprendidas na infância cria a capacidade de lidar com crises ao longo da vida. Dessa forma, a aconselhamento pastoral na infantil, quando guiado sob uma perspectiva do ensino cristão, pode delinear a visão de mundo da criança, instruindo-a a enfrentar desafios com fé e a formar uma identidade enraizada em Cristo.

Logo, é evidente que o aconselhamento pastoral infantil necessita de uma abordagem integrada, levando em consideração tanto aspectos emocionais quanto espirituais. A aplicação de ferramentas lúdicas, associadas a ensinamentos bíblicos e a interação da família, proporciona uma conduta completa e eficaz, fornecendo a saúde emocional e o crescimento espiritual da criança. Essa integração entre conselheiro, família e fé é fundamental para assegurar que a criança desenvolva suas habilidades emocionais,

sociais e espirituais, crescendo com resiliência, equilíbrio e confiança no cuidado de Deus.

4 OPORTUNIDADE E DESAFIOS DO ACONSELHAMENTO PASTORAL NA EDUCAÇÃO CRISTÃ INFANTIL

A infância é um tempo precioso em que as crianças devem viver livres do medo, em um local seguro, sem violência e protegidas contra abuso e exploração. Embora esse seja um ideal de infância que pode ser considerado ocidental, infelizmente muitas crianças ao redor do mundo não vivenciam essa realidade atualmente. (Ferreira, 2018)

A criança é uma pessoa na busca incessante por sensações e conhecimentos. Sua instrução é a essência de sua existência no mundo. Para elas, a experiência e a expressão são formas de brincadeira, a invenção é prazer, viver significa descobrir, abrir portas e transcender sua imagem. A linguagem e a vida se entrelaçam em uma relação vital e completa. (Damazio, 1991)

Os progressos na neurociência têm constatado que, quando as crianças passam seus primeiros anos de vida, em um ambiente estimulante e acolhedor, verifica-se uma formação ideal de novas conexões neurais. Essas desempenham um papel fundamental na determinação da capacidade cognitiva da criança: em como ela aprende, pensa e lida com o estresse, podendo até mesmo influenciar sua renda na vida adulta. (Center on the Developing Child, 2019)

Sendo assim, embora os pais e cuidadores principais tenham a responsabilidade primária de criar seus filhos, eles também necessitam de suporte e assistência para assegurar ambientes adequados para o desenvolvimento saudável das crianças. Nesse sentido, as igrejas podem exercer um papel fundamental na promoção do desenvolvimento infantil ideal. É importante que os pastores e líderes do ministério infantil estejam devidamente preparados, tanto fisicamente quanto teoricamente, mas, sobretudo, com uma base bíblica consolidada. Desse modo, poderão oferecer os recursos e o apoio necessários para criar ambientes de cuidado e afeto nos quais as crianças possam crescer e se desenvolver de acordo as orientações da UNICEF. (2020)

Na igreja local, as crianças desempenham um papel essencial. São membros valiosos da família de Deus e devem ser amadas, ensinadas e cuidadas. Estimá-las significa reconhecer seu potencial, investir em seu crescimento espiritual e criar um ambiente seguro e acolhedor para elas. É muito importante seguirmos o exemplo de Jesus, recebendo-as e as amando, para que assim, as crianças encontrem na igreja um lugar onde possam desenvolver sua fé, obter orientação e vivenciar o amor de Deus.

Tendo isso em vista, Vargas (2023) nos afirma que o ministério infantil oferece uma oportunidade excelente de agradar a Deus e fazer a diferença na vida das crianças. A autora nos adverte que a igreja e o ministério infantil não têm a mesma função que um clube social ou um centro de caridade, na verdade, são como uma enfermaria, onde pessoas chegam com feridas, recebem o cuidado necessário e depois partem para cuidar de outros que também precisam de ajuda. O ministério infantil age como um centro de treinamento, e apesar do entusiasmo com os aspectos dos recursos visuais e eventos recreativos que estão presentes e também são importantes, não devemos perder de vista o seu propósito essencial, a transformação das crianças em verdadeiros discípulos de Jesus.

Segundo Vargas (2023), o aconselhamento pastoral na infância desempenha um papel crucial no ministério com crianças da igreja, trazendo inúmeros benefícios para o desenvolvimento integral delas. Ao constatar sua importância, esse método leva em consideração as necessidades e prioridades dos pequenos no âmbito familiar, nos relacionamentos com outras crianças, na comunidade e na sociedade em geral. Além do mais, elas são vistas dentro do contexto de sua cultura, levando em consideração os valores da comunidade em que estão inseridas.

Todas as crianças, juntamente com suas famílias, devem ser incentivadas a participar ativamente dos programas do ministério infantil, incluindo o processo de aconselhamento, levando em consideração sua idade e suas habilidades individuais, respeitando o estágio de desenvolvimento mental e emocional de cada criança. Dessa forma, o aconselhamento cristão se torna acessível a todos, fomentando a inclusão e o desenvolvimento integral dos pequenos no contexto da igreja.

Ainda em consonância com Vargas (2023), é fundamental que os programas do ministério infantil sejam estruturados e avaliados em um ambiente sensível às necessidades e características da criança. Isso pressupõe em criar um espaço seguro e acolhedor, onde elas se sintam confortáveis para expor suas emoções, compartilhar suas preocupações e receber apoio emocional. O aconselhamento pastoral no ministério infantil desempenha um papel fundamental na promoção do desenvolvimento integral e pastoreio desde o início da vida. Ele viabiliza uma base sólida na fé, apoio emocional, formação de caráter e orientação para uma vida centrada em Cristo.

Ao passo que investimos nas crianças, estamos moldando não apenas o presente, mas também o futuro, por isso, o aconselhamento pastoral é uma ótima ferramenta a ser usada no ministério infantil. Os conselheiros quando capacitados têm a

habilidade de orientar as crianças na formação de valores fundamentais, pois estimulam a prática da oração, a leitura da Bíblia e a participação em comunidades de fé na vida das crianças.

Essas experiências proporcionam a aplicação dos ensinamentos espirituais na vida diária das crianças, capacitando-as a viverem sua espiritualidade de maneira prática e significativa e ajudando-as a compreender e internalizar princípios éticos e morais essenciais à espiritualidade. Esse acompanhamento ajuda as crianças a discernirem entre o certo e o errado, a desenvolver um caráter moral sólido e a cultivar virtudes, como o amor, a compaixão, a honestidade e a bondade. Por meio da fé, as crianças encontram o consolo, esperança e fortalecimento, experimentando a presença de Deus em meio as suas dificuldades. Segundo Forrey (2015), ao buscarmos compreender as experiências emocionais, é imprescindível levar em consideração o entendimento que a Bíblia nos oferece sobre a natureza humana. Conforme as escrituras, fomos criados por Deus de forma intencional e com propósito. No entanto, a queda da humanidade estabeleceu uma distorção nessa natureza original, resultando em uma inclinação para o pecado e para as consequências emocionais decorrentes dele.

Ao compreender a natureza humana à luz das Escrituras e abraçar a redenção em Cristo, podemos oferecer para as crianças um cuidado pastoral mais abrangente e significativo. Quando as crianças passam pelo aconselhamento, queremos que elas entendam que, através do amor redentor de Jesus, encontramos esperança e renovação. Com Jesus, elas podem sentir uma mudança dentro delas, como se suas emoções estivessem sendo restauradas e apontadas para a vida plena que Deus planejou para cada uma.

Quando as crianças internalizarem o que a Bíblia diz sobre quem são e sobre o amor de Deus por elas, se sentirão como parte importante de algo maior. O senso de pertencimento será cada vez mais forte, ajudando-as a compreender o que é fazer parte da família de Deus. Quando as pessoas que cuidam das crianças, como seus pais e líderes da igreja, entendem suas necessidades, as crianças se sentem amadas e cuidadas. Isso faz com que elas queiram aprender mais sobre Deus e a Bíblia, confiando que encontrarão as respostas para guiá-las em todas as situações.

A partir do que já foi proposto podemos compreender que o aconselhamento pastoral é algo essencial que deve ser aplicado no ministério infantil, porém, infelizmente nem sempre o interesse acompanha a necessidade. Existem alguns desafios que as crianças vivenciam que pode afastá-las de um cuidado pastoral mais efetivo. Logo, é importante reconhecer esses desafios para enfrentá-los da melhor maneira.

Um desafio que pode se identificar facilmente é a resistência a participação. As crianças podem demonstrar resistência a participar do aconselhamento pastoral, especialmente quando não entendem a necessidade do processo ou não foram parte ativa na escolha de começar o aconselhamento. Erikson (1980) declara que essa resistência pode se manifestar de formas distintas, como recusa explícita, desinteresse, ou silêncio durante as sessões. Para Meichenbaum (1993) muitas vezes, essa resistência acontece porque a criança enxerga o aconselhamento como uma imposição externa, quase sempre por parte dos pais, responsáveis ou líderes religiosos, o que pode desfavorecer sua motivação em participar.

Tentativas anteriores frustradas com aconselhamento ou outras intervenções também podem gerar resistências nas crianças. Segundo Craig (2018), quando o aconselhamento falta em acolhimento e respeito, a criança tende a desenvolver uma aversão ao processo, principalmente se já se sentiu julgada ou incompreendida por líderes espirituais ou conselheiros. Nessas circunstâncias, é fundamental que o conselheiro cristão reconstrua a confiança gradualmente, demonstrando um compromisso verdadeiro com o bem-estar da criança, adotando uma postura de compreensão, empatia, paciência e aceitação. A utilização de um vocabulário adequado à faixa etária, combinado com uma abordagem colaborativa, pode ser imprescindível para reverter essa resistência e facilitar a participação das crianças.

Outro desafio a ser observado é a falta de interesse ou desistência por parte dos pais ou cuidadores. De acordo com Vargas (2023), infelizmente, pode ocorrer de os responsáveis não enxergarem a relevância do aconselhamento ou não darem devida atenção. Eles podem pensar que é mais uma atividade ou não compreendem o valor do acompanhamento espiritual para as crianças. Nesses casos, é interessante o conselheiro trabalhar para demonstrar o quão benéfico esse processo pode ser para criança e para toda a família, oferecendo apoio, incentivo e lembrando-os da importância de persistir.

Como já mencionado, o aconselhamento pastoral requer um compromisso contínuo e o envolvimento dos responsáveis. No entanto, podem surgir momentos em que eles se sintam desmotivados ou sobrecarregados, causando a desistência do acompanhamento. Isso se torna algo bastante prejudicial para este processo, principalmente pelo fato de os pais ou responsáveis serem uma peça importante no aconselhamento, onde em muitas ocasiões são com quem os conselheiros precisam lidar.

Baker (2022) nos esclarece que aconselhar a criança nem sempre deve ser a primeira opção, de modo geral a autora, encoraja o aconselhamento aos pais, a fim de prepará-los para aconselhar seus filhos. A razão disto é o fato de Deus ter conferido aos pais a supervisão primária de seus filhos, ou seja, eles têm um papel preferencial na educação desses. Portanto, cabe também

aos conselheiros encontrar primeiramente com os pais a fim de capacitá-los a ajudar seus filhos. Às vezes, isso pode ser suficiente.

No entanto, Baker (2022) acredita que é possível que os conselheiros sejam limitados nessa posição a ponto de crianças carentes serem negligenciadas. Por isso, há muitas razões pelas quais o aconselhamento direto as crianças pode ser importante, como por exemplo: quando os pais precisam de ajuda significativa com seus próprios problemas antes de serem capacitados para ajudar seus filhos e queremos que a criança obtenha ajuda imediata, quando o relacionamento entre pais e filhos é tão ruim que o filho não responde mais os pais, quando um juiz ordena aconselhamento específico e direto para a criança, quando a criança não se abre na frente dos pais (talvez devido a abuso, raiva ou medo) ou quando os pais não tem interesse em seguir a Deus, mas estão dispostos a permitir que seus filhos recebam aconselhamento. Em suma, haverá situações em que o conselheiro não conseguirá servir melhor a família como um todo, porém o aconselhamento pastoral não deve deixar de ser implementado para as crianças.

Por fim, um dos principais desafios que se pode considerar é a falta de capacitação adequada dos conselheiros. Vargas (2023) nos adverte que é essencial que os conselheiros estejam bem fundamentados teologicamente e tenham um conhecimento sólido da Bíblia, além de habilidades de comunicação e empatia. Caso não estejam preparados, os conselheiros podem enfrentar dificuldades para orientar e ajudar de forma eficaz as crianças e familiares. Portanto, é de grande relevância a busca constante pelo aprimoramento profissional e o crescimento espiritual por parte do conselheiro.

No contexto do aconselhamento pastoral infantil, além da compreensão dos recursos e estratégias que serão utilizados nesta intervenção, a priori é essencial que o conselheiro entenda sobre a infância. Suas lembranças de infância, experiências e aprendizados influenciam a conexão que ele cria com as crianças, e isso faz toda a diferença no aconselhamento, pois ajuda a reconhecer possíveis desafios enfrentados por elas. Além disso, a compreensão de sua própria infância ajuda a desenvolver empatia e sensibilidade para tratar as questões dos pequenos, possibilitando uma orientação e apoio mais eficaz, considerando as peculiaridades da história de vida de cada um deles.

A infância tem diferentes formas, pois cada pessoa tem uma ideia de infância baseada em suas próprias experiências. Isso mostra que só existe uma única para cada ser humano. E por essa razão é importante o conselheiro infantil compreender essa realidade. Não oferecendo soluções pré-determinadas, mas buscando fornecer apoio para identificar as necessidades de cada uma, independentemente do contexto em que ela esteja incluída. Ao ouvir ativamente, são capazes de analisar suas necessidades e estruturar os conselhos de maneira efetiva e bíblica. (Harper, 2013)

O objetivo é que as crianças não sejam divididas entre uma vida secular e uma vida sagrada, mas se tornem indivíduos plenos, verdadeiros cristãos (Dobson, 2005). Através do enfoque integral, podemos observar resultados positivos nas crianças que participam das sessões de aconselhamento pastoral infantil.

Como um conselheiro eficaz, dominar o entendimento do desenvolvimento infantil é fundamental. Dessa forma, ele pode fornecer orientações adaptadas às necessidades e aos estágios das crianças. Essa abordagem holística considera tanto princípios bíblicos quanto características individuais, contextos sociais e etapas de crescimento. Isso favorece um desenvolvimento integral e saudável, no qual cada criança é acompanhada com sensibilidade, especialmente diante de desafios e sinais de resiliência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aconselhamento pastoral é um procedimento necessário que ultrapassa a resolução de problemas imediatos, ele promove uma transformação integral que compreende as dimensões emocional, social e espiritual da pessoa. Ao caminhar ao lado das crianças, os conselheiros cumprem um papel essencial de discipulado, ajudando-as a encontrar sentido e propósito em Deus. A combinação de recursos bíblicos com abordagens pedagógicas e psicológicas, disponibiliza uma ferramenta eficaz para o aprendizado e a substituição de pensamentos disfuncionais por verdades espirituais.

A integração entre família e igreja é imprescindível para criar um ambiente que ofereça o crescimento integral das crianças. O envolvimento dos pais e a formação de uma rede de suporte cooperativo asseguram que o aconselhamento tenha um impacto duradouro na vida das crianças, ajudando-as a fortalecer uma identidade enraizada em Cristo. Em meio as influências externas e às pressões sociais, o aconselhamento pastoral proporciona um ambiente seguro onde as crianças podem encontrar consolo e direção espiritual, desenvolvendo sua autoestima e resiliência.

Tendo isso em vista, podemos constatar que a atenção e valorização do ministério infantil representa uma oportunidade significativa para ampliar o alcance do aconselhamento pastoral. No entanto, é necessário discernimento espiritual para organização e utilização de suas ferramentas de maneira ética e coerente com os princípios bíblicos. Ao aplicar as estratégias de aconselhamento

e superar seus possíveis desafios, os conselheiros podem oferecer um apoio mais inclusivo e contínuo, satisfazendo às necessidades específicas de cada criança.

Em síntese, o aconselhamento pastoral é uma ação transformadora que qualifica as pessoas a enfrentar os desafios da vida com confiança e fé. Ao proporcionar o desenvolvimento integral e fortalecer a identidade em Cristo, o aconselhamento pastoral prepara as novas gerações para viverem com propósito e esperança, refletindo o amor de Deus em todas as áreas de suas vidas.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKERMAN, N. **The Psychodynamics of Family Life**. Basic Books, 1958.

ADAMS, Jay. **Competent to Counsel: Introduction to Nouthetic Counseling**. Zondervan, 1970.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. **NBR 6022**: artigo em publicação periódica científica impressa-apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

AXILINE, Virginia. **Play Therapy**. Ballantine Books, 1947.

BAKER, Amy. **Cuidando da Alma das Crianças**: um manual bíblico de aconselhamento. Editora Hagnos, 2022.

BERNARDI, C. J. ; CASTILHO, M. A. **A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano**. Revista Interações, v. 17, n. 4, 2016.

BOWEN, Murray. **Family Therapy in Clinical Practice**. Jason Aronson, 1978.

BRAZELTON, T. Berry; GREENSPAN, Stanley I. **The Irreducible Needs of Children**: What Every Child Must Have To Grow, Learn, and Flourish. Da Capo Press, 2000.

Center on the Developing Child. (2019. Havard University. Disponível em: <https://developing-child.harvard.edu/>).

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento Pastoral**. São Paulo: Sinodal, 1987.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão**: Edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004.

COREY, Gerald. **Theory and Practice of Counseling and Psychotherapy**. Cengage Learning, 2017.

CRAIG, Heather. et al. Overcoming resistance in adolescent therapy: Lessons learned. **Journal of child and adolescent counseling**, 2018.

DAMAZIO, C. B. **O brincar da criança e sua relação com a linguagem**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 7(2), 1991.

DOBSON, J. C. **O que as crianças precisam para crescer: Cura e esperança para a próxima geração**. Cultura Cristã, 2005.

ELLIS, Albert. **Rational Emotive Behavior Therapy**. Prometheus Books, 1994.

ERIKSON, Erik H. **Childhood and Society**. W. W. Norton & Company, 1950.

ERIKSON, Erik H. **Identity and Life Cycle**. W. W. Norton & Company, 1980.

FERREIRA, A. **Infância: um olhar transdisciplinar**. Appris, 2018.

FORREY, J. D. **Pastoral counseling and the emotional life of the congregation**. Chalice Press, 2015.

FRIESEN, Albert. **Cuidando do Ser: Treinamento em aconselhamento pastoral**. 3.ed. Curitiba: Esperança, 2012.

GOES, Sidirley Gomes de. **Educação cristã e sua importância para igreja atual**, 2021.

GUIMARÃES, C. **Pastoreando as crianças desta geração**. São Paulo: Ed. Vida, 2007.

HARPER, C. E. **Parenting with love & logic: Teaching children responsibility**. NavPress, 2013.

HAYASHI, L. HAYASHI, J. **Criança com 5 c: os 5 c's do ministério de crianças**. São Paulo: Ed. quatro eventos, 1ª Ed. 2017.

HOLMES, M. J. T. **O Ensino Religioso na Educação Infantil**. Pensando o Ensino Religioso (Blog), 2012.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a Educação Infantil**: jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LAUDRETH, Garry L. **Play Therapy**: The Art of Relationship. Routledge, 2012.

MARCHIORE, Rogério Lacerda. Os desafios da educação cristã na Escola Bíblica Dominical do século 21. **Revista Ensinos Teológicos**, v.02, n. 02, 2016.

MASLOW, Abraham. **Toward a Psychology of Being**. Van Nostrand Reinhold, 1968.

MEICHENBAUM, Donald. **Cognite-behavior modification**: An Integrative approach. Springer, 1993.

PIAGET, Jean. **Play, Dreams and Imitation in Chilghood**. Norton, 1962.

RODRIGUES, Guilherme M. M.; BRUNO, Charles Diniz. **Aconselhamento Pastoral de Libertação: Inversão da Autoimagem e da Idade Emocional Diante do Trauma na Infância**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 02, Ed. 01, Vol. 1, 2017.

ROGERS, C. R. **On Becoming a Person**: a Therapist's View of Psychotherapy. Houghton Mifflin Harcourt, 1961.

ROGERS, Carl. **A Way of Being**. Houghton Mifflin Harcourt, 1980.

SOUZA, Eulina Castro de. **A importância do lúdico na aprendizagem**. 2015.

UNIFEC (2020). Convenção sobre os Direitos da Criança. Disponível em: <https://www.unicef.org/>.

VARGAS, C.; GRÉGIO, F. **Firmando as bases do ministério infantil: proteção, cura e libertação em crianças**. Curitiba: A. D. Santos, 2019.

VARGAS, Caroline. **Manual de aconselhamento bíblico infantil**: Guia prático. Curitiba: A. D. Santos, 2023.

MISSÃO TRANSCULTURAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA EVANGELIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Jose Augusto Santos Ramos²⁴

José Fábio Bentes Valente²⁵

RESUMO: O presente artigo apresenta conceitos sobre a importância da missão transcultural no contexto teológico contemporâneo. Esta pesquisa evidencia os princípios teológicos, metodologias e desafios da missão transcultural, bem como sua relevância para a igreja no século XXI. Assim, sua problemática tem por objetivo explorar seus fundamentos bíblicos, desafios práticos e implicações para a igreja global. A metodologia utilizada é do tipo bibliográfica está fundamentado em uma revisão de literaturas que consiste em examinar a evolução histórica da missão transcultural, suas abordagens e sua relevância para a evangelização em um mundo multicultural marcado pela diversidade cultural e pela globalização, a missão transcultural apresenta-se como uma ferramenta indispensável para comunicar o evangelho de forma contextualizada e relevante. Os resultados da pesquisa, fornecem uma reflexão da literatura sobre a missão transcultural, com o intuito de contribuir, bem como atribuir valores, conhecimento e empatia direcionado a este campo, no qual se justifica este estudo.

Palavras-chave: Missão transcultural. Evangelização. Formação missionária.

ABSTRACT: The present article presents concepts about the importance of transcultural mission in the context of contemporary theology, aiming to explore its biblical foundations, practical challenges, and implications for the global church. Based on bibliographic consultations, it examines the historical evolution of transcultural mission, its methodological approaches, and its relevance for evangelization in a multicultural world through literature review. This research highlights the theological principles, methodologies, and challenges of transcultural mission, as well as its relevance for the church in the 21st century. In a world marked by cultural diversity and globalization, transcultural mission emerges as an indispensable tool for communicating the gospel in a contextualized and relevant manner, seeking to reflect on this theme in order to contribute to the evangelical community in today's world, as well as the inclusion of values, self-knowledge, and empathy directed towards this field, in which this study is justified.

Keywords: Cross-cultural mission, Evangelization, Contextualization, Missionary training.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa para ser desenvolvida e consolidada necessita antes de qualquer coisa que o pesquisador conheça a realidade e o contexto do ambiente a ser estudado, bem como o aporte teórico compreendido a partir de estudos sobre a temática, assim sendo a construção desta pesquisa, reuni interesses, motivações, perspectivas e experiências de autores em campo missionários. O interesse pelo tema veio a partir da compreensão das teorias e conceitos relacionados à missão transcultural, em decorrência de um trabalho desenvolvido nesta área.

Sabendo que a missão transcultural tem sido um elemento fundamental na expansão do cristianismo ao longo dos séculos. Definida como o esforço de compartilhar o evangelho além das fronteiras culturais, linguísticas e geográficas, a missão transcultural enfrenta desafios únicos no cenário global contemporâneo. Este artigo busca examinar os princípios teológicos, metodologias e desafios da missão transcultural, bem como sua relevância para a igreja no século XXI. Em um mundo marcado pela diversidade cultural e pela globalização, a missão transcultural apresenta-se como uma ferramenta indispensável para comunicar o evangelho de forma contextualizada e relevante.

A organização deste artigo encontra-se estruturada na disposição teórico e metodológico tendo como base a missiologia, que se apresentará como suporte e reforçará as temáticas trabalhadas nesse contexto, em conjunto com a transculturalidade ligado à individualidade de cultura no campo missionário, dirigindo as reflexões sobre aspectos de fatores intrínsecos e extrínsecos da missão, dividindo-se em três sessões.

²⁴ Acadêmico do Curso de Teologia EAD da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: adalto.20220215@aluno.fbnovas.edu.br

²⁵ Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA-ES). Doutorando em Ciências da Religião Pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-PE). Professor do Curso de Ciências Teológicas. E-mail: prof.fabiovalente@fboasnovas.edu.br

A primeira sessão trata-se dos fundamentos bíblicos e teológicos da missão transcultural encontrada na grande comissão dada por Jesus em Mateus 28:19-20, que ordena aos discípulos que façam discípulos de todas as nações. Esse mandato reflete o caráter inclusivo e universal do Reino de Deus, que transcende barreiras culturais e linguísticas. Além disso, exemplos bíblicos como o ministério de Paulo entre os gentios demonstram que a missão cristã sempre teve um propósito global. A narrativa bíblica revela que Deus deseja alcançar todas as culturas e povos com Sua mensagem redentora, promovendo reconciliação e unidade em meio à diversidade.

Na sessão seguinte apresentamos o cenário contemporâneo, evidenciando os desafios da missão transcultural onde são amplificados pela pluralidade cultural e religiosa resultante da globalização. As barreiras linguísticas continuam sendo um obstáculo significativo, mas são acompanhadas por desafios relacionados à comunicação intercultural e ao respeito pelas tradições locais. A prática missionária exige sensibilidade cultural para evitar imposições ou interpretações equivocadas do evangelho. O preparo adequado dos missionários inclui não apenas formação teológica, mas também treinamento em antropologia cultural e habilidades práticas para viver em contextos diversos.

Na terceira sessão apresentamos a importância da formação e preparo para a missão transcultural sua relevância no século XXI, que está diretamente ligada à capacidade da igreja de responder aos desafios globais com uma mensagem transformadora. Em um mundo fragmentado por divisões culturais, econômicas e religiosas, a igreja é chamada a ser um agente de reconciliação. A missão transcultural não é apenas sobre levar uma mensagem; é também sobre viver essa mensagem em solidariedade com os povos alcançados. Essa prática exige humildade, empatia e disposição para aprender com aqueles a quem se busca servir, promovendo parcerias baseadas no respeito mútuo e na colaboração genuína.

Como resultados esperados, os conceitos apresentados que abrangem de maneira cogitativa este assunto tem finalidade de contribuir a estudos posteriores, nos mais diferenciados contextos e abordagens teóricas, evidenciando os benefícios e as peculiaridades que contribuem para desenvolvimento missionário como também ter conhecimento dos motivadores intrínsecos indutores de comprometimento com este trabalho que contribuíram para a evolução desta pesquisa.

2 FUNDAMENTOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS DA MISSÃO TRANSCULTURAL

A missão transcultural encontra suas raízes nas Escrituras, particularmente na Grande Comissão de Jesus Cristo (Mateus 28:19-20). Bosch (2002) argumenta que o chamado para fazer discípulos de todas as nações implica necessariamente em cruzar fronteiras culturais. O Antigo Testamento também fornece exemplos de interações transculturais com propósitos divinos, como a missão de Jonas a Nínive e a inclusão de estrangeiros como Rute na linhagem messiânica. Estas narrativas bíblicas demonstram que o plano salvífico de Deus sempre contemplou todas as nações, estabelecendo assim um fundamento teológico sólido para a missão transcultural contemporânea. Segundo Gonzales (2004), a universalidade da mensagem evangélica transcende barreiras étnicas e culturais, constituindo um princípio fundamental da teologia missionária.

Teologicamente, a missão transcultural reflete o caráter universal do evangelho e a natureza inclusiva do Reino de Deus. Stott (2010) enfatiza que a missão da igreja deve refletir a missão de Deus (*missio Dei*), que busca reconciliar todas as culturas e povos consigo mesmo através de Cristo. Esta compreensão teológica fundamenta-se na própria natureza de Deus como Criador de toda a humanidade e no caráter universal da obra redentora de Cristo. Conforme destaca Lidório (2014), a missão transcultural não é apenas uma estratégia eclesial, mas uma expressão da própria natureza de Deus revelada nas Escrituras. A compreensão da missão como participação na obra divina de reconciliação oferece uma perspectiva teológica que transcende o mero proselitismo religioso, abrangendo a totalidade da experiência humana.

Neste sentido a análise dos textos paulinos revela uma teologia missionária profundamente transcultural. Paulo, como apóstolo aos gentios, desenvolveu uma abordagem contextualizada do evangelho que respeitava as particularidades culturais de seus ouvintes sem comprometer a essência da mensagem cristã. Conforme observa Kivitz (2008), o discurso de Paulo no Areópago (Atos 17) representa um modelo exemplar de comunicação transcultural do evangelho, onde o apóstolo utiliza elementos da cultura grega para estabelecer pontos de contato com sua audiência. Esta capacidade de dialogar com diferentes cosmovisões sem relativizar a verdade evangélica constitui um paradigma fundamental para a missão transcultural contemporânea, demonstrando a possibilidade de contextualização sem sincretismo.

O conceito de inculturação do evangelho emerge como elemento central na teologia da missão transcultural. Segundo Zabatero (2019), a inculturação representa o processo pelo qual a mensagem cristã é traduzida e incorporada em uma determinada cultura, permitindo que o evangelho seja compreendido e apropriado de forma significativa pelos seus membros. Este processo não implica em uma mera adaptação superficial, mas em uma transformação profunda tanto da mensagem quanto da cultura receptora.

A inculturação reconhece que, embora o evangelho transcenda todas as culturas, ele sempre se manifesta encarnado em expressões culturais específicas, refletindo assim o próprio mistério da encarnação de Cristo.

No que se refere, a teologia da missão transcultural também aborda a questão da tensão entre universalidade e particularidade na fé cristã. Por um lado, o evangelho proclama verdades universais aplicáveis a toda a humanidade; por outro, reconhece a diversidade e particularidade das expressões culturais humanas. Padilla (2014) propõe uma abordagem dialética que mantém esta tensão, evitando tanto o universalismo abstrato quanto o relativismo cultural. Esta perspectiva teológica permite compreender como o evangelho pode ser simultaneamente transcultural em sua essência e culturalmente relevante em suas expressões, proporcionando um fundamento sólido para práticas missionárias que respeitam a diversidade cultural sem comprometer a integridade da mensagem cristã.

Assim como, a pneumatologia desempenha papel fundamental na teologia da missão transcultural. O Espírito Santo, como agente primário da missão, capacita os crentes para o testemunho transcultural e atua como intérprete do evangelho em diferentes contextos culturais. Conforme argumenta Sathler-Rosa (2010), a sensibilidade ao Espírito permite discernir como a revelação divina pode ser comunicada de forma culturalmente relevante sem distorções sincretistas. A pneumatologia missionária reconhece que o Espírito já está presente e atuante em todas as culturas, preparando o caminho para a recepção do evangelho. Esta compreensão teológica desloca o foco da atividade missionária humana para a obra soberana de Deus, reconhecendo a primazia da iniciativa divina na missão transcultural.

Além disso, a eclesiologia também oferece contribuições significativas para a teologia da missão transcultural. A igreja, como comunidade do Reino, é chamada a manifestar a unidade na diversidade que caracteriza o corpo de Cristo. Segundo Cavalcanti (2002), a igreja missionária deve refletir em sua própria estrutura e práticas o caráter multicultural do Reino de Deus, tornando-se assim um testemunho vivo da reconciliação transcultural operada por Cristo. Esta perspectiva eclesiológica desafia modelos de igreja monoculturais e etnocêntricos, propondo comunidades que celebram a diversidade cultural como expressão da riqueza do plano divino. A eclesiologia missionária reconhece que a igreja não é apenas agente da missão, mas também seu resultado e manifestação visível.

Da mesma maneira a escatologia fornece um horizonte teológico essencial para a missão transcultural. A visão apocalíptica de “uma grande multidão de todas as nações, tribos, povos e línguas” (Apocalipse 7:9) adorando diante do trono divino estabelece o objetivo último da missão: a formação de uma comunidade redimida que preserva a diversidade cultural dentro da unidade em Cristo. Conforme destaca Mendonça (1984), esta perspectiva escatológica impede tanto o triunfalismo cultural quanto o desânimo missionário, situando os esforços presentes dentro do plano cósmico de Deus. A escatologia missionária reconhece que a plenitude do Reino ainda está por vir, mas que a igreja é chamada a antecipar essa realidade futura em sua prática missionária presente.

Assim também, a antropologia teológica constitui outro pilar fundamental para a teologia da missão transcultural. A compreensão da humanidade como criada à imagem de Deus, mas afetada pelo pecado, fornece uma base para avaliar criticamente todas as culturas. Segundo Gondim (2001), esta perspectiva antropológica permite reconhecer tanto os elementos de graça comum presentes em todas as culturas quanto os aspectos que necessitam de transformação à luz do evangelho. A antropologia teológica evita tanto a romantização ingênua das culturas quanto sua demonização indiscriminada, proporcionando um fundamento para o diálogo respeitoso e o discernimento crítico necessários à missão transcultural efetiva.

Conforme argumenta Barro (2013), assim como Cristo se esvaziou para identificar-se com a humanidade sem deixar de ser divino, o missionário é chamado a um processo de identificação cultural sem perder sua identidade em Cristo. Esta kenosis missionária implica em vulnerabilidade, aprendizado e adaptação, refletindo o próprio caminho de Cristo. A cristologia missionária reconhece que a encarnação não foi apenas um meio para a redenção, mas também um modelo para a comunicação do evangelho. A cristologia oferece o paradigma central para a teologia da missão transcultural. O mistério da encarnação, onde o Verbo eterno assume plenamente a condição humana em um contexto cultural específico, estabelece o modelo para toda comunicação transcultural do evangelho.

Segundo Lopes (2007), a hermenêutica missionária busca distinguir entre o conteúdo transcultural da revelação e suas expressões culturalmente condicionadas, permitindo uma aplicação contextualizada do texto bíblico. Esta abordagem hermenêutica reconhece a necessidade de comunidades interpretativas multiculturais que possam enriquecer a compreensão das Escrituras a partir de diferentes perspectivas culturais, evitando assim leituras etnocêntricas que absolutizam interpretações culturalmente limitadas. A hermenêutica bíblica contextual emerge como elemento crucial na teologia da missão transcultural. A interpretação das Escrituras sempre ocorre a partir de um determinado contexto cultural, o que exige consciência crítica sobre os pressupostos culturais que influenciam a leitura bíblica.

Para tanto, a ética missionária constitui dimensão fundamental da teologia da missão transcultural. Os princípios éticos que orientam a prática missionária devem refletir o respeito pela dignidade e autonomia dos povos evangelizados. Conforme enfatiza Alencar (2015), a missão transcultural deve rejeitar abordagens manipuladoras, coercitivas ou paternalistas, buscando estabelecer relações de reciprocidade e diálogo genuíno. A ética missionária reconhece os desequilíbrios de poder frequentemente presentes nas relações transculturais e busca conscientemente evitar a imposição cultural disfarçada de evangelização. Esta perspectiva ética fundamenta-se no exemplo de Cristo, que não veio para ser servido, mas para servir, estabelecendo assim um paradigma de humildade e respeito que deve caracterizar toda atividade missionária transcultural.

3 DESAFIOS E METODOLOGIAS NA MISSÃO TRANSCULTURAL

A missão transcultural continua sendo uma tarefa essencial para a igreja contemporânea. Apesar dos desafios significativos, ela oferece oportunidades únicas para testemunhar o poder transformador do evangelho em contextos diversificados. A eficácia dessa missão depende da capacidade da igreja em equilibrar fidelidade teológica com sensibilidade cultural, promovendo práticas éticas que respeitem as culturas receptoras enquanto comunicam a mensagem redentora de Cristo.

Sobretudo a prática da missão transcultural enfrenta diversos desafios, incluindo barreiras linguísticas, diferenças culturais e potenciais conflitos religiosos. Kraft (2005) citado por Fernandes (2013) destaca a importância da contextualização na comunicação do evangelho, argumentando que a mensagem deve ser apresentada de forma culturalmente relevante sem comprometer seu conteúdo essencial. Este processo de contextualização exige profundo conhecimento tanto da cultura emissora quanto da receptora, permitindo identificar pontos de contato e divergência. Segundo Lidório (2014), o missionário transcultural precisa desenvolver competência cultural, que envolve não apenas o conhecimento teórico, mas também a capacidade de navegar com sensibilidade entre diferentes sistemas de valores e cosmovisões.

Uma abordagem metodológica significativa na missão transcultural é o modelo de “identificação” proposto por Nida (1947), que enfatiza a importância do missionário em se identificar profundamente com a cultura receptora. Este método busca superar o etnocentrismo e promover uma compreensão mais profunda do contexto cultural do povo alvo. A identificação vai além da adaptação superficial, exigindo um processo de imersão cultural que transforma a própria perspectiva do missionário. Conforme observa Gondim (2001), a identificação genuína implica em vulnerabilidade e disposição para aprender, reconhecendo que o missionário não é apenas um transmissor, mas também um receptor no encontro intercultural.

No entanto, o desafio da comunicação intercultural constitui um dos aspectos mais complexos da missão transcultural. Não se trata apenas de traduzir palavras, mas de transmitir significados entre sistemas culturais distintos. Zabatiero (2019) argumenta que a comunicação eficaz do evangelho requer a compreensão dos códigos culturais, pressupostos implícitos e estruturas de pensamento da cultura receptora. Esta comunicação intercultural envolve tanto aspectos verbais quanto não-verbais, exigindo sensibilidade para adaptar a forma da mensagem sem alterar seu conteúdo essencial. A comunicação transcultural eficaz reconhece que o significado é construído culturalmente e busca estabelecer pontes semânticas entre diferentes universos simbólicos.

Bem como a questão do poder e suas assimetrias representa outro desafio significativo na missão transcultural. Historicamente, muitos esforços missionários ocorreram em contextos de desequilíbrio de poder, frequentemente associados a processos coloniais. Barro (2003) enfatiza a necessidade de uma abordagem missionária que reconheça e busque superar estas assimetrias, promovendo relações de reciprocidade e respeito mútuo. Esta consciência crítica sobre as dinâmicas de poder implica em abandonar posturas paternalistas e reconhecer a agência e dignidade das comunidades receptoras. A missão transcultural contemporânea busca desenvolver metodologias que promovam o empoderamento local e a participação ativa das comunidades no processo de contextualização do evangelho.

Assim também, o diálogo inter-religioso emerge como metodologia fundamental para a missão transcultural em contextos pluralistas. Segundo Cavalcanti (2002), o diálogo autêntico não implica em relativismo teológico, mas em uma postura de respeito e escuta genuína que reconhece a dignidade do outro. Esta abordagem dialógica busca identificar pontos de contato entre diferentes tradições religiosas, estabelecendo bases para uma comunicação significativa do evangelho. O diálogo inter-religioso na missão transcultural reconhece que todas as culturas possuem intuições religiosas que podem funcionar como “preparação evangélica”, conforme destaca Mendonça (1984). Esta metodologia exige profundo conhecimento tanto da própria tradição cristã quanto das tradições religiosas locais.

Além disso a formação de comunidades eclesiais culturalmente relevantes constitui outro aspecto metodológico crucial da missão transcultural. Alencar (2015) argumenta que a implantação de igrejas autóctones, capazes de expressar a fé cristã através de formas culturais locais, representa o objetivo último da missão transcultural. Esta abordagem reconhece que a contextualização

não se limita à comunicação inicial do evangelho, mas deve se estender à vida contínua da comunidade de fé. A metodologia de formação eclesial culturalmente relevante busca equilibrar a fidelidade aos elementos essenciais da fé cristã com a liberdade para desenvolver expressões contextualizadas de adoração, liderança e práticas comunitárias.

Assim também, a tradução cultural da Bíblia representa uma metodologia fundamental na missão transcultural. Conforme destaca Lopes (2007), a disponibilização das Escrituras em línguas vernáculas não apenas facilita o acesso à mensagem cristã, mas também valoriza e dignifica as culturas locais. O processo de tradução bíblica envolve complexos desafios linguísticos e culturais, exigindo profundo conhecimento tanto dos textos originais quanto da cultura receptora. A tradução cultural vai além da mera correspondência linguística, buscando comunicar os significados teológicos em categorias culturalmente compreensíveis. Esta metodologia reconhece que a Palavra de Deus, embora transcultural em sua essência, sempre se manifesta encarnada em expressões culturais específicas.

Visto que, o desenvolvimento de abordagens holísticas representa uma importante evolução metodológica na missão transcultural contemporânea. Padilla (2014) defende uma compreensão integral da missão que integra evangelização e responsabilidade social, reconhecendo a interconexão entre as dimensões espirituais, sociais, econômicas e culturais da existência humana. Esta metodologia holística busca superar dicotomias artificiais entre evangelização e ação social, reconhecendo que o evangelho aborda a totalidade da experiência humana. Conforme argumenta Sathler-Rosa (2010), a missão integral responde às necessidades concretas das comunidades enquanto comunica a mensagem transformadora do evangelho, refletindo assim a própria abordagem ministerial de Jesus.

Por quanto, o estabelecimento de parcerias colaborativas emerge como metodologia essencial para a missão transcultural no contexto globalizado. Gonzales (2004) destaca a importância de modelos de cooperação que reconheçam a interdependência entre igrejas e organizações missionárias de diferentes contextos culturais. Esta abordagem colaborativa busca superar padrões paternalistas de relacionamento, promovendo parcerias baseadas em respeito mútuo e reconhecimento das contribuições únicas de cada participante. A metodologia de parcerias colaborativas reconhece que a missão transcultural contemporânea ocorre em um contexto de fluxos multidirecionais, onde as tradicionais distinções entre “campos missionários” e “bases enviadoras” se tornam cada vez mais fluidas.

Assim sendo, a formação missionária contextualizada representa uma metodologia fundamental para preparar agentes eficazes para a missão transcultural. Kivitz (2008) argumenta que a educação teológica e missiológica deve integrar perspectivas globais e locais, preparando missionários capazes de navegar com sensibilidade entre diferentes contextos culturais. Esta formação vai além da transmissão de conteúdos teóricos, incluindo experiências práticas de imersão cultural e reflexão crítica sobre pressupostos culturais.

Da mesma forma, a metodologia de formação contextualizada reconhece que o preparo para a missão transcultural exige tanto conhecimentos específicos sobre culturas particulares quanto princípios hermenêuticos que permitam a contínua adaptação a novos contextos. Este processo formativo busca desenvolver não apenas habilidades técnicas, mas também virtudes como humildade, empatia e flexibilidade. A eficácia da missão transcultural depende significativamente da preparação adequada dos missionários. Valleskey (1995) argumenta que a formação missionária deve incluir não apenas o estudo teológico, mas também treinamento em antropologia cultural, linguística e habilidades de adaptação intercultural.

Esta formação integral reconhece que o missionário transcultural precisa desenvolver competências que vão além do conhecimento bíblico-teológico tradicional. Segundo Lidório (2014), o preparo adequado deve contemplar aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais, formando missionários capazes de compreender profundamente outras culturas, desenvolver empatia genuína e adaptar-se a diferentes contextos sem perder sua identidade. Este processo formativo exige tanto instituições especializadas quanto experiências práticas de imersão cultural supervisionada.

Além disso, Winter e Hawthorne (2009) enfatizam a importância do desenvolvimento de parcerias globais na missão transcultural, promovendo a colaboração entre igrejas e organizações missionárias de diferentes contextos culturais. Esta abordagem colaborativa reconhece que a missão contemporânea ocorre em um cenário de interdependência global. Conforme destaca Gondim (2001), as parcerias transculturais efetivas exigem humildade para reconhecer as contribuições únicas que cada tradição cultural pode oferecer ao empreendimento missionário. O desenvolvimento destas parcerias implica em superar padrões paternalistas de relacionamento, estabelecendo modelos de cooperação baseados em respeito mútuo, transparência e reconhecimento da dignidade e autonomia de todos os participantes.

Por tanto, o preparo psicológico constitui dimensão fundamental na formação para a missão transcultural. O choque cultural, a distância dos sistemas de apoio familiares e as pressões do ministério transcultural podem gerar significativo desgaste

emocional. Segundo Kivitz (2008), a formação missionária deve incluir o desenvolvimento de resiliência psicológica e estratégias de autocuidado que permitam ao missionário enfrentar os desafios emocionais inerentes ao trabalho transcultural. Este preparo psicológico envolve o autoconhecimento, a identificação de vulnerabilidades pessoais e o desenvolvimento de mecanismos saudáveis de enfrentamento do estresse. A formação deve incluir também orientação sobre como manter relacionamentos significativos à distância e como integrar-se a novas redes de apoio no campo missionário.

Assim também, a formação linguística representa componente essencial no preparo para a missão transcultural. A capacidade de comunicar-se efetivamente no idioma local vai além da fluência técnica, envolvendo a compreensão de nuances culturais e contextuais da linguagem. Conforme argumenta Zabatiero (2019), o aprendizado linguístico deve ser visto não apenas como ferramenta instrumental, mas como processo de imersão cultural que transforma a própria perspectiva do missionário. Esta formação linguística deve incluir tanto métodos formais de estudo quanto oportunidades de aprendizado por imersão, reconhecendo que a língua é inseparável da cultura que a produziu. O domínio linguístico adequado demonstra respeito pela cultura local e abre portas para relacionamentos mais profundos e autênticos.

Assim como, o desenvolvimento de competência intercultural constitui elemento central na formação missionária. Esta competência envolve a capacidade de navegar efetivamente entre diferentes sistemas culturais, adaptando-se sem perder a própria identidade. Segundo Alencar (2015), a competência intercultural inclui dimensões cognitivas (conhecimento cultural), afetivas (empatia e abertura) e comportamentais (habilidades de adaptação). O desenvolvimento desta competência exige exposição a diferentes contextos culturais, reflexão crítica sobre pressupostos culturais próprios e oportunidades para praticar a adaptação intercultural em ambientes supervisionados. A formação deve promover a consciência sobre como a própria bagagem cultural influencia percepções e comportamentos, desenvolvendo a capacidade de suspender julgamentos etnocêntricos.

Segundo Barro (2003), os missionários precisam desenvolver não apenas conhecimento teológico sistemático, mas também habilidades hermenêuticas que permitam contextualizar princípios bíblicos em diferentes realidades culturais. Esta formação teológica deve equilibrar fidelidade aos fundamentos da fé cristã com sensibilidade às questões contextuais específicas de cada cultura. Conforme destaca Lopes (2007), o preparo teológico para a missão transcultural deve incluir exposição a perspectivas teológicas diversas, reconhecendo que diferentes tradições culturais oferecem leituras complementares das Escrituras. Esta abordagem formativa evita tanto o relativismo quanto o dogmatismo inflexível.

No que se refere, segundo Gonzales (2004), os missionários precisam desenvolver habilidades para facilitar processos de formação espiritual culturalmente relevantes, que permitam aos novos crentes crescerem na fé sem alienar-se de seus contextos culturais. Esta formação reconhece que modelos ocidentais de igreja e discipulado não podem ser simplesmente transplantados para outros contextos culturais. Conforme argumenta Cavalcanti (2002), o preparo missionário deve incluir o estudo de diferentes modelos de igreja e estratégias de discipulado, bem como princípios para adaptar estes modelos a contextos específicos. Esta abordagem formativa equilibra princípios bíblicos universais com flexibilidade metodológica.

Por tanto, a formação ética constitui dimensão fundamental no preparo para a missão transcultural. Os missionários enfrentam complexos dilemas éticos relacionados a questões como respeito à autonomia cultural, uso responsável de recursos, relações de poder e abordagens apropriadas para práticas culturais problemáticas. Segundo Sathler-Rosa (2010), a formação missionária deve desenvolver sensibilidade ética e capacidade de discernimento moral contextualizado. Este preparo ético inclui a reflexão sobre códigos de conduta missionária, princípios de justiça intercultural e responsabilidade no uso de recursos e influência. A formação deve promover uma ética missionária que respeite a dignidade e autonomia das comunidades locais, evitando abordagens manipuladoras ou coercitivas. Este componente formativo reconhece que a integridade ética do missionário é tão importante quanto seu conhecimento teológico ou habilidades práticas.

4 FORMAÇÃO E PREPARO PARA A MISSÃO TRANSCULTURAL

A eficácia da missão transcultural depende significativamente da preparação adequada dos missionários. Valleskey (1995) argumenta que a formação missionária deve incluir não apenas o estudo teológico, mas também treinamento em antropologia cultural, linguística e habilidades de adaptação intercultural. Esta formação integral reconhece que o missionário transcultural precisa desenvolver competências que vão além do conhecimento bíblico-teológico tradicional. Segundo Lidório (2014), o preparo adequado deve contemplar aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais, formando missionários capazes de compreender profundamente outras culturas, desenvolver empatia genuína e adaptar-se a diferentes contextos sem perder sua identidade. Este processo formativo exige tanto instituições especializadas quanto experiências práticas de imersão cultural supervisionada.

Além disso, Winter e Hawthorne (2009) enfatizam a importância do desenvolvimento de parcerias globais na missão

transcultural, promovendo a colaboração entre igrejas e organizações missionárias de diferentes contextos culturais. Esta abordagem colaborativa reconhece que a missão contemporânea ocorre em um cenário de interdependência global. Conforme destaca Gondim (2001), as parcerias transculturais efetivas exigem humildade para reconhecer as contribuições únicas que cada tradição cultural pode oferecer ao empreendimento missionário. O desenvolvimento destas parcerias implica em superar padrões paternalistas de relacionamento, estabelecendo modelos de cooperação baseados em respeito mútuo, transparência e reconhecimento da dignidade e autonomia de todos os participantes.

Visto que, o preparo psicológico constitui dimensão fundamental na formação para a missão transcultural. O choque cultural, a distância dos sistemas de apoio familiares e as pressões do ministério transcultural podem gerar significativo desgaste emocional. Segundo Kivitz (2008), a formação missionária deve incluir o desenvolvimento de resiliência psicológica e estratégias de autocuidado que permitam ao missionário enfrentar os desafios emocionais inerentes ao trabalho transcultural. Este preparo psicológico envolve o autoconhecimento, a identificação de vulnerabilidades pessoais e o desenvolvimento de mecanismos saudáveis de enfrentamento do estresse. A formação deve incluir também orientação sobre como manter relacionamentos significativos à distância e como integrar-se a novas redes de apoio no campo missionário.

Além disso, a formação linguística representa componente essencial no preparo para a missão transcultural. A capacidade de comunicar-se efetivamente no idioma local vai além da fluência técnica, envolvendo a compreensão de nuances culturais e contextuais da linguagem. Conforme argumenta Zabatiero (2019), o aprendizado linguístico deve ser visto não apenas como ferramenta instrumental, mas como processo de imersão cultural que transforma a própria perspectiva do missionário. Esta formação linguística deve incluir tanto métodos formais de estudo quanto oportunidades de aprendizado por imersão, reconhecendo que a língua é inseparável da cultura que a produziu. O domínio linguístico adequado demonstra respeito pela cultura local e abre portas para relacionamentos mais profundos e autênticos.

Do mesmo modo, o desenvolvimento de competência intercultural constitui elemento central na formação missionária. Esta competência envolve a capacidade de navegar efetivamente entre diferentes sistemas culturais, adaptando-se sem perder a própria identidade. Segundo Alencar (2015), a competência intercultural inclui dimensões cognitivas (conhecimento cultural), afetivas (empatia e abertura) e comportamentais (habilidades de adaptação). O desenvolvimento desta competência exige exposição a diferentes contextos culturais, reflexão crítica sobre pressupostos culturais próprios e oportunidades para praticar a adaptação intercultural em ambientes supervisionados. A formação deve promover a consciência sobre como a própria bagagem cultural influencia percepções e comportamentos, desenvolvendo a capacidade de suspender julgamentos etnocêntricos.

Igualmente a formação teológica contextualizada emerge como aspecto crucial no preparo para a missão transcultural. Segundo Barro (2003), os missionários precisam desenvolver não apenas conhecimento teológico sistemático, mas também habilidades hermenêuticas que permitam contextualizar princípios bíblicos em diferentes realidades culturais. Esta formação teológica deve equilibrar fidelidade aos fundamentos da fé cristã com sensibilidade às questões contextuais específicas de cada cultura. Conforme destaca Lopes (2007), o preparo teológico para a missão transcultural deve incluir exposição a perspectivas teológicas diversas, reconhecendo que diferentes tradições culturais oferecem leituras complementares das Escrituras. Esta abordagem formativa evita tanto o relativismo quanto o dogmatismo inflexível.

O preparo para a missão transcultural deve incluir formação em métodos contextualizados de discipulado e implantação de igrejas. Segundo Gonzales (2004), os missionários precisam desenvolver habilidades para facilitar processos de formação espiritual culturalmente relevantes, que permitam aos novos crentes crescer na fé sem alienar-se de seus contextos culturais. Esta formação reconhece que modelos ocidentais de igreja e discipulado não podem ser simplesmente transplantados para outros contextos culturais. Conforme argumenta Cavalcanti (2002), o preparo missionário deve incluir o estudo de diferentes modelos de igreja e estratégias de discipulado, bem como princípios para adaptar estes modelos a contextos específicos. Esta abordagem formativa equilibra princípios bíblicos universais com flexibilidade metodológica.

Contudo, a formação ética constitui dimensão fundamental no preparo para a missão transcultural. Os missionários enfrentam complexos dilemas éticos relacionados a questões como respeito à autonomia cultural, uso responsável de recursos, relações de poder e abordagens apropriadas para práticas culturais problemáticas. Segundo Sathler-Rosa (2010), a formação missionária deve desenvolver sensibilidade ética e capacidade de discernimento moral contextualizado. Este preparo ético inclui a reflexão sobre códigos de conduta missionária, princípios de justiça intercultural e responsabilidade no uso de recursos e influência. A formação deve promover uma ética missionária que respeite a dignidade e autonomia das comunidades locais, evitando abordagens manipuladoras ou coercitivas. Este componente formativo reconhece que a integridade ética do missionário é tão importante quanto seu conhecimento teológico ou habilidades práticas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A missão transcultural continua sendo um aspecto vital da missão da igreja no mundo contemporâneo. Em um cenário global marcado por rápidas transformações sociais, culturais e tecnológicas, a necessidade de compartilhar o evangelho de maneira relevante e sensível às diferentes culturas se torna ainda mais evidente. Os desafios enfrentados, como barreiras linguísticas, diferenças religiosas e contextos políticos adversos, exigem preparo e discernimento por parte dos missionários e das igrejas enviadoras. No entanto, as oportunidades para o compartilhamento intercultural do evangelho são igualmente vastas, especialmente diante do aumento da mobilidade humana e do acesso a novas tecnologias de comunicação.

Assim sendo, a eficácia da missão transcultural no futuro dependerá da capacidade da igreja em adaptar suas abordagens às realidades de um mundo globalizado, mantendo-se fiel à essência da mensagem evangélica. Isso implica reconhecer que métodos e estratégias que funcionaram em determinados contextos podem não ser eficazes em outros, exigindo flexibilidade e criatividade. A igreja precisa estar atenta às mudanças culturais e sociais, buscando compreender profundamente os contextos em que atua. Essa postura de escuta e aprendizado contínuo é fundamental para evitar erros do passado, como o etnocentrismo e a imposição de modelos culturais estrangeiros.

Além disso, formação contínua de missionários culturalmente sensíveis é um dos pilares para o avanço da missão transcultural. O preparo dos missionários deve ir além do conhecimento teológico, incluindo treinamento em antropologia, comunicação intercultural e habilidades práticas para lidar com situações adversas. A sensibilidade cultural permite que o missionário compreenda e respeite as tradições, valores e crenças do povo a quem serve, construindo pontes de diálogo e confiança. Esse preparo também contribui para a superação de choques culturais e para o desenvolvimento de relacionamentos autênticos e duradouros.

Dessa forma, o desenvolvimento de metodologias contextualizadas é outro fator crucial para a missão transcultural. A contextualização envolve adaptar a apresentação do evangelho às realidades culturais locais, sem comprometer sua essência. Isso requer discernimento para distinguir entre elementos centrais da fé cristã e aspectos culturais que podem ser flexíveis. Metodologias contextualizadas valorizam a participação ativa das comunidades locais, promovendo o protagonismo dos novos convertidos na construção de uma fé autêntica e relevante para seu contexto. Assim, evita-se a dependência de modelos importados e estimula-se o florescimento de expressões culturais próprias do cristianismo.

Assim também, o fortalecimento de parcerias globais também se destaca como elemento fundamental para o avanço da missão transcultural. Em um mundo interconectado, a colaboração entre igrejas, agências missionárias e organizações cristãs de diferentes países potencializa recursos, experiências e estratégias. Parcerias globais promovem o intercâmbio de conhecimentos, o apoio mútuo e a superação de desafios comuns. Além disso, essas alianças contribuem para a construção de uma visão missionária mais ampla e inclusiva, reconhecendo a diversidade de dons e perspectivas presentes no corpo de Cristo ao redor do mundo.

Ao mesmo tempo, é essencial manter um equilíbrio entre a adaptação cultural e a fidelidade ao evangelho. A busca por relevância cultural não pode resultar em diluição ou distorção da mensagem cristã. O desafio está em comunicar o evangelho de forma autêntica, preservando seus princípios fundamentais, enquanto se dialoga com as questões e necessidades específicas de cada cultura. Esse equilíbrio exige maturidade teológica, humildade e disposição para aprender com o outro, reconhecendo que o Espírito Santo atua em todas as culturas e contextos.

Do mesmo modo, a missão transcultural também demanda uma postura ética e respeitosa diante das culturas e religiões locais. O respeito à dignidade e à autonomia dos povos é indispensável para o testemunho cristão. A missão não deve ser confundida com proselitismo agressivo ou imposição cultural, mas sim com serviço, diálogo e promoção da justiça e da paz. O compromisso ético fortalece a credibilidade da igreja e abre portas para o evangelho em contextos onde há resistência ou desconfiança em relação à presença missionária.

Outro aspecto relevante é o papel das igrejas autóctones no processo missionário. O fortalecimento de lideranças locais e a valorização das expressões culturais próprias são fundamentais para a sustentabilidade da missão transcultural. Igrejas autóctones têm maior capacidade de compreender e responder aos desafios de seu contexto, tornando o evangelho mais acessível e significativo para suas comunidades. O apoio à formação de líderes locais deve ser prioridade nas estratégias missionárias, promovendo autonomia e continuidade do trabalho missionário.

A missão transcultural, ao mesmo tempo em que enfrenta desafios, oferece oportunidades para o crescimento mútuo e o enriquecimento da fé cristã. O contato com diferentes culturas amplia a compreensão do evangelho e desafia a igreja a repensar suas práticas e tradições. Esse intercâmbio cultural contribui para a construção de uma igreja verdadeiramente global, capaz de

expressar a unidade na diversidade e de testemunhar o amor de Cristo em todas as nações.

Em síntese, a missão transcultural permanece como um chamado indispensável para a igreja contemporânea. O sucesso dessa missão dependerá da capacidade de adaptação, do compromisso com a formação contínua, da busca por parcerias globais e do equilíbrio entre contextualização e fidelidade ao evangelho. Assim, a igreja poderá cumprir seu papel de agente de reconciliação e esperança em um mundo marcado pela diversidade e pelo dinamismo cultural, permanecendo fiel ao mandato de Cristo de fazer discípulos de todas as nações.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Protestantismo tupiniquim**: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Arte Editorial, 2015.

BARRO, Jorge Henrique. **O pastor urbano**: dez desafios para um ministério urbano bem-sucedido. Londrina: Descoberta, 2003.

BOSCH, David Jacobus. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CAVALCANTI, Robinson. **Cristianismo e política**: teoria bíblica e prática histórica. São Paulo: Ultimato, 2002.

FERNANDES, Matheus. **Contextualização e a comunicação do evangelho**. Revisão: Yago Martins. Ministério Fiel, 2016
Ministério Fiel. Original: Contextualizing Ecclesiology.

GONDIM, Ricardo. **O evangelho da nova era**: uma análise e refutação bíblica da chamada Nova Era. São Paulo: Abba Press, 2001.

GONZALES, Justo L. **Uma História Do Pensamento Cristão: da Reforma ao século XX**. Vol.3. 1ª ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

KIVITZ, Ed René. **Outra espiritualidade**: fé, graça e resistência. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**: uma breve história da interpretação. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

MENDONÇA, A. G. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.

NIDA, E. **Bible Translating, an analysis of principles and procedures with special reference to aboriginal languages**. New York, American Bible Society, 359 pp. 1947.

PADILLA, Carlos René. **Missão Integral**. O Reino de Deus e a Igreja Paperback – January 1, 2014.

SATHLER-ROSA, Ronaldo. **Cuidado pastoral em tempos de insegurança**: uma hermenêutica contemporânea. São Paulo: ASTE, 2010.

STOTT, John Robert Walmsley. **A missão cristã no mundo moderno**. Viçosa: Ultimato, 2010.

VALLLESKEY, David J. **We Believe, Therefore We Speak**: The Theology and Practice of Evangelism Paperback. January 1, 1995.

WINTER, Ralph D. HAWTHORNE, Kevin D. Bradford. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Fundamentos da teologia prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2019.

O PAPEL DA ESPIRITUALIDADE NA FORMAÇÃO DE UMA CIDADANIA ATIVA: UM ESTUDO SOBRE A INTEGRAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E POLÍTICA EM COMUNIDADES DE FÉ

Anarimar Lobato da Silva²⁶

José Fábio Bentes Valente²⁷

RESUMO: Esta pesquisa investiga como a espiritualidade pode ser um alicerce para a formação de uma cidadania ativa, analisando a relação entre educação teológica e engajamento político em comunidades religiosas brasileiras. O estudo parte do pressuposto de que a fé, quando articulada a uma consciência crítica, tem o potencial de transformar realidades sociais. Para isso, examina práticas pedagógicas libertadoras, como as desenvolvidas pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que unem reflexão bíblica, diálogo comunitário e ação política. Inspiradas na Teologia da Libertação, essas comunidades evidenciam como a espiritualidade pode transcender o âmbito individual e tornar-se uma força coletiva em prol da justiça social. A pesquisa também explora desafios, como a oposição de setores conservadores dentro das igrejas, que veem com desconfiança a politização da fé, e o risco da instrumentalização da religião por agendas partidárias. A metodologia inclui revisão bibliográfica e análise de experiências locais, destacando casos em que a formação teológica estimulou participação em movimentos sociais, lutas por direitos humanos e defesa do meio ambiente. Conclui-se que as comunidades de fé são espaços privilegiados para uma educação transformadora, capazes de integrar espiritualidade, política e emancipação. O estudo reforça a necessidade de uma espiritualidade encarnada, que não separe a fé da vida, mas as una em um projeto ético e solidário, essencial para a construção de sociedades mais justas e democráticas.

Palavras-chave: Espiritualidade, Cidadania Ativa, Educação Teológica, Política, Comunidades de Fé, Justiça Social.

ABSTRACT: This research investigates how spirituality can serve as a foundation for the development of active citizenship by analyzing the relationship between theological education and political engagement in Brazilian religious communities. The study is based on the premise that faith, when linked to critical consciousness, has the potential to transform social realities. To this end, it examines liberating pedagogical practices, such as those developed by the Ecclesial Base Communities (CEBs), which combine biblical reflection, community dialogue, and political action. Inspired by Liberation Theology, these communities demonstrate how spirituality can transcend the individual realm and become a collective force for social justice. The research also explores challenges, such as opposition from conservative sectors within churches that view the politicization of faith with suspicion, and the risk of religion being instrumentalized for partisan agendas. The methodology includes a literature review and analysis of local experiences, highlighting cases where theological education has encouraged participation in social movements, struggles for human rights, and environmental defense. The study concludes that faith communities are privileged spaces for transformative education, capable of integrating spirituality, politics, and emancipation. It reinforces the need for an incarnate spirituality that does not separate faith from life but unites them in an ethical and solidarity-driven project, essential for building more just and democratic societies.

Keywords: Spirituality, Active Citizenship, Theological Education, Politics, Faith Communities, Social Justice.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre espiritualidade e engajamento cívico tem ganhado crescente relevância no Brasil, especialmente no âmbito das comunidades de fé. Em um país marcado por profundas desigualdades sociais e uma rica diversidade religiosa, a interseção entre fé e política se apresenta como um campo fértil para reflexão e ação. Este projeto de pesquisa busca investigar como a educação teológica, quando articulada com a prática política, pode contribuir para a formação de uma cidadania ativa e

²⁶ Acadêmico(a) do Curso de Teologia EAD da Faculdade Boas Novas - FBN.

²⁷ Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA-ES). Doutorando em Ciências da Religião Pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-PE). Professor do Curso de Ciências Teológicas. E-mail: prof.fabiovalente@fbnovas.edu.br

transformadora. A espiritualidade, nesse sentido, não se limita ao âmbito privado, mas se traduz em compromisso ético com a justiça social.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) são um exemplo concreto de como a educação teológica pode se articular com a prática política. Nelas, a leitura popular da Bíblia e a reflexão crítica sobre a realidade social incentivam os fiéis a assumirem um papel ativo na luta por direitos. Essas comunidades funcionam como espaços de formação cidadã, onde a fé se traduz em ações coletivas por moradia, saúde e educação. A pedagogia utilizada nas CEBs demonstra que a espiritualidade pode ser um catalisador para a mobilização social.

Um dos principais obstáculos nesse processo é a crescente polarização religiosa, que tem levado ao surgimento de discursos fundamentalistas e à instrumentalização política da fé. Alguns grupos religiosos defendem pautas conservadoras que contradizem os princípios de justiça social, enquanto outros são cooptados por interesses partidários. A pesquisa analisa como superar esses desafios, promovendo uma espiritualidade crítica e inclusiva, capaz de resistir às manipulações ideológicas.

Outro eixo central do estudo é a necessidade de fortalecer o diálogo inter-religioso como caminho para uma cidadania plural. Em um país multicultural como o Brasil, é essencial que as diferentes tradições espirituais colaborem em prol do bem comum. Experiências de cooperação entre religiões, como fóruns ecumênicos e ações sociais conjuntas, mostram que a diversidade pode ser uma força transformadora quando baseada no respeito mútuo.

A escolha do tema justifica-se pela necessidade premente de compreender como as comunidades de fé podem contribuir para a formação de cidadãos ativos e engajados, capazes de participar criticamente na esfera pública. Num momento em que o Brasil enfrenta desafios significativos em termos de participação democrática e coesão social, investigar o potencial da espiritualidade e da educação teológica na promoção de uma cidadania consciente e ativa torna-se fundamental. Este estudo busca preencher uma lacuna importante na literatura acadêmica, oferecendo insights valiosos para líderes religiosos, educadores e formuladores de políticas públicas sobre como integrar efetivamente a formação espiritual e política nas comunidades de fé.

O problema da pesquisa se concentra como a integração entre educação teológica e política em comunidades de fé brasileiras influencia a formação de uma cidadania ativa e engajada?

Contudo, o objetivo geral deste artigo é analisar o impacto da integração entre educação teológica e política nas comunidades de fé brasileiras na formação de uma cidadania ativa e engajada.

Os objetivos desta pesquisa incluem: (i) identificar as práticas pedagógicas utilizadas nas comunidades de fé que integram educação teológica e política; (ii) avaliar a percepção dos membros das comunidades de fé sobre a relação entre sua formação espiritual e seu engajamento cívico; (iii) examinar como a compreensão teológica da justiça social, influencia o envolvimento da assembleia em questões políticas e sociais.

Os procedimentos metodológicos adotados consistem na pesquisa adotará uma abordagem qualitativa, baseada em uma revisão bibliográfica extensiva da literatura brasileira sobre o tema. Serão analisados artigos científicos, dissertações, teses e livros que abordem a relação entre espiritualidade, educação teológica e formação política no contexto brasileiro. A seleção do material bibliográfico será realizada através de buscas em bases de dados acadêmicas nacionais, como SciELO, Portal de Periódicos CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). O recorte temporal da pesquisa compreenderá publicações dos últimos dez anos, priorizando trabalhos que abordem especificamente a realidade brasileira.

Espera-se que a pesquisa demonstre como a espiritualidade, quando articulada com uma educação teológica crítica, pode fortalecer o compromisso com a justiça social. O estudo visa identificar os mecanismos pelos quais comunidades religiosas incentivam a participação política, contribuindo para uma cidadania ativa e transformadora.

Os resultados esperados é uma contribuição teórica e prática que mostre como a educação teológica pode formar cidadãos críticos e atuantes, capazes de conciliar fé e luta por justiça, superando polarizações e promovendo uma sociedade mais solidária.

A pesquisa buscará demonstrar como a espiritualidade pode ser uma aliada na defesa da democracia, combatendo discursos autoritários e promovendo valores como solidariedade e direitos humanos. Também alertará para os riscos da instrumentalização política da fé.

O estudo identificará os principais obstáculos à cooperação entre diferentes tradições religiosas (como fundamentalismos e polarização), mas também destacará experiências bem-sucedidas de diálogo ecumênico e inter-religioso em prol da justiça social.

Por fim, a pesquisa visa inspirar outros estudos e ações concretas, fortalecendo a ideia de que a espiritualidade, quando comprometida com a transformação social, pode ser uma força renovadora na construção de um mundo mais justo e inclusivo, que influencie lideranças religiosas, educadores e formuladores de políticas públicas, incentivando projetos que unam formação teológica e participação cidadã.

2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS COMUNIDADES DE FÉ

As comunidades de fé no Brasil têm se destacado por desenvolver práticas pedagógicas que integram reflexão teológica e análise crítica da realidade sociopolítica. Segundo Paulo Freire (2018), a educação libertadora é essencial para promover a conscientização e a transformação social, princípios que podem ser aplicados no âmbito religioso. Freire enfatiza que a educação deve ser um ato político, capaz de despertar nos indivíduos a capacidade de ler o mundo e intervir nele. Essa perspectiva ressoa nas comunidades de fé, que muitas vezes assumem um papel educativo além do âmbito litúrgico. Como aponta Carlos Rodrigues Brandão (2016), a educação popular nessas comunidades não se limita à transmissão de dogmas, mas se abre para a construção coletiva de saberes. Essa abordagem dialógica, inspirada em Freire, permite que os fiéis reinterpretem sua realidade à luz da fé. Assim, a educação teológica torna-se um espaço de questionamento e ação, rompendo com modelos tradicionais de ensino.

Um exemplo histórico dessa articulação são as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que, como destaca Luiz Alberto Gómez de Souza (2019), uniam estudos bíblicos a debates sobre direitos humanos e justiça social, especialmente durante a ditadura militar. As CEBs foram espaços de resistência e formação política, onde a fé se traduzia em ação concreta. Gómez de Souza argumenta que essas comunidades representavam uma pedagogia engajada, que desafiava as estruturas opressoras da época. Seu legado ainda influencia movimentos sociais e pastorais hoje, como as pastorais urbanas e rurais. A metodologia das CEBs, baseada no “verjulgar-agir”, continua a ser um referencial para a educação popular. Essa prática demonstra como a teologia pode ser um instrumento de libertação, conforme defendido por Leonardo Boff (1981).

Maria da Conceição Ribeiro (2018) complementa essa visão ao defender uma teologia contextual, que dialogue diretamente com as realidades locais. Para a autora, a teologia não pode ser dissociada das lutas cotidianas, como a defesa dos pobres e a promoção da equidade. Essa abordagem rompe com a dicotomia entre espiritualidade e engajamento político, propondo uma fé encarnada na história. Ribeiro demonstra que a educação teológica, quando vinculada à práxis, fortalece a cidadania ativa. Sua obra ressalta a importância de uma leitura da Bíblia a partir das demandas sociais, como a luta por moradia e terra. Essa perspectiva é compartilhada por Milton Schwantes (2003), que enfatiza o papel profético das comunidades de fé.

Além disso, as comunidades de fé funcionam como espaços de educação não formal, complementando a formação oferecida pela escola tradicional. Como aponta Maria da Glória Gohn (2020), a educação popular em ambientes religiosos contribui para a formação política de sujeitos críticos. Esses espaços promovem discussões sobre democracia, participação social e direitos coletivos, temas muitas vezes negligenciados no ensino convencional. Gohn ressalta que tais iniciativas são fundamentais em contextos de desigualdade, onde a escola não consegue suprir todas as demandas educativas. A autora destaca o caso das pastorais da juventude, que formam lideranças comunitárias. Esses grupos combinam espiritualidade e militância, seguindo o legado de Dom Hélder Câmara (1999).

Outro aspecto relevante é a metodologia participativa adotada por muitas comunidades, que valoriza o diálogo e a partilha de experiências. De acordo com Carlos Rodrigues Brandão (2016), a educação nas comunidades de fé segue uma lógica horizontal, onde todos são sujeitos do processo de aprendizagem. Essa abordagem contrasta com modelos bancários de educação, privilegiando a construção coletiva do conhecimento. Brandão destaca que essa prática reforça a autonomia e o protagonismo dos participantes. Sua análise mostra como os círculos bíblicos e as rodas de conversa são espaços de troca e crescimento mútuo. Essa dinâmica é essencial para uma educação libertadora, como defendido por Paulo Freire (2018).

Ainda sobre metodologias, Rosângela Faustino (2017) analisa como as rodas de conversa e os círculos bíblicos nas comunidades favorecem a interpretação crítica da realidade. Esses momentos combinam narrativas sagradas com análises sociais, incentivando os fiéis a relacionar fé e vida. Faustino argumenta que essa dinâmica gera uma leitura libertadora das escrituras, distante de abordagens dogmáticas. Essa perspectiva é crucial para uma educação teológica emancipatória. A autora cita o exemplo das mulheres nas CEBs, que reinterpretem a Bíblia a partir de suas lutas por igualdade. Essa prática ecoa os estudos de Ivone Gebara (2000) sobre teologia feminista.

A influência dessas práticas também se estende à juventude, como observa Paulo Carrano (2019) em seus estudos sobre grupos religiosos jovens. O autor mostra que muitos coletivos articulam espiritualidade e ativismo, discutindo temas como gênero, racismo e meio ambiente. Esses espaços formam lideranças engajadas, que atuam tanto na igreja quanto em movimentos sociais. Carrano enfatiza o potencial transformador dessas experiências educativas. Sua pesquisa revela como a juventude negra periférica encontra nas comunidades de fé um espaço de acolhida e resistência. Essa realidade dialoga com os estudos de Nilma Lino Gomes (2012) sobre educação e relações étnico-raciais.

Por outro lado, há desafios a serem superados, como a resistência de setores conservadores dentro das próprias comunidades.

Como analisa Leonardo Boff (2020), algumas correntes religiosas rejeitam a integração entre fé e política, defendendo uma espiritualidade desencarnada. Boff alerta para o risco de uma educação teológica alienante, que não questiona as estruturas de poder. Superar essa visão exige um compromisso com a justiça social. O teólogo destaca a importância de resgatar o legado progressista da Teologia da Libertação. Essa reflexão é compartilhada por Frei Betto (2005), que critica o neoliberalismo nas igrejas.

Diante disso, é fundamental fortalecer as práticas pedagógicas libertadoras nas comunidades de fé. Autores como Freire, Gómez de Souza e Ribeiro oferecem bases teóricas para essa construção, demonstrando que a educação teológica pode ser um instrumento de mudança. A articulação entre fé, educação e política permanece como um caminho fértil para a formação de sujeitos críticos e transformadores. Essa síntese é reforçada por Pedro Ribeiro de Oliveira (2014), que estuda o papel das religiões na democratização. O autor mostra como as comunidades podem ser agentes de transformação social.

Outro ponto crucial é a relação entre educação teológica e direitos humanos, como explorado por José Oscar Beozzo (2016). O historiador demonstra como as CEBs foram pioneiras na defesa dos direitos dos marginalizados durante a ditadura. Sua obra ressalta a importância de uma fé comprometida com a dignidade humana. Beozzo argumenta que a educação nas comunidades deve incluir formação em direitos humanos. Essa visão é complementada por Eduardo Hoornaert (2017), que analisa o papel da Igreja na história social do Brasil.

A educação popular nas comunidades de fé também enfrenta o desafio da diversidade religiosa. Como aponta Faustino Teixeira (2018), o diálogo inter-religioso é essencial para uma prática pedagógica inclusiva. O autor defende que as comunidades devem acolher diferentes tradições espirituais. Essa perspectiva é crucial em um país plural como o Brasil. Teixeira mostra como o respeito à diversidade pode enriquecer a educação teológica. Sua reflexão dialoga com os estudos de Alan Kardec Gomes (2019) sobre ecumenismo.

Além disso, a questão ambiental tem ganhado espaço nas comunidades, como analisa Marcelo Barros (2020). O teólogo defende uma ecoteologia que integre fé e cuidado com a criação. Barros mostra como as comunidades rurais têm liderado lutas por justiça socioambiental. Sua obra inspira práticas educativas que unem espiritualidade e sustentabilidade. Essa abordagem é compartilhada por Zilda Iokoi (2015), que estuda as lutas por terra e água.

A música também é um instrumento pedagógico nas comunidades, conforme estudado por Sérgio Junqueira (2016). O autor analisa como os cânticos litúrgicos veiculam mensagens de libertação. Junqueira mostra que a música é uma ferramenta poderosa para a educação popular. Sua pesquisa revela como os hinos das CEBs transmitem valores de justiça. Essa reflexão complementa os estudos de Pedro Tierra (2008) sobre cultura e educação.

Por fim, é importante destacar o papel das mulheres nesses processos, como faz Maria Clara Bingemer (2017). A teóloga analisa como as mulheres têm liderado práticas educativas inovadoras nas comunidades. Bingemer defende uma teologia que valorize a perspectiva feminina. Sua obra inspira novas gerações de educadoras populares. Essa visão é compartilhada por Tereza Cavalcanti (2019), que estuda o protagonismo das mulheres nas CEBs.

Em síntese, as comunidades de fé brasileiras são espaços privilegiados para uma educação libertadora, como demonstram os autores citados. Suas práticas pedagógicas combinam fé, política e transformação social, seguindo o legado de Paulo Freire. Os desafios existem, mas as potencialidades são imensas. Como conclui Rubem Alves (2005), a educação que brota da fé pode ser uma semente de esperança. Essa visão mantém viva a utopia de um mundo mais justo e solidário.

3 PERCEPÇÕES DOS FIÉIS SOBRE ESPIRITUALIDADE E ENGAJAMENTO CÍVICO

A relação entre espiritualidade e engajamento cívico no Brasil tem sido amplamente debatida, especialmente no contexto das comunidades de fé e sua atuação em movimentos sociais. Machado (2020) argumenta que símbolos religiosos, como o “Êxodo”, são ressignificados para inspirar lutas por direitos territoriais, servindo como base motivacional para a resistência. Essa apropriação demonstra como a espiritualidade pode ser um catalisador para a mobilização política, embora suas interpretações variem conforme tradições religiosas e contextos sociopolíticos. O autor ressalta que a espiritualidade não é apenas unificadora, mas também um campo de disputas simbólicas, onde diferentes grupos atribuem significados distintos aos mesmos elementos. Essa dinâmica revela a complexidade da fé como força social, capaz tanto de articular coletividades quanto de evidenciar conflitos internos. Portanto, compreender essa relação exige uma análise crítica das narrativas religiosas e suas implicações práticas.

Cavalcante (2020) avança nessa discussão ao propor o conceito de “espiritualidade encarnada”, que enfatiza a materialização da fé em ações concretas pela dignidade humana. Segundo o autor, essa perspectiva desafia visões pietistas que restringem a religião ao âmbito privado, defendendo um compromisso ético público. Exemplos disso são as pastorais sociais, que integram

espiritualidade e defesa de direitos humanos, como as Pastorais da Terra e da Moradia. No entanto, Cavalcante alerta para o risco de uma espiritualidade desencarnada, que ignora desigualdades estruturais e se limita a discursos abstratos. Para ele, a verdadeira espiritualidade exige engajamento crítico com as realidades sociais, promovendo justiça e equidade. Essa abordagem tem sido fundamental para repensar o papel das religiões em contextos de exclusão.

Pesquisas com lideranças religiosas, como as citadas por Mariano e Gerardi (2019), revelam que a espiritualidade é vista como um recurso mobilizador para ações políticas significativas. Os autores destacam que muitos líderes entendem sua missão como indissociável do engajamento em causas como justiça ambiental e equidade social. No entanto, há divergências sobre os limites desse envolvimento, especialmente quando há aproximação com partidos políticos. Algumas lideranças temem que a politização excessiva fragmente as comunidades, enquanto outras defendem que a neutralidade é uma forma de omissão. Essas tensões refletem a complexidade da relação entre religião e política no Brasil, onde a fé pode ser tanto instrumento de transformação quanto de conservadorismo. Mariano e Gerardi argumentam que o discernimento ético é essencial para equilibrar espiritualidade e ação cívica.

Teixeira (2019) alerta para os riscos da instrumentalização da fé para fins partidários, destacando a necessidade de uma abordagem crítica e pluralista. O autor argumenta que discursos religiosos são frequentemente usados para legitimar agendas políticas específicas, o que pode levar à manipulação de fiéis. Essa crítica é especialmente relevante diante da crescente influência de grupos religiosos no Legislativo e no Executivo brasileiros. Teixeira defende que as comunidades de fé devem cultivar uma postura reflexiva, evitando adesões acríticas a projetos políticos. Para ele, uma espiritualidade engajada deve promover o diálogo com a diversidade de pensamento, evitando dogmatismos. Essa perspectiva ressalta a importância de uma fé que não se deixe cooptar por interesses particulares, mantendo seu caráter transformador.

A dualidade da espiritualidade como força emancipatória ou alienante é evidente em movimentos históricos como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Segundo Souza (2021), as CEBs combinaram fé e militância por direitos sociais, inspirando gerações de ativistas. No entanto, há casos em que discursos religiosos são usados para justificar opressões ou silenciar vozes dissidentes, como em certas interpretações conservadoras da moral cristã. Essa ambiguidade exige que as comunidades de fé desenvolvam espaços de formação crítica, onde os fiéis possam refletir sobre seu papel na sociedade. Souza sugere que a educação para a cidadania, baseada em valores éticos e espirituais, pode fortalecer o engajamento cívico sem perder de vista a pluralidade. Assim, a espiritualidade deve ser entendida como um chamado à ação transformadora, não como refúgio do mundo.

A espiritualidade engajada também enfrenta desafios em contextos de diversidade religiosa, como destacam Fernandes e Almeida (2020). Os autores analisam como grupos evangélicos, católicos e de matriz afro-brasileira interpretam diferentemente o conceito de justiça social. Enquanto alguns enfatizam caridade individual, outros defendem mudanças estruturais, refletindo distintas visões de espiritualidade. Essa pluralidade exige um diálogo inter-religioso que supere preconceitos e promova ações coletivas. Fernandes e Almeida argumentam que a cooperação entre religiões pode fortalecer a luta por direitos, desde que baseada no respeito mútuo. No entanto, eles também alertam para os riscos de disputas por hegemonias simbólicas, que podem fragmentar o potencial transformador da fé. Portanto, a espiritualidade engajada deve ser construída numa perspectiva inclusiva e dialógica.

A educação teológica tem um papel crucial na formação de líderes capazes de articular fé e engajamento cívico. Segundo estudos de Nogueira (2022), seminários e centros de formação religiosa no Brasil têm incorporado disciplinas sobre direitos humanos e justiça social em seus currículos. Essa tendência reflete uma mudança na compreensão da missão religiosa, que passa a incluir a transformação societal. No entanto, Nogueira também identifica resistências em setores mais conservadores, que veem essa abordagem como “politização da fé”. Para a autora, é preciso superar essa dicotomia, mostrando que a espiritualidade autêntica não pode ser indiferente às injustiças. Ela defende uma pedagogia crítica que una reflexão teológica e ação prática, preparando líderes para os desafios contemporâneos. Essa perspectiva é essencial para renovar o papel das religiões na esfera pública.

O potencial transformador da espiritualidade também depende de sua capacidade de dialogar com as juventudes, como discutem Costa e Santos (2021). Os autores analisam como jovens religiosos no Brasil reinterpretam tradições para engajar-se em causas como meio ambiente e direitos LGBTQIA+. Essa geração tende a rejeitar dogmatismos, buscando uma fé mais inclusiva e conectada com as urgências sociais. No entanto, Costa e Santos também destacam os desafios de manter esse engajamento em meio à ascensão de discursos fundamentalistas. Para eles, é preciso criar espaços onde os jovens possam expressar sua espiritualidade de forma crítica e criativa. Essa abordagem pode renovar o ativismo religioso, tornando-o mais relevante para as novas gerações. Portanto, a espiritualidade engajada deve ser dinâmica, aberta às transformações culturais.

Diante desses desafios, é fundamental que as comunidades de fé promovam reflexões críticas sobre espiritualidade e política, evitando reducionismos. Como sugere Carvalho (2023), uma espiritualidade autêntica deve questionar estruturas injustas

sem se deixar cooptar por interesses partidários. O autor defende que a fé seja vivida de maneira encarnada, crítica e solidária, inspirando ações coletivas pela justiça. Essa perspectiva requer uma constante avaliação ética das práticas religiosas, evitando tanto o sectarismo quanto a omissão. Carvalho também ressalta a importância de aliar espiritualidade e arte, como forma de sensibilizar para as causas sociais. Nesse sentido, a construção de uma sociedade mais justa exige que a espiritualidade seja um compromisso com a vida em sua plenitude, integrando dimensões pessoais e coletivas.

4 TEOLOGIA DA JUSTIÇA SOCIAL E SEU IMPACTO POLÍTICO

A teologia da justiça social, enquanto reflexão crítica sobre a fé e sua relação com as estruturas sociais, tem sido um eixo central no debate teológico brasileiro contemporâneo. Segundo Leonardo Boff (2017), a espiritualidade cristã autêntica não pode limitar-se ao âmbito privado, mas deve engajar-se na transformação das realidades opressoras, seguindo o exemplo de Jesus Cristo, que priorizou os marginalizados. Essa perspectiva ecoa na Teologia da

Libertação, que, desde os anos 1960, tem defendido uma “opção preferencial pelos pobres” (GUTIÉRREZ, 1971). No contexto brasileiro, essa abordagem ganhou força nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que integraram fé e política de forma orgânica, inspirando movimentos sociais e pastorais populares (CUNHA, 2019).

A atuação das CEBs demonstra como a teologia da justiça social pode influenciar diretamente a mobilização política. Como aponta José Oscar Beozzo (2015), essas comunidades foram fundamentais na resistência à ditadura militar, articulando a defesa dos direitos humanos com a fé cristã. No entanto, essa relação nem sempre é harmoniosa: Rubem Alves (1984) alertava para os riscos de uma instrumentalização da religião por projetos ideológicos, defendendo uma fé libertadora que não se reduza a discursos políticos. Esse tensionamento permanece atual, especialmente em um cenário de polarização, onde grupos religiosos são frequentemente cooptados por agendas partidárias (SOUZA, 2018).

A teologia pública, como campo de diálogo entre fé e sociedade, surge como uma alternativa para superar esses impasses. Jung Mo Sung (2019) argumenta que a religião deve contribuir para o debate democrático sem impor verdades absolutas, mas sim promovendo valores como justiça, solidariedade e respeito ao pluralismo. Essa abordagem é particularmente relevante no Brasil, onde a presença de igrejas neopentecostais tem tensionado a laicidade do Estado (MARIANO, 2019). A teologia pública, portanto, busca equilibrar o engajamento social com o respeito à diversidade religiosa e política.

A relação entre fé e justiça social também é explorada por teólogas feministas, como Ivone Gebara (2017), que destacam a necessidade de incluir as vozes das mulheres e outros grupos marginalizados na reflexão teológica. Para ela, a justiça social exige uma desconstrução de hierarquias de gênero, raça e classe dentro das próprias comunidades religiosas. Essa crítica é fundamental em um país como o Brasil, onde o racismo e o machismo ainda estruturam muitas práticas eclesiais (RIBEIRO, 2018). A teologia feminista, assim, amplia o conceito de justiça social, incluindo dimensões interseccionais.

O impacto político da teologia da justiça social também se reflete em movimentos ecumênicos, como o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC). Segundo Zwinglio Mota Dias (2020), o ecumenismo tem sido um espaço importante para a articulação de ações conjuntas em defesa dos direitos humanos e da justiça socioambiental. Essa perspectiva dialoga com a encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco (2015), que defende uma “ecologia integral”, vinculando a crise ambiental às desigualdades sociais. No Brasil, essa abordagem tem inspirado pastorais e organizações religiosas a atuarem em defesa da Amazônia e dos povos indígenas (BOFF, 2019).

No entanto, há desafios significativos na articulação entre teologia e política. Como observa Faustino Teixeira (2018), o crescimento do fundamentalismo religioso tem levado a uma polarização dentro das próprias comunidades de fé, dificultando o diálogo. Para ele, a teologia da justiça social deve resistir às tentações do dogmatismo, promovendo uma espiritualidade aberta ao diálogo inter-religioso e intercultural. Essa visão é compartilhada por Edênio Valle (2017), que defende uma “teologia da alteridade”, capaz de reconhecer o valor das diferenças na construção de uma sociedade mais justa.

A educação teológica também desempenha um papel crucial nesse processo. Como argumenta Luiz Carlos Susin (2016), os seminários e faculdades de teologia precisam formar lideranças capazes de articular fé e justiça social de forma crítica e contextualizada. Isso inclui o estudo das ciências sociais, da filosofia e das teorias políticas, evitando uma visão reducionista da religião. No Brasil, instituições como a Pontifícia Universidade Católica (PUC) e a Faculdade de Teologia da Igreja Metodista têm sido espaços importantes para essa reflexão (CUNHA, 2019).

Por fim, a teologia da justiça social enfrenta o desafio de manter sua relevância em um contexto de secularização e pluralismo religioso. Como aponta André Ricardo de Souza (2020), a diminuição da influência das instituições religiosas tradicionais não significa o fim do engajamento político dos fiéis, mas sim sua reconfiguração. Novas formas de espiritualidade,

como os movimentos de juventude e as redes digitais, estão surgindo como espaços de mobilização (RIBEIRO, 2021). A teologia, portanto, precisa estar atenta a essas transformações para continuar sendo uma voz profética na sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidencia que a espiritualidade, quando vinculada a uma educação teológica crítica e engajada, pode se tornar um poderoso instrumento para a formação de uma cidadania ativa e consciente. Essa abordagem permite que os indivíduos transcendam uma fé meramente individualista, conectando-a com as demandas sociais e políticas do mundo contemporâneo. Ao integrar princípios como justiça, solidariedade e compaixão, a espiritualidade engajada fortalece o compromisso ético dos fiéis. As comunidades religiosas, nesse contexto, assumem um papel pedagógico, formando sujeitos capazes de refletir e agir criticamente na sociedade. Essa perspectiva é especialmente relevante em contextos marcados por desigualdades e opressões estruturais. A espiritualidade crítica, portanto, não se limita ao âmbito privado, mas se expande para a esfera pública.

As comunidades de fé, ao adotarem práticas pedagógicas libertadoras, como as desenvolvidas pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), demonstram o potencial transformador da integração entre fé e política. Essas experiências mostram que a religião pode ser um espaço de conscientização e mobilização popular, inspirando ações coletivas em prol da justiça social. As CEBs, por exemplo, historicamente promoveram leituras bíblicas contextualizadas, relacionando-as com as lutas dos oprimidos. Essa metodologia dialógica incentiva os participantes a enxergarem sua realidade sob uma ótica crítica e esperançosa. Dessa forma, a espiritualidade deixa de ser um refúgio alienante e se torna um motor de mudança.

No entanto, persistem desafios significativos na concretização desse ideal, como a resistência de setores conservadores dentro das próprias instituições religiosas. Muitas vezes, há uma tensão entre aqueles que defendem uma espiritualidade comprometida com a transformação social e os que preferem uma abordagem mais tradicional e desvinculada das questões políticas. Além disso, algumas lideranças religiosas temem perder influência ao adotar discursos mais progressistas. Essa polarização pode enfraquecer o potencial revolucionário da fé, mantendo-a restrita a dogmas e rituais desconectados da realidade.

Outro obstáculo relevante é o risco de cooptação por agendas partidárias ou ideologias reducionistas, que podem instrumentalizar a espiritualidade para fins eleitoreiros ou sectários. Quando a fé é apropriada por grupos políticos sem um discernimento crítico, perde-se sua essência libertadora, tornando-a mais uma ferramenta de dominação. É fundamental, portanto, que as comunidades religiosas mantenham autonomia em relação a partidos e governos, preservando seu caráter profético e questionador. A espiritualidade engajada deve ser um espaço de diálogo plural, nunca de proselitismo ideológico.

Para superar esses desafios, é essencial promover uma espiritualidade encarnada, que se manifeste no cotidiano das lutas populares e no compromisso com os marginalizados. Essa espiritualidade não se contenta com discursos abstratos, mas exige uma presença solidária nos espaços de sofrimento e exclusão. Ela se alimenta do diálogo com as ciências humanas, com as artes e com os movimentos sociais, enriquecendo sua compreensão da realidade. Além disso, deve ser uma espiritualidade aberta ao pluralismo religioso, reconhecendo que a busca pelo sagrado se expressa em diversas tradições.

Uma espiritualidade verdadeiramente transformadora também precisa ser dialógica, ou seja, capaz de escutar as vozes silenciadas e aprender com as experiências dos mais pobres. Essa postura humilde evita o autoritarismo religioso e valoriza a sabedoria popular. Nas CEBs, por exemplo, a partilha de vida e a leitura comunitária da Bíblia criam espaços de aprendizado mútuo, onde todos são sujeitos do processo educativo. Essa metodologia fortalece a autonomia das comunidades e reforça seu papel na construção de uma sociedade mais justa.

O estudo reforça a importância de continuar investigando e fortalecendo essas práticas, visando uma sociedade mais equitativa e solidária. Pesquisas futuras poderiam explorar como diferentes tradições religiosas abordam a relação entre fé e política, identificando convergências e desafios específicos. Além disso, é necessário documentar e divulgar experiências bem-sucedidas de espiritualidade engajada, inspirando outras comunidades a seguirem caminhos semelhantes. A academia, as igrejas e os movimentos sociais devem trabalhar em conjunto para aprofundar essa reflexão.

Além disso, é preciso reconhecer que a espiritualidade libertadora não é monopólio do cristianismo, mas pode ser encontrada em diversas tradições religiosas e até em experiências não institucionalizadas. O diálogo inter-religioso e a colaboração entre diferentes grupos ampliam as possibilidades de uma ação transformadora conjunta. Quando muçulmanos, cristãos, indígenas, espíritas e outros se unem em causas comuns, demonstram que a fé pode ser uma ponte, não um muro.

Por outro lado, a mercantilização da espiritualidade na contemporaneidade representa um desafio adicional, pois reduz a busca pelo sagrado a um produto de consumo individualista. Muitas vezes, o discurso espiritual é apropriado por uma lógica

neoliberal, que prioriza o bemestar pessoal em detrimento do engajamento coletivo. Combater essa tendência exige uma crítica constante aos reducionismos que esvaziam o potencial revolucionário da fé.

A mídia também tem um papel importante nesse processo, pois pode tanto difundir uma espiritualidade alienante quanto amplificar vozes proféticas. É fundamental que veículos de comunicação divulguem iniciativas de comunidades que unem fé e justiça social, inspirando outras pessoas a seguirem esse caminho. A democratização da informação é, portanto, uma aliada na construção de uma espiritualidade engajada.

No campo da educação, as instituições teológicas e os centros de formação religiosa devem incorporar em seus currículos disciplinas que abordem a relação entre fé, política e direitos humanos. A formação de lideranças religiosas críticas e conscientes é um passo essencial para evitar discursos fundamentalistas e promover uma atuação mais transformadora.

Por fim, a espiritualidade engajada não pode ser uma fuga da realidade, mas uma força que impulsiona a ação concreta. Seja nas periferias, nos presídios, nas lutas por terra e moradia, ou nas resistências contra o racismo e o machismo, a fé deve se fazer presente como um gesto de solidariedade e esperança. Essa é a verdadeira medida de sua relevância histórica.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Da esperança**. Campinas: Papyrus, 1984.

ALVES, Rubem. **O que é religião?** São Paulo: Loyola, 2005.

BARROS, Marcelo. **Ecoteologia: ecologia e espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2020.

BEOZZO, José Oscar. **Igreja e política no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2015.

BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BOFF, Leonardo. **Teologia do cativo e da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1981.

BINGEMER, Maria Clara. **Mulheres e teologia na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2016.

CARRANO, Paulo. **Juventudes e comunidades de fé**. Rio de Janeiro: Mauad, 2019.

CARVALHO, José Jorge de. **Espiritualidade e política: desafios contemporâneos**. São Paulo: Paulinas, 2023.

CAVALCANTE, Pedro Ribeiro. **Espiritualidade encarnada: fé e justiça social no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

- COSTA, Ana Maria; SANTOS, Rodrigo Ferreira. **Juventudes e fé: engajamento cívico no século XXI**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- CUNHA, Carlos. **Teologia da Libertação no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2019.
- FAUSTINO, Rosângela. **Pedagogia da fé libertadora**. São Paulo: Paulus, 2017.
- FERNANDES, Silvia; ALMEIDA, Ronaldo. **Diversidade religiosa e justiça social**. São Paulo: Terceiro Nome, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 2020.
- GÓMEZ DE SOUZA, Luiz Alberto. **CEBs: uma história revisitada**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista**. São Paulo: Olho d'Água, 2017.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. **Religião e mobilização política no Brasil**. Curitiba: CRV, 2020.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2019.
- MARIANO, Ricardo; GERARDI, Daniela. **Lideranças religiosas e ação política**. Porto Alegre: Sulina, 2019.
- NOGUEIRA, Carla. **Educação teológica e direitos humanos**. Brasília: Liber Livro, 2022.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. **Teologia pública e democracia**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- RIBEIRO, Maria da Conceição. **Teologia contextual e educação popular**. São Paulo: Loyola, 2018.
- SOUZA, André Ricardo de. **Religião e política na América Latina**. Curitiba: Appris, 2020.
- SOUZA, Beatriz de. **Fé e cidadania: caminhos para a transformação social**. São Paulo: Loyola, 2021.

SUSIN, Luiz Carlos. **Teologia pública e sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2016.

TEIXEIRA, Faustino. **Diálogo inter-religioso no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2018

O PAPEL DA FÉ INTELECTIVA NA FORMAÇÃO DE LIDERANÇA ECLESIASTICA: NOS ESCRITOS DE CLODOVIS BOFF

Rafaelle Correa Tavares²⁸
José Fábio Bentes Valente²⁹

RESUMO: Este trabalho de conclusão de curso trata sobre o papel da fé intelectual na formação de liderança eclesial, considerando os desafios contemporâneos enfrentados pela Igreja no processo de formação de líderes com base sólida e discernimento teológico. Sua problemática envereda-se em analisar como a fé intelectual, conforme abordada nos escritos de Clodovis Boff, contribui de forma significativa para o desenvolvimento de lideranças eclesiais comprometidas com uma prática pastoral reflexiva e fundamentada na teologia. A metodologia utilizada foi do tipo bibliográfica, haja vista possuir uma gama de obras do campo acadêmico e teológico que discorrem sobre a relação entre fé, razão e liderança na tradição cristã. Os objetivos específicos tratados são: Identificar o conceito de fé intelectual e sua distinção em relação à fé meramente emocional; descrever como a formação teológica é impactada por uma fé pensada; e analisar a contribuição de Clodovis Boff para a construção de uma liderança eclesial mais consciente, crítica e pastoralmente eficaz. Dos resultados esperados nessa pesquisa, constata-se que, em meio a um cenário religioso por vezes marcado por superficialidades e emocionalismos, a fé intelectual se apresenta como caminho necessário para formar líderes que saibam unir espiritualidade profunda e reflexão teológica séria, orientando o povo de Deus com sabedoria e responsabilidade.

Palavras-chave: Fé Intelectiva. Teologia Pastoral. Clodovis Boff.

ABSTRACT: This final course paper addresses the role of intellectual faith in the formation of ecclesiastical leadership, considering the contemporary challenges faced by the Church in developing leaders with a solid foundation and theological discernment. The central issue lies in analyzing how intellectual faith, as discussed in the writings of Clodovis Boff, significantly contributes to the development of ecclesiastical leadership grounded in reflective pastoral practice and theological depth. The methodology used was bibliographic, given the wide range of academic and theological works addressing the relationship between faith, reason, and leadership in the Christian tradition. The specific objectives are: to identify the concept of intellectual faith and distinguish it from purely emotional faith; to describe how theological formation is impacted by reflective faith; and to analyze Clodovis Boff's contribution to building a more conscious, critical, and pastorally effective ecclesial leadership. The expected results of this research indicate that, in a religious context often marked by superficiality and emotionalism, intellectual faith emerges as a necessary path for forming leaders capable of combining deep spirituality with serious theological reflection, guiding God's people with wisdom and responsibility.

Keywords: Intellectual Faith. Pastoral Theology. Clodovis Boff

1 INTRODUÇÃO

Clodovis Boff é sem dúvidas um dos maiores nomes da epistemologia e do método teológico no Brasil. Sua contribuição acadêmico-pastoral não só ajudou a estruturação do pensar e fazer teologia, como na organização das pastorais, sobretudo as de viés mais popular. Em agosto de 2007 escreveu um artigo, publicado pela REB no qual argumentava e convidava a Teologia da Libertação (TdL) a voltar ao seu fundamento. A partir deste artigo uma verdadeira disputatio em torno do método, dos princípios e da episteme da TdL foi desenvolvida.

A formação de lideranças eclesiais autênticas e comprometidas exige mais do que carisma ou prática pastoral: requer uma base sólida de fé crítica, reflexiva e pensada. Em um cenário religioso marcado por tensões entre espiritualidade, teologia e ação social, a fé intelectual surge como eixo estruturante da liderança cristã madura. Nesse contexto, destaca-se a contribuição do

²⁸ Acadêmica do Curso de Teologia da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: correaraafaellecorrea@gmail.com

²⁹ Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA-ES). Doutorando em Ciências da Religião Pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-PE). Professor do Curso de Ciências Teológicas. E-mail: prof.fabiovalente@fbnovas.edu.br

teólogo Clodovis Boff, cuja produção acadêmica e pastoral coloca em relevo a necessidade de integrar fé, razão e prática. Sua crítica à Teologia da Libertação — particularmente à inversão epistemológica que, segundo ele, substituiu a centralidade de Deus pela centralidade dos pobres — gerou intenso debate no meio teológico brasileiro a partir de 2007, provocando respostas de nomes como Leonardo Boff, Luiz Carlos Susin e Érico Hammes.

Clodovis propõe uma retomada da fé apostólica como fundamento da teologia, argumentando que a instrumentalização da fé para fins ideológicos ameaça sua transcendência e espiritualidade. Para ele, a fé não deve ser subordinada a causas, por mais justas que pareçam, mas permanecer como ato essencial de confiança em Deus e de adesão à sua revelação. Essa perspectiva provoca um chamado urgente à reflexão sobre o tipo de liderança que a Igreja forma e exerce em meio às demandas sociais, políticas e culturais contemporâneas. Em tempos de superficialidade teológica e ativismo desprovido de fundamento doutrinário, a fé intelectiva, conforme defendida por Clodovis Boff, apresenta-se como chave para a formação de líderes capazes de guiar o povo de Deus com discernimento, equilíbrio e fidelidade ao Evangelho.

Na segunda seção discute a tensão entre fé e práxis na Teologia da Libertação, a partir da crítica de Clodovis Boff quanto ao que considera uma inversão de primado: a substituição de Deus pelos pobres como fundamento teológico central. Para ele, isso comprometeria a essência espiritual da fé, tornando-a instrumento político e ideológico. O debate gerou respostas de teólogos como Leonardo Boff, que defende os pobres como lugar teológico privilegiado. A controvérsia revela a ambiguidade do termo “fundamento”, ora entendido como ponto de partida material, ora como princípio hermenêutico formal, e levanta questões sobre a identidade da fé e seu papel na história.

Na terceira seção trata da fé intelectiva como uma forma madura e crítica de vivenciar a espiritualidade cristã. Longe de uma fé cega ou puramente emocional, ela articula razão e crença, permitindo compreender e viver o conteúdo da fé de modo consciente. Segundo Clodovis Boff, pensar a fé é uma exigência da própria fé, pois ela nasce da escuta, mas se desenvolve com reflexão. A fé intelectiva se apresenta como resposta à crise de sentido do mundo contemporâneo, fortalecendo o compromisso social, superando o dogmatismo e promovendo uma liderança eclesial mais sensível, profética e fiel ao Evangelho. Assim, fé e razão não são opostas, mas aliadas na busca da verdade e da transformação do mundo.

Já na quarta seção, observamos que a fé cristã, segundo Clodovis Boff, não pode ser compreendida de forma separada da razão e da ação pastoral. Trata-se de uma fé pensante e

operante, que se expressa na reflexão crítica e no compromisso com a transformação da realidade. Essa integração entre fé, razão e prática não é apenas desejável, mas essencial para uma vivência coerente e madura do Evangelho. A teologia, nesse sentido, cumpre seu papel formativo ao unir espiritualidade, pensamento e ação, superando tanto o dogmatismo acrítico quanto o ativismo vazio. A fé que pensa e atua é capaz de formar lideranças mais conscientes, abertas ao diálogo, comprometidas com os pobres e com os desafios do mundo contemporâneo.

Na quinta e última seção, analisamos que em meio às transformações sociais, culturais e religiosas do mundo contemporâneo, a liderança religiosa é chamada a se reinventar sem perder sua fidelidade ao Evangelho. Questões como crise de credibilidade, pluralismo religioso, indiferença espiritual, cultura digital e novos dilemas éticos exigem líderes preparados, coerentes e abertos ao diálogo. Clodovis Boff defende uma liderança encarnada e crítica, sustentada por uma fé pensante e atuante, capaz de integrar espiritualidade, razão e compromisso social. Diante desse cenário, a formação dos líderes deve ir além do doutrinal, incluindo competências pastorais, comunicacionais e humanas, em sintonia com os desafios e sinais dos tempos.

Assim, este artigo propõe-se a analisar o papel da fé intelectiva na formação de lideranças eclesiásticas, a partir dos escritos de Clodovis Boff. Para isso, parte de uma abordagem bibliográfica, dialogando com suas principais obras e com as críticas que provocaram amplo debate teológico. Busca-se, com isso, demonstrar que a maturidade da fé e a consistência da liderança cristã não estão apenas no compromisso social ou na espiritualidade individual, mas na articulação entre fé pensada, razão crítica e ação pastoral transformadora.

2 O PRIMADO E AMBIGUIDADE DO TERMO FUNDAMENTO

Em 2007, a Revista Eclesiástica Brasileira publicou um artigo de Clodovis denominado: “Teologia da Libertação e volta ao fundamento”, no qual Clodovis criticou outros teólogos da libertação de terem promovido uma inversão de primado epistemológico ao terem “trocado Deus pelos pobres”, o que teria provocado uma instrumentalização da fé para usos políticos.

Clodovis continua a afirmar que a fé teria uma inegável dimensão política, mas haveria o risco de, ao ‘reduzi-la’ a instrumento, degradá-la. Isso porque, a fé, em seu núcleo essencial, não seria política, mas metapolítica, espiritual ou sobrenatural. Ela, como o amor, não teria, em primeiro lugar, ‘valor de uso’ e menos ainda ‘valor de troca’, pois teria valor por si mesma, quando

significa entrega amorosa a Deus e ao seu mistério.

Portanto, Clodovis, manifestou acordo com críticas do Papa Bento XVI à teologia da libertação, tendo em vista também que as pessoas estariam buscando “sentido e de transcendência”. Por outro lado, declara que a reafirmação da centralidade de Cristo, não significa relegar a questão dos pobres à margem, pois acredita que a “A opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós:”

Posteriormente, Clodovis manifestou apoio ao Documento aprovado na Conferência de Aparecida como alternativa aos desvios da Teologia da Libertação.

Leonardo Boff apresentou uma resposta à Clodovis, em maio de 2008, por meio de um artigo denominado “Pelos pobres contra a estreiteza do método”. Lembrou Leonardo que foi Jesus mesmo, o Juiz Supremo quem se identificou com os pobres: Todas as vezes que fizestes a um destes meus irmãos, foi a mim que fizestes (Mateus 25:40). Achou “sintomático e perturbador que o texto de Mateus 25:31-46, tão central para a teologia e particularmente para Teologia da Libertação, não seja citado nenhuma vez por Clodovis.

Clodovis não tem dúvida de que a opção pelos pobres está fundada epistemologicamente na sagrada escritura e na tradição. Entremente, ele entende de antemão tal questão como um tema, isto é, como algo que deve ser precedido por outra reflexão primordial. Observa ainda que há uma aplicação sem preocupação linguística e epistemológica com termos que definem significados e mesmo limites metodológicos.

Citando Jon Sobrino, clodovis boff diz; “ele” fala dos pobres como a instancia que dá a direção fundamental, á fé e como sendo o seu lugar mais decisivo acrescenta que tanto fundamental, quanto decisivo estão aí jogados com descuido. Na verdade, segundo o autor em questão o primado deveria ser dado, em absoluto, “A Fé apostólica transmitida pela igreja”.

Segundo Clodovis Boff, a fé é a seiva, a fonte, o fermento. Ele também afirma que a teologia é uma sabedoria entre a filosofia e a mística. A fé não é apenas um assentimento intelectual, mas uma confiança ativa em Deus e em Suas promessas. Essa confiança é o que motiva o cristão a viver de acordo com os ensinamentos de Cristo e a buscar uma vida que glorifique a Deus. O primeiro bem necessário para o cristão é a fé. Sem a fé ninguém pode ser chamado de fiel cristão.

Sua inquietação está no que ele chama de instrumentalização possível, tendo em vista que, com a inversão acima denunciada, a fé poderia ser além de reduzida e politizada, instrumentalizada de forma ideológica, decaindo sua alteridade transcendente para o nível na imanência política. No concreto, a teologia da libertação é a teologia que se propôs a enfrentar uma das maiores questões colocadas, a fé na atualidade é a reflexão crítica das práxis à luz da fé. É crítica também no sentido de profética, enquanto denunciadora das injustiças e anunciadora do Reino a se realizar também na história.

Uma primeira consequência que clodovis encontra ao se deparar com a ambiguidade e a inversão de primado é a falta de clareza sobre o próprio discurso, pois segundo ele não há uma nitidez sobre o princípio de constituição teológica.

A convicção para tanto se encontra ao se tratar do ponto de partida tanto da teologia quanto pastoral, pois ainda para ele, não há clareza acerca da natureza material e formal deste ponto de partida, porque este tanto pode ser expresso no sentido de começo (seria sua dimensão material), quanto no de princípio (dimensão formal, hermenêutica).

Para Clodovis Boff, seguindo sua linha de metodológica, pobre ‘pode ser ponto de partida como, começo’, mas não como princípio (critério determinante), o que seria uma falha mortal, pois mataria a própria TdL.

Ademais, para além desta consequência primeira, clodovis diz que partindo dá inversão, chega-se a um enfraquecimento ou esvaziamento da identidade cristã, em pelos menos três níveis; Teológico, Eclesial e de Fé. No nível teológico, haveria uma substituição do seu caráter, por um religioso-pastoral, com tom sociológico e político; Na dimensão eclesial, ele chega a dizer que as igrejas se onguiza, pois o que ele chama de pastoral da libertação se torna mais um braço do movimento popular; por fim, non plano da Fé, afirma que está vai se reduzindo até o desaparecimento absoluto, justamente por ter se tornado ideologia mobilizadora, ou, noutras palavras uma hermenêutica crista da existência humana.

Clodovis Boff coloca também a TdL na esteira da tradição moderna da teologia cristã, desde o protestantismo com Schleiermacher e a teologia liberal, passando pela reprimenda de Pio X com sua Pascendi, contra o movimento modernista, e o que posteriormente foi chamado de “virada antropológica” de K. Rahner. Em resposta a Clodovis, Susin-Hammes sustentam que o pobre não é apenas uma decorrência cristológica, mas antes um ‘lugar teológico’ privilegiado para compreender a cristo.

A Fé como intellectus amoris Clodovis, em sua exposição inicial, apresentada aguçada critica a Jon Sobrino, citando inclusive a notificação romana que questionou a cristologia do teólogo de San Salvador.

Susin-Hammes, entrementes, dizem que não adianta fazer um corte na teologia de Sobino sem considerar sua forma completa e estrutural. O embate aqui está colocado a respeito da compreensão do princípio epistemológico da Fé e, por conseguinte,

do processo de revelação.

Clodovis reafirma em seu texto é que o *intellectus fidei*, está voltado para o evento da Revelação é ato de acolhimento-compreensão da própria revelação. Para Clodovis, a revelação e a fé se manifestam em linguagem.

Para os debatedores, a luz da tradição bíblica relida por Gutierrez e também Sobrino, a partir da parábola do bom samaritano, o fundamento que pulula aqui é o da compaixão/misericórdia. Neste sentido chegam a afirmar que na medida em que a fé está orientada à salvação, pode dizer-se que aqui o princípio lógico e grande salvação está dentro não acima do princípio existencial e humilde da compaixão e libertação. Isto proporcionaria uma espécie de circularidade entre salvação e a libertação, uma interpenetração entre o princípio da fé e a misericórdia/amor/compaixão.

O Irmão de Clodovis Boff, Leonardo Boff apresenta um comunicado da REB de julho de 2008 e o intitula quase com um grito de protesto; ‘Pelos pobres contra a estreiteza do método’. Leonardo, por outro lado reconhece a biografia abnegada de clodovis, e destaca alguns recuos em sua atividade.

São três no dizer de Leonardo boff, os recuos; um pessimismo cultural, quando aborda a temática da modernidade; um otimismo ingênuo em relação ao texto da Aparecida, além de um entusiasmo juvenil e por fim, um recuo que provoca em Leonardo, perplexidade e perturbação.

A posição de Clodovis, a partir da reflexão de Leonardo, agrada também aos ouvidos daqueles que, distanciados do mundo e das dores dos pobres, abominam está teologia, reforçando, nestes, o intento de verem a TdL morta ou proibida de ser estudada, bem como referenciada na pratica pastoral com os pobres e marginalizados.

Aquino, por sua vez acha problemático afirmar que a fides quae seja princípio determinante da teologia, a exclusão da pratica libertadora, tendo em vista que a pratica seria parte constitutiva daquela, havendo, assim uma circularidade.

Clodovis, uma espécie de autocrítica, reconhece que não há clareza em sua argumentação ou precisa ser melhor analisada. De um lado sustenta que a determinação última é a Fé, entendida como palavra de DEUS (a fé eclesial que está a jusante de tal palavra, pode também estar á montante da experiência da fé e das práxis cristãs).

De outro lado, quanto a dimensão praxica, afirma que se há uma práxis constitutiva da fé, esta não pode ser a nossa, mas a práxis de Deus, entendida como o agir de Deus na história. Concluir, desta feita, dizendo; portanto, mantenho como sempre a determinação suprema da palavra fé sobre qualquer outra instancia, por mais privilegiada que seja, como a dos pobres e da prática libertadora.

3 A FÉ INTELLECTIVA: CONCEITO E CARACTERÍSTICAS

A fé intelectiva pode ser compreendida como a integração entre a crença religiosa e o uso da razão crítica e reflexiva. Longe de ser uma fé cega ou meramente emocional, ela se constitui como um ato de inteligência, que busca compreender o conteúdo crido e vivê-lo de forma consciente e comprometida. Segundo Clodovis Boff (2006), a fé cristã verdadeira “não dispensa o pensar, mas o exige” (BOFF, 2006, p. 41). Ou seja, é preciso compreender para crer e crer para compreender, retomando uma antiga formulação de Santo Agostinho.

Essa fé, portanto, possui um caráter dialógico, pois nasce da escuta da Palavra, mas é elaborada com o auxílio da razão. A fé intelectiva recusa tanto o fideísmo (fé sem razão) quanto o racionalismo (razão sem fé). Ela se estabelece como uma síntese dinâmica, em que o sujeito crente é chamado a pensar criticamente a própria fé, suas implicações e sua vivência. Como explica Boff (2013), “a fé cristã é sempre pensada: ela é fé pensante” (BOFF, 2013, p. 29).

Uma das características centrais dessa fé é a busca pela coerência entre a teologia, a espiritualidade e a prática pastoral. A fé, nesse sentido, é transformadora, pois leva à ação no mundo. Ela não se reduz a fórmulas doutrinárias, mas é iluminada pela experiência concreta do povo e pelas situações da vida. É isso que Clodovis Boff (2009) chama de “inteligência da fé”, um exercício constante de discernimento à luz do Evangelho e da realidade: “Pensar a fé é uma exigência da própria fé. O crente maduro não se contenta com o que aprendeu na infância” (BOFF, 2009, p. 18).

Outro aspecto fundamental é a dimensão crítica da fé intelectiva. Ela permite ao líder religioso questionar estruturas, doutrinas mal interpretadas e práticas pastorais ineficazes. A fé que pensa é capaz de discernir os sinais dos tempos e responder com responsabilidade às exigências éticas, sociais e espirituais. Segundo Bento XVI (2006), “a fé e a razão são como as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade” (BENTO XVI, 2006, p. 9), o que mostra que não se trata de dimensões opostas, mas complementares.

Essa abordagem é especialmente relevante no contexto da formação de líderes eclesiais. Um líder formado na fé intelectiva é capaz de conduzir a comunidade com sabedoria, equilíbrio e sensibilidade. Ele não se limita a repetir fórmulas, mas

procura entender os fundamentos da fé e adaptá-los aos desafios atuais, com responsabilidade e consciência pastoral. A liderança eclesial, portanto, deve estar alicerçada numa fé sólida, pensada e vivida.

Além disso, a fé intelectual fortalece o compromisso social do cristão. Para Boff (2013), a fé que não pensa não é capaz de amar de forma plena, pois o amor cristão exige compreensão das realidades de injustiça, exclusão e sofrimento. Assim, a fé pensada leva à prática transformadora, como propõe a Teologia da Libertação, linha à qual Clodovis Boff esteve historicamente vinculado.

A fé intelectual não deve ser confundida com uma fé elitista ou puramente acadêmica. Trata-se, antes, de uma fé encarnada, que dialoga com a cultura, com os saberes populares e com a experiência cotidiana das comunidades. Como destaca Clodovis Boff (2006), “fé que não se abre ao mundo e à razão é fé que corre o risco de se tornar ideologia” (BOFF, 2006, p. 58). Por isso, pensar a fé é também uma forma de protegê-la contra dogmatismos e manipulações.

A fé intelectual proposta por Clodovis Boff é aquela que une a dimensão espiritual com a racionalidade crítica. Trata-se de uma fé madura, aberta ao diálogo com as ciências, com a realidade social e com a complexidade da existência humana. É essa fé que pode sustentar uma liderança eclesial autêntica, profética e fiel ao Evangelho.

A fé intelectual, portanto, não é um privilégio de teólogos ou acadêmicos, mas uma exigência de todo cristão que deseja viver com profundidade sua espiritualidade e missão.

Trata-se de um esforço constante de “dar razões da esperança que há em nós” (cf. 1Pd 3,15), como orienta a própria Escritura. Segundo Leonardo Boff (2011), “a fé que se alimenta apenas de emoção corre o risco de se dissolver diante das dificuldades; já a fé que pensa pode encontrar caminhos de resistência e de esperança” (BOFF, 2011, p. 75).

Essa concepção ajuda a superar uma visão infantilizada da fé, comum em muitas comunidades, onde os fiéis são estimulados apenas a crer sem questionar. Clodovis Boff insiste que “é dever da Igreja formar consciências adultas na fé, capazes de refletir, dialogar e agir com responsabilidade” (BOFF, 2013, p. 47). Isso reforça o papel formador da teologia na vida eclesial e, especialmente, na formação de seus líderes.

A fé intelectual também se apresenta como uma resposta à crise de sentido que afeta grande parte da sociedade contemporânea. Em tempos de incertezas, relativismos e discursos religiosos simplistas, a fé que se ancora na razão e na reflexão teológica oferece um caminho de maturidade espiritual e de comprometimento social. Para Clodovis Boff (2006), “a fé que reflete não se acomoda à realidade, mas a interroga e a transforma” (BOFF, 2006, p. 65).

Esse tipo de fé exige abertura ao diálogo com outras disciplinas do saber, como a filosofia, a sociologia e as ciências humanas. Isso permite uma compreensão mais abrangente do ser humano e das estruturas sociais que o condicionam. A fé intelectual, portanto, se torna também uma ferramenta de leitura crítica da realidade e de discernimento pastoral.

Não menos importante é o papel da escuta e da contemplação na fé pensada. Como lembra Bento XVI (2006), “a razão iluminada pela fé é capaz de penetrar com mais profundidade os mistérios de Deus e os dramas da humanidade” (BENTO XVI, 2006, p. 14). Essa afirmação reforça a ideia de que fé e razão se enriquecem mutuamente quando colocadas a serviço da verdade e da justiça.

Cabe destacar que a fé intelectual não anula o mistério, mas o acolhe com reverência e desejo de compreender o que é possível. Trata-se de uma postura humilde diante de Deus, que reconhece os limites da razão, mas não abdica do esforço de entender o que se crê. É uma fé que se expressa em perguntas, em busca, em aprofundamento contínuo. Como sintetiza Clodovis Boff (2013), “a fé que pensa é fé que cresce” (BOFF, 2013, p. 61).

4 A INTEGRAÇÃO ENTRE FÉ, RAZÃO E AÇÃO PASTORAL

A fé cristã, em sua essência, jamais se configura como uma experiência isolada da razão e da prática concreta. Desde os primórdios do cristianismo, os Padres da Igreja buscaram compreender e expressar a fé utilizando categorias racionais, não apenas como exercício intelectual, mas como forma de viver e testemunhar o Evangelho. Nesse sentido, fé, razão e ação pastoral devem caminhar de forma integrada. Para Clodovis Boff (2006), “a fé autêntica é necessariamente pensante e operante: ela exige inteligência e se expressa em prática concreta” (BOFF, 2006, p. 42).

O cristianismo não é uma religião do irracional. Ele reconhece o mistério, mas não descarta o papel da razão na busca por sentido e verdade. A fé, enquanto adesão ao projeto de Deus, precisa ser iluminada pela razão para não se transformar em superstição ou fanatismo. Assim, a fé reflexiva permite ao cristão discernir, interpretar e atuar no mundo com sabedoria e compromisso. Como ensina Bento XVI (2006), “fé e razão são como duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade” (BENTO XVI, 2006, p. 5). Esse voo não é apenas especulativo, mas pastoral, voltado à transformação da realidade.

Clodovis Boff contribui significativamente para essa visão integrada, ao defender uma teologia que una fé e razão em diálogo com a realidade histórica, social e cultural. Segundo o

autor, “uma fé que pensa e se encarna no social é capaz de formar líderes atentos às demandas do povo e fiéis ao Evangelho” (BOFF, 2013, p. 53). Assim, a ação pastoral não pode se desvincular da reflexão teológica, sob o risco de cair na repetição de práticas sem sentido ou na alienação religiosa.

Essa integração se manifesta especialmente na Teologia da Libertação, linha na qual Clodovis Boff tem importante atuação. Essa corrente teológica busca uma fé encarnada, que interpreta os sinais dos tempos à luz da Palavra de Deus e age profeticamente em defesa dos pobres e marginalizados. A razão aqui não se limita à lógica formal, mas inclui a crítica social e a leitura da realidade a partir da ótica dos oprimidos. “A fé que não se traduz em compromisso com os pobres é uma fé sem obras, e portanto, morta” (BOFF, 2009, p. 37).

Portanto, a razão, neste contexto, não é uma ameaça à fé, mas um instrumento que a ajuda a se purificar de ilusões e ideologias. A fé racionalizada permite uma pastoral lúcida, coerente e relevante. Um exemplo disso é o trabalho pastoral que considera os contextos culturais, históricos e psicológicos das comunidades, em vez de impor modelos prontos e descontextualizados. Para Leonardo Boff (2005), “a pastoral sem reflexão vira rotina; a reflexão sem pastoral vira estéril. É no encontro entre prática e teoria que nasce o vigor da fé” (BOFF, L., 2005, p. 89).

No campo da formação de lideranças eclesiais, essa integração é ainda mais urgente. Um líder formado apenas na prática, mas sem base teológica e capacidade crítica, tende à superficialidade e ao autoritarismo. Por outro lado, uma liderança apenas teórica, sem experiência pastoral, pode cair no elitismo ou na indiferença frente aos problemas reais do povo. A formação ideal é aquela que harmoniza fé (espiritualidade), razão (reflexão) e ação (prática pastoral), como ensina Clodovis Boff (2013): “uma fé pensante que se traduz em ação amorosa é o que define um verdadeiro discípulo de Cristo” (BOFF, 2013, p. 60).

Essa tríade também é observada nos documentos do magistério da Igreja. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, destaca que “a fé cristã não afasta o homem da construção do mundo, mas antes o impele a ela com mais vigor e responsabilidade” (CONCÍLIO VATICANO II, 1965, n. 34). Isso confirma que a fé deve produzir frutos concretos, mas sempre iluminados por uma consciência crítica e bem formada.

A razão é o que permite o diálogo entre a fé e a cultura, entre o Evangelho e os desafios contemporâneos. Em uma sociedade marcada pelo pluralismo e pelas tecnologias, a pastoral que ignora a razão torna-se irrelevante. É preciso interpretar o mundo com os olhos da fé, mas também com os instrumentos da racionalidade e da ciência. Isso não significa diluir o conteúdo da fé, mas encontrar formas novas de expressá-la e vivê-la. “A teologia tem como tarefa principal pensar a fé para que ela continue sendo viva e significativa no tempo presente” (BOFF, 2006, p. 91).

Nesse processo, o papel do teólogo é essencial, mas não exclusivo. Todo agente pastoral é chamado a integrar fé, razão e ação. Isso se traduz em práticas que envolvem escuta, discernimento comunitário, leitura orante da realidade e avaliação constante das ações pastorais. A razão crítica auxilia o pastor a evitar práticas autoritárias, a superar o moralismo e a abrir espaço para o protagonismo do povo de Deus.

A espiritualidade, por sua vez, é o elemento que alimenta essa integração. Sem oração, silêncio e abertura ao Espírito, a razão pode se tornar arrogante, e a ação pode perder sua inspiração evangélica. A fé se aprofunda quando se faz pergunta, quando busca sentido, mas também quando se deixa conduzir pela confiança em Deus. Como afirma Clodovis Boff (2009), “a fé que pensa também precisa orar, pois sem experiência espiritual não há verdadeira teologia” (BOFF, 2009, p. 102).

A prática pastoral, nesse sentido, deve ser constantemente iluminada por essa fé que dialoga e reflete. Uma Igreja pastoralmente ativa, mas sem discernimento, corre o risco de ser ativista. E uma Igreja apenas reflexiva, mas sem compromisso com a vida concreta, torna-se estéril. A integração entre fé, razão e ação pastoral é, portanto, a chave para uma atuação eficaz, fiel ao Evangelho e atenta às necessidades do povo.

Essa integração também promove um tipo de liderança mais humana, aberta e participativa. O líder que pensa a fé e a vive com coerência é capaz de escutar, dialogar, delegar e formar novos líderes. Ele não se fecha em certezas absolutas, mas permanece em constante conversão e aprendizado. Em tempos de fundamentalismos religiosos e crises éticas, esse perfil de liderança é cada vez mais necessário.

A verdadeira missão pastoral exige mais do que boa vontade ou carisma. Ela demanda uma formação sólida, enraizada na fé, aberta ao pensamento e comprometida com a ação transformadora. Como resume Clodovis Boff (2013), “fé, razão e pastoral não são caminhos paralelos, mas uma única estrada de discipulado e serviço” (BOFF, 2013, p. 78).

5 DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA LIDERANÇA RELIGIOSA

Vivemos em um tempo de profundas transformações sociais, culturais, políticas e religiosas. A globalização, o avanço tecnológico, o pluralismo religioso e a crise de valores tradicionais têm desafiado de maneira inédita os líderes religiosos em suas funções pastorais, espirituais e sociais. Em meio a essas mudanças, a liderança eclesial precisa se adaptar, sem perder sua identidade, missão e fidelidade ao Evangelho. Clodovis Boff (2013) afirma que “os líderes religiosos de hoje são desafiados a exercer uma liderança encarnada, dialógica e crítica, capaz de ler os sinais dos tempos com discernimento evangélico” (BOFF, 2013, p. 92).

Um dos principais desafios enfrentados atualmente pelos líderes religiosos é a crise de autoridade e de credibilidade. Escândalos envolvendo igrejas e seus representantes, como casos de corrupção, abusos espirituais e morais, têm contribuído para um distanciamento da sociedade em relação às instituições religiosas. Essa realidade exige uma liderança transparente, ética e coerente. Segundo Leonardo Boff (2011), “a autoridade do líder espiritual não se impõe pelo cargo ou pela tradição, mas se conquista pela coerência entre discurso e prática” (BOFF, 2011, p. 78).

Essa crise de credibilidade é acentuada por um contexto de desconfiança generalizada das instituições. Em tempos de pós-verdade e relativismo moral, muitos veem a religião com suspeita ou desinteresse. Por isso, a liderança precisa recuperar sua função profética, denunciando as injustiças e anunciando a esperança, com linguagem acessível e ações concretas. A autoridade, nesse novo paradigma, é mais relacional do que institucional.

Outro desafio importante é o pluralismo religioso e cultural. As sociedades contemporâneas são marcadas por uma convivência de múltiplas crenças, cosmovisões e práticas espirituais. Isso exige dos líderes religiosos uma postura de escuta, respeito e diálogo inter-religioso. A imposição de verdades absolutas e a condenação do diferente não são mais aceitas como práticas legítimas.

Clodovis Boff (2009) ressalta que “a liderança cristã deve testemunhar a fé com firmeza, mas com humildade, sempre aberta ao diálogo com outras expressões de fé e espiritualidade” (BOFF, 2009, p. 64). O ecumenismo e o diálogo inter-religioso tornam-se, portanto, elementos essenciais da missão pastoral nos dias atuais. Isso implica não apenas tolerância, mas também a capacidade de aprender com o outro sem abandonar a própria identidade.

A crescente indiferença religiosa e o avanço do secularismo representam um dos maiores desafios contemporâneos. A religião, antes elemento estruturante da vida pessoal e social, tem sido gradualmente deslocada para a esfera do privado. A prática religiosa formal tem diminuído, sobretudo entre os jovens, que buscam espiritualidades alternativas ou se declaram sem religião.

Diante disso, a liderança religiosa é chamada a reinventar suas formas de evangelização e presença. Como afirma Bento XVI (2006), “a Igreja precisa encontrar novas linguagens para anunciar o Evangelho em uma cultura marcada pela racionalidade técnica e pelo pragmatismo” (BENTO XVI, 2006, p. 22). A missão não pode se limitar aos espaços litúrgicos tradicionais, mas deve alcançar as periferias existenciais e digitais.

A cultura digital impõe novos paradigmas de comunicação, interação e informação. As redes sociais, os aplicativos e as plataformas digitais mudaram profundamente a forma como as pessoas se relacionam, inclusive com a fé. O líder religioso precisa hoje atuar também como comunicador, influenciador e mediador em ambientes digitais.

Contudo, isso exige preparo, ética e discernimento. Não basta “estar na internet”, é preciso ser presença qualificada nesse espaço. Clodovis Boff (2013) aponta que “a cultura digital desafia a Igreja a ser missionária em novos areópagos, sem perder o conteúdo da fé” (BOFF, 2013, p. 101). A liderança contemporânea precisa compreender que o ambiente virtual é real e forma consciências, e por isso deve ser evangelizado.

A complexidade dos desafios atuais exige uma formação integral dos líderes religiosos, que vá além da dimensão doutrinal ou espiritual. É necessário formar lideranças capazes de pensar criticamente, de dialogar com o mundo contemporâneo e de atuar pastoralmente de forma criativa e sensível.

A fé intelectual, conforme propõe Clodovis Boff, é uma ferramenta central nesse processo. Trata-se de uma fé que reflete, questiona e se atualiza constantemente, em diálogo com a razão e com a realidade concreta. “Não há verdadeira liderança cristã sem uma fé pensada e encarnada” (BOFF, 2006, p. 89). Essa formação deve incluir, além da teologia, conteúdos ligados às ciências humanas, à psicologia pastoral, à ética, à comunicação e à gestão comunitária.

A liderança religiosa contemporânea também é desafiada a romper com modelos autoritários e clericalistas. O Papa Francisco tem insistido na necessidade de uma Igreja sinodal, onde todos sejam escutados e participem do discernimento comunitário. Isso implica lideranças que saibam servir e caminhar com o povo.

Como destaca Francisco (2020), “o verdadeiro pastor deve ter o cheiro das ovelhas e o coração voltado para Deus e para os

irmãos” (FRANCISCO, 2020, p. 15). Liderar, nesse sentido, é criar comunhão, promover escuta, estimular a corresponsabilidade e incentivar a formação de novos líderes. O modelo de liderança-serviço é inspirado no próprio Cristo, que “não veio para ser servido, mas para servir” (cf. Mt 20,28).

Os líderes religiosos também enfrentam tensões internas nas comunidades, provocadas por disputas de poder, divergências doutrinárias, conflitos geracionais e questões sociais. Em muitos contextos, há também pressões ideológicas que tentam instrumentalizar a religião para fins políticos ou econômicos.

Nesse cenário, o líder precisa exercer a escuta empática, a mediação de conflitos e o discernimento pastoral. Segundo Clodovis Boff (2013), “o líder cristão é aquele que, guiado pelo Espírito, sabe unir firmeza com misericórdia, verdade com amor, justiça com paz” (BOFF, 2013, p. 111). Isso requer maturidade emocional, espiritualidade profunda e compromisso com o bem comum.

A sociedade atual também impõe novos dilemas éticos e bioéticos que desafiam a posição e o discernimento dos líderes religiosos: temas como aborto, eutanásia, sexualidade, identidade de gênero, uso de tecnologias reprodutivas e inteligência artificial têm se tornado questões urgentes.

O desafio é manter a fidelidade aos princípios evangélicos sem cair no moralismo, construindo uma pastoral que una verdade e misericórdia. Como afirma Bento XVI (2006), “a razão ética iluminada pela fé oferece um fundamento seguro para orientar as decisões morais em meio a um mundo em mudança” (BENTO XVI, 2006, p. 39).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo refletir sobre a importância da fé intelectual na formação da liderança eclesial, à luz do pensamento teológico de Clodovis Boff. Ao longo do trabalho, buscou-se evidenciar que o exercício da liderança cristã, especialmente no contexto contemporâneo, exige mais do que carisma e autoridade institucional; requer um compromisso profundo com a fé pensada, vivida e atuada em coerência com o Evangelho e com os desafios do tempo presente.

A fé intelectual, conforme apresentada por Boff, é uma fé que não se contenta com respostas prontas ou fórmulas tradicionais. Pelo contrário, é uma fé que se abre à reflexão crítica, ao diálogo com a razão e à interpretação contextualizada da Revelação. Trata-se de uma fé que não abandona a verdade revelada, mas a compreende como dinâmica, em constante atualização e confronto com a realidade histórica. Como vimos, essa dimensão é fundamental para formar líderes que não apenas conhecem a doutrina, mas sabem interpretá-la pastoralmente e comunicá-la de forma significativa às suas comunidades.

Ao abordar os aspectos conceituais da fé intelectual, foi possível compreender que ela se constitui como uma resposta ativa e consciente à proposta divina, integrando a experiência pessoal com o saber teológico. Isso contribui para que o líder religioso não se limite à repetição de fórmulas dogmáticas, mas seja capaz de discernir, analisar e tomar decisões éticas e pastorais com base em uma fé enraizada na razão e iluminada pelo Espírito.

A integração entre fé, razão e ação pastoral mostrou-se essencial para a liderança eclesial dos nossos dias. Em uma realidade marcada por pluralismos, tensões sociais, avanço tecnológico, secularismo e desafios éticos, o líder cristão precisa unir sensibilidade pastoral e rigor intelectual. A teologia, nesse sentido, deixa de ser apenas um saber acadêmico para se tornar instrumento de leitura da realidade e mediação entre o Evangelho e a vida concreta do povo de Deus.

Os desafios contemporâneos da liderança religiosa — como a crise de autoridade, o relativismo, o esvaziamento das instituições, o impacto da cultura digital e a perda de sentido entre os jovens — exigem uma liderança que saiba escutar, dialogar, discernir e atuar com responsabilidade e criatividade. Como pontua Clodovis Boff (2013), a missão do líder hoje é ser ponte entre o transcendente e o cotidiano, entre a tradição da fé e a urgência do presente. Isso implica uma postura de humildade intelectual, de abertura ao novo e de fidelidade criativa à mensagem cristã.

A liderança servidora e sinodal apontada pelo Papa Francisco se revela cada vez mais necessária. O modelo de autoridade vertical e impositiva dá lugar a um estilo de liderança que caminha junto com o povo, escuta as diversas vozes da comunidade e promove processos participativos. A fé intelectual oferece a base para essa mudança, pois convida o líder a refletir sobre seu papel como facilitador do Reino, e não como gestor do sagrado.

Conclui-se, portanto, que a fé intelectual é um elemento indispensável para a renovação da liderança eclesial. Ela fornece os instrumentos para um discernimento maduro, uma escuta atenta aos sinais dos tempos e uma prática pastoral enraizada no Evangelho. A partir da leitura dos escritos de Clodovis Boff, foi possível perceber que o líder cristão do século XXI deve ser, ao mesmo tempo, teólogo e pastor, pensador e servo, místico e profeta.

Este trabalho não pretendeu esgotar o tema, mas contribuir para um debate mais amplo sobre os rumos da liderança

religiosa em nossos tempos. Espera-se que ele possa inspirar novas pesquisas, bem como a formação de lideranças comprometidas com a verdade, a justiça, a misericórdia e a inteligência da fé.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 6022: artigo em publicação periódica científica impressa – apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

BENTO XVI. **Fides et Ratio: fé e razão**. São Paulo: Paulinas, 2006.

BOFF, Clodovis. **Revelação e fé: uma reflexão teológica fundamental**. São Paulo: Paulinas, 2009.

BOFF, Clodovis. **Teologia e prática: teologia do político e suas mediações**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

BOFF, Clodovis. **Teologia do cristianismo: a fé em diálogo com a cultura**. São Paulo: Paulinas, 2013.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2005.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual**. Tradução de Carlos G. Haas. São Paulo: Paulus, 1965.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

O PAPEL DA IGREJA EVANGÉLICA NO ELEITORADO BRASILEIRO: ESTRATÉGIAS E IMPACTOS NAS ÚLTIMAS ELEIÇÕES

Gideão Ibsen da Silva Lima³⁰

José Fábio Bentes Valente³¹

RESUMO: Este trabalho de conclusão de curso trata sobre o papel da fé intelectual na formação de liderança eclesiástica, considerando os desafios contemporâneos enfrentados pela Igreja no processo de formação de líderes com base sólida e discernimento teológico. Sua problemática envereda-se em analisar como a fé intelectual, conforme abordada nos escritos de Clodovis Boff, contribui de forma significativa para o desenvolvimento de lideranças eclesiásticas comprometidas com uma prática pastoral reflexiva e fundamentada na teologia. A metodologia utilizada foi do tipo bibliográfica, haja vista possuir uma gama de obras do campo acadêmico e teológico que discorrem sobre a relação entre fé, razão e liderança na tradição cristã. Os objetivos específicos tratados são: Identificar o conceito de fé intelectual e sua distinção em relação à fé meramente emocional; descrever como a formação teológica é impactada por uma fé pensada; e analisar a contribuição de Clodovis Boff para a construção de uma liderança eclesial mais consciente, crítica e pastoralmente eficaz. Dos resultados esperados nessa pesquisa, constata-se que, em meio a um cenário religioso por vezes marcado por superficialidades e emocionalismos, a fé intelectual se apresenta como caminho necessário para formar líderes que saibam unir espiritualidade profunda e reflexão teológica séria, orientando o povo de Deus com sabedoria e responsabilidade.

Palavras-chave: Fé Intelectiva. Teologia Pastoral. Clodovis Boff.

ABSTRACT: This final paper analyzes the growing political influence of evangelical churches on the Brazilian electorate, focusing on the strategies employed and their tangible impacts in the last national elections. The methodology used was bibliographic, given that there is a range of works in the academic field that address the topic addressed here. The study examines the mobilization of votes through religious discourses, the formation of a cohesive parliamentary bench, and the articulation of conservative demands in the public sphere. It is concluded that the evangelical segment has consolidated itself as a fundamental political actor, capable of shaping electoral agendas and results, although its influence is heterogeneous and subject to internal tensions. This theme analyzes the strategies employed by evangelical leaders and organizations to gain space in the political scene, as well as the sensitive impacts of this action in the national context. The phenomenon is not isolated, but reflects global trends of politicization of religious identities, adapted to the Brazilian context.

Keywords: Evangelical Churches; Electoral Behavior; Brazilian Politics.

1 INTRODUÇÃO

A política no Brasil é marcada por um sistema democrático dinâmico, com desafios significativos, mas também por uma sociedade civil engajada e ativa, o cenário político está em constante evolução, refletindo as mudanças sociais e econômica do país, nesse contexto a população evangélica vem se desenvolvendo de forma acentuada e cada vez mais participativa na política. Partindo desta constatação, este trabalho se propõe a realizar uma reflexão do atual contexto político e social referente à relação entre evangélicos e política no Brasil. Onde seus respectivos membros têm crescido significativamente nas últimas décadas, visa também destacar a mobilização e impactos que esse envolvimento causa em diversas esferas da sociedade, tendo em vista que este fenômeno traz tanto oportunidades quanto desafios. Esses desafios exigem diálogo aberto e uma reflexão contínua, sobre a identidade e o papel da sociedade evangélica na política contemporânea.

³⁰ Acadêmico (a) do Curso de Ciências Teológicas da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: limagideo54@gmail.com

³¹ Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA-ES). Doutorando em Ciências da Religião Pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-PE). Professor do Curso de Ciências Teológicas. E-mail: prof.fabiovalente@fbnovas.edu.br

Este artigo se justifica em apresentar uma reflexão a respeito da relação entre cristão e política a partir da análise de fatores sociais favoráveis à inserção dos evangélicos na política partidária e eleitoral. Dentre estes fatores, serão abordados: Estratégias empregadas pelas igrejas evangélicas para mobilizar o eleitorado nas últimas eleições brasileiras, identificar qual o discurso político religioso utilizado pelas lideranças evangélicas durante os períodos eleitorais e analisar o impacto dessa mobilização.

O papel das igrejas evangélicas nas últimas eleições tem cada vez mais se tornado preponderantes nas últimas décadas, e isso se intensificou segundo Aguiar (2020), com as eleições de 2018, cujo o contexto de redes e de tecnologias digitais, a religião se insere no centro do debate contemporâneo. As redes digitais, que foram idealizadas como um espaço democrático e portador de diversidade, facilitam igualmente o advento de nichos comunitário, a emergência das redes digitais consolida um novo tipo de ativismo religioso no contexto brasileiro que potencializa a chamada onda conservadora. Trata-se de novas dinâmicas que colaboram para a saturação da fronteira entre as esferas do religioso e da política.

Segundo Aguiar (2020), a intensificação da mídia tem um impacto significativo no cenário político-religioso. Ele destaca que a mídia não só amplifica as vozes das lideranças religiosas, mas também molda a percepção pública sobre questões religiosas e políticas. A convergência entre religião e política se torna mais visível, com a mídia atuando como um canal vital para a disseminação de ideologias e a mobilização de grupos. Aguiar, também menciona que a presença constante das redes sociais e outras plataformas digitais altera a dinâmica do engajamento religioso, permitindo que as mensagens religiosas encontrem um público mais amplo e diversificado.

A pujança da mídia nesse contexto Magali Cunha (2016), enfatiza a relevância das redes sociais, que permitem um diálogo mais direto entre os líderes religiosos e seus seguidores, democratizando a disseminação de ideias e informações. Além disso, ela aponta que a crescente medialização da religião pode levar à polarização, uma vez que diferentes grupos utilizam a mídia para promover suas agendas e confrontar adversários. Essa dinâmica segundo Cunha, reflete uma nova configuração de poder onde a religião e política se entrelaçam, influenciando a sociedade contemporânea.

A relevância das tecnologias digitais e em rede e a participação ativa dos evangélicos constituem traços característicos do processo eleitoral de 2018 no Brasil. Essa penetração do religioso, por meio das redes digitais, na esfera política, indica o fortalecimento daquilo que Peter Berger denominou de movimentos de secularização e contrassecularização Berger (2001), as eleições de 2018 são o índice, portanto, de que a esfera da política e da democracia, espaços da laicidade por excelência, se confundem cada vez mais com a esfera do religioso. Assim, tanto instituições como religiosos se engajaram abertamente na disputa eleitoral, mobilizando suas redes de fiéis em torno, sobretudo, de pautas morais. Essa disputa da agenda de costumes agregou diferentes nuances do mundo evangélico e impulsionou uma mobilização voluntária nas redes, configurando-se como uma oposição ao campo que, segundo parte dos evangélicos, representava e simbolizava uma deterioração dos princípios e valores cristãos Aguiar (2020).

Grande parte desse discurso eleitoral nessas diferentes redes digitais girava em torno de temas conectados à chamada pauta moral, que vão desde a defesa da família à oposição ao aborto, que são desconsideradas por muitos partidos Figueiredo (2019), mobilizados em grande medida também por líderes religiosos tradicionais, sobretudo evangélicos e católicos conservadores, que lançavam mão dessas narrativas a fim de eliminar os opositores, esse fluxo informacional colaborou com fortalecimento tanto do sentimento de antipetismo como no repúdio aos partidos tradicionais.

Em resumo, o eleitorado evangélico não apenas tem o papel preponderante nas eleições brasileiras, mas também influencia significativamente a dinâmica política do país, moldando as estratégias de campanha, essa características demonstram como a religião e a política estão interligadas no Brasil, especialmente em um contexto onde a presença evangélica na política tem crescido significativamente nas últimas décadas, e as redes sociais tem possibilitado um diálogo mais amplo e diversificado entre os evangélicos, permitindo que novas ideias e críticas sejam discutidas.

2 ESTRATÉGIAS INSTITUCIONAIS DE MOBILIZAÇÃO POLÍTICA

As igrejas evangélicas, especialmente as de grande porte e vertente neopentecostal, desenvolveram mecanismos institucionais sofisticados para engajar seus fiéis na política. A comunicação interna, utilizando canais como rádio, TV, aplicativos e redes sociais próprias, é fundamental para disseminar posicionamentos e endossar candidaturas alinhadas aos valores defendidos pelas lideranças (Mariano, 2021). A estratégia de “candidaturas pastorais”, onde pastores ou fiéis com forte ligação eclesial são lançados a cargos eletivos, visa garantir representação direta dos interesses das igrejas nas casas legislativas, criando uma bancada parlamentar com identidade e agenda próprias (Freston, 2020). Além disso, eventos específicos, como cultos cívicos, marchas para Jesus com conotação política e encontros de líderes evangélicos com pré-candidatos, servem como plataformas

para legitimar figuras políticas e consolidar discursos (Oro, 2019). A formação de frentes parlamentares evangélicas e a atuação de entidades como a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) e a Aliança de Ministros Evangélicos do Brasil (AMEB) demonstram o nível de organização e coordenação alcançado (Almeida, 2018). A participação política das igrejas evangélicas no Brasil, especialmente as de vertente neopentecostal, tem se destacado pela sofisticação de seus mecanismos institucionais de engajamento. Essas denominações desenvolveram estratégias eficazes para mobilizar seus fiéis, transformando-os em um bloco coeso de eleitores e candidatos. O fenômeno não se limita à esfera religiosa, mas reflete uma articulação política bem estruturada, que utiliza ferramentas de comunicação, formação de lideranças e pressão legislativa para garantir a representação de seus interesses. Essa atuação tem reconfigurado o cenário político brasileiro, tornando as igrejas evangélicas atores centrais em disputas eleitorais e na formulação de políticas públicas. As igrejas evangélicas de grande porte utilizam uma ampla rede de comunicação interna para disseminar posicionamentos políticos e endossar candidaturas alinhadas aos seus valores. Rádios, TVs, aplicativos e redes sociais próprias são empregados para transmitir mensagens unificadas, criando um senso de identidade e propósito entre os fiéis (Mariano, 2021). Essa estratégia permite que as lideranças religiosas influenciem diretamente o voto de milhões de pessoas, muitas das quais veem nas orientações de seus pastores uma diretriz moral e espiritual. A eficácia desses canais reside em sua capacidade de alcançar públicos diversificados, desde grandes centros urbanos até regiões periféricas.

Candidaturas pastorais e representação direta, é uma das estratégias mais marcantes é a promoção de “candidaturas pastorais”, nas quais pastores ou fiéis com forte ligação eclesial são lançados a cargos eletivos. Esses candidatos não apenas representam interesses partidários, mas também agendas específicas de suas denominações (Freston, 2020). Ao ocuparem cadeiras legislativas, esses parlamentares formam uma bancada coesa, capaz de pressionar por pautas morais e religiosas. Essa tática garante que as igrejas tenham voz direta no processo decisório, ampliando sua influência sobre temas como educação, direitos civis e políticas familiares. Eventos como cultos cívicos, marchas para Jesus e encontros entre líderes evangélicos e pré-candidatos servem como plataformas para legitimar figuras políticas e consolidar discursos (Oro, 2019). Essas ocasiões não apenas reforçam a unidade do grupo, mas também demonstram seu poder de mobilização para os políticos. Marchas, por exemplo, transformam-se em demonstrações de força, enquanto cultos cívicos misturam religião e patriotismo, criando narrativas que associam fé a projetos de nação. Esses eventos são estrategicamente planejados para coincidir com ciclos eleitorais, maximizando seu impacto.

A formação de frentes parlamentares evangélicas e a atuação de entidades como a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) e a Aliança de Ministros Evangélicos do Brasil (AMEB) evidenciam o alto nível de organização alcançado (Almeida, 2018). Essas estruturas funcionam como lobbies, articulando demandas comuns e negociando apoio político em troca de benefícios. A CGADB, por exemplo, reúne representantes de diversas igrejas, coordenando esforços para influenciar legislações e políticas públicas. Essa articulação demonstra que o movimento evangélico não é fragmentado, mas opera com objetivos claros e estratégias compartilhadas.

Além da mobilização eleitoral, as igrejas evangélicas desenvolveram mecanismos para garantir recursos financeiros e sustentabilidade política. Doações de fiéis, isenções fiscais e parcerias com empresários cristãos fornecem base material para campanhas e manutenção de estruturas partidárias. Algumas denominações também investem em negócios próprios, como emissoras de TV e universidades, que além de gerar renda, ampliam sua capacidade de influência. Essa autonomia financeira reduz a dependência de recursos públicos e fortalece sua atuação política.

A Formação de Lideranças Políticas, vinculadas a igrejas têm surgido para capacitar futuros candidatos e assessores legislativos. Esses espaços ensinam desde noções básicas de direito até estratégias de campanha, preparando uma nova geração de líderes alinhados aos valores evangélicos. A formação não se limita a aspectos técnicos, mas inclui doutrinação ideológica, garantindo que os representantes eleitos mantenham fidelidade às pautas religiosas, essa estratégia assegura a continuidade da influência evangélica no longo prazo. Uso de narrativas nas campanhas políticas evangélicas, frequentemente empregam discurso morais e emocionais para conquistar eleitores. Discursos que associam candidatos a “defensores da família” ou “combatentes da corrupção” ressoam profundamente entre fiéis, criando identificação e mobilização. A linguagem religiosa é adaptada ao contexto político, transformando questões legislativas em batalhas espirituais. Essa abordagem não apenas galvaniza o eleitorado, mas também dificulta críticas, pois oponentes são facilmente retratados como inimigos de valores considerados sagrados.

A capilaridade das igrejas evangélicas, presentes em todas as regiões do país, fornece uma infraestrutura pronta para a atuação política. Congregações locais funcionam como bases eleitorais, enquanto líderes comunitários atuam como multiplicadores de discursos. Essa expansão territorial permite que estratégias nacionais sejam adaptadas a contextos regionais, maximizando seu alcance, em cidades menores, onde as igrejas são frequentemente as instituições mais organizadas, sua influência política é ainda mais pronunciada. As lideranças evangélicas têm estabelecido alianças estratégicas com outros setores conservadores, como

agronegócio, segurança pública e empresariado. Essas coalizões ampliam sua base de apoio e permitem a defesa de agendas mais abrangentes. A convergência entre pautas morais e econômicas, por exemplo, tem sido crucial para eleger parlamentares que unem liberalismo econômico a conservadorismo social. Essas alianças mostram a versatilidade política do movimento.

Respostas a críticas e controvérsias, a atuação política evangélica não está imune a críticas, especialmente quanto ao risco de violação do Estado laico. Lideranças religiosas respondem a essas acusações argumentando que estão exercendo seu direito democrático de participação. Algumas denominações adotam discursos mais moderados para evitar reações negativas, enquanto outras radicalizam sua retórica, apresentando-se como vítimas de perseguição. Essa dualidade reflete a diversidade interna do movimento. O impacto nas políticas públicas no contexto evangélicas, tem moldado o cenário em áreas como educação, saúde e direitos humanos.

Projetos como o “Escola Sem Partido” e restrições a direitos reprodutivos são exemplos de sua capacidade de agenda-setting. Embora essas iniciativas gerem polarização, também demonstram o sucesso da estratégia de ocupação de espaços de poder. O impacto é sentido não apenas no Legislativo, mas também no Judiciário e no Executivo. Apesar da aparente unidade, o movimento evangélico enfrenta desafios internos, como disputas entre denominações e divergências sobre estratégias. Enquanto alguns grupos preferem atuar via partidos tradicionais, outros investem em legendas próprias. Há ainda tensões entre líderes que priorizam pautas morais e aqueles focados em projetos sociais. Essas divisões podem limitar sua eficácia no longo prazo.

O caso brasileiro não é isolado, guardando semelhanças com o evangelicalismo político nos EUA e em outros países latino-americanos. No entanto, a combinação entre pluralismo religioso, sistema partidário fragmentado e desigualdades sociais cria particularidades no contexto nacional. Estudos comparativos ajudam a entender até que ponto esse modelo é exportável ou depende de condições locais específicas, as igrejas evangélicas consolidaram-se como atores políticos indispensáveis no Brasil, com estratégias sofisticadas de mobilização e influência. Seu crescimento deve continuar, embora enfrentando desafios como maior escrutínio público e mudanças demográficas. O futuro da relação entre religião e política no país dependerá da capacidade desses grupos em adaptar-se a novas realidades sociais sem perder sua base de apoio.

3 DISCURSO RELIGIOSO E MOBILIZAÇÃO DA BASE FIEL

A mobilização eleitoral no âmbito evangélico opera fortemente através da ressignificação política de conceitos teológicos. A noção de “guerra espiritual” é frequentemente transposta para o campo político, onde candidatos ou propostas contrárias aos valores defendidos pelas igrejas são enquadrados como ameaças de ordem moral e espiritual, exigindo uma resposta enérgica dos fiéis (Natividade, 2022), essas bandeiras unificadoras que ressoam profundamente no discurso pastoral e são utilizadas para orientar o voto (Machado & Burity, 2020). A leitura da Bíblia e as pregações são instrumentalizadas para enfatizar o dever cristão de participar da política, não apenas como direito, mas como uma missão divina para “resgatar a nação” ou “colocar Deus no poder” (Cunha, 2019). Esse discurso, veiculado constantemente nos púlpitos e meios de comunicação das igrejas, cria um forte senso de identidade e propósito político coletivo entre os fiéis.

Teologia como Ferramenta Política: a mobilização eleitoral no âmbito evangélico opera fortemente através da ressignificação política de conceitos teológicos profundamente arraigados na cosmovisão religiosa dos fiéis. A noção de “guerra espiritual”, originalmente um conceito teológico sobre a luta entre forças divinas e demoníacas, é habilmente transposta para o campo político, onde candidatos ou propostas contrárias aos valores defendidos pelas igrejas são enquadrados como ameaças de ordem moral e espiritual (Natividade, 2022). Essa transposição semântica cria um censo de urgência e dever religioso que exige uma resposta enérgica dos fiéis, transformando o ato eleitoral em uma batalha cósmica entre o bem e o mal. A estratégia de mobilização se consolida através da construção de inimigos comuns que ameaçariam os valores cristãos. A defesa da “família tradicional”, do combate à “ideologia de gênero” e à liberdade religiosa (muitas vezes interpretada como oposição a religiões de matriz africana) são bandeiras unificadoras que ressoam profundamente no discurso pastoral (Machado; Burity, 2020). Esses temas são apresentados não como preferências políticas, mas como mandamentos divinos inegociáveis, criando uma fronteira moral clara entre os que defendem os “valores cristãos” e os que supostamente os ameaçam. A Sacralização da Política a leitura da Bíblia e as pregações são instrumentalizadas para enfatizar o dever cristão de participar da política, não apenas como direito, mas como uma missão divina para “resgatar a nação” ou “colocar Deus no poder” (Cunha, 2019). Versículos como Romanos 13:1 (“Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores”) são reinterpretados para justificar o engajamento político como forma de obediência a Deus. Essa sacralização da atividade política transforma o voto em um ato de fé e os candidatos apoiados em instrumentos da vontade divina.

Mecanismos de Coesão Identitária: Esse discurso, veiculado constantemente nos púlpitos e meios de comunicação das igrejas, cria um forte senso de identidade e propósito político coletivo entre os fiéis. A repetição sistemática de narrativas que

associam determinadas posições políticas à fidelidade cristã estabelece um mecanismo poderoso de coesão grupal (Almeida, 2020). Os fiéis passam a se ver não apenas como eleitores, mas como soldados em uma batalha espiritual pela alma da nação, o que aumenta significativamente seu engajamento político. Estratégias comunicacionais das igrejas utilizam uma variedade de canais para disseminar essas mensagens, desde os tradicionais cultos dominicais até redes sociais e aplicativos de mensagens. Sermões que misturam exortação religiosa e orientação política são cuidadosamente elaborados para evitar a caracterização de proselitismo eleitoral explícito (Mariano, 2021). A linguagem codificada (“votar com a Bíblia”, “defender os princípios cristãos”) permite que as orientações sejam claras para os fiéis, mas suficientemente ambíguas para evitar questionamentos jurídicos.

Formação de agenda política mostra a eficácia da mobilização, que reside na capacidade de transformar questões políticas complexas em dilemas morais simples. Debates sobre políticas de gênero, educação sexual ou liberdade religiosa são reduzidos a escolhas binárias entre “obedecer a Deus” ou “ceder ao secularismo” (Oro, 2019). Essa simplificação facilita a compreensão e adesão por parte dos fiéis, muitos dos quais não teriam interesse ou capacidade de acompanhar discussões políticas mais elaboradas. A Conexão com estratégia que explora habilmente as emoções religiosas dos fiéis, associando determinadas posições políticas a sentimentos de pertença, pureza e sacralidade (Pierucci, 2019). A defesa da “família tradicional”, por exemplo, não é apresentada como uma preferência política, mas como uma questão de identidade cristã essencial. Essa conexão emocional torna a adesão às orientações políticas quase tão importante quanto outras práticas religiosas tradicionais. O sistema hierárquico das igrejas evangélicas facilita a disseminação uniforme dessas orientações políticas. Pastores e líderes religiosos gozam de grande autoridade moral sobre seus fiéis, e suas opiniões políticas são frequentemente recebidas com a mesma deferência que seus ensinamentos espirituais (Freston, 2020). Essa estrutura de autoridade verticalizada permite uma mobilização política rápida e eficiente, com pouco espaço para dissidências ou questionamentos.

Ritualização da política: A participação política é ritualizada através de eventos como cultos cívicos, marchas para Jesus com conteúdo político e vigílias de oração por eleições (Souza, 2022). Esses eventos misturam elementos religiosos (orações, cânticos) com símbolos patrióticos (bandeiras, hinos nacionais), criando uma poderosa associação emocional entre fé e política. A ritualização transforma o engajamento político em uma experiência religiosa coletiva. Além da mobilização eleitoral, as igrejas investem na formação de lideranças políticas entre seus membros. Escolas de formação ministerial frequentemente incluem noções básicas de política e legislação em seus currículos (Cunha, 2019).

Essa formação visa criar uma geração de políticos profissionais que possam representar os interesses das igrejas nos diversos níveis do poder público, garantindo a continuidade da influência política no longo prazo. A estratégia foi particularmente bem-sucedida no Brasil devido à combinação de três fatores: o crescimento numérico dos evangélicos, o sistema político fragmentado que facilita a entrada de novos atores, e a crise das instituições tradicionais que criou um vácuo de representação (Almeida, 2020). As igrejas souberam capitalizar essas condições para se estabelecerem como atores políticos relevantes em tempo relativamente curto.

Apesar de sua eficácia, essa estratégia de mobilização não está isenta de críticas, setores da sociedade e mesmo dentro das próprias igrejas questionam a instrumentalização da fé para fins políticos (Machado; Burity, 2020). Alguns argumentam que essa politização excessiva pode comprometer a missão espiritual original das igrejas e alienar fiéis que não compartilham das mesmas posições políticas. Esse impacto tem implicações importantes para a democracia brasileira. Por um lado, representa a inclusão política de setores tradicionalmente marginalizados; por outro, levanta questões sobre o respeito ao Estado laico e à pluralidade religiosa (Natividade, 2022). O desafio é equilibrar o direito legítimo de participação política com a necessidade de evitar a imposição de visões religiosas específicas a toda a sociedade.

Em suma, as evidências sugerem que essa forma de mobilização política continuará a crescer e se sofisticar. O próximo passo parece ser a maior profissionalização da atuação política, com investimento em assessoria técnica, produção de dados e estratégias de comunicação mais elaboradas (Mariano, 2021). Paralelamente, observa-se uma diversificação das pautas, com maior atenção a questões econômicas e de desenvolvimento social. A mobilização eleitoral evangélica através da ressignificação de conceitos teológicos representa um fenômeno complexo e multifacetado, se por um lado demonstra a vitalidade da participação política de grupos religiosos, por outro coloca desafios importantes para a convivência democrática em uma sociedade plural. Compreender seus mecanismos é essencial tanto para analistas políticos quanto para atores interessados no fortalecimento da democracia brasileira.

4 IMPACTOS ELEITORAIS E A CONFIGURAÇÃO DO PODER LEGISLATIVO

A eficácia das estratégias e discursos evangélicos materializa-se em impactos eleitorais mensuráveis. A eleição de Jair Bolsonaro em 2018, e sua reeleição em 2022, contou com forte e decisivo apoio do eleitorado evangélico, evidenciando a capacidade de mobilização em torno de figuras que adotam abertamente a pauta conservadora defendida pelas principais lideranças religiosas (Natividade, 2022; Oro, 2023). O crescimento exponencial da Bancada Evangélica no Congresso Nacional é o reflexo mais claro desse poderio. De um punhado de representantes nas décadas anteriores, a bancada saltou para mais de 100 parlamentares na Câmara dos Deputados após 2022, formando um dos blocos mais coesos e influentes, capaz de barrar ou aprovar projetos de lei conforme sua agenda (Freston, 2020; Almeida, 2023). Essa bancada atua de forma organizada, pressionando o Executivo e pautando debates nacionais em temas morais, educacionais e de segurança pública, frequentemente alinhados a visões conservadoras (Mariano, 2021). O “voto de direção” sugerido por líderes religiosos em determinadas eleições demonstra ter um efeito significativo, especialmente em regiões com alta densidade de fiéis de determinadas denominações (Cunha, 2019), pesquisas de opinião indicam que em algumas regiões do país, o apoio evangélico chegou a superar 70% dos votos para determinados candidatos, demonstrando o poder de influência dessas lideranças sobre suas bases. Esse crescimento numérico foi acompanhado por uma maior sofisticação nas estratégias de atuação parlamentar, com a criação de frentes parlamentares especializadas e maior articulação com outros setores conservadores.

A capacidade de articulação política da bancada evangélica, tem atua de forma organizada e estratégica, pressionando o Executivo e pautando debates nacionais em temas morais, educacionais e de segurança pública, frequentemente alinhada a visões conservadoras (Mariano, 2021). Sua capacidade de articulação se manifesta tanto na aprovação de projetos alinhados aos seus valores quanto na obstrução de propostas consideradas contrárias aos princípios cristãos, demonstrando um poder de veto significativo no processo legislativo brasileiro. Efeito do “voto de direção” sugerido por líderes religiosos em determinadas eleições demonstra ter um efeito significativo, especialmente em regiões com alta densidade de fiéis evangélicos. Estudos mostram que em municípios onde pastores de grande influência recomendam explicitamente candidatos, as variações nos resultados eleitorais podem chegar a 20-30% em favor dos indicados (Souza, 2022).

Esse fenômeno é particularmente forte em comunidades onde as igrejas funcionam como principais espaços de sociabilidade e formação de opinião. As estratégias de campanha eleitorais direcionadas, têm se adaptado a essa realidade, desenvolvendo estratégias específicas para conquistar o eleitorado evangélico. Candidatos frequentam cultos, participam de programas em TVs e rádios evangélicas, e adaptam seu discurso para incorporar elementos da linguagem religiosa (Cunha, 2021). Essa aproximação vai além do período eleitoral, com muitos políticos mantendo assessorias especializadas no diálogo com as lideranças religiosas ao longo de seus mandatos.

Influência nas políticas públicas no contexto evangélica se estende para além das eleições, moldando políticas públicas em áreas sensíveis como educação, saúde e direitos humanos. Projetos como o “Escola Sem Partido”, a resistência à descriminalização do aborto e a ampliação da objeção de consciência para profissionais de saúde refletem a capacidade de traduzir valores religiosos em agenda política (Machado; Burity, 2020). Essa atuação tem gerado tanto apoio entusiástico de setores conservadores quanto forte oposição de grupos progressistas. Apesar da aparente unidade, a bancada evangélica não é monolítica, apresentando divisões internas entre diferentes denominações e visões políticas. Enquanto alguns parlamentares priorizam pautas morais, outros dão mais ênfase a questões sociais ou econômicas (Pierucci, 2019). Essas diferenças ficam mais evidentes em temas não diretamente relacionados a valores religiosos, como política econômica ou reforma administrativa.

A conexão com movimentos internacionais, esse fenômeno brasileiro não é isolado, mantendo conexões com movimentos evangélicos conservadores em outros países, particularmente nos Estados Unidos. Há um fluxo constante de ideias, estratégias e recursos entre esses grupos, com adaptações para o contexto local (Almeida, 2023). Essa rede internacional fortalece a atuação política das igrejas brasileiras, fornecendo modelos de ação e legitimação transnacional. O crescimento da influência política evangélica tem gerado reações de setores que defendem um Estado Laico mais robusto, organizações da sociedade civil e acadêmicos alertam para os riscos de confusão entre religião e política (Natividade, 2022). Ao mesmo tempo, dentro do próprio campo evangélico, vozes mais moderadas questionam a instrumentalização da fé para fins partidários. As estratégias de comunicação das igrejas evangélicas têm desenvolvido sofisticadas maneiras de comunicação política, utilizando desde os tradicionais cultos presenciais até redes sociais e aplicativos de mensagens (Mariano, 2021). Essa infraestrutura comunicacional permite uma rápida disseminação de orientações políticas e a criação de narrativas unificadas entre milhões de fiéis distribuídos por todo o território nacional. Além de influenciar eleições, as igrejas têm investido na formação de suas próprias lideranças políticas, seminários e cursos preparam pastores e leigos para atuar no legislativo e executivo, garantindo uma representação mais qualificada de seus

interesses (Freston, 2020). Essa profissionalização tem aumentado a eficácia política da bancada evangélica. Impacto no sistema partidário eleitoral evangélico, está transformando o sistema partidário brasileiro.

Partidos tradicionais criaram núcleos evangélicos, enquanto novas legendas com identidade religiosa explícita surgem no cenário político (oro, 2023). Essa reconfiguração tem implicações profundas para o funcionamento da democracia brasileira. Os principais desafios para a continuidade desse crescimento incluem a necessidade de responder a demandas sociais mais amplas, manter a coesão interna diante de diversificação de posições, e enfrentar o crescente escrutínio público sobre sua atuação (Souza, 2022). A forma como esses desafios serão enfrentados determinará o futuro da influência política evangélica.

Comparações Internacionais: em perspectiva comparada, o caso brasileiro apresenta particularidades importantes. Enquanto nos EUA o evangelicalismo político está associado ao Partido Republicano, no Brasil a dispersão ocorre por múltiplas legendas (Cunha, 2021). Além disso, o contexto latino-americano de desigualdade social acrescenta camadas de complexidade à atuação política evangélica.

Um Ator político consolidado, os evangélicos consolidaram-se como atores políticos centrais no Brasil contemporâneo, sua capacidade de mobilização eleitoral e influência legislativa transformou-os em interlocutores obrigatórios para qualquer projeto político com ambição nacional. Compreender sua atuação é essencial para analisar os rumos da democracia brasileira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta análise empreendida demonstra que as igrejas evangélicas brasileiras transcenderam seu papel estritamente religioso para se tornarem atores políticos centrais, com capacidade de moldar significativamente o comportamento eleitoral de uma parcela substancial do eleitorado e influenciar a composição e a agenda do Poder Legislativo. As estratégias adotadas que vão desde a sofisticação da comunicação interna e o lançamento de candidaturas próprias até a instrumentalização de discursos religiosos que politizam conceitos teológicos revelam-se altamente eficazes na mobilização da base fiel. Os impactos são evidentes, eleição e reeleição de figuras presidenciais alinhadas à pauta conservadora e o estabelecimento de uma Bancada Evangélica numerosa e coesa, com poder de veto e proposição no Congresso Nacional.

Contudo, é crucial ressaltar que a influência evangélica não é homogênea. Existem diversidades denominacionais, divergências internas sobre o grau e o modo de atuação política, e uma base fiel que, embora tendencialmente conservadora, não é completamente uniforme em suas escolhas. Apesar dessas nuances, o fato inegável é o peso decisivo desse segmento na política brasileira contemporânea. As últimas eleições consolidaram essa força, colocando demandas de cunho moral e religioso no centro do debate público e exigindo dos demais atores políticos estratégias específicas para dialogar ou confrontar esse eleitorado. O futuro da democracia brasileira continuará intimamente ligado à forma como essa complexa relação entre religião evangélica e política se desdobrará.

A presença das igrejas evangélicas na política brasileira deixou de ser um fenômeno marginal para se tornar um dos principais fatores de influência no comportamento eleitoral e na formação de políticas públicas. Desde a redemocratização, essas instituições ampliaram sua atuação, passando de espaços estritamente religiosos a centros de poder capazes de eleger representantes e pressionar por agendas conservadoras. A bancada evangélica no Congresso Nacional, por exemplo, cresceu exponencialmente, demonstrando a capacidade de mobilização dessas comunidades. Essa trajetória não se limita ao Legislativo; alcançou também o Executivo, com a eleição de políticos alinhados a pautas defendidas por líderes religiosos. O fenômeno exige uma análise aprofundada sobre seus mecanismos, impactos e possíveis desdobramentos para a democracia brasileira. As igrejas evangélicas desenvolveram estratégias sofisticadas para influenciar o eleitorado, combinando comunicação interna eficiente, discursos moralizantes e candidaturas próprias. Cultos, programas de rádio e TV, e redes sociais são usados para difundir posicionamentos políticos, muitas vezes associando votações a princípios religiosos. A criação de partidos como o Partido Republicano Brasileiro (PRB), agora republicano, e a aliança com outras legendas conservadoras reforçam essa atuação.

Além disso, a instrumentalização de temas como “família tradicional” e “defesa da vida” politiza conceitos teológicos, transformando-os em bandeiras eleitorais. Essa abordagem garante não apenas a eleição de parlamentares, mas também a formação de uma base eleitoral fiel e mobilizada. A chamada “Bancada Evangélica” no Congresso Nacional tornou-se um dos grupos mais coesos e influentes na política brasileira. Com representantes em diferentes partidos, esses parlamentares atuam de forma articulada para barrar ou aprovar projetos conforme sua agenda moral-religiosa. Temas como aborto, direitos LGBTQIA+, educação sexual e liberdade religiosa são frequentemente pautados por essa bancada, que exerce poder de veto sobre políticas progressistas. A força desse grupo foi evidenciada em votações polêmicas, como a do impeachment de Dilma Rousseff e as reformas durante o governo Bolsonaro. Sua atuação revela como a religião pode se tornar um fator decisivo na configuração do poder legislativo.

Embora muitas análises tratem o segmento evangélico como um bloco monolítico, há significativas diferenças denominacionais e ideológicas entre pentecostais, neopentecostais e evangélicos históricos. Enquanto igrejas como a Assembleia de Deus e a Universal do Reino de Deus adotam posturas mais engajadas politicamente, outras, como Batistas e Presbiterianas, podem ser mais moderadas. Além disso, há disputas internas sobre o nível de envolvimento político, com alguns líderes defendendo maior distanciamento entre púlpito e partidos. Essa heterogeneidade mostra que, apesar da força eleitoral, não há consenso absoluto sobre como a religião deve influenciar a política.

O eleitorado evangélico não é totalmente homogêneo em suas escolhas políticas, embora tenda ao conservadorismo em questões morais. Pesquisas indicam que fatores como classe social, região e perfil denominacional influenciam votações. Nas periferias, por exemplo, há maior abertura a candidatos que combinam discurso religioso com promessas de assistência social. Apesar disso, a rejeição a pautas progressistas, como legalização do aborto e direitos LGBTQIA+, é um traço comum. Esse eleitorado é altamente mobilizável, especialmente quando líderes religiosos fazem campanhas explícitas, como ocorreu nas eleições de 2018 e 2022. Para muitas igrejas evangélicas, a atuação política é vista como uma extensão de sua missão religiosa, uma forma de “conquistar a nação para Cristo”. Essa visão é reforçada por teologias como a da Batalha Espiritual e do Dominionismo, que defendem a ocupação de espaços de poder para implantar princípios cristãos. Eventos como a Marcham para Jesus e campanhas como “Brasil para Cristo” exemplifica essa conjugação entre fé e política. No entanto, essa postura gera críticas, especialmente quando líderes religiosos usam seu púlpito para endossar candidaturas específicas, levantando debates sobre a laicidade do Estado.

A crescente influência política das igrejas evangélicas tem sido alvo de críticas de setores acadêmicos, midiáticos e de outros grupos religiosos. Argumenta-se que a mistura entre religião e Estado ameaça o princípio constitucional da laicidade, além de promover agendas excludentes. Outro ponto de contestação é o uso de recursos eclesiais (como dízimos e doações) para financiar campanhas, prática que, embora proibida, persiste de forma indireta. Além disso, há questionamentos sobre a representatividade real desses líderes, já que nem todos os fiéis concordam com o engajamento político de suas denominações.

O cenário político brasileiro continuará sendo profundamente impactado pelo crescimento evangélico, tanto no eleitorado quanto nas instituições, a tendência é que a bancada evangélica mantenha sua força, pressionando por pautas conservadoras e influenciando a escolha de futuros governantes. No entanto, o aumento da pluralidade religiosa e o surgimento de jovens evangélicos com visões mais progressistas podem gerar novas dinâmicas. O desafio será equilibrar a liberdade religiosa com o respeito ao Estado laico, garantindo que a democracia não seja instrumentalizada por interesses sectários.

A análise demonstra que as igrejas evangélicas brasileiras se consolidaram como atores políticos centrais, moldando comportamentos eleitorais e agendas legislativas. Suas estratégias de mobilização, embora eficazes, não são isentas de contradições e críticas, o futuro dessa relação dependerá de fatores como a reação de outros setores da sociedade, a evolução do perfil do eleitorado evangélico e os limites impostos pela legislação eleitoral. O que é certo é que a religião continuará a ser um elemento chave na política nacional, exigindo reflexões constantes sobre seus impactos na democracia.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Dossiê: **Política, Mídia e Religião**. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 18, n. 56, p. 600-624, maio/ago. 2020 – ISSN 2175-5841.

ALMEIDA, Ronaldo. **A política dos evangélicos no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

BERGER, P. **A dessecularização do mundo: uma visão global**. *Religião e sociedade*, v. 21, n. 2001.

CUNHA, Religião e Política: **ressionância do neoconservadorismo evangélico nas mídias brasileiras**, n. 11, Ano 7, 2016

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: um olhar sobre as igrejas evangélicas na atualidade**. Rio de Janeiro: Mauad, 2019.

FIGUEIREDO, A **Nova Política Evangélica no Brasil**. Ano 2019

FONSECA, Alexandre Brasil. **Evangélicos e mídia no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2018.

FRESTON, Paul. **Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético**. Curitiba: Encontro, 2020.

MACHADO, Maria das Dores; BURITY, Joanildo. **Os evangélicos e a política no Brasil**. Recife: Massangana, 2020.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: **sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2021.

MENDONÇA, José Geraldo da Rocha. **O poder dos evangélicos: religião e política no Brasil contemporâneo**. Curitiba: Appris, 2019.

NATIVIDADE, Marcelo. **Homofobia, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

ORO Ari Pedro. **A política da fé: evangélicos na democracia brasileira**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Religião como solvente: uma aula**. São Paulo: Editora 34, 2019.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Religião como obstáculo? A participação política dos evangélicos no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2017.

SOUZA, André Ricardo de. **A politização do sagrado: evangélicos na política brasileira**. Curitiba: Appris, 2022.

O PAPEL DO DOCENTE DE ENSINO RELIGIOSO COMO MEDIADOR ENTRE O CONHECIMENTO TEOLÓGICO E A DIVERSIDADE RELIGIOSA NAS ESCOLAS

Nilson Hilario Serra³²

José Fábio Bentes Valente³³

RESUMO: Este artigo analisa o papel dos docentes de Ensino Religioso como mediadores entre o conhecimento teológico e a diversidade religiosa nas escolas municipais da região. A pesquisa busca compreender como esses profissionais atuam na promoção de um ensino inclusivo e responsável considerando a pluralidade religiosa que há no contexto brasileiro. Para tanto, são investigadas a formação dos docentes, e as estratégias pedagógicas adotadas, bem como os desafios enfrentados na mediação entre diferentes tradições religiosas. A metodologia empregada na pesquisa é do tipo Bibliográfico, baseado em aportes que laboram pelo aspecto da transdisciplinaridade. Como resultados alcançados, pode verificar que a formação continuada e a adoção de práticas pedagógicas sensíveis à diversidade são essenciais para o sucesso do Ensino Religioso nesse contexto, também e importante para a diversidade religiosa.

Palavras-chave: Ensino Religioso, Diversidade Religiosa, Mediação Pedagógica.

ABSTRACT: This article analyzes the role of Religious Education teachers as mediators between theological knowledge and religious diversity in municipal schools in the region. The research seeks to understand how these professionals act in promoting inclusive and responsible education considering the religious plurality that exists in the Brazilian context. To this end, the training of teachers and the pedagogical strategies adopted are investigated, as well as the challenges faced in mediating between different religious traditions. The methodology used in the research is of the bibliographic type, based on contributions that work towards the aspect of transdisciplinarity. As results achieved, it can be seen that continued training and the adoption of pedagogical practices sensitive to diversity are essential for the success of Religious Education in this context, and are also important for religious diversity.

Keywords: Religious Education, Religious Diversity, Pedagogical Mediation.

1 INTRODUÇÃO

O Ensino Religioso nas escolas públicas brasileiras tem sido alvo de intensos debates, especialmente em regiões marcadas por uma grande diversidade religiosa, como por exemplo, em contextos da região norte do país. Alguns municípios localizados no estado do Amazonas, a pluralidade de crenças, que inclui religiões cristãs, de matriz africana e indígena, impõe desafios significativos aos docentes de Ensino Religioso. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece que o Ensino Religioso deva ser parte integrante da formação básica do cidadão, respeitando a diversidade cultural religiosa do Brasil e vedando qualquer forma de proselitismo (Junqueira, 2015). Nesse contexto, o papel do docente como mediador entre o conhecimento teológico e a diversidade religiosa torna-se crucial para a promoção de uma educação inclusiva e respeitosa.

A diversidade religiosa na Amazônia reflete a complexidade cultural da região amazônica, onde diferentes tradições e cosmovisões coexistem. Segundo Almeida (2018), a Amazônia é um espaço de rica pluralidade religiosa, que inclui não apenas as religiões cristãs dominantes, mas também crenças indígenas, de matriz africana e movimentos religiosos emergentes, como os ligados à ayahuasca. Essa diversidade exige que os docentes de Ensino Religioso adotem uma abordagem pedagógica sensível e inclusiva, capaz de respeitar e valorizar as diferentes expressões de fé presentes na comunidade escolar.

A formação dos docentes de Ensino Religioso é um aspecto fundamental para o sucesso dessa mediação. Santos (2019) destaca que a formação inicial e continuada desses profissionais deve incluir conhecimentos teológicos, antropológicos e sociológicos, além de habilidades de mediação de conflitos. No entanto, em muitas regiões do Brasil, incluindo a região Amazônia,

³² Acadêmico (a) do Curso de Ciências teológicas da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: Pastornilsonhilario@gmail.com.

³³ Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA-ES). Doutorando em Ciências da Religião Pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-PE). Professor do Curso de Ciências Teológicas. E-mail: prof.fabiovalente@fbnovas.edu.br

a falta de programas específicos de formação para o Ensino Religioso tem sido um obstáculo para a atuação eficaz dos docentes. Essa lacuna na formação pode resultar em práticas pedagógicas que não atendem plenamente às necessidades de uma sociedade plural.

Nesse aspecto, estratégias pedagógicas utilizadas pelos docentes de Ensino Religioso são essenciais para garantir que o ensino seja inclusivo e respeitoso à diversidade religiosa. Oliveira (2020) propõe abordagens baseadas no diálogo inter-religioso e na fenomenologia da religião, que permitem uma compreensão mais profunda das diferentes tradições religiosas sem comparações superficiais ou julgamentos de valor.

Assim, sendo, a postura de “pluralismo ativo”, defendida por Passos (2016), se torna uma estratégia fundamental para o Ensino Religioso em contextos de diversidade. Essa abordagem propõe que os docentes apresentem diferentes perspectivas religiosas de forma crítica e respeitosa, sem buscar impor uma visão única ou hegemônica. Essa postura é essencial para garantir que o ensino seja inclusivo e respeitoso à diversidade local. Sendo assim, o pluralismo ativo também contribui para a formação de cidadãos críticos e tolerantes, capazes de conviver harmoniosamente em uma sociedade plural.

A avaliação no Ensino Religioso também deve ser repensada para garantir que ela promova a compreensão e o respeito à diversidade. Cândido (2021) propõe que os métodos de avaliação sejam baseados em atividades que estimulem a reflexão crítica e o diálogo, como debates, pesquisas e projetos interdisciplinares. Essa abordagem permite que os alunos desenvolvam uma compreensão mais profunda das diferentes tradições religiosas, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e respeitosos, onde a diversidade religiosa é uma realidade cotidiana, a avaliação deve ser um instrumento de promoção do diálogo e da reflexão, e não apenas uma forma de medir o conhecimento factual.

A colaboração com a comunidade local é outro aspecto fundamental para superar os desafios da mediação entre o conhecimento teológico e a diversidade religiosa. Passos (2016) destaca que os docentes devem buscar parcerias com líderes religiosos e instituições locais para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem, em que a diversidade religiosa se torna marcantes, no incentivo com a comunidade local pode contribuir para uma abordagem mais contextualizada e respeitosa. Nesse interim a participação de líderes religiosos e representantes de diferentes tradições em atividades escolares, por exemplo, pode proporcionar aos alunos uma visão mais autêntica e profunda das crenças presentes em sua comunidade.

Por fim, a formação continuada dos docentes é essencial para aprimorar as práticas pedagógicas no Ensino Religioso. Santos (2019), destaca a importância de programas de formação que capacitem os professores a lidar com a diversidade religiosa de forma eficaz e altera. Esses programas devem incluir temas como diálogo inter-religioso, fenomenologia da religião e mediação de conflitos, preparando os docentes para os desafios dos diversos contextos que há no Brasil. Pois, a formação continuada também deve incentivar a reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas, contribuindo para o aprimoramento constante do Ensino Religioso.

2 A FORMAÇÃO ACADÊMICA E CONTINUADA DOS DOCENTES DE ENSINO RELIGIOSO

A formação dos docentes de Ensino Religioso é um aspecto fundamental para a mediação entre o conhecimento teológico e a diversidade religiosa. Segundo Santos (2019), a formação inicial e continuada desses profissionais deve ser capaz de desenvolver competências interculturais e habilidades de mediação de conflitos relacionados a questões religiosas. No Brasil onde a diversidade religiosa é marcante, a formação dos docentes precisa abranger não apenas conhecimentos intertransdisciplinaridade permitindo uma compreensão mais ampla das diferentes expressões religiosas presentes na comunidade escolar (Rodrigues, 2017). Essa abordagem interdisciplinar é essencial para que os professores possam atuar como mediadores culturais, capazes de traduzir e contextualizar as diferentes tradições religiosas de forma respeitosa e imparcial.

Almeida (2018) destaca que o contexto brasileiro apresenta uma pluralidade de crenças que inclui religiões de matriz africana, indígenas e até mesmo movimentos religiosos ligados à ayahuasca no caso a religião do vegetal. Essa complexidade exige que os docentes estejam preparados para lidar com diferentes cosmovisões, o que só é possível através de uma formação interdisciplinar e continuada. A falta de programas específicos de formação para o Ensino Religioso, por exemplo, na região norte do Brasil tem sido apontado como um dos principais desafios para a atuação desses profissionais (Passos, 2016). A ausência de uma formação adequada pode resultar em práticas pedagógicas que não atendem às necessidades de uma sociedade plural, comprometendo o objetivo de promover o respeito e a convivência harmoniosa entre diferentes grupos religiosos.

Um preceito que corrobora com a capacitação docente, é a instrução sequente, sendo um elemento para a atualização dos professores frente às demandas que há nesse mundo cada vez mais plural. De acordo com Junqueira (2015), a transição para um modelo de Ensino Religioso não confessional exige uma reformulação na formação dos professores, especialmente em regiões com grande diversidade religiosa. Programas de formação continuada devem incluir temas como diálogo inter-religioso, fenomenologia

da religião e mediação de conflitos, preparando os docentes para lidar com as complexidades do contexto local.

Outro pressuposto é a formação interdisciplinar defendida por Rodrigues (2017), em que o professor de Ensino Religioso deve atuar como um “tradutor cultural”, capaz de apresentar diferentes tradições religiosas de forma respeitosa e imparcial. Para isso, é necessário que a formação dos docentes inclua uma compreensão mais ampla e contextualizada das diferentes expressões religiosas presentes na comunidade escolar. Essa abordagem interdisciplinar é particularmente relevante no contexto amazônico, onde a diversidade religiosa é uma realidade cotidiana e complexa. A questão da neutralidade no Ensino Religioso é abordada por Passos (2016), que problematiza a possibilidade de uma abordagem totalmente neutra em questões religiosas. O autor propõe que, em vez de buscar uma neutralidade impossível, os docentes devem adotar uma postura de “pluralismo ativo”, onde diferentes perspectivas religiosas são apresentadas e discutidas de forma crítica e respeitosa. Essa abordagem é particularmente relevante no contexto de amazônico, onde a diversidade religiosa exige uma postura pedagógica sensível e inclusiva.

No processo de formação de professores para o Ensino Religioso também deve incluir o desenvolvimento de competências interculturais, conforme destacado por Santos (2019). Essas competências são essenciais para que os docentes possam lidar com as diferenças culturais e religiosas presentes na sala de aula, promovendo um ambiente de respeito e diálogo. A autora enfatiza a importância de programas de formação continuada que capacitem os professores a lidar com a diversidade religiosa de forma eficaz e respeitosa.

A falta de recursos pedagógicos adequados é outro desafio enfrentado pelos docentes de Ensino Religioso na região amazônica. Segundo Cândido (2021), a avaliação no Ensino Religioso frequentemente negligencia a compreensão e o respeito à diversidade, priorizando a memorização de fatos ou doutrinas específicas. Isso pode resultar em uma abordagem superficial das diferentes tradições religiosas, comprometendo o objetivo de promover o respeito mútuo e a convivência harmoniosa.

A histórica influência da Igreja Católica na educação brasileira tem dificultado a transição para um modelo de Ensino Religioso não confessional, especialmente em regiões com grande diversidade religiosa como a Amazônia (Junqueira, 2015). Os docentes precisam lidar com a tensão entre as expectativas da comunidade local, que pode ser majoritariamente cristã, e a necessidade de respeitar e incluir outras tradições religiosas no currículo escolar. Essa tensão pode resultar em práticas pedagógicas que não atendem plenamente às necessidades de uma sociedade plural.

A adoção de práticas pedagógicas baseadas no diálogo inter-religioso é defendida por Oliveira (2020), que propõe abordagens que permitam uma compreensão mais profunda das diferentes tradições religiosas, evitando comparações superficiais ou julgamentos de valor. Essas práticas são particularmente relevantes no contexto amazônico, onde a coexistência de diversas tradições religiosas demanda um olhar atento às particularidades de cada expressão de fé.

A formação dos docentes de Ensino Religioso também deve incluir o desenvolvimento de competências interculturais, conforme destacado por Rodrigues (2017). Essas competências são essenciais para que os professores possam lidar com as diferenças culturais e religiosas presentes na sala de aula, promovendo um ambiente de respeito e diálogo. O autor enfatiza a importância de uma formação interdisciplinar que abranja conhecimentos para uma compreensão mais ampla e contextualizada das diferentes expressões religiosas.

A questão da avaliação no Ensino Religioso é abordada por Cândido (2021), que propõe métodos de avaliação que privilegiem a compreensão e o respeito à diversidade religiosa, em detrimento de abordagens que enfatizem a memorização de fatos ou doutrinas específicas. Essa abordagem é particularmente relevante para garantir que o Ensino Religioso cumpra seu papel na formação de cidadãos críticos e respeitosos à diversidade, especialmente em um contexto tão plural como na região amazônica. A autora argumenta que a avaliação deve ser um instrumento de promoção do diálogo e da reflexão, permitindo que os alunos compreendam as diferentes tradições religiosas de forma crítica e respeitosa.

A mediação de conflitos é um aspecto crucial no contexto amazônico, onde a diversidade religiosa pode gerar tensões e mal-entendidos entre os alunos. A adoção de práticas pedagógicas baseadas no diálogo inter-religioso é defendida por Oliveira (2020), que propõe abordagens que permitam uma compreensão mais profunda das diferentes tradições religiosas, evitando comparações superficiais ou julgamentos de valor. Essas práticas são particularmente relevantes no contexto amazônico, onde a coexistência de diversas tradições religiosas demanda um olhar atento às particularidades de cada expressão de fé. O diálogo inter-religioso promove a compreensão mútua e o respeito, elementos fundamentais para a convivência harmoniosa em uma sociedade plural.

A avaliação no Ensino Religioso deve ser um processo contínuo e formativo, conforme destacado por Cândido (2021). A autora propõe que os métodos de avaliação sejam baseados em atividades que estimulem a reflexão crítica e o respeito à diversidade, como debates, pesquisas e projetos interdisciplinares. Essa abordagem permite que os alunos desenvolvam uma compreensão mais

profunda das diferentes tradições religiosas, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e respeitosos.

A formação dos docentes de Ensino Religioso também deve incluir o desenvolvimento de habilidades de mediação de conflitos, conforme destacado por Santos (2019). Essas habilidades são essenciais para que os professores possam lidar com situações de tensão ou conflito relacionadas a questões religiosas, promovendo um ambiente de respeito e diálogo na sala de aula. A autora enfatiza a importância de programas de formação que preparem os professores para lidar com essas situações de forma eficaz e respeitosa.

A adoção de práticas pedagógicas baseadas no diálogo inter-religioso é defendida por Oliveira (2020), que propõe abordagens que permitam uma compreensão mais profunda das diferentes tradições religiosas, evitando comparações superficiais ou julgamentos de valor. Essas práticas são particularmente relevantes no contexto amazônico, onde a coexistência de diversas tradições religiosas demanda um olhar atento às particularidades de cada expressão de fé.

3 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA ABORDAR A DIVERSIDADE RELIGIOSA

As estratégias pedagógicas utilizadas pelos docentes de Ensino Religioso são essenciais para garantir que o ensino seja inclusivo e respeitoso à diversidade religiosa. Oliveira (2020) propõe abordagens baseadas no diálogo inter-religioso e na fenomenologia da religião, que permitem uma compreensão mais profunda das diferentes tradições religiosas sem comparações superficiais ou julgamentos de valor. No contexto amazônico, essas estratégias são particularmente relevantes dadas à coexistência de diversas tradições religiosas na região. A fenomenologia da religião, por exemplo, permite que os alunos explorem as diferentes expressões de fé de forma empática, compreendendo suas particularidades e significados culturais.

Rodrigues (2017) argumenta que o docente de Ensino Religioso deve atuar como um “tradutor cultural”, capaz de apresentar diferentes tradições religiosas de forma respeitosa e imparcial. Isso exige que os professores adotem uma postura altera, onde diferentes perspectivas religiosas são apresentadas e discutidas de forma crítica e respeitosa (Passos, 2016). Essa abordagem é fundamental em um contexto como a região amazônica, onde a diversidade religiosa inclui crenças cristãs, de matriz africana, indígenas e até mesmo movimentos religiosos ligados à ayahuasca. O docente, ao atuar como mediador deve garantir que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas.

A adoção de práticas pedagógicas que promovam o diálogo inter-religioso pode contribuir para a construção de uma convivência harmoniosa entre os diferentes grupos religiosos presentes na comunidade escolar. Oliveira (2020) destaca que o diálogo interreligioso não busca homogeneizar as crenças, mas sim criar um espaço de troca e compreensão mútua. Essa prática é especialmente importante em regiões, onde a diversidade religiosa é uma realidade cotidiana e complexa. O diálogo permite que os alunos aprendam a valorizar as diferenças e a conviver de forma pacífica com aqueles que possuem crenças distintas.

A fenomenologia da religião, como proposta por Oliveira (2020), é uma abordagem que busca compreender as religiões a partir de suas próprias perspectivas, evitando julgamentos de valor ou comparações simplistas. Essa metodologia é particularmente útil em contextos onde a pluralidade de crenças exige uma abordagem sensível e contextualizada. Ao adotar essa estratégia, os docentes podem ajudar os alunos a desenvolver uma visão mais ampla e respeitosa das diferentes tradições religiosas presentes em sua comunidade. É interessante destacar que a postura de “pluralismo ativo”, citada anteriormente defendida por Passos (2016), é outra estratégia fundamental para o Ensino Religioso em contextos de diversidade. Essa abordagem propõe que os docentes apresentem diferentes perspectivas religiosas de forma crítica e respeitosa, sem buscar impor uma visão única ou hegemônica. Essa postura é essencial para garantir que o ensino seja inclusivo e respeitoso à diversidade local. Onde o pluralismo religioso deve ser compreendido para a formação de cidadãos críticos e tolerantes, capazes de conviver harmoniosamente em uma sociedade plural. Essa postura pedagógica é especialmente relevante em um mundo cada vez mais globalizado e multicultural.

A formação de competências interculturais é outra estratégia importante para os docentes de Ensino Religioso. Segundo Rodrigues (2017), os professores devem ser capazes de compreender e respeitar as diferenças culturais e religiosas presentes na sala de aula. Essa competência é essencial para que os docentes possam atuar como mediadores culturais, promovendo um ambiente de respeito e diálogo. No contexto amazônico, onde a diversidade religiosa é marcante, a formação de competências interculturais é um aspecto crucial para o sucesso do Ensino Religioso.

A utilização de recursos pedagógicos diversificados também é uma estratégia importante para abordar a diversidade religiosa. Cândido (2021) sugere que os docentes utilizem materiais como textos, vídeos, músicas e visitas a locais sagrados para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem. Esses recursos permitem que os alunos vivenciem e compreendam as diferentes tradições religiosas de forma mais concreta e significativa. No contexto de amazônico, onde a diversidade religiosa é rica e complexa, a utilização de recursos pedagógicos diversificados pode contribuir para uma abordagem mais inclusiva e respeitosa.

A avaliação no Ensino Religioso também deve ser repensada para garantir que ela promova a compreensão e o respeito à diversidade. Cândido (2021) propõe que os métodos de avaliação sejam baseados em atividades que estimulem a reflexão crítica e o diálogo, como debates, pesquisas e projetos interdisciplinares. Essa abordagem permite que os alunos desenvolvam uma compreensão mais profunda das diferentes tradições religiosas, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e respeitosos. No contexto amazônico, onde a diversidade religiosa é uma realidade cotidiana, a avaliação deve ser um instrumento de promoção do diálogo e da reflexão, e não apenas uma forma de medir o conhecimento factual. A formação continuada dos docentes é outra estratégia essencial para aprimorar as práticas pedagógicas no Ensino Religioso. Santos (2019) destaca a importância de programas de formação que capacitem os professores a lidar com a diversidade religiosa de forma eficaz e respeitosa. Esses programas devem incluir temas como diálogo inter-religioso, fenomenologia da religião e mediação de conflitos, preparando os docentes para os desafios do contexto amazônico.

A mediação de conflitos é uma habilidade fundamental para os docentes de Ensino Religioso, especialmente em contextos de diversidade religiosa. Santos (2019) enfatiza que os professores devem ser capazes de lidar com situações de tensão ou conflito relacionadas a questões religiosas, promovendo um ambiente de respeito e diálogo na sala de aula. No contexto da região amazônica, onde a diversidade religiosa pode gerar tensões, a mediação de conflitos é um aspecto crucial para o sucesso do Ensino Religioso.

A promoção do respeito mútuo e da convivência harmoniosa entre diferentes grupos religiosos é um dos principais objetivos do Ensino Religioso. Rodrigues (2017) argumenta que os docentes devem adotar práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e promovam o diálogo inter-religioso. Essa abordagem é essencial para garantir que o ensino seja inclusivo e respeitoso, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e tolerantes. No contexto amazônico, onde a diversidade religiosa é marcante, o respeito às diferentes crenças é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O Ensino Religioso, nesse sentido, deve ser um espaço de diálogo e compreensão, e não de imposição de valores ou crenças.

A utilização de metodologias ativas, como projetos interdisciplinares e trabalhos em grupo, também é uma estratégia importante para abordar a diversidade religiosa. Oliveira (2020) sugere que os docentes utilizem essas metodologias para promover a participação ativa dos alunos no processo de ensino e aprendizagem. No contexto na região amazônica, onde a diversidade religiosa é uma realidade cotidiana, a utilização de metodologias ativas pode contribuir para uma abordagem mais dinâmica e significativa. Essas práticas permitem que os alunos se envolvam diretamente com o conteúdo, explorando as diferentes tradições religiosas de forma prática e reflexiva. Além disso, os trabalhos em grupo e projetos interdisciplinares incentivam a colaboração e o respeito entre os alunos, independentemente de suas crenças.

A atuação com a comunidade local é uma estratégia essencial para o sucesso do Ensino Religioso em contextos de diversidade. Passos (2016) destaca que os docentes devem buscar parcerias com líderes religiosos e instituições locais para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem. No contexto amazônico, onde a diversidade religiosa é marcante, a colaboração com a comunidade local pode contribuir para uma abordagem mais contextualizada e respeitosa. A participação de líderes religiosos e representantes de diferentes tradições em atividades escolares, por exemplo, pode proporcionar aos alunos uma visão mais autêntica e profunda das crenças presentes em sua comunidade.

Essas competências também ajudam os professores a lidar com situações de conflito ou tensão relacionadas a questões religiosas, promovendo um ambiente escolar mais harmonioso. A utilização de recursos pedagógicos diversificados também é uma estratégia importante para abordar a diversidade religiosa. Cândido (2021) sugere que os docentes utilizem materiais como textos, vídeos, músicas e visitas a locais sagrados para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem. Esses recursos permitem que os alunos vivenciem e compreendam as diferentes tradições religiosas de forma mais concreta e significativa. No contexto amazônico, onde a diversidade religiosa é rica e complexa, a utilização de recursos pedagógicos diversificados pode contribuir para uma abordagem mais inclusiva e respeitosa. Esses recursos também ajudam a despertar o interesse dos alunos, tornando o aprendizado mais dinâmico e envolvente.

Por fim, a formação continuada dos docentes é essencial para aprimorar as práticas pedagógicas no Ensino Religioso. Santos (2019) destaca a importância de programas de formação que capacitem os professores a lidar com a diversidade religiosa de forma eficaz e respeitosa. Esses programas devem incluir temas como diálogo inter-religioso, fenomenologia da religião e mediação de conflitos, preparando os docentes para os desafios do contexto amazônico. A formação continuada também deve incentivar a reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas, contribuindo para o aprimoramento constante do Ensino Religioso.

4 DESAFIOS NA MEDIAÇÃO ENTRE CONHECIMENTO TEOLÓGICO E DIVERSIDADE RELIGIOSA

A mediação entre o conhecimento teológico e a diversidade religiosa apresenta diversos desafios para os docentes de

Ensino Religioso. Um dos principais obstáculos é a falta de recursos pedagógicos adequados para abordar a pluralidade religiosa de forma inclusiva. Cândido (2021) aponta que a avaliação no Ensino Religioso frequentemente negligencia a compreensão e o respeito à diversidade, priorizando a memorização de fatos ou doutrinas específicas. Isso pode resultar em uma abordagem superficial das diferentes tradições religiosas, comprometendo o objetivo de promover o respeito mútuo e a convivência harmoniosa. A falta de materiais didáticos que contemplem a diversidade religiosa da região amazônica, por exemplo, dificulta o trabalho dos docentes em sala de aula.

Além disso, a histórica influência da Igreja Católica na educação brasileira tem dificultado a transição para um modelo de Ensino Religioso não confessional, especialmente em regiões com grande diversidade religiosa como a Amazônia (Junqueira, 2015). Os docentes precisam lidar com a tensão entre as expectativas da comunidade local, que pode ser majoritariamente cristã, e a necessidade de respeitar e incluir outras tradições religiosas no currículo escolar. Essa tensão muitas vezes resulta em práticas pedagógicas que não atendem plenamente às necessidades de uma sociedade plural, gerando conflitos e resistências por parte de pais, alunos e até mesmo da comunidade escolar.

A formação inadequada dos docentes é outro desafio significativo. Muitos professores de Ensino Religioso não possuem formação específica na área, o que limita sua capacidade de mediar de forma eficaz entre o conhecimento teológico e a diversidade religiosa. Santos (2019) destaca que a formação inicial e continuada desses profissionais deve incluir conhecimentos que vão além de habilidades de mediação de conflitos. No entanto, a falta de programas de formação continuada na região amazônica tem sido um obstáculo para o desenvolvimento dessas competências.

A complexidade do contexto religioso amazônico também impõe desafios adicionais. Almeida (2018) ressalta que a região é marcada por uma rica pluralidade de crenças, que inclui religiões cristãs, de matriz africana, indígenas e movimentos religiosos ligados à ayahuasca. Essa diversidade exige que os docentes tenham um conhecimento amplo e contextualizado das diferentes tradições religiosas, o que nem sempre é possível devido à falta de recursos e formação adequada. A ausência de uma abordagem sensível e inclusiva pode resultar em práticas pedagógicas que marginalizam ou visibilizam certas tradições religiosas.

A questão da neutralidade no Ensino Religioso é outro desafio enfrentado pelos docentes. Passos (2016) problematiza a possibilidade de uma abordagem totalmente neutra em questões religiosas, sugerindo que os professores adotem uma postura de compreensão do outro. Essa abordagem propõe que diferentes perspectivas religiosas sejam apresentadas e discutidas de forma crítica e respeitosa, sem a imposição de uma visão hegemônica. No entanto, a adoção dessa postura exige uma formação sólida e uma reflexão constante sobre as práticas pedagógicas, o que nem sempre é viável em contextos com recursos limitados.

A avaliação no Ensino Religioso também é um desafio significativo. Cândido (2021) argumenta que os métodos de avaliação tradicionais, baseados na memorização de fatos ou doutrinas específicas, não são adequados para promover a compreensão e o respeito à diversidade religiosa. A autora propõe que a avaliação seja baseada em atividades que estimulem a reflexão crítica e o diálogo, como debates, pesquisas e projetos interdisciplinares. No entanto, a implementação dessas práticas exige uma mudança significativa na cultura escolar, o que pode ser difícil de alcançar em contextos com poucos recursos e apoio institucional.

A falta de diálogo entre a escola e a comunidade local é outro desafio enfrentado pelos docentes de Ensino Religioso. Passos (2016) destaca a importância de parcerias com líderes religiosos e instituições locais para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem. No entanto, em muitas comunidades amazônicas, essas parcerias são difíceis de estabelecer devido a tensões históricas e culturais entre diferentes grupos religiosos. A falta de diálogo pode resultar em práticas pedagógicas que não refletem a realidade religiosa da comunidade, comprometendo a eficácia do Ensino Religioso.

A resistência por parte dos alunos e pais também é um desafio significativo. Em comunidades majoritariamente cristãs, por exemplo, pode haver resistência à inclusão de outras tradições religiosas no currículo escolar. Junqueira (2015) argumenta que essa resistência é muitas vezes resultado de uma falta de compreensão sobre o papel do Ensino Religioso na promoção do respeito e da convivência harmoniosa. Os docentes precisam lidar com essas resistências de forma sensível e respeitosa, promovendo um diálogo aberto e inclusivo com a comunidade escolar.

A falta de políticas públicas específicas para o Ensino Religioso na região amazônica também é um desafio significativo. Almeida (2018) ressalta que a ausência de diretrizes claras e de apoio institucional dificulta a implementação de práticas pedagógicas inclusivas e respeitosas à diversidade religiosa. A falta de investimento em formação docente, materiais didáticos e infraestrutura escolar limita a capacidade dos professores de mediar de forma eficaz entre o conhecimento teológico e a diversidade religiosa.

A superação desses desafios exige uma abordagem plural, que inclua a formação continuada dos docentes, a adoção de práticas pedagógicas inclusivas e o diálogo com a comunidade local. Santos (2019) destaca a importância de programas de formação que capacitem os professores a lidar com a diversidade religiosa de forma eficaz e respeitosa. Esses programas devem

incluir temas como diálogo inter-religioso, fenomenologia da religião e mediação de conflitos, preparando os docentes para os desafios do contexto amazônico.

A adoção de práticas pedagógicas baseadas no diálogo inter-religioso e na fenomenologia da religião também é essencial para superar os desafios da mediação. Oliveira (2020) sugere que essas abordagens permitem uma compreensão mais profunda das diferentes tradições religiosas, evitando comparações superficiais ou julgamentos de valor. No contexto amazônico, onde a diversidade religiosa é uma realidade cotidiana, essas práticas podem contribuir para a construção de uma convivência harmoniosa entre os diferentes grupos religiosos.

A colaboração com a comunidade local é outro aspecto crucial para superar os desafios da mediação entre o conhecimento teológico e a diversidade religiosa. Passos (2016) destaca que os docentes devem buscar parcerias com líderes religiosos e instituições locais para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem. No contexto da região amazônica, onde a diversidade religiosa é marcante, a colaboração com a comunidade pode contribuir para uma abordagem mais contextualizada e respeitosa. A participação de líderes religiosos e representantes de diferentes tradições em atividades escolares, por exemplo, pode proporcionar aos alunos uma visão mais autêntica e profunda das crenças presentes em sua comunidade. Essa interação direta com as tradições religiosas locais permite que os alunos vivenciem a diversidade de forma concreta e significativa.

Essa dedicação com a comunidade local também ajuda a superar a falta de recursos pedagógicos adequados. Em muitas escolas da região amazônica, a ausência de materiais didáticos que contemplem a diversidade religiosa da região é um desafio significativo. Ao estabelecer parcerias com líderes religiosos e instituições locais, os docentes podem acessar recursos e conhecimentos que enriquecem o processo de ensino e aprendizagem. Essa atuação também fortalece os laços entre a escola e a comunidade, promovendo um ambiente de respeito e diálogo.

A avaliação no Ensino Religioso também deve ser repensada para garantir que ela promova a compreensão e o respeito à diversidade. Cândido (2021) propõe que os métodos de avaliação sejam baseados em atividades que estimulem a reflexão crítica e o diálogo, como debates, pesquisas e projetos interdisciplinares. Essa abordagem permite que os alunos desenvolvam uma compreensão mais profunda das diferentes tradições religiosas, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e respeitosos. No contexto amazônico, onde a diversidade religiosa é uma realidade cotidiana, a avaliação deve ser um instrumento de promoção do diálogo e da reflexão, e não apenas uma forma de medir o conhecimento factual.

A avaliação tradicional, baseada na memorização de fatos ou doutrinas específicas, não é adequada para o Ensino Religioso em contextos de diversidade. Cândido (2021) argumenta que essa abordagem pode resultar em uma visão superficial das diferentes tradições religiosas, comprometendo o objetivo de promover o respeito mútuo e a convivência harmoniosa. Em vez disso, a autora sugere que a avaliação seja baseada em atividades que estimulem a reflexão crítica e o diálogo, como debates, pesquisas e projetos interdisciplinares.

Essas práticas permitem que os alunos explorem as diferentes tradições religiosas de forma mais profunda e significativa.

A implementação de métodos de avaliação mais inclusivos e reflexivos exige uma mudança na cultura escolar. Em muitas escolas da região amazônica, a avaliação ainda é vista como um instrumento de medição do conhecimento factual, e não como uma ferramenta de promoção do diálogo e da reflexão. Para superar essa barreira, é necessário que os docentes recebam formação adequada e apoio institucional para adotar práticas avaliativas mais alinhadas com os objetivos do Ensino Religioso. A formação continuada, como destacado por Santos (2019), é essencial para capacitar os professores a programar essas mudanças de forma eficaz.

A colaboração com a comunidade local também pode contribuir para a revisão dos métodos de avaliação no Ensino Religioso. Ao envolver líderes religiosos e representantes de diferentes tradições no processo avaliativo, os docentes podem garantir que a avaliação seja mais contextualizada e respeitosa à diversidade religiosa. Por exemplo, a participação de líderes religiosos em atividades avaliativas, como debates ou projetos interdisciplinares, pode proporcionar aos alunos uma visão mais autêntica e profunda das crenças presentes em sua comunidade. Essa abordagem também ajuda a promover um ambiente de respeito e diálogo entre os alunos.

A revisão dos métodos de avaliação no Ensino Religioso também deve considerar as particularidades dos contextos de cada região brasileira. Pois, a diversidade religiosa é marcante, a avaliação deve ser sensível às diferentes tradições e cosmovisões presentes na comunidade. Cândido (2021) sugere que os docentes adotem métodos de avaliação que valorizem a compreensão e o respeito à diversidade, em detrimento de abordagens que enfatizem a memorização de fatos ou doutrinas específicas. Essa abordagem é particularmente relevante para garantir que o Ensino Religioso cumpra seu papel na formação de cidadãos críticos e respeitosos.

Por fim, a colaboração com a comunidade local e a revisão dos métodos de avaliação são estratégias complementares para superar os desafios da mediação entre o conhecimento teológico e a diversidade religiosa. Enquanto a colaboração com a comunidade local enriquece o processo de ensino e aprendizagem, a revisão dos métodos de avaliação garante que o Ensino Religioso promova a compreensão e o respeito à diversidade. Juntas, essas estratégias contribuem para a formação de cidadãos críticos, tolerantes e respeitosos, capazes de conviver harmoniosamente em uma sociedade plural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar o papel dos docentes de Ensino Religioso como mediadores entre o conhecimento teológico e a diversidade religiosa nas escolas municipais da região amazônica. A pesquisa evidenciou que a formação acadêmica e continuada dos docentes, a adoção de estratégias pedagógicas sensíveis à diversidade e a superação dos desafios relacionados à mediação são aspectos cruciais para o sucesso do Ensino Religioso nesse contexto. A atuação dos docentes como mediadores culturais exige não apenas conhecimento teórico, mas também habilidades práticas para lidar com a complexidade da diversidade religiosa presente na região amazônica.

A formação interdisciplinar é essencial para que os docentes possam atuar como mediadores culturais capazes de promover o diálogo inter-religioso e o respeito à diversidade. O docente de Ensino Religioso deve ser capaz de apresentar diferentes tradições religiosas de forma respeitosa e imparcial. Essa abordagem interdisciplinar permite uma compreensão mais ampla e contextualizada das diferentes expressões religiosas presentes na comunidade escolar, contribuindo para a construção de uma educação mais inclusiva.

Além disso, a adoção de práticas pedagógicas baseadas no diálogo inter-religioso e na fenomenologia da religião pode contribuir para uma abordagem mais inclusiva e respeitosa das diferentes tradições religiosas presentes na comunidade escolar. Essas abordagens permitem uma compreensão mais profunda das diferentes tradições religiosas, evitando comparações superficiais ou julgamentos de valor. Onde a diversidade religiosa é uma realidade cotidiana, essas práticas são particularmente relevantes para promover o respeito mútuo e a convivência harmoniosa.

Além destas prerrogativas acima, o “pluralismo ativo”, defendida por Passos (2016), é outra estratégia fundamental para o Ensino Religioso em contextos de diversidade. Essa abordagem propõe que os docentes apresentem diferentes perspectivas religiosas de forma crítica e respeitosa, sem buscar impor uma visão única ou hegemônica. Essa postura é essencial para garantir que o ensino seja inclusivo e respeitoso à diversidade local. O pluralismo ativo também contribui para a formação de cidadãos críticos e tolerantes, capazes de conviver harmoniosamente em uma sociedade plural.

A avaliação no Ensino Religioso também deve ser repensada para garantir que ela promova a compreensão e o respeito à diversidade. Cândido (2021) propõe que os métodos de avaliação sejam baseados em atividades que estimulem a reflexão crítica e o diálogo, como debates, pesquisas e projetos interdisciplinares. Essa abordagem permite que os alunos desenvolvam uma compreensão mais profunda das diferentes tradições religiosas, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e respeitosos. No contexto da região amazônica, onde a diversidade religiosa é uma realidade cotidiana, a avaliação deve ser um instrumento de promoção do diálogo e da reflexão, e não apenas uma forma de medir o conhecimento factual.

A colaboração com a comunidade local é outro aspecto crucial para superar os desafios da mediação entre o conhecimento teológico e a diversidade religiosa. Passos (2016) destaca que os docentes devem buscar parcerias com líderes religiosos e instituições locais para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem. No contexto amazônico, onde a diversidade religiosa é marcante, a colaboração com a comunidade local pode contribuir para uma abordagem mais contextualizada e respeitosa. A participação de líderes religiosos e representantes de diferentes tradições em atividades escolares, por exemplo, pode proporcionar aos alunos uma visão mais autêntica e profunda das crenças presentes em sua comunidade.

A avaliação no Ensino Religioso também deve ser repensada para garantir que ela promova a compreensão e o respeito à diversidade. Cândido (2021) propõe que os métodos de avaliação sejam baseados em atividades que estimulem a reflexão crítica e o diálogo, como debates, pesquisas e projetos interdisciplinares. Essa abordagem permite que os alunos desenvolvam uma compreensão mais profunda das diferentes tradições religiosas, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e respeitosos. No contexto amazônico, onde a diversidade religiosa é uma realidade cotidiana, a avaliação deve ser um instrumento de promoção do diálogo e da reflexão, e não apenas uma forma de medir o conhecimento factual. A colaboração com a comunidade é outro aspecto crucial para superar os desafios da mediação entre o conhecimento teológico e a diversidade religiosa. Passos (2016), destaca que os docentes devem buscar parcerias com líderes religiosos e instituições locais para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem. No contexto da região amazônica, onde a diversidade religiosa é marcante, essa dedicação com a comunidade pode

contribuir para uma abordagem mais contextualizada e respeitosa.

A participação de líderes religiosos e representantes de diferentes tradições em atividades escolares, por exemplo, pode proporcionar aos alunos uma visão mais autêntica e profunda das crenças presentes em sua comunidade.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Roberto. **A Amazônia e a diversidade religiosa: desafios para a educação**. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 11, n. 31, p. 15-30, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CÂNDIDO, Mariana. **Avaliação no Ensino Religioso: novos paradigmas para uma educação plural**. Revista Pistis & Praxis, v. 13, n. 1, p. 164-180, 2021.

CARVALHO, Maria Cristina de **Ensino Religioso e Diversidade Cultural: desafios e perspectivas**. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. **O Ensino Religioso no Brasil: estágio atual e perspectivas**. Revista de Estudos da Religião, v. 15, n. 2, p. 36-55, 2015.

OLIVEIRA, João Luiz de Medeiros. **Fenomenologia e diálogo inter-religioso: caminhos para o Ensino Religioso na escola pública**. Horizonte, v. 18, n. 55, p. 253-272, 2020.

PASSOS, João Décio. **Ensino Religioso: construindo um novo paradigma**. São Paulo: Paulinas, 2016.

RODRIGUES, Eduardo. **O papel do professor de Ensino Religioso como mediador cultural**. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 10, n. 28, p. 171-188, 2017.

SANTOS, Maria Fernanda. **Formação continuada de professores para o Ensino Religioso: desafios e perspectivas**. Revista de Educação, v. 44, n. 1, p. 89-106, 2019.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Educação e Diversidade Religiosa: um estudo sobre o Ensino Religioso no Brasil**. Curitiba: CRV, 2018.

TEIXEIRA, Faustino. **Religiões no Brasil: uma introdução**. São Paulo: Paulinas, 2015.

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E AS MÍDIAS DIGITAIS COMO FERRAMENTAS PARA O ENSINO TEOLÓGICO DAS MULHERES

Siméia Cristiane Martins Câmara³⁴

José Fábio Bentes Valente³⁵

RESUMO: Este trabalho conclusão de curso trata das novas formas de divulgação do ensino teológico, principalmente entre as mulheres. Em tempos de infinitas atividades e responsabilidades, o ensino teológico se fluidifica entre os meios de comunicação para alcançar a todas, em todo lugar, e em todo o tempo. Nesse sentido, sua problemática tem o objetivo de visualizar essas diferentes formas de divulgação do ensino teológico, considerando o tempo, o ambiente presente e a ampla gama de ocupações assumidas. A metodologia utilizada foi do tipo bibliográfica, com interpretação interdisciplinar, absorvendo as informações das inúmeras obras que exploram temáticas aqui abordadas. Os objetivos específicos tratados são: a identificação dos principais meios de comunicação atuais, analisar as diversas atividades conciliadas com tempo disponível das mulheres e analisar formatos e abordagens eficazes para a educação teológica direcionada as mulheres. Os resultados da pesquisa são derivados da compreensão analítica das fontes de pesquisa, tomando-se como discussão necessária a problemática a respeito da educação teológica, principalmente no ambiente feminino. A conclusão da pesquisa apresenta os diversos meios atuais de comunicação eficazes e capazes de promover a educação teológica em momentos diversos do dia a dia.

Palavras-chave: Educação Teológica. Mulheres. Midiática. Tempo.

ABSTRACT: This final paper deals with new ways of disseminating theological education, especially among women. In times of endless activities and responsibilities, theological education is becoming more fluid through the media to reach everyone, everywhere, and at all times. In this sense, its problematic aims to visualize these different ways of disseminating theological education, considering the time, the current environment, and the wide range of occupations assumed. The methodology used was bibliographic, with interdisciplinary interpretation, absorbing information from the numerous works that explore the themes addressed here. The specific objectives addressed are: identifying the main current media, analyzing the various activities reconciled with women's available time, and analyzing effective formats and approaches for theological education aimed at women. The results of the research are derived from the analytical understanding of the research sources, taking as a necessary discussion the problem regarding theological education, especially in the female environment. The conclusion of the research presents the various current means of communication that are effective and capable of promoting theological education at different times of day-to-day life.

Keywords: Theological Education. Women. Media. Time.

1 INTRODUÇÃO

Para uma sociedade funcionar de forma eficaz, um dos ingrediente de maior importância é o dialogo; seja entre instituições ou indivíduos para o bom entendimento entre as partes e a solução de problemas contemporâneos. Nos tempos atuais, com a explosão tecnológica com mídias diversas e suas muitas formas de apresentação e alcance, os discursos se tornam cada vez mais atrativos. Nesse universo, cada qual vende uma imagem ou forma de vida com o intuito de se estabelecer e, conseqüentemente, deter o poder da influência sobre os indivíduos.

Além das formas convencionais de comunicação, a tecnologia à palma da mão é uma facilidade que se apresenta em qualquer hora e lugar. A internet de alta velocidade quase na totalidade dos celulares e alcançando praticamente todo o mundo, faz com que qualquer pessoa, em qualquer lugar, e em qualquer hora possa ter acesso a conteúdos que foram postados ou transmitidos em qualquer lugar do mundo.

³⁴ Acadêmico(a) do Curso de Teologia da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: simeia.camara@aluno.fbnovas.edu.br.

³⁵ Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA-ES). Doutorando em Ciências da Religião Pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-PE). Professor do Curso de Ciências Teológicas. E-mail: prof.fabiovalente@fbnovas.edu.br

No sentido do ensino, além de receber o conteúdo apresentado, ainda surgem outras vantagens conforme menciona Silva (2019, p. 51), “O uso de redes sociais como recurso pedagógico configura-se, então, como forma de potencializar o diálogo, a interação e a interatividade, uma vez que esse espaço constitui-se como lócus de construção colaborativa (síncrona e assíncrona) de relacionamentos e de conhecimentos”.

Com todos os recursos disponíveis, tradicionais ou inovadores, físicos ou virtuais, o ensino teológico se expande e alcança pessoas que muitas vezes não tem disponibilidade de sentar em uma sala de aula, seja por morarem distantes dos centros urbanos ou por falta de tempo.

A escassez do tempo, inclusive, é um dos grandes argumentos das mulheres, no que se refere ao estudo teológico. A grande maioria delas está inserida no mercado de trabalho, com responsabilidades cada vez mais complexas. Junta-se a isso, as atividades familiares, casa, filhos, cuidado próprio, amizades, hobbies, entre outros vários compromissos e atividades. Medeiros Filho, Medeiros (2020, p. 30), afirmam, “Em um determinado momento da nossa existência, começamos a perceber que o tempo disponível é incapaz de absorver todas as coisas que precisamos fazer”.

Com esse contexto, surge a seguinte problemática: como uma mulher poderia incluir no seu dia a dia o estudo teológico, conciliando com suas inúmeras atividades? Quais as formas de abordagem para estudo prático? Com alcançá-las em qualquer lugar ou horário considerando o pouco tempo disponível?

A fim de responder esses questionamentos, a construção desse trabalho é composto por três partes, como segue:

Na primeira explanação, discorreremos sobre o ensino e os meios de comunicação atuais, onde identificamos as formas já consagradas de comunicação à distância, juntamente com as formas mais recentes e que estão em constante ascensão.

Na segunda seção, abordamos o tema conciliando tempo e conhecimento: estratégias para inserção do ensino teológico no cotidiano feminino. Aqui, busca-se a identificação das dificuldades enfrentadas na gestão do tempo e estratégias que podem ser utilizadas para que o ensino teológico não fique de fora da vida da mulher.

Já na terceira seção, o foco concentra-se em mencionar formatos e abordagens eficazes para a comunicação teológica direcionada às mulheres, identificando ferramentas e vantagens no uso desses meios de comunicação.

2 O ENSINO E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO ATUAIS

2.1 Televisão como Veículo de Ensino Teológico

Ao avaliarmos e compreendermos os fenômenos de massa ligados as tecnologias de comunicação, sem dúvida a Televisão é a maior influenciadora dentro deste contexto. A televisão está presente em praticamente todos os lares, e o numero de aparelhos por domicilio geralmente é superior a um. Mesmo com outras mídias em ascensão, a TV ainda dirige o grande consumo de massa, comprovado pelo imenso investimento que é feito nessa área. Os meios de comunicação exercem um papel fundamental na vida da sociedade atual. Hoje, podemos sentir sua influência em todos os momentos da vida, seja de qualquer classe social. Ou seja, a revolução digital tomou a interação humana mais rápida e intuitiva, através de equipamentos de diversos tamanhos e funcionais.

Tradicionalmente se tem dito que os meios de comunicação social possuem três funções: informar, entreter e educar. Segundo esta concepção, informar se refere à comunicação dos fatos que ocorrem no contexto social; educar, a capacidade que tem o homem para enfrentar-se com este contexto e entreter é transportar mentalmente o espectador para longe do seu contexto, objetivando-lhe proporcionar descanso (Ferreira, 2025).

O ensino teológico se apropria desse meio de cultura de massa e acaba se inserindo nesse contexto. A educação, geralmente classifica-se em três níveis: formal, não formal e informal. A educação formal é aquela onde se assumem formas de disciplina convencional, em instituições de ensino reconhecidas pelas autoridades. A educação não-formal, pode se constituir por meio da socialização dos indivíduos cotidianamente, em meio as diferentes dinâmicas dos grupos sociais, valores aprendidos desde os raciocínios morais e estabelecidos pela interação social. Já a educação informal, seria aquela derivada de experiencias cotidianas do individuo, podendo ser positiva ou negativa.

São níveis que se alternam no processo educativo de uma pessoa, pois os limites nem sempre se estabelecem formalmente, sendo possível que algum conteúdo ou conceito seja apreendido de modo muito mais eficaz por meio da experiência do que formalmente no ambiente de educação formal.

Da mesma forma, a educação teológica também se estabelece em ambientes distintos de aprendizado. Existem os ambientes de socialização cotidiana, onde o indivíduo aprende por meio de interação social, família, igreja, escola, e existem

também os formais, como cursos e formações em instituições de ensino teológico. Todos se unem no objetivo de formar pessoas que reflitam as condições de vida, segundo os valores tradicionais do cristianismo.

Além das formas de educação tradicionais, a partir das décadas de 1960 e 1970, a educação teológica por extensão passou a ser uma possibilidade viável. Levar a educação teológica até os locais em que viviam os estudantes ou suas igrejas, descentralizando-a dos grandes centros de formação passou a ser uma escolha viável e abrangente. A televisão passou a ser essa ferramenta útil no processo de formação por meio da EaD. Formações que podem ser por meio de vídeos pré-gravados ou mesmo por sermões veiculados pelos canais das emissoras, mas também complementadas por seminários. Essa forma de ensino compartilha as mesmas fundamentações das demais áreas, pois, em seu âmbito “As pessoas aprendem basicamente realizando atividades (interagindo), apoiadas por conteúdos e ferramentas, com vistas a atingir determinado objetivo” (Filatro, 2009, p. 97).

O ensino na modalidade EAD trouxe uma pedagogia diferenciada no processo de ensino, alcançando aqueles que já estão no trabalho pastoral e sentem necessidades além das habilidades cognitivas.

Dessa forma, Peters (2004, p. 164) aponta para uma aprendizagem autogovernada e autocontrolada, assim como de aprendizagem comunicativa e em colaboração, orientada para a realidade.

2.2 Rádio e Podcasts na Formação Teológica

O ensino EAD não se resume a TV. Da mesma forma, o papel educativo é tão antigo no Rádio como sua implementação no Brasil. Seu caráter educativo é uma pedra fundamental nesse veículo. Em um momento do país onde o analfabetismo alcançava índices altos, o uso da rádio trouxe possibilidade de, pelas suas ondas, a educação chegar longe e prestar um grande serviço público. Não veio para substituir as salas de aula, mas um polo de apoio aos professores e alunos que foi muito bem recebida pelos usuários, principalmente de lugares mais remotos. Ainda hoje, essa função de educar o país passa pelas ondas da rádio.

Na educação teológica, diversas emissoras cristãs e programações independentes desenvolvem programações nesse sentido. Além das programações, programas especificamente didáticos, focam nesse nicho. Cursos à distância, unindo o ensino pela rádio com textos na internet onde cada aluno poderá entrar no seu ritmo, debates teológicos que trazem óticas diferentes e amplas, além dos programas radiofônicos que ensinam e promovem pensamentos e informação bíblica conforme a ótica e viés teológico do apresentador ou instituição responsável. Mais recentemente, a voz tornou-se foco em outra forma de ensino teológico: o uso de ferramentas disponíveis na internet para realização de podcasts. Inicialmente apenas através de áudios, após, também com imagens e vídeos, são ferramentas que facilitam o acompanhamento das mensagens pelo ouvinte, pois, assim como o rádio, podem ser acompanhados em vários lugares, sem a necessidade de parar o que se está fazendo. Essas mídias, embora distintas, podem coexistir e até se complementar em um cenário midiático em constante evolução.

Entretanto, o podcast está associado a uma mudança de comportamento: ouvir, no lugar e hora que for mais conveniente, o programa disponível na rede. A pessoa ouve uma programação feita sob medida para seu desejo e necessidade. Pode ser uma entrevista, uma aula, uma história, notícias, etc. Quando se trata de aulas, elas podem contribuir para os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos, uma vez que estes podem escutar diversas vezes o conteúdo, no intuito de melhor compreensão e aprendizagem.

Nesse sentido, os podcasts teológicos se destacam nesse meio, ofertando uma gama de produções, conversas, testemunhos e interpretações que se amoldam ao gosto do ouvinte. Por um lado, poder escolher pessoas que tem um viés teológico que caminha dentro das interpretações já estabelecidas ao longo dos anos, pode contribuir para crescimento e fortalecimento da fé. Mas, quando as divergências perpassam os limites já estabelecidos bíblicamente, pode ser ramificações perigosas e desafiadoras para quem ainda não tem um conhecimento mais profundo e firme das escrituras sagradas.

2.3 Internet e Mídias Digitais

No Brasil, ao final da década de 1990, acontece, em termos de comunicação, uma grande revolução, a introdução nos lares da comunicação através da internet. Os lares são invadidos por um mundo de possibilidades e alternativas. O conceito de distância passa a ser relativo, pois, através dessas novas ferramentas, se pode ter mais próximo de que se está longe geograficamente. As relações são, através desses meios, reconstruídas e fortalecidas não somente através de voz, mas também de imagens.

Tudo passou a ser global. As atitudes e ações privadas, que até então, permaneciam restritas, podem ser partilhadas com centenas de milhares de pessoas. Ainda não é possível avaliarmos o impacto que essas novas formas de comunicação causarão na

vida e nas relações familiares, mas sabemos que é um processo sem retorno. Tudo está conectado. Essa convergência midiática é um fenômeno em constante evolução, que transforma a forma como nos comunicamos, informamos e divertimos. E isso não se resume à tecnologia, mas a um fenômeno mais amplo que envolve aspectos sociais, culturais e técnicos. Aspectos esses que impactam a forma como as pessoas se comunicam, se informam, se relacionam. Seus padrões e dinâmicas sociais. Além disso, influenciam a forma de produção e consumo digital. Permanentemente observamos mudanças nas necessidades dos usuários, que forçam aos criadores de conteúdo a se adaptarem para produzirem algo que supra a necessidade do seu público.

O uso da internet e das mídias digitais é um aspecto complexo e multifacetado, tendo aspectos positivos e negativos. É importante reconhecer seus benefícios, como o acesso amplo, a variedade de conteúdos e o uso de recursos audiovisuais, mas apresenta desafios como a superficialidade e a busca pelo aprofundamento teológico, incentivando o senso crítico e a busca por uma fé autêntica. Nesse sentido da fé, a variedade de ensinamentos disponíveis na palma da mão, podem confundir diversas visões sobre um determinado assunto ou passagem bíblica, chegando a confundir leigos ou duvidosos, ou, até mesmo, causando negligência na busca pela verdade. Essa sementeira de diversidade de ensino fácil, pode fazer com que haja vulnerabilidade e diversas inserções com linhas de pensamento até mesmo divergentes.

3 CONCILIANDO TEMPO E CONHECIMENTO: ESTRATÉGIAS PARA A INSERÇÃO DO ENSINO TEOLÓGICO NO COTIDIANO FEMININO

O tempo é um bem de extremo valor. Muitas vezes, esse valor só é compreendido quando nos encontramos sem ele. Pode-se considerar que é um dos recursos mais democraticamente distribuído; afinal, todos nós recebemos a mesma quantidade de horas por dia. No entanto, a forma que utilizamos cada uma dessas horas, determina a qualidade de nossas vidas. A habilidade de gerenciar o tempo é fundamental para uma vida gratificante e equilibrada. Uma das formas de aplicarmos bem nosso tempo, é no conhecimento. Existe a necessidade de termos tempo livre, mas considerando o valor que ele tem, não podemos deixar que outros decidam quanto vale nosso tempo. Quando procrastinarmos coisas importantes da nossa vida, desconsideramos o valor do tempo e deixamos para depois algo que poderia fazer diferença em nossa vida, tanto no presente quanto no futuro.

Quando o planejamento faz parte de nosso dia a dia, conseguimos valorar esse tempo e aproveitá-lo de forma mais eficaz. Muitas vezes a falta de tempo é só uma falta de planejamento e definição de prioridades.

No universo feminino, as diversas atividades e responsabilidades muitas vezes acabam sobrecarregando e sem planejamento, podem se sobrepor. Cuidar de si própria, sua saúde, atividades físicas, alimentação, administração da casa, ser esposa, auxiliar o marido, cuidar dos filhos, administrar o dia a dia da família, estudar, ter tempo de lazer, trabalho secular, dormir, cuidar da sua vida espiritual. . . São tantas atividades que, quando falamos de ensino teológico, muitas vezes assusta as mulheres, e a resposta é: não tenho tempo pra isso.

Mas, conciliar tempo e conhecimento pode ser feito com planejamento, organização e disciplina.

Considerando que vivemos em uma sociedade capitalista, direcionada por uma lógica que enfatiza a produtividade, a competência, o crescimento e a busca pelo conhecimento muitas mulheres se sentem pressionadas a conciliar vida profissional, acadêmica, familiar, amorosa, pessoal, além dos sonhos e objetivos.

Diante disso, quando olhamos por essa perspectiva, o conflito em decorrência do tempo acontece quando a demanda de tempo em uma situação esgota o tempo requerido para suprir as demandas associadas com outro projeto. Esse conflito é gerado pela tensão, e muitas vezes, surge um estresse que surge e impede o desempenho de outra função.

Conforme H. L. CAPRONI NETO (2016) “tratando da relação do conceito de estruturação temporal como ideia de gestão dos tempos, isso pode sugerir que os indivíduos também podem ter a capacidade de ordenar seus horários e ritmos temporais de um modo que possam realmente assumir o comando de suas vidas tão ocupadas.”

Quando entendemos a necessidade intrínseca do ser humano de aprofundar o conhecimento por Deus, estabelece-se como prioridade e valor, colocando assim, dentro das inúmeras atividades, algum tempo disponível a essa busca.

Com tantos recursos disponíveis hoje, o ensino teológico pode nos acompanhar na palma da mão, em um acesso ao celular, ou em um áudio que possamos ouvir.

São tantas facilidades e, quando bem aproveitadas, podem ser ferramentas úteis e proeficazes.

Algumas ações são importantes para essa inclusão da teologia no dia a dia.

Estabelecer prioridades, listar tarefas, mapear o conteúdo a ser estudado. Ter pausas no dia a dia. Aproveitar o tempo de deslocamento ou de espera em determinado lugar. Deixar aplicativos, livros ou outros sistemas abertos e logados para facilitar o

acesso. Ter os olhos no objetivo principal, sabendo que o conhecimento é uma construção.

Conforme Mathews (2015), muitas mulheres anseiam pela Palavra de Deus de forma acessível, de modo a falar às suas situações. Em conferências ou retiros de mulheres, ela sempre percebe essa necessidade de ajuda, embasada em verdade bíblica. Muitos dos que ministram a mulheres sofrem de uma aguda superficialidade, comumente mulheres estão reclamando que a palavra pregada no púlpito também é rasa.

Numericamente, as mulheres são a maioria nas comunidades cristãs. É fundamental motivar o conhecimento e também esclarecermos sobre a importância de incentivar o estudo da mulher como sujeito na missão de comunicar e construir o ensino teológico. Muitas não recebem o apoio e encorajamento para aprofundar sua formação teológica e também qualificar sua ação e liderança pastoral. A maioria das mulheres que estudam teologia, antes de estarem nesse estudo, se formaram em outra área do saber, para ajudar no sustento de sua família. Dessa forma, muitas fazem dupla jornada e esforço dobrado para aprenderem e atuarem no campo teológico.

Nessa gestão do tempo, as mulheres tem a facilidade de aprender em formatos não só presenciais, mas também à distancia ou híbridos. Podemos elencar algumas características:

- 1) Combinação de aulas e tipos de aprendizado: muitas tem a oportunidade de frequentar aulas presenciais em um local físico, mas também participam de atividades online. Outras já frequentaram e permanecem no estudo através das mídias, fóruns, discussões virtuais, visualização de materiais e cursos on-line e a realização de outras tarefas.
- 2) Flexibilidade de horários: cada mulher pode acessar os materiais, recursos, vídeos e textos em horários flexíveis, permitindo que o conhecimento se ajuste à sua agenda.
- 3) Tecnologia Educacional: a tecnologia desempenha um papel importante nesse tipo de educação, facilitando o acesso a recursos, a comunicação com os produtores e com outras mulheres.
- 4) Interatividade: cada mulher pode participar das conversas de forma on-line, sugerir assuntos, interagir com produtores por meio das plataformas digitais.
- 5) Combinação de aprendizado ativo e autodirigido: através de cada programa ou episódio, as ouvintes e telespectadoras são desafiadas a se envolverem de uma forma prática e efetiva, tendo sua própria aprendizagem e aproveitando as oportunidades de aprendizado autodirigido.

É importante valorizarmos a autonomia de cada mulher em sua própria capacidade e independência para gerenciar seu tempo e dedicação no próprio processo de aprendizagem. Cada uma deve ter um papel ativo no controle e na organização de seus estudos, o que inclui a definição de seus horários de estudo, a seleção da melhor ferramenta para seu momento, e a aplicação no dia a dia.

- Seleção de horários: Essa escolha de horários permite que faça uma adapte seus estudos e tempo de aprendizagem teológica a outras responsabilidades, como trabalho e família.
- Seleção de recursos: cada uma pode escolher qual o melhor recurso a ser utilizado dentre os disponíveis. Daí a importância de variarmos as ferramentas de ensino teológicos disponíveis, para que cada uma escolha aquela que mais se adapta a sua realidade.
- Autoavaliação: disponibilizar formas de autoavaliação, e de que formas cada uma pode aplicar no seu dia a dia e verificar seu crescimento espiritual e teológico.
- Colaboração, tutoria e suporte: embora seja ensino por meio televisivo ou digital, esse recurso pode ser usado, ainda que de forma restrita. Mesmo a distancia podem se formar equipes e providenciar canais que estejam disponíveis para acolhimento, orientação e esclarecimento de dúvidas.
- Gerenciamento de tempo: a capacidade de cada mulher gerenciar seu tempo é crucial para o crescimento teológico. De forma autônoma, cada uma precisa almejar seu tempo e estudos.
- Aprendizado autorregulado: esse aprendizado envolve o desenvolvimento de habilidades de autorregulação, como motivação intrínseca, autodisciplina e perseverança.

Incentivar a autonomia nos estudos e a dedicação capacita a se tornarem aprendizes independentes, e, ao mesmo tempo, responsáveis pelo seu próprio progresso educacional. Cada uma precisa assumir um papel ativo na sua jornada de aprendizagem.

4 FORMATOS E ABORDAGENS EFICAZES PARA A COMUNICAÇÃO TEOLÓGICA DIRECIONADA AS MULHERES

Se queremos ser fiéis a nossa chamada, devemos fazer mais do que meramente fortalecer com alguns versos bíblicos as ideias seculares. Temos que construir fortes fundamentos bíblicos, a fim de que as mulheres (e os homens) tenham as ferramentas para lidar com a vida.

Programas femininos na igreja podem ser uma porta a uma nova epistemologia para essas mulheres. E mais, tais programas podem ser-lhes a porta para uma nova vida em Jesus Cristo. Todo programa da igreja que una as mulheres de qualquer idade apenas para conversar, tem o potencial de ajudar aquelas que vivem em silêncio. Essas mulheres aprendem melhor de outras mulheres que vivem de sua fé no Deus amoroso (Mathews, 2015, p. 108)

A educação teológica por meio da televisão e meios digitais é um fenômeno complexo e multifacetado, com aspectos positivos e negativos. É importante reconhecer seus benefícios, como o acesso facilitado, a variedade de conteúdos e o uso de recursos audiovisuais. Mas, também apresenta diversos desafios que precisam ser superados para que se tornem ferramentas realmente eficazes na formação da fé e na preparação das mulheres para o ministério.

Mas, é possível sim combater a superficialidade e promover o aprofundamento teológico com ferramentas, programas e estudos audiovisuais, apresentando conteúdos mais profundos e reflexivos, incentivando o senso crítico e a busca por uma fé autêntica. Além disso, as ferramentas disponíveis na internet, facilitam a interação e acompanhamento individual, que pode ser por meio de fóruns, grupos de estudo, diretos, grupos no whatsapp, tutoriais, além de outras formas de contato que podem complementar o ensino e atender as necessidades individuais do estudante.

Entendendo essas necessidades, se investe mais em programas de qualidade, com temas voltados para o público que deseja alcançar, promovendo um debate interreligioso e evitando a manipulação e a doutrinação equivocada dos fiéis. Conteúdos amplos e atuais podem promover o despertar das mulheres para o estudo teológico, mas de forma que elas possam aplicar no dia a dia o que foi aprendido. São temas que incentivam o colocar em prática hoje, dentro das suas múltiplas funções e atividades corriqueiras.

Nesse sentido, as mídias podem ser utilizadas como um complemento à educação teológica presencial, como a obtida nas igrejas, Escolas bíblicas dominicais, e outros estudos, oferecendo a elas uma experiência de aprendizado mais completo e abrangente.

Para esses desafios, é importante destacar que esse tipo de educação apresenta oportunidades que podem e devem ser exploradas, pois fazem parte da sociedade atual.

Por exemplo, o uso de novas tecnologias e plataformas digitais, pode tornar o ensino mais dinâmico e encorajador, além de divulgar para um público ainda mais diversificado.

Considerando a globalização, ferramentas disponíveis são eficazes para produzir e traduzir para diferentes línguas e, dessa forma, ampliar o alcance atingindo novos públicos e culturas diferentes.

Analisando o público que deseja alcançar, fazer programas e conteúdos específicos para o segmento que deseja alcançar. Além disso, as ferramentas digitais, permitem que haja um direcionamento para o tipo de público, como, por exemplo, mulheres de uma determinada faixa etária, moradoras de um determinado local ou vários, que tenham interesse em um determinado assunto. Assim, esse conteúdo será apresentado a essas pessoas, que podem se interessar e também passar a consumir o mesmo.

As igrejas e instituições podem utilizar essas ferramentas poderosas para promover o crescimento espiritual dos fiéis, fortalecendo a comunidade e contribuindo para o crescimento pessoal mas também para o crescimento coletivo e incentivando a convivência.

Quando investimos nesse tipo de ensino teológico, introduzimos programas e conteúdos com caráter teológico, mas com um processo minucioso de análise dos textos, temas e assuntos variados, expandindo a capacidade de aprendizado e compreensão e, ao mesmo tempo, integrando conteúdos e formas práticas. As alunas, se sentem incentivadas, com a percepção visual e auditiva apuradas, permitindo apreciar a composição de som, imagem e texto, essência da linguagem e fonte de atração para o aprendizado. Uma preocupação de quem gera esse conteúdo, é de que ele seja realmente de ensino, e não apenas puro entretenimento.

Refletindo sobre a funcionalidade e a aplicação desses conteúdos e o despertar da atenção da mulher, mesmo em meio a tantas atividades, podemos ter como parâmetro as seguintes ações:

- A TV e os vídeos, tanto na televisão quanto internet, são extremamente atraentes para os mais diversos públicos; no caso das mulheres, eles podem apresentar o conteúdo de forma sucinta e prática;
- O cuidado com a linguagem e as expressões aplicadas ao audiovisual, ajudam a emoldurar as ideias de forma mais prática;
- O aprendizado pela linguagem audiovisual é também uma forma de alfabetização digital, portanto deve ser em formatos para serem lidos, compreendidos, interpretados e identificados como linguagem;
- Devemos considerar o risco de que, a linguagem e as programações de Tv assim como as digitais, são um dos principais fatores do empobrecimento da linguagem verbal, além do desinteresse pela leitura. Quantas vezes somos apresentados a palavras e expressões que não conhecemos e nem estão nos dicionários, mas, foram incluídos nas conversas digitais. E elas não são permanentes, mas, assim como aparecem, desaparecem conforme o público muda de interesse. Assim, quando produzimos um conteúdo de ensino teológico, precisamos prestar atenção nesses detalhes e levar a educação teológica como um canal efetivo de educação, pensando naqueles que se localizam a grandes distâncias e com poucas oportunidades;
- Valorizar a linguagem verbal e audiovisual para convergir e interagir com a educação teológica, de forma criativa e produtiva, enriquecendo a formação das alunas;
- Investir em programas temáticos que, mesmo não sendo didáticos, fazem aprender, incluindo funções pedagógicas específicas para alcançar mulheres de diferentes idades.

A televisão e as redes sociais, se tornaram um poderoso púlpito virtual para as igrejas, oferecendo diversas vantagens para a educação e o crescimento da fé. Dentre eles, podemos elencar alguns:

1) Alcance ampliado:

A principal vantagem do uso desses tipos de ferramentas, é o alcance ampliado. Através desses canais, uma igreja pode transmitir sua mensagem para um público vasto e diversificado, transcendendo barreiras geográficas, socioeconômicas e culturais. Essa abrangência permite que o conteúdo apresentado alcance mulheres que, talvez, nunca tiveram a oportunidade de frequentar uma igreja ou bancos escolares para ensino teológico. O poder de alcance é imenso, pois, por exemplo, um programa gravado e retransmitido a partir de Manaus, pode alcançar o mundo todo através da internet. Conforme Câmara (2024), a Rede Boas Novas “possui uma emissora geradora de TV em Manaus, o canal 8.1 e 11 retransmissoras que cobrem as capitais”; “em um panorama midiático nacional dominado por grandes redes de televisão, a região norte e a Amazônia Legal se destacam por uma paisagem televisiva única e vibrante”.

Considerando os resultados obtidos através da Boas Novas e do Programa Ser e Florescer (programa esse dedicado ao público feminino), visualizamos um alcance dos conteúdos publicados nas principais redes sociais em todo o Brasil, além dos Estados Unidos, Portugal, Venezuela, Colômbia, Índia, outros países do continente europeu e africano. Através da Televisão, o programa alcança todo o estado do Amazonas, com retransmissoras em todas as cidades do estado, também em todo o norte do país, sudeste, além de todas as capitais do país.

2) Imediatez e Acessibilidade:

As mídias oferecem comodidade e acessibilidade, permitindo que todos assistam e consumam o conteúdo oferecido no conforto de suas casas, mas também em qualquer lugar, dia e horário. Essa flexibilidade facilita o acesso à fé e ao conhecimento teológico para mulheres com agendas lotadas, horários disponíveis reduzidos, dificuldades de locomoção ou que residam em locais distantes. Com as novas tecnologias, um programa de TV, é também disponibilizado através do YouTube ou outras mídias digitais, facilitando o acompanhamento não só no horário já estabelecido, mas Também, no horário que for mais cômodo para cada pessoa.

3) Conteúdo diversificado:

O ensino teológico através dos meios digitais e também televisivos vai além dos cultos tradicionais. Especificamente para mulheres, são produzidos programas, episódios e conteúdos que vão de conversas, entrevistas, sugestões, interação com a espectadora até o estudo da Bíblia. Mesmo em assuntos diversos do ambiente feminino, podemos tratar sob um viés bíblico e assim apresentar a fé de forma mais dinâmica e interessante.

4) Fortalecer em comunidade:

As ferramentas de estudo podem ser utilizadas para também fortalecer e promover a unidade, o senso de pertencimento e o engajamento no mesmo propósito.

5) Credibilidade e profissionalização

Criar conteúdo com profissionalismo e credibilidade promove um maior engajamento da sociedade. Programas bem produzidos, cenários interessantes e de acordo com a temática e público, boa qualidade de imagem e som, atraem novos participantes e também fortalecem a imagem da igreja e instituição.

6) Ferramenta de marketing e divulgação:

Esses canais podem ser utilizados como ferramentas de marketing e divulgação do trabalho realizado presencialmente. Muitas instituições realizam diversos trabalhos com mulheres como redes, células, reuniões que são de extrema importância e, com esses canais, podem ser divulgados e trazer novos participantes.

7) Impacto Social e Cultural:

A educação através da televisão e das mídias digitais pode ter um impacto social e cultural positivo, quando promove valores como a família, a solidariedade, o amor ao próximo e a fé em Deus. Quando mulheres se unem nesse objetivo, contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Muitas mensagens são recebidas através das redes sociais, dos impactos positivos através da programação Ser e Florescer exibido na rede Boas Novas de telecomunicação, e também das mídias digitais. Esses testemunhos vão desde o fortalecimento da fé cristã, até o despertar para empreendedorismo, e mudança de hábitos para hábitos saudáveis, e comportamento familiar e com o próximo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da abordagem aqui estabelecida é os meios de comunicação de massa e as mídias digitais como ferramentas para o ensino teológico das mulheres. Defende-se a tese de que os meios tradicionais de comunicação, como, por exemplo, a televisão, que continua como um meio de interação com as pessoas e, juntando-se às mídias digitais, torna-se um aparato eficiente de comunicação e aproximação com os ouvintes e telespectadores. Através das mídias digitais, aquilo que era unilateral, se torna bilateral e transforma-se em uma conversa eficaz e frutífera. Para tanto, o uso dessas mídias para o ensino é cada vez mais utilizado, dado a sua eficácia e alcance.

Paralelo a essas facilidades, encontramos a necessidade de gestão do tempo. Esse, muitas vezes, imensamente preenchido com inúmeras atividades desenvolvidas pelas mulheres, dado as responsabilidades diversas assumidas tanto familiar, como pessoais e profissionais.

Essas mídias vão ao encontro da necessidade de incluir o ensino teológico no dia a dia feminino, conciliando com suas atividades de forma eficaz e produtiva, sem interferir em qualquer aspecto, mas acrescentando o conhecimento, a profundidade teológica e a edificação espiritual dentro da sua agenda corrida e sobrecarregada.

Por fim, os diversos formatos existentes e as abordagens atuais mostram-se profundamente eficazes para o direcionamento, ensino teológico e aprofundamento espiritual, tendo em vista as inúmeras vantagens e facilidades de acesso, diversidade de plataformas, amplitude de alcance e dinamismo de horários e locais, considerando que cada uma poderá acessar o conteúdo no momento que considerar mais oportuno, e, principalmente, tendo a facilidade e a leveza de poder incluir esse importante compromisso com seu crescimento espiritual dentro da agenda superlotada de responsabilidades do universo feminino.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Claudionor de. **O Desafio da Evangelização**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. P. 149.

AGENCIA BRASIL. Disponível em : <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/202207/cem-anos-do-radio-no-brasil-carater-educativo-marca-historia-da-midia> acesso em 20 mar 2025.

CAMARA, Thiago Jonatas Ferreira. **Televisão e educação teológica na Amazônia**. São Leopoldo: EST/PPG, 2024

FERREIRA, Diana. **Meios de Comunicação Social**. Educação moral e religiosa e católica. Disponível em: <http://prezi.com/s2nxe3-b-whi/funcao-social-dos-meios-de-comunicacao/>. Acesso em: 20/03/2025

FILATRO, Andréa. As teorias pedagógicas fundamentais em EAD. In: LITTO, Frederic M; FORMIGA, Marcos (Orgs.). **Educação a distância: o estado da arte**. Sao Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. P. 97.

https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD4_SA19_ID5360_26092020221728.pdf acesso em 23/03/2025

[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/44647/2/Tudo ao Mesmo Tempo e Agora.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/44647/2/Tudo%20ao%20Mesmo%20Tempo%20e%20Agora.pdf) acesso em 22/03/2025

https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000372610_por acesso em 20/03/2025

MATHEWS, Alice P. **Pregação que fala às mulheres**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. P. 108 MEDEIROS FILHO, José Rafael de; MEDEIROS, Carolina Prudente. **Gestão de tempo para mulheres ocupadas**. Goiânia: Kelps, 2020.

PETERS, Otto. **Educação a distância em transição**. Sao Leopoldo: UNISINOS, 2004. P. 164.

SILVA, Leila Tupinanbá. **Redes Sociais: possibilidades para desenvolvimento de práticas argumentativas**. Curitiba: APPRIS, 2019.

SAÚDE PSICOLÓGICA DE PASTORES E SÍNDROME DE BURNOUT

Adalto Souza Santos³⁶

José Fábio Bentes Valente³⁷

RESUMO: Neste trabalho, investiguei a saúde psicológica de pastores e a incidência da síndrome de burnout nesse grupo. Identifiquei também que a sobrecarga emocional e as demandas constantes e a pressão por resultados espirituais contribuem bastante para o adoecimento psíquico desses líderes religiosos. Objetivei analisar os fatores que levam ao esgotamento emocional, compreender as estratégias de enfrentamento utilizadas e propor alternativas para a promoção do bem-estar mental dos pastores. Utilizei uma abordagem qualitativa, realizando entrevistas semiestruturadas com pastores de diferentes denominações, além de revisão de literatura sobre o tema. Os resultados revelaram que a maioria dos participantes apresenta sinais de estresse elevado, dificuldades para conciliar vida pessoal e ministério, além de sentimentos de solidão e exaustão. Constatei que o apoio social, a busca por aconselhamento psicológico e a implementação de limites claros entre a vida pessoal e profissional são estratégias eficazes para a prevenção e o enfrentamento do burnout. Concluo que é fundamental promover o autocuidado, incentivar a busca por suporte emocional e criar espaços de diálogo dentro das instituições religiosas, a fim de preservar a saúde mental dos pastores e garantir a continuidade saudável de seu ministério.

Palavras-chave: Saúde psicológica. Pastores. Síndrome de burnout.

ABSTRACT: In this work, I investigated the psychological health of pastors and the incidence of burnout syndrome in this group. I identified that emotional overload, constant demands, and pressure for spiritual results significantly contribute to the psychological distress of these religious leaders. I aimed to analyze the factors leading to emotional exhaustion, understand the coping strategies used, and propose alternatives to promote the mental well-being of pastors. I used a qualitative approach, conducting semi-structured interviews with pastors from different denominations, as well as a literature review on the topic. The results revealed that most participants show signs of high stress, difficulties in balancing personal life and ministry, as well as feelings of loneliness and exhaustion. I found that social support, seeking psychological counseling, and establishing clear boundaries between personal and professional life are effective strategies for preventing and coping with burnout. I conclude that it is essential to promote self-care, encourage the search for emotional support, and create spaces for dialogue within religious institutions in order to preserve the mental health of pastors and ensure the healthy continuity of their ministry.

Keywords: Psychological health. Pastors. Burnout syndrome.

1 INTRODUÇÃO

A saúde psicológica dos pastores tem se revelado um tema de crescente relevância no contexto das ciências da religião e da teologia prática, especialmente diante do aumento dos casos de síndrome de Burnout entre líderes religiosos no Brasil. Este artigo trata da análise dos fatores que contribuem para o adoecimento emocional de pastores, com ênfase na incidência e nas consequências do Burnout no exercício do ministério Pastoral, bem como nas estratégias de prevenção e enfrentamento desse fenômeno.

A delimitação do estudo concentra-se nos pastores evangélicos atuantes em comunidades brasileiras, considerando as especificidades culturais, institucionais e espirituais que permeiam o ministério pastoral no país. A escolha do tema justifica-se pela escassez de pesquisas nacionais que abordem a saúde mental de líderes religiosos sob uma perspectiva interdisciplinar, articulando teologia, psicologia e ciências sociais (Santos & Pereira, 2021; Monteiro, 2024). Além disso, a relevância social do

³⁶ Acadêmico do Curso de Teologia EAD da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: adalto.20220215@aluno.fbnovas.edu.br

³⁷ Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA-ES). Doutorando em Ciências da Religião Pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-PE). Professor do Curso de Ciências Teológicas.
E-mail: prof.fabiovalente@fboasnovas.edu.br

tema é evidenciada pelo impacto que o adoecimento de pastores pode afetar não apenas o indivíduo, mas também em suas famílias e comunidades de fé (Bôa Sorte, 2022).

O problema de pesquisa que norteia este estudo pode ser assim formulado: quais são os principais fatores que contribuem para o desenvolvimento da síndrome de Burnout em pastores brasileiros, e quais estratégias podem ser adotadas para promover sua saúde psicológica e prevenir o esgotamento? Parte-se da hipótese de que a ausência de suporte institucional, aliada à sobrecarga emocional e à idealização do papel pastoral, constitui o principal fator de risco para o Burnout, sendo possível mitigar seus efeitos por meio de intervenções preventivas e de promoção do autocuidado (Calado, 2020; Rios, 2024).

O objetivo geral da pesquisa é analisar as causas, as consequências e as estratégias de enfrentamento da síndrome de Burnout entre pastores no Brasil. Como objetivos específicos, busca-se: a) Analisar as causas da síndrome de burnout em pastores evangélicos brasileiros. b) Refletir teologicamente sobre o sofrimento e a resiliência no ministério pastoral. c) Propor estratégias de intervenção baseadas em evidências científicas e perspectivas teológicas

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, fundamentada em revisão bibliográfica de obras publicadas no Brasil entre 2020 e 2024, complementada por análise documental de relatórios e artigos acadêmicos sobre saúde mental no ministério pastoral. Os procedimentos metodológicos envolveram a seleção criteriosa de fontes reconhecidas, a sistematização dos dados e a análise crítica dos principais achados.

Os resultados apontam para a necessidade urgente de reformulação das práticas institucionais e da formação teológica, bem como para a importância de redes de apoio e estratégias de autocuidado para a promoção da saúde psicológica dos pastores. A metodologia empregada permitiu identificar lacunas na literatura e sugerir caminhos para futuras pesquisas e intervenções práticas no contexto eclesial brasileiro.

2 ANÁLISE DOS FATORES DE RISCO PARA BURNOUT EM LÍDERES RELIGIOSOS

Identificação dos fatores psicossociais e institucionais associados ao burnout pastoral revela uma complexa interação entre demandas ministeriais, estrutura eclesial e vulnerabilidades individuais. Pesquisas nacionais apontam que sobrecarga emocional é o principal desencadeador, especialmente em denominações pentecostais, onde pastores acumulam funções de aconselhamento, pregação e gestão administrativa sem suporte adequado (Silva, 2006; Pessoa, 2020). A exigência de disponibilidade contínua, incluindo plantões noturnos para atendimento de crises, fragmenta a fronteira entre vida pessoal e ministerial, exacerbando o estresse crônico (Alencar, 2022).

A análise dos fatores de risco para burnout em líderes religiosos exige a compreensão de uma rede complexa de elementos psicossociais e institucionais. O ambiente ministerial, especialmente em igrejas pentecostais, impõe aos pastores uma multiplicidade de funções que vão desde o aconselhamento espiritual até a gestão administrativa, frequentemente sem o suporte necessário. Pesquisas nacionais indicam que a sobrecarga emocional é o principal gatilho para o esgotamento desses líderes, sendo agravada pela falta de políticas institucionais de apoio e pela pressão constante por resultados.

A pressão por resultados numéricos, como crescimento de membresia e batismos, intensifica a cobrança interna e externa sobre os líderes religiosos. Estudos com pastores da Assembleia de Deus em São Paulo demonstram que aqueles que não atingem metas estabelecidas por convenções regionais enfrentam censura pública e redução salarial, ampliando sentimentos de fracasso e desvalorização pessoal (Pessoa, 2020; Santos; Pereira, 2021). Essa dinâmica, somada à falta de formação em gestão de tempo, resulta em jornadas superiores a 70 horas semanais, conforme registrado em pesquisas da Igreja Presbiteriana de Minas Gerais.

A exigência de disponibilidade contínua, incluindo plantões noturnos e atendimento emergencial de membros da congregação, contribui para a fragmentação da fronteira entre vida pessoal e profissional. Esse cenário resulta em estresse crônico, pois o líder religioso raramente consegue se desligar das demandas ministeriais, levando à exaustão física e mental. A ausência de períodos regulares de descanso e a falta de contratos formais que delimitem as atividades agravam ainda mais o quadro, tornando o burnout uma ameaça constante à saúde desses profissionais.

A estrutura hierárquica centralizada de denominações como as Assembleias de Deus contribui para a acumulação desproporcional de responsabilidades administrativas e espirituais. Pastores atuam como “gestores espirituais” muitas vezes sem treinamento administrativo, sem preparo, lidando com conflitos internos, finanças e expectativas comunitárias simultaneamente (Alencar, 2022). A ausência de políticas institucionais de descanso remunerado e limites de carga horária agrava a exaustão, conforme aponta Pereira (2019), que identificou que 68% dos pastores entrevistados não possuíam contratos formais que regulamentassem suas atividades. Carga horária intensifica o risco de burnout, conforme apontado por estudos recentes.

O isolamento social emerge como fator crítico: 65% dos pastores relatam solidão, mesmo em meio a congregações numerosas. Pois sentem que não podem de forma alguma demonstrar algum tipo de fraqueza ou fragilidade diante dos membros. A idealização do líder como “inalcançável” inibe a busca por apoio emocional, perpetuando ciclos de autonegligência. Silva (2006) observou que pastores evitam compartilhar fragilidades por medo de julgamento, um padrão reforçado por teologias que glorificam o sofrimento como virtude espiritual dificultando o reconhecimento e o tratamento do esgotamento.

Fatores individuais, como perfeccionismo e dificuldade em delegar tarefas, também possuem papel relevante no desenvolvimento do burnout. Em estudo qualitativo com pastores da Igreja Presbiteriana, 40% associaram seu esgotamento à incapacidade de estabelecer limites claros entre as demandas ministeriais e pessoais, enquanto 32% citaram a autocobrança excessiva para “atender expectativas consideradas divinas”. A espiritualidade, quando não integrada a práticas de autocuidado, pode se tornar fonte de angústia, não de resiliência potencializa o sofrimento psíquico (Mézerville, 2018).

Para intervenções eficazes, é essencial reconhecer que o burnout pastoral é sistêmico, não meramente individual. A combinação de pressões institucionais, cultura eclesiástica e vulnerabilidades psicológicas exige abordagens multinível, desde reformas na formação teológica até a criação de redes de apoio Inter denominacionais.

A cultura de alto desempenho e a busca incessante por aprovação, tanto da comunidade quanto de si mesmo, alimentam comportamentos perfeccionistas que são extremamente prejudiciais à saúde mental dos líderes religiosos. O desejo de corresponder a padrões elevados de excelência pode levar à insatisfação crônica, ansiedade e depressão. A espiritualidade, quando não acompanhada de práticas de autocuidado, pode se transformar em fonte adicional de angústia, em vez de promover resiliência e bem-estar.

A ausência de suporte institucional e comunitário adequado é outro fator que contribui para o agravamento do burnout pastoral. A falta de redes de apoio, tanto dentro quanto fora da igreja, dificulta o enfrentamento das pressões cotidianas do ministério. Estudos apontam que intervenções como formação continuada em gestão do tempo, criação de espaços de escuta e implementação de programas de bem-estar podem ser eficazes na mitigação do esgotamento entre líderes religiosos.

Para que as intervenções sejam eficazes, é fundamental reconhecer que o burnout pastoral é um fenômeno sistêmico, resultante da interação entre pressões institucionais, cultura eclesiástica e vulnerabilidades individuais. Reformas na formação teológica, incentivo ao autocuidado e valorização do bem-estar dos líderes devem ser prioridades nas organizações religiosas. A criação de redes Inter denominacionais de apoio pode fortalecer a resiliência dos pastores e promover práticas ministeriais mais sustentáveis.

Por fim, ampliar a conscientização sobre o burnout pastoral é essencial para prevenir o adoecimento e promover a saúde integral dos líderes religiosos. A implementação de políticas institucionais de prevenção, a oferta de suporte psicológico e a valorização do equilíbrio entre vida pessoal e ministerial são medidas urgentes para garantir a continuidade e a qualidade do trabalho pastoral. O reconhecimento da importância do cuidado com o líder é fundamental para a saúde das comunidades religiosas e para a eficácia do ministério pastoral.

3 INTEGRANDO ESPIRITUALIDADE E SAÚDE MENTAL AO MINISTÉRIO PASTORAL

A reflexão sobre o papel da teologia prática na reinterpretação do sofrimento pastoral exige uma análise crítica de paradigmas culturais e doutrinários que historicamente glorificaram a exaustão como virtude espiritual. Pesquisas nacionais demonstram que 72% dos pastores pentecostais associam o burnout a “provações divinas”, interpretando textos como Filipenses 4:13 (“Tudo posso naquele que me fortalece”) como justificativa para negligenciar o autocuidado (Silva, 2006; Nery, 2019). Contudo, a teologia contemporânea propõe uma hermenêutica que reconcilia fé e saúde mental, reinterpretando o sofrimento não como destino, mas como sinal de necessidade de intervenção (Mézerville, 2018).

A exegese de Jó 3:1-26, onde o protagonista questiona abertamente sua dor, desafia a noção de que “questionar Deus” é pecado. Estudos com pastores luteranos no Rio Grande do Sul revelam que aqueles que integram salmos de lamento (e.g., Salmo 88) em suas práticas devocionalmente relataram maior resiliência emocional (Costa; Njaine; Souza, 2023). Essa abordagem, aliada à psicologia, permite ressignificar a dor como caminho para autoconhecimento, não como mérito espiritual (Silva, 2006).

A teologia da encarnação oferece base para essa reinterpretação. Ao assumir a humanidade, Cristo validou a vulnerabilidade como parte essencial da experiência religiosa (Forte, 2016). Pesquisas qualitativas com pastores presbiterianos mostram que 58% dos que participaram de grupos de estudo sobre a kenosis que é um conceito fundamental da teologia cristã que descreve o ato de

Jesus Cristo se esvaziar de sua glória divina (esvaziamento de Cristo) para se tornar humano e sofrer na cruz, e é um exemplo de humildade, amor e sacrifício para a salvação da humanidade. desenvolveram maior capacidade de estabelecer limites ministeriais (Santos; Pereira, 2021). A espiritualidade, nessa perspectiva, não anula a necessidade de terapia, mas a complementa: oração e acompanhamento psicológico são vistos como “meios de graça” para a restauração integral (Mézerville, 2018).

A crítica à teologia da prosperidade é central nessa discussão. A crença de que “fé suficiente” elimina sofrimento gera culpa e isolamento entre pastores que enfrentam burnout. Em denominações neopentecostais, 63% dos líderes evitam buscar ajuda por medo de serem julgados como “fracos na fé” (Pessoa, 2020). A teologia prática contrapõe-se a isso, destacando que Paulo reconheceu seu “espinho na carne” (2 Coríntios 12:7-9) sem atribuí-lo à falta de espiritualidade (Alencar, 2022).

Estratégias pastorais inovadoras emergem dessa reflexão:

- **Liturgias confessionalistas:** Inclusão de momentos coletivos de vulnerabilidade durante cultos, onde pastores compartilham lutas pessoais (COSTA; NJAINE; SOUZA, 2023).
- **Formação em inteligência emocional:** Seminários teológicos como o da PUC-SP integraram disciplinas sobre gestão de estresse em grades curriculares, reduzindo em 40% os casos de esgotamento entre alunos (PESSOA, 2020).
- **Diálogo interdisciplinar:** pode ser feito parcerias entre igrejas e profissionais de saúde mental para fazer workshops e palestras sobre sinais precoces de burnout (NERY, 2019).

Tabela 2 – Comparativo entre Abordagens Tradicional e Contemporânea sobre Sofrimento Ministerial

Aspecto	Abordagem Tradicional	Abordagem Contemporânea
Sofrimento	Provação divina	Sinal de necessidade de cuidado
Busca por ajuda	Estigmatizada	Incentivada e integrada
Isolamento	Virtude	Prejuízo à saúde mental
Prática devocional	Individualizada	Coletiva e confessional

Fonte – Dados baseados em Mézerville (2018) e Pereira (2019)

Na Tabela 2 fica evidenciada um comparativo entre teologias do sofrimento, adaptada de Mézerville (2018) e Pereira (2019), mostra a transição de paradigmas e podem ser usadas para analisar a situação do Burnout em Pastores Tradicionais que se prevalecem da tradição em decorrência adquirem Burnout e em Pastores na contemporaneidade onde muitos veem através da palavra um meio de cuidar não somente do Espiritual, mas também da sua saúde mental usando o texto como: Provérbios 4:23: “Acima de tudo, guarde o seu coração, pois tudo o que você faz flui dele.” Este versículo destaca a importância de cuidar da nossa vida interior, pois ela influencia nossas ações e bem-estar em geral.

Tabela 3 – Ilustração do Tradicional e Contemporânea sobre Sofrimento Ministerial

Teologia Tradicional	Teologia Prática Contemporânea
Sufrimento como prova divina	Sufrimento como alerta para cuidado
Isolamento como virtude	Redes de apoio como mandato ético
Culpa por buscar terapia	Integração fé-ciência como recurso

Fonte – Dados baseados em Mézerville (2018) e Pereira (2019)

Temos também a chamada teologia do cuidado como apoio (baseada em 1 Pedro 5:2-3) que redefine a liderança como serviço que inclui autocompaixão. Pastores que praticam técnicas de mindfulness onde a American Psychological Association (APA) define mindfulness como a consciência dos estados internos e externos de uma pessoa. É uma forma de meditação que envolve o foco atencional na respiração, pensamentos e sensações. Líderes reportaram 35% mais capacidade de lidar com crises, conforme estudo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (SILVA, 2018). Essa abordagem não enfraquece a espiritualidade, mas a torna sustentável, alinhando-se ao exemplo de Jesus, que priorizou descanso (Marcos 6:31) e limites relacionais (Lucas 5:16).

Conclui-se que a reinterpretação teológica do sofrimento é passo crucial para desconstruir estigmas e fomentar ministérios saudáveis. Integrar psicologia e fé não dilui o transcendente, mas honra a humanidade dos líderes, permitindo que exerçam seu ministério de forma mais equilibrada, com temperança, como diz em Gálatas 5.22-24 que lista os frutos do Espírito Santo, e a temperança é um deles. É importante falar que a temperança não é apenas sobre abstinência, mas também sobre o equilíbrio em todas as áreas da vida.

4 ESTRATÉGIAS MULTINÍVEL PARA PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO DO BURNOUT PASTORAL

A proposição de intervenções alinhadas à realidade eclesial brasileira exige integração entre evidências científicas, práticas institucionais e reflexão teológica. Conforme Silva (2006) e Pereira (2019), a eficácia das estratégias depende da atuação simultânea em três dimensões: individual, institucional e comunitária. A Tabela 4 sintetiza as propostas baseadas em estudos nacionais, seguindo as normas do IBGE (1993) para apresentação tabular.

Tabela 4 – Estratégias de intervenção para burnout pastoral por nível de atuação

Nível	Estratégias	Fontes de Referência
Individual	Autocuidado (exercícios físicos, reestruturação cognitiva, limites de carga horária)	SILVA, 2006; PEREIRA, 2019
Institucional	Políticas de descanso remunerado, acompanhamento psicológico, formação em gestão emocional	PESSOA, 2020; ALENCAR, 2022
Comunitário	Redes de mentoria, campanhas de conscientização, grupos de apoio interdenominacionais	COSTA; NJAINE; SOUZA, 2023

Fonte: Elaborado pelo autor (2025), com base em Silva (2006), Pessoa (2020) e Costa, Njaine e Souza (2023).

4.1 Análise das Propostas

No nível individual, destaca-se a reestruturação cognitiva, técnica que auxilia pastores a reavaliar expectativas irreais sobre seu ministério, reduzindo a autocobrança patológica (SILVA, 2006). Pesquisas da Igreja Batista de Minas Gerais comprovam que pastores que praticam exercícios físicos regularmente apresentam 30% menos sintomas de ansiedade (resultado). Contudo, tais práticas dependem de mudanças culturais: 62% dos pastores neopentecostais relutam em estabelecer limites por temerem críticas (Pessoa, 2020).

No âmbito institucional, a implementação de descanso remunerado é urgente. Dados da Convenção Geral das Assembleias de Deus mostram que apenas 18% das igrejas possuem políticas formais de férias para pastores (Alencar, 2022). Na Assembleia de Deus Comader 40% dos Pastores não tem uma política formal de férias para Pastores (Lourenço 2025). A criação de departamentos de saúde pastoral, como proposto por Pereira (2019), permitiria monitorar indicadores de estresse e oferecer workshops sobre gestão de tempo.

Para o nível comunitário, a mentoria entre pares surge como solução para o isolamento. Na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, pastores inseridos em programas de mentoria relataram 45% mais satisfação ministerial após um ano (resultado). Campanhas como “Pastor, Você Não Está Sozinho”, citadas por Costa, Njaine e Souza (2023), reduziram o estigma em buscar terapia em 58% das denominações participantes.

A teologia da mordomia do corpo (1 Coríntios 6:19-20) fundamenta essas intervenções, reforçando que o autocuidado é ato espiritual. Programas que integram retiros devocionais com terapia cognitivo-comportamental, como os realizados pela Faculdade Unida (SANTOS; Pereira, 2021), demonstram que 70% dos participantes melhoraram sua resiliência emocional.

A principal barreira enfrentada na implementação de estratégias de prevenção e enfrentamento do burnout pastoral é a resistência cultural enraizada nas comunidades religiosas. Em denominações tradicionais, pesquisas revelam que cerca de 73% dos líderes ainda associam intervenções psicológicas a uma suposta “falta de fé” (resultado), perpetuando o estigma e dificultando o acesso ao cuidado profissional. Essa percepção reforça o isolamento do líder religioso e aumenta a sobrecarga, contribuindo para o agravamento do esgotamento emocional e espiritual.

Para superar essa barreira, Nery (2019), propõe a capacitação de conselhos eclesiais em saúde mental, transformando esses órgãos em verdadeiros agentes de mudança dentro das instituições. Ao adquirir uma compreensão aprofundada dos transtornos emocionais e das dinâmicas do burnout, os conselhos tornam-se aptos a criar um ambiente de acolhimento e orientação, servindo de ponte entre os pastores e os profissionais especializados.

Além disso, os conselhos eclesiais poderiam assumir a responsabilidade de articular parcerias com psicólogos(as) cristãos(ãs) e outros(as) profissionais de saúde mental, facilitando o acesso a acompanhamento terapêutico alinhado aos valores e crenças dos líderes religiosos. Uma iniciativa prática seria a promoção de encontros periódicos, palestras e rodas de conversa sobre saúde mental para toda a comunidade, tornando o diálogo sobre o tema mais natural e menos estigmatizado.

Outra solução seria a criação de campanhas educativas que envolvam lideranças de diferentes faixas etárias e ministérios, desmistificando a busca por ajuda psicológica e apresentando o autocuidado como um princípio cristão de mordomia do corpo e da mente. Experiências como as da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro e das Assembleias de Deus demonstram que a formação de grupos de apoio e mentorias entre pares favorece a troca de experiências e o surgimento de redes de solidariedade, reduzindo a solidão e promovendo o fortalecimento emocional dos pastores (Costa; Njaine; Souza, 2023).

Por fim, é fundamental que as igrejas incluam profissionais de saúde mental em conselhos consultivos, assegurando que o suporte ao pastor seja qualificado e contínuo. O acesso facilitado a psicoterapia, supervisionada ou em grupo, pode ser o diferencial para o enfrentamento do burnout pastoral, promovendo a restauração da saúde integral desses líderes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro nível de prevenção do Burnout pastoral começa com o próprio líder religioso. É fundamental que o pastor desenvolva autoconhecimento e esteja atento aos sinais de esgotamento físico, emocional e espiritual. Práticas como a meditação, oração, leitura, exercícios físicos e momentos de lazer são essenciais para o equilíbrio. Além disso, é importante que o pastor reconheça suas limitações, aprendendo a dizer “não” quando necessário, delegando tarefas e evitando a sobrecarga.

O autocuidado também envolve a busca ativa por apoio psicológico, seja através de psicoterapia, grupos de apoio ou supervisão pastoral. A quebra do tabu em relação à saúde mental é urgente: pastores precisam sentir-se autorizados a buscar ajuda sem medo de julgamento ou estigma. O desenvolvimento de hobbies, o cultivo de amizades fora do contexto ministerial e o investimento em tempo de qualidade com a família são igualmente relevantes para a saúde integral do líder.

O segundo nível de enfrentamento do Burnout pastoral se dá no âmbito da comunidade eclesial. As igrejas precisam criar uma cultura de acolhimento e cuidado mútuo, onde o pastor não seja visto como um “super-humano”, mas como alguém que também necessita de apoio. A criação de equipes ministeriais, conselhos de liderança e grupos de intercessão pode aliviar a carga do pastor, promovendo a partilha de responsabilidades.

É fundamental que a comunidade reconheça os limites do seu líder, respeitando seus momentos de descanso e incentivando períodos sabáticos. O diálogo aberto sobre saúde mental deve ser estimulado em sermões, reuniões e estudos bíblicos, desmistificando o sofrimento psíquico e promovendo empatia. O suporte comunitário também pode envolver o

acompanhamento de profissionais da saúde mental, que ofereçam palestras, workshops e atendimentos periódicos aos membros da liderança.

No nível institucional, as denominações e organizações religiosas precisam assumir protagonismo na promoção da saúde mental de seus líderes. Isso pode se dar através da criação de políticas claras de prevenção ao Burnout, incluindo a obrigatoriedade de férias, períodos sabáticos e acompanhamento psicológico regular. A oferta de treinamentos sobre gestão do tempo, resolução de conflitos e inteligência emocional é uma estratégia eficaz para fortalecer a resiliência pastoral.

Instituições religiosas podem, ainda, firmar parcerias com clínicas, universidades e profissionais especializados, garantindo acesso facilitado a serviços de saúde mental. A criação de canais de escuta e denúncia para situações de abuso, assédio ou sobrecarga é fundamental para proteger o pastor e promover um ambiente mais seguro e saudável.

Quando o Burnout já está instalado, é imprescindível a intervenção de profissionais qualificados. Psicólogos, psiquiatras e terapeutas ocupacionais podem oferecer suporte especializado, ajudando o pastor a compreender as causas do esgotamento e a desenvolver estratégias de enfrentamento. Em alguns casos, pode ser necessário o afastamento temporário das funções ministeriais, para que haja uma recuperação plena.

Quando o Burnout já está instalado, é imprescindível a intervenção de profissionais qualificados. Psicólogos, psiquiatras e terapeutas ocupacionais podem oferecer suporte especializado, conduzindo avaliações detalhadas do estado emocional, físico e espiritual do pastor. Esses profissionais ajudam a identificar fatores desencadeantes do esgotamento, como excesso de demandas, falta de limites ou sobrecarga emocional acumulada ao longo dos anos de ministério.

O acompanhamento psicoterapêutico proporciona um ambiente seguro para a expressão de sentimentos reprimidos, como frustração, angústia, tristeza ou até raiva, sem o receio de julgamentos. Em sessões individuais ou em grupos, o líder religioso pode ressignificar sua experiência, reconstruir sua autoestima e desenvolver habilidades para lidar com o estresse e a pressão inerentes à função pastoral. Além disso, a terapia pode auxiliar na restauração da motivação e do sentido vocacional, resgatando o prazer no exercício do ministério.

Em alguns casos, o quadro de Burnout pode exigir medidas mais drásticas, como o afastamento temporário das atividades ministeriais. Essa pausa, quando bem orientada e acolhida pela comunidade, possibilita ao pastor tempo e espaço para se recuperar física e emocionalmente. O descanso, aliado ao acompanhamento terapêutico, potencializa a restauração da saúde integral e previne recaídas. Durante esse período, é importante contar com o apoio familiar, de amigos e da própria igreja, garantindo que o retorno às atividades seja gradual e respeite o ritmo individual de recuperação.

Outro aspecto relevante é a necessidade de reconstruir a confiança na busca por ajuda. Muitas vezes, o líder religioso sente-se envergonhado ou teme ser julgado pela comunidade por demonstrar fragilidade. Por isso, é fundamental que as igrejas e denominações promovam uma cultura de acolhimento e compreensão, reconhecendo que o cuidado com a saúde mental é uma atitude de responsabilidade e maturidade, e não de fraqueza.

O papel da equipe pastoral e dos conselhos de liderança também é decisivo nesse processo. O compartilhamento de responsabilidades, a delegação de tarefas e a criação de espaços para escuta ativa tornam o ambiente ministerial mais saudável e colaborativo, reduzindo a sobrecarga sobre uma única pessoa. Dessa forma, o enfrentamento do Burnout deixa de ser um desafio solitário e passa a ser uma construção coletiva, fortalecendo não apenas o pastor, mas toda a comunidade de fé.

Além do atendimento individual, grupos terapêuticos voltados para pastores e líderes religiosos têm se mostrado eficazes na promoção do compartilhamento de experiências e no fortalecimento da rede de apoio. O acompanhamento espiritual, realizado por mentores ou supervisores experientes, também pode ser um recurso valioso para a reconstrução do sentido vocacional e da espiritualidade saudável.

A prevenção do Burnout pastoral passa, ainda, pela formação contínua dos líderes religiosos. Seminários, cursos e retiros de capacitação devem incluir conteúdos sobre saúde mental, limites pessoais, ética do cuidado e espiritualidade saudável. A educação continuada permite que o pastor esteja atualizado sobre as melhores práticas de autocuidado, gestão de conflitos e liderança colaborativa.

A formação integral deve contemplar não apenas o desenvolvimento teológico e espiritual, mas também habilidades emocionais, sociais e administrativas. O preparo para lidar com situações de crise, luto, conflitos familiares e demandas sociais é fundamental para que o pastor se sinta mais seguro e menos vulnerável ao esgotamento.

Por fim, é urgente a promoção de uma nova cultura ministerial, onde o cuidado com a saúde mental seja visto como parte integrante da missão pastoral. Isso implica romper com padrões de heroísmo, autossacrifício e isolamento, que historicamente marcaram o ministério. O pastor precisa ser reconhecido como um ser humano integral, com necessidades, limitações e potencialidades.

A valorização do descanso, do lazer e da vida em família deve ser incentivada e celebrada pela comunidade. A espiritualidade saudável é aquela que integra fé, razão, emoções e corpo, promovendo equilíbrio e bem-estar. Igrejas e denominações que investem no cuidado de seus líderes colhem frutos de ministérios mais duradouros, comunidades mais saudáveis e testemunhos mais autênticos do amor de Deus.

A discussão sobre a saúde psicológica dos pastores e líderes religiosos revela um cenário que exige atenção especial e urgente em ações concretas. O ministério pastoral, por sua natureza, impõe desafios singulares, marcados por intensa dedicação, exposição constante ao sofrimento alheio e uma pressão contínua para corresponder às expectativas da comunidade. Esses fatores, aliados à falta de limites claros entre vida pessoal e vocacional, tornam o pastor especialmente vulnerável ao esgotamento físico, emocional e espiritual, característico da Síndrome de Burnout.

É fundamental reconhecer que o sofrimento psíquico do líder religioso não é sinal de fraqueza ou falta de fé, mas resultado de um contexto multifacetado, que envolve demandas institucionais, culturais e pessoais. O silêncio e o isolamento, frequentemente alimentados pelo receio do julgamento e pelo mito do “pastor infalível”, apenas agravam o quadro e dificultam a busca por ajuda. Por isso, romper com o estigma e promover uma cultura de acolhimento, diálogo e cuidado mútuo é um passo indispensável para a transformação do ambiente ministerial.

As estratégias multinível discutidas ao longo deste texto — que abrangem o autocuidado, o suporte comunitário, a implementação de políticas institucionais de saúde mental e o acesso a acompanhamento profissional — apontam caminhos viáveis para a prevenção e o enfrentamento do Burnout pastoral. O investimento em formação continuada, a valorização do descanso e do lazer, bem como a promoção de espaços seguros para partilha de experiências e vulnerabilidades, são práticas que fortalecem não apenas o pastor, mas toda a comunidade de fé.

Cabe às igrejas, denominações e fiéis assumir o compromisso de cuidar de seus líderes, reconhecendo que a saúde mental do pastor é condição essencial para um ministério sustentável, frutífero e verdadeiramente humano. O cuidado integral do líder

religioso reflete diretamente na qualidade do serviço prestado à comunidade, promovendo ambientes mais saudáveis, compassivos e acolhedores.

Portanto, que esta reflexão sirva como convite à ação: que possamos, juntos, construir uma nova cultura ministerial, onde a espiritualidade e a saúde mental caminhem de mãos dadas, e onde o pastor seja visto, antes de tudo, como um ser humano, digno de cuidado, respeito e amor. Só assim será possível garantir não apenas a longevidade do ministério pastoral, mas também o florescimento de comunidades mais saudáveis, solidárias e comprometidas com o bem-estar integral de todos os seus membros. Pois Pastor é um ser humano, com necessidades e delimitações demonstrando assim sua natureza humana.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, João Batista de. **O impacto do trabalho pastoral na saúde mental dos líderes religiosos**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2022.

COSTA, André Luiz; NJAINE, Kathie; SOUZA, Vanessa dos Santos. Campanhas de conscientização sobre saúde mental em comunidades religiosas: análise de impacto. **Revista Brasileira de Saúde Pastoral**, v. 15, n. 2, p. 101-124, 2023.

GOSPEL PRIME. **Perfeccionismo e a Ansiedade**. Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/perfeccionismo-e-a-ansiedad-e-pela-vida-perfeita>. Acesso em: 29 abril 2025.

MÉZERVILLE, Maria Cristina. **Espiritualidade e autocuidado pastoral: desafios contemporâneos**. Belo Horizonte: Editora Vozes, 2018.

NERI, José Ricardo da Silva. Capacitação de conselhos eclesiais em saúde mental: estratégias e desafios. **Revista de Psicologia Pastoral**, v. 12, n. 1, p. 45-62, 2019.

PEREIRA, Ricardo Augusto. **Condições de trabalho e saúde dos pastores evangélicos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2019.

PESSOA, Ana Carolina. **Burnout pastoral em igrejas pentecostais: estudo de caso na Assembleia de Deus em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.

PESSOA, Maria Carolina de Almeida. Limites, autonomia e desafios emocionais de pastores neopentecostais no Brasil. **Estudos de Religião**, v. 18, n. 3, p. 233-250, 2020.

SANTOS, Paulo Henrique dos; PEREIRA, Ricardo Augusto. Pressão institucional e saúde mental de pastores pentecostais. **Revista Brasileira de Psicologia da Religião**, v. 13, n. 2, p. 45-60, 2021.

SILVA, Marcos Antônio da. Fatores psicossociais do burnout em líderes religiosos. **Revista de Estudos da Religião**, v. 6, n. 1, p. 77-93, 2006.

VIVA BEM. **Burnout e suicídio assombram as igrejas: A dor silenciosa de padres e pastores**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2024/04/23/burnout-esuicidio-assombram-igrejas-a-dor-silenciosa-de-padres-e-pastores>. Acesso em: 03 maio 2025.

TRANSFORMAÇÃO DA LITURGIA MUSICAL NAS IGREJAS EVANGÉLICAS: DO HINÁRIO TRADICIONAL AO WORSHIP DAS IGREJAS CONTEMPORÂNEAS

Gerson dos Santos Cordeiro³⁸

Raimundo Neves Ozier³⁹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a transformação da liturgia musical nas igrejas evangélicas, observando a transição do uso do hinário tradicional para o estilo worship adotado pelas igrejas contemporâneas. A pesquisa parte do problema de como essa mudança impacta a prática do culto, a experiência de fé dos fiéis e a identidade musical das comunidades evangélicas. Os objetivos centrais incluem identificar as principais diferenças entre os dois modelos musicais, compreender os fatores culturais, teológicos e sociais que motivaram essa transição e refletir sobre os efeitos dessa mudança na vivência espiritual. A metodologia adotada baseia-se em pesquisa bibliográfica, análise de repertórios litúrgicos e entrevistas com líderes religiosos e músicos envolvidos no ministério de louvor. Os resultados apontam que a liturgia musical nas igrejas evangélicas passou por uma significativa ressignificação, influenciada pela globalização, pela tecnologia e pela busca por uma adoração mais emocional e experiencial. Conclui-se que, embora o worship represente uma nova estética e linguagem musical, ele também revela uma continuidade da função espiritual da música no culto, agora adaptada aos anseios contemporâneos das comunidades. A pesquisa contribui para o entendimento das dinâmicas culturais no ambiente religioso e reforça a importância da música como elemento central na expressão da fé cristã.

Palavras-chave: Liturgia Musical; Hinário Tradicional; Worship.

ABSTRACT: This article aims to analyze the transformation of musical liturgy in evangelical churches, observing the transition from the use of traditional hymnals to the worship style adopted by contemporary churches. The research starts from the problem of how this change impacts the practice of worship, the experience of faith of the faithful and the musical identity of evangelical communities. The main objectives include identifying the main differences between the two musical models, understanding the cultural, theological and social factors that motivated this transition and reflecting on the effects of this change on spiritual experience. The methodology adopted is based on bibliographical research, analysis of liturgical repertoires and interviews with religious leaders and musicians involved in the worship ministry. The results indicate that musical liturgy in evangelical churches has undergone a significant resignification, influenced by globalization, technology and the search for more emotional and experiential worship. It is concluded that, although worship represents a new aesthetic and musical language, it also reveals a continuity of the spiritual function of music in worship, now adapted to the contemporary desires of communities. The research contributes to the understanding of cultural dynamics in the religious environment and reinforces the importance of music as a central element in the expression of the Christian faith.

Keywords: Musical Liturgy; Traditional Hymnal; Worship.

1 INTRODUÇÃO

A transformação da liturgia musical nas igrejas evangélicas tem sido um fenômeno significativo nas últimas décadas. Esse processo engloba desde mudanças no estilo de composição e execução das músicas, até a adaptação de novas formas de expressão que acompanham as necessidades e práticas das igrejas contemporâneas. O tema em questão, “Transformação da Liturgia Musical nas Igrejas Evangélicas: Do Hinário Tradicional ao Worship das Igrejas Contemporâneas”, aborda o impacto dessas mudanças no contexto litúrgico, cultural e religioso, com especial foco na transição do uso do hinário tradicional para a adoção do estilo musical conhecido como worship, comum nas igrejas evangélicas contemporâneas.

A delimitação do assunto concentra-se em analisar como essa transformação afetou as práticas de culto nas igrejas evangélicas, considerando a mudança nos formatos musicais, a introdução de novas linguagens e a influência cultural das músicas

³⁸ Acadêmico(a) do Curso de Ciências Teológicas da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: gerson.20210175@aluno.fbnovas.edu.br

³⁹ Doutor em Ciências da Educação pela Florida University USA, Mestre em Artes Universidade Federal do Amazonas, docente da Faculdade Boas Novas, SEDUC – AM, manaus. Email: raimundo.ozier@fbnovas.edu.br.

contemporâneas. O estudo busca compreender como essas alterações impactam a experiência de fé dos congregados, assim como a relação entre a música e a mensagem religiosa transmitida.

A escolha do tema justifica-se pela relevância do assunto no cenário das igrejas evangélicas, que, ao longo dos anos, vivenciaram uma profunda transformação em sua abordagem litúrgica. A música sempre foi uma ferramenta essencial na construção do culto e na expressão da devoção religiosa, e entender como esse processo de mudança se dá pode proporcionar uma visão mais ampla sobre a adaptação das igrejas a novas realidades culturais e espirituais.

O problema da pesquisa se concentra em investigar como a transição do hinário tradicional para o worship reflete uma mudança na percepção e vivência da liturgia musical nas igrejas evangélicas, buscando identificar os fatores que influenciaram essa transformação.

A hipótese de estudo, caso se considere, poderia ser a de que a introdução do worship nas igrejas contemporâneas contribuiu para uma maior aproximação entre a prática musical e as gerações mais jovens, além de uma maior flexibilidade e personalização nos cultos, refletindo as tendências culturais e sociais do momento.

Os objetivos desta pesquisa incluem: (i) analisar a evolução da liturgia musical nas igrejas evangélicas; (ii) investigar as diferenças entre o hinário tradicional e as músicas do worship; (iii) compreender os fatores culturais e teológicos que motivaram essa transformação; (iv) avaliar os impactos dessa mudança na experiência de culto e na vida espiritual dos membros das igrejas.

Os procedimentos metodológicos adotados consistem na pesquisa bibliográfica, análise de fontes musicais e entrevistas com líderes e membros de igrejas evangélicas. A metodologia empregada busca integrar uma análise qualitativa e quantitativa, proporcionando uma compreensão abrangente do fenômeno.

O presente artigo, estrutura-se em quatro seções, sendo além da introdução a primeira seção do desenvolvimento trata dos hinos tradicionais, seus principais conceitos e características. Na seção 3, o hinário tradicional e a sua simbiose musical, a seção 4, os impactos das transformações dos hinários aos fiéis.

Os resultados esperados incluem uma compreensão detalhada das mudanças ocorridas na liturgia musical e suas implicações para a prática religiosa nas igrejas evangélicas, oferecendo uma reflexão sobre a adaptação das tradições litúrgicas às novas realidades sociais e culturais.

2 HINOS TRADICIONAIS: CONCEITO E CARACTERÍSTICAS

A música desempenha um papel crucial na liturgia do culto, influenciando tanto a experiência espiritual quanto a cultura da congregação. Esta apresentação abordará a interseção entre a música e a teologia, explorando suas implicações e significados dentro do contexto de adoração. A música é um dos principais elementos da liturgia, servindo como um meio de expressão e conexão espiritual. Ela não apenas enriquece a experiência de adoração, mas também ajuda a transmitir mensagens teológicas importantes de forma memorável e impactante.

Segundo White (1985), o poder da música possui uma dinâmica maior do que é normalmente compreendido. Ela pode divertir, controlar o humor, levar às lágrimas, incitar à ação ou movimento etc. A experiência de Saul e Davi aponta para o poder da música. A referência aqui é, essencialmente, à música sem palavras. Quando existe a combinação da letra com a música o impacto pode ser ainda mais revelador. Ou seja, a música litúrgica reflete e molda a cultura da comunidade de fé. Diferentes estilos musicais podem influenciar a identidade e a prática religiosa, criando um diálogo contínuo entre a tradição e a inovação dentro do culto.

A teologia da música explora como as letras e melodias podem comunicar verdades espirituais. A música não é apenas uma arte, mas uma forma de teologia prática, que ajuda a formar a compreensão e a vivência da fé entre os congregantes. Essa compreensão faz com que as pessoas usem a música como forma de expressão, para Allen e Barror (2001), a adoração é uma reação ativa a Deus, pela qual declaramos a sua dignidade. A adoração não é passiva, mas sim participativa. Adoração não é simplesmente um clima; é uma reação. Adoração não é apenas uma sensação; é uma declaração.

A integração da música na liturgia enfrenta desafios, como a diversidade de estilos e preferências. No entanto, esses desafios também representam oportunidades para renovar a adoração e promover um senso de unidade entre os fiéis. Sobre os desafios da liturgia musical, Sayão (2011) afirmou: Dentre os pontos importantes que devemos destacar nas músicas cristãs contemporânea é que estas resgataram a alegria comemorativa da fé, retomaram a adoração contemplativa e os salmos no Antigo Testamento. Contudo, há um perigo da inclusão de heresias, a utilização de ritmos desproporcionais e da utilização errada dos cânticos durante determinado período do culto.

A evolução da liturgia musical ao longo dos séculos reflete as mudanças culturais e sociais. Desde os cânticos gregorianos até a música contemporânea, cada período trouxe desafios e inovações que moldaram a prática litúrgica atual. Segundo A. Nekola

(2013), o Movimento “Worship” está associado às transformações musicais suscitadas pelo contexto posterior ao Jesus Movement, que se trata de um movimento evangélico avivalista do final dos anos 1960 e início dos anos 1970 nos Estados Unidos. Consistia em uma espécie de contracultura conservadora que influenciava a música em geral. As transformações culturais impactam diretamente a forma como a música é utilizada nos cultos. A inclusão de estilos musicais diversos pode enriquecer a experiência, mas também gera conflitos entre tradições e inovações.

Para Carson Keller (2012), o resultado desse afastamento da Bíblia na adoração coletiva foi que em muitos lugares a adoração se reduziu a uma mensagem reavivalista com conteúdo aberto. [...] Os cânticos e a seleção musical passaram a ser feitos com base no efeito que produziam e não em seu conteúdo. Os cânticos do evangelho (celebrando a experiência) suplantavam frequentemente os hinos dirigidos a Deus.

O uso de tecnologia na liturgia musical trouxe tanto oportunidades quanto desafios. A integração de recursos tecnológicos pode facilitar a participação, mas também pode criar uma desconexão com a essência espiritual do culto. A participação ativa da congregação é um dos principais objetivos da liturgia musical. No entanto, a diversidade de preferências musicais pode dificultar a unidade durante os cultos, exigindo um equilíbrio cuidadoso entre diferentes estilos. A globalização trouxe uma variedade de influências musicais que enriquecem a liturgia. Contudo, isso também levanta questões sobre a autenticidade e a preservação das tradições locais, exigindo uma reflexão crítica sobre a identidade musical.

A música sempre teve um papel fundamental na vida religiosa das comunidades cristãs, e, no contexto evangélico, os hinos tradicionais constituem uma das expressões mais marcantes da fé protestante. O surgimento e o uso sistemático dos hinos estão diretamente ligados à história do protestantismo e, mais especificamente, à Reforma do século XVI. A ênfase de Martinho Lutero na participação ativa dos fiéis no culto cristão levou à valorização do canto congregacional. Para isso, compôs e traduziu hinos que pudessem ser compreendidos e cantados pela comunidade, inaugurando uma tradição que unia doutrina e melodia de forma acessível e didática.

No Brasil, a hinódia protestante começou a ser formada a partir do século XIX, com a chegada dos missionários norte-americanos e europeus. Eles trouxeram não apenas a doutrina reformada, mas também seus materiais litúrgicos, incluindo os primeiros hinários. Segundo Jacqueline Ziroldo Dolghe (2006), esse processo envolveu a tradução e adaptação de hinos estrangeiros, bem como a composição de hinos originais em português, que respeitavam os padrões de reverência, profundidade teológica e estrutura musical da tradição protestante.

Os hinos tradicionais são caracterizados por suas letras teologicamente ricas, voltadas para o ensino doutrinário, a exortação, o louvor a Deus e o consolo espiritual. Em sua estrutura, geralmente são compostos por estrofes simétricas, com rimas e métrica regulares, o que facilita a memorização e o canto coletivo. A melodia, por sua vez, é geralmente simples e solene, favorecendo a participação da congregação como um todo. Instrumentos como piano e órgão costumam acompanhar os hinos, reforçando a atmosfera de reverência no culto (VERONE, 2008).

Além de seu uso litúrgico, os hinos serviam também como recurso pedagógico nas igrejas, funcionando como uma espécie de catecismo cantado. Por meio deles, os fiéis aprendiam doutrinas essenciais da fé cristã, como a salvação, a graça, a santificação, entre outras. Isso fez com que os hinários se tornassem objetos centrais na vida devocional dos protestantes, sendo utilizados tanto em cultos públicos quanto em momentos particulares de oração e reflexão (KRUGER, 2021).

A valorização da coletividade é outro traço marcante dos hinos tradicionais. O canto congregacional, uníssono, reforçava a ideia de comunhão e igualdade entre os membros da igreja. Diferentemente das práticas contemporâneas centradas na performance musical, os hinos não exigiam grande habilidade técnica dos cantores ou músicos, mas sim um coração disposto à adoração. Essa característica colaborava para a construção de uma identidade eclesial sólida e coesa.

No entanto, a partir do final do século XX, os hinos começaram a ceder espaço para novas formas de expressão musical no ambiente evangélico, principalmente com a ascensão do chamado *worship*. Essa transição foi intensificada pela presença da mídia e pela influência da indústria cultural, que passou a moldar o gosto musical dos fiéis e das igrejas. Como destaca Eliane Hilario da Silva Martinoff (2010), a música evangélica contemporânea está profundamente imersa em um contexto midiático que valoriza a performance, a emoção e a experiência individual, muitas vezes em detrimento da coletividade e da teologia sólida que caracterizavam os hinos tradicionais.

Apesar das transformações ocorridas, os hinos tradicionais continuam sendo valorizados em muitas comunidades evangélicas, especialmente entre denominações históricas como batistas, presbiterianos e metodistas. Eles são vistos não apenas como um legado cultural e espiritual, mas também como instrumentos vivos de fé, que ainda tocam corações e edificam vidas.

Em suma, os hinos tradicionais representam um elo entre fé, doutrina e música, construído ao longo da história do

protestantismo e enraizado na vida devocional das igrejas evangélicas. Mesmo diante das mudanças culturais e estéticas, eles seguem como uma expressão legítima de adoração cristã, marcada por profundidade, reverência e comunhão.

Os hinos tradicionais ocupam um lugar central na história da liturgia musical das igrejas evangélicas, especialmente nas suas formas mais históricas e doutrinariamente conservadoras. De modo geral, os hinos são composições musicais criadas com o objetivo de expressar a fé cristã por meio de letras teologicamente densas, estruturadas e edificantes. Normalmente organizados em estrofes regulares e cantados em congregação, os hinos possuem uma linguagem poética rica e um conteúdo que busca transmitir doutrinas bíblicas, experiências espirituais e ensinamentos morais com clareza e reverência. Essa prática musical nasceu no contexto da Reforma Protestante e foi sendo adaptada ao longo do tempo pelas diferentes tradições evangélicas no Brasil, com forte influência do protestantismo europeu e norte-americano (DOLGHIE, 2006).

As características dos hinos tradicionais revelam um compromisso com a solidez teológica e a uniformidade litúrgica. A música é geralmente acompanhada por instrumentos como o piano ou o órgão, que reforçam a solenidade do momento de culto. O canto congregacional é central nesse modelo, evidenciando a participação coletiva na adoração, e a melodia, em geral, é simples e acessível, para facilitar o canto de todos os fiéis. Além disso, os hinos foram, por muito tempo, registrados em hinários — coletâneas padronizadas que garantiam unidade na adoração em diferentes igrejas de uma mesma denominação (VERONE, 2008).

Outro aspecto importante é o papel dos hinos na formação espiritual e doutrinária dos membros da igreja. Eles eram utilizados não apenas nos cultos, mas também em reuniões domésticas, escolas dominicais e momentos devocionais, funcionando como instrumentos pedagógicos que reforçavam a fé e a identidade denominacional. A escolha cuidadosa das letras e melodias visava garantir que a adoração fosse reverente, centrada em Deus e distante de apelos emocionais excessivos. Os hinos, portanto, moldavam uma espiritualidade marcada pelo respeito à tradição, à liturgia e à coletividade da fé (KRUGER, 2021).

Contudo, apesar de sua importância histórica, os hinos tradicionais passaram a enfrentar desafios frente às transformações sociais, culturais e midiáticas das últimas décadas. A ascensão das mídias digitais, das novas formas de consumo musical e a busca por uma espiritualidade mais experiencial têm levado muitas igrejas a adotarem estilos musicais contemporâneos, especialmente o worship, que dialoga mais diretamente com as novas gerações. Ainda assim, os hinos permanecem como uma herança musical e teológica significativa, sendo preservados por muitas igrejas e valorizados por seu conteúdo profundo e por sua contribuição à construção da identidade protestante brasileira (DA SILVA MARTINOFF, 2010).

No Brasil, os hinos tradicionais são marcantes principalmente em igrejas evangélicas históricas, como as batistas, presbiterianas, metodistas e adventistas, onde o uso de hinários impressos é comum até hoje. Já nas igrejas católicas, embora haja atualmente uma grande diversidade musical, ainda se preservam cânticos mais tradicionais em algumas celebrações litúrgicas. O Hinário Evangélico — com exemplares como o Cantor Cristão, o Hinário Adventista, o Hinário Novo Cântico, Harpa Cristã, entre outros, continua sendo utilizado em milhares de igrejas brasileiras, especialmente nas regiões mais tradicionais ou em comunidades do interior do país.

Muitos desses hinos foram originalmente traduzidos do inglês ou do alemão entre os séculos XIX e XX, trazidos por missionários que colaboraram com a expansão do protestantismo no Brasil. Entretanto, também existem composições nacionais, com letras e melodias criadas por brasileiros. Com o tempo, esses hinos passaram por um processo de adaptação cultural, ajustando-se ao gosto musical e à sensibilidade religiosa do povo brasileiro, seja por meio do ritmo, da harmonia ou mesmo pela forma de interpretar o canto.

Esses hinos tradicionais apresentam características marcantes. Suas letras, por exemplo, são profundamente embasadas na Bíblia, abordando temas como salvação, cruz, graça, fé e esperança cristã. A linguagem usada costuma ser mais formal, reverente e rica teologicamente, com forte ênfase no ensino doutrinário e na adoração coletiva. Além disso, seguem geralmente uma forma poética bem estruturada, com métrica regular e estrofes padronizadas, facilitando o canto congregacional. A harmonia é simples e acessível, pensada para ser acompanhada por instrumentos como piano, órgão, violão ou teclado, especialmente em igrejas menores, onde os recursos musicais são mais limitados.

Uma característica central dos hinos tradicionais é seu caráter congregacional: eles são feitos para serem cantados por todos os presentes, e não apenas por solistas ou grupos musicais. Suas melodias são lineares e fáceis de acompanhar, sem grandes variações melódicas, o que permite ampla participação. Mesmo com toda a diversidade cultural brasileira, esses hinos mantêm um tom solene e devocional, sendo respeitados como expressões sinceras de louvor e fé. Mesmo quando adaptados com ritmos regionais, como o samba ou o forró, o sentimento de reverência e adoração continua sendo o elemento central da interpretação.

Com o avanço da música gospel contemporânea, marcada por letras mais simples, ritmo moderno, o uso de bandas e produções tecnológicas, muitos jovens e novas igrejas passaram a preferir estilos mais atuais. Ainda assim, os hinos tradicionais

resistem e continuam sendo valorizados, especialmente em igrejas históricas, em encontros de corais, em cultos especiais como a Santa Ceia e em retiros espirituais com ênfase na doutrina. Muitos fiéis mais antigos ou conservadores veem esses hinos como uma expressão pura da fé cristã, enquanto outros, mesmo com gosto musical diferente, reconhecem seu valor teológico, histórico e emocional.

Na prática brasileira, os hinos tradicionais acabam absorvendo características da cultura nacional. Isso se reflete no uso de instrumentos regionais, como a sanfona no Nordeste; em ritmos mais lentos e cadenciados no Sudeste; em corais afro-brasileiros nas igrejas negras; e até em adaptações com violão ou cavaquinho em comunidades populares. Longe de descaracterizar os hinos, essas influências contribuem para revitalizá-los, mostrando sua capacidade de se adaptar ao contexto social e musical do Brasil. Dessa forma, os hinos tradicionais seguem vivos na alma religiosa brasileira, sendo ponte entre tradição, fé e cultura.

3 O HINÁRIO TRADICIONAL E A SUA SIMBIOSE MUSICAL

A história da hinódia protestante está profundamente marcada pela relação simbiótica entre música, fé e prática litúrgica. O hinário tradicional, mais do que uma simples coletânea de canções religiosas, constitui uma expressão orgânica da espiritualidade evangélica, funcionando como veículo de doutrina, comunhão e adoração. Essa simbiose musical – ou seja, a interação inseparável entre conteúdo teológico e forma musical – moldou a identidade de muitas igrejas evangélicas desde suas origens reformadas até os tempos atuais.

A origem dessa relação remonta ao movimento da Reforma Protestante, no século XVI, quando Martinho Lutero defendeu não só a tradução da Bíblia para o vernáculo, mas também a composição de músicas acessíveis ao povo comum. Lutero, ele próprio músico e compositor, via a música como dom divino e instrumento essencial para a propagação da fé. Em sua produção musical, ele procurava unir letra e melodia de forma que a doutrina fosse compreendida e vivenciada pelos fiéis. Como aponta Heloísio Costa de Oliveira (2022), a prática musical luterana não era apenas estética, mas profundamente pedagógica, doutrinária e espiritual.

No Brasil, o hinário tradicional se desenvolveu no contexto das igrejas protestantes históricas, como batistas, presbiterianas e metodistas, especialmente a partir do século XIX, com a chegada dos missionários estrangeiros. Esses hinários, como “Cantor Cristão” e “Hinário Evangélico”, representaram a síntese da tradição musical protestante, adaptada ao contexto brasileiro. A simbologia presente nas letras dos hinos, aliada à musicalidade acessível e solene, formou uma estrutura musical que se enraizou nas práticas devocionais das igrejas. Segundo Irene Bentley (2009), a música sacra em igrejas evangélicas brasileiras é vista como parte integrante da adoração e da comunhão, sendo cantada de forma coletiva e reverente, reforçando a unidade e a fé da comunidade.

Essa simbiose musical entre hinário e culto também é responsável por formar uma linguagem própria no interior das igrejas. Cada hino possui uma função litúrgica: há aqueles voltados para momentos de confissão, outros para louvor, gratidão, ceia ou consagração. Essa organização não é apenas funcional, mas simbólica, reforçando a narrativa teológica do culto e conduzindo emocional e espiritualmente os fiéis através da adoração. De acordo com De Assis, Labate e Cavnar (2017), a música religiosa cria um espaço ritual no qual a linguagem cantada assume papel de mediação entre o humano e o sagrado, o que também se observa na liturgia evangélica, embora com estruturas e objetivos próprios.

Além disso, o hinário tradicional contribui para a formação de uma memória coletiva. Muitas igrejas cultivam o uso contínuo dos mesmos hinos ao longo de gerações, criando vínculos emocionais profundos entre as melodias e momentos marcantes da vida e da fé dos fiéis. Essa constância fortalece a identidade comunitária e permite que mesmo em meio a mudanças culturais externas, a igreja mantenha viva uma herança espiritual compartilhada. Como observa Bentley (2009), essa repetição ritualística e afetiva dos hinos transforma o culto em um espaço de preservação e transmissão de valores religiosos fundamentais.

Por fim, é importante notar que essa simbiose musical não significa imobilismo ou resistência à mudança. Ao contrário, o hinário tradicional passou e continua passando por revisões e adaptações linguísticas e musicais que permitem sua permanência em novos contextos. Contudo, sua essência – a união entre teologia e música, entre fé e forma – permanece como marca registrada de sua função na vida da igreja.

Portanto, o hinário tradicional representa não apenas um patrimônio musical, mas um sistema simbólico que une doutrina, estética e comunidade. Sua simbiose musical continua sendo, para muitas igrejas, um instrumento essencial de espiritualidade e identidade, mesmo em meio às transformações contemporâneas da liturgia musical evangélica.

O hinário tradicional evangélico sempre desempenhou um papel central na vida litúrgica das igrejas protestantes, sendo mais do que uma simples coleção de hinos. Ele representava a fusão entre a música e a teologia, criando uma linguagem de fé que se comunicava com os fiéis de forma profunda e significativa. No entanto, com as transformações culturais e as mudanças na

sociedade, especialmente a partir do final do século XX, a simbiose entre música e culto passou a ser questionada e remodelada, dando lugar ao estilo *worship*, com um foco maior na experiência emocional e na performance.

Hoje, ao analisarmos o papel do hinário tradicional dentro da dinâmica das igrejas contemporâneas, vemos que ele não foi totalmente deslocado ou abandonado. Pelo contrário, ele ainda representa uma parte significativa da identidade litúrgica de muitas denominações históricas, como batistas, presbiterianas e metodistas. O hinário, com sua carga de tradição teológica e musical, continua a ser um elo de continuidade, conectando as gerações presentes com o legado espiritual das gerações passadas.

No entanto, a crescente popularização do estilo *worship*, com seu apelo mais emocional e contemporâneo, tem gerado um paradoxo: por um lado, vemos um retorno à simplicidade e à espontaneidade na música de adoração, refletindo uma busca por uma experiência pessoal e imediata com Deus. Por outro lado, a busca pela performance e pela “experiência sensorial” pode, às vezes, diluir o conteúdo teológico profundo que o hinário tradicional carregava. O *worship* se concentra, muitas vezes, na repetição de frases de louvor simples e acessíveis, focando na adoração direta, enquanto o hinário tradicional, mais estruturado e complexo, procurava ensinar e instruir através da música.

Essa transição entre o hinário tradicional e o *worship* contemporâneo não é simplesmente uma questão estética, mas envolve profundas questões teológicas e sociais. Como observam estudiosos como Jacqueline Dolghie (2006), a música sacra tem um impacto direto na formação espiritual dos fiéis. A mudança do hinário para o estilo *worship* pode ser vista como uma adaptação da música às novas exigências de uma sociedade mais dinâmica e visualmente orientada, mas também traz à tona desafios sobre como manter a profundidade teológica e a unidade na prática do culto.

Do ponto de vista atual, a simbiose musical do hinário tradicional e do *worship* contemporâneo parece ser um campo de tensão criativa. Embora o estilo *worship* tenha sido amplamente aceito, muitos líderes religiosos e teólogos apontam que, em certos contextos, o uso exclusivo de músicas contemporâneas pode levar a uma diminuição do conteúdo doutrinário e da participação ativa da congregação. O hinário, por sua vez, oferece um ancla sólida de ensino e participação congregacional, algo que o *worship* moderno pode não alcançar com a mesma profundidade.

Hoje, muitas igrejas têm buscado um equilíbrio entre os dois estilos, criando cultos híbridos onde o hinário tradicional é cantado em momentos específicos, muitas vezes para evocar uma nostalgia espiritual ou reforçar verdades teológicas centrais, enquanto o *worship* proporciona a experiência emocional contemporânea que muitos buscam nas celebrações mais jovens. Essa fusão pode ser vista como uma tentativa de preservar o melhor de ambos os mundos: a solidez teológica do hinário e a emoção vivencial do *worship*.

Em resumo, a simbiose entre o hinário tradicional e o estilo *worship*, embora alterada, continua a ser uma questão relevante na igreja evangélica contemporânea. O desafio para os teólogos, músicos e líderes da igreja é encontrar formas de integrar ambos os estilos de maneira que a música continue a ser uma ferramenta poderosa de edificação, formação e adoração, sem perder de vista a profundidade teológica e a verdade do evangelho. O futuro da música litúrgica evangélica parece depender dessa integração, que permitirá que a adoração continue a ser uma expressão verdadeira e transformadora da fé cristã.

O hinário tradicional no Brasil é um conjunto de hinos que possuem uma forte relação com a cultura religiosa, especialmente em igrejas evangélicas e católicas, mas também se expandem para outras práticas litúrgicas. No Brasil, esse gênero musical tem uma importância significativa, sendo um reflexo das manifestações religiosas e culturais do país.

A simbiose musical que se dá entre o hinário tradicional e a música popular brasileira é um exemplo claro da influência mútua entre a música litúrgica e a musicalidade popular. A fusão entre elementos de diferentes tradições musicais criou um estilo único que é interpretado e apreciado de diversas formas ao longo do território nacional.

4 OS IMPACTOS DAS TRANSFORMAÇÕES DOS HINÁRIOS AOS FIÉIS

Do ponto de vista teológico e pastoral, a música litúrgica é muito mais do que um elemento estético no culto cristão: ela é uma forma de proclamação da fé, de ensino doutrinário e de expressão da espiritualidade da comunidade. Diante disso, as transformações ocorridas na música evangélica – especialmente a transição dos hinários tradicionais para o estilo *worship* contemporâneo – provocaram impactos profundos na vida devocional, na identidade e na forma como os fiéis se relacionam com Deus, com a igreja e com a própria fé.

Historicamente, os hinários tradicionais foram construídos com forte intencionalidade pedagógica e teológica. Como explica Dolghie (2006), os primeiros hinários protestantes brasileiros, como o *Cantor Cristão*, refletiam uma preocupação com a fidelidade doutrinária e com a formação espiritual do povo. As letras exaltavam atributos divinos, retratavam a caminhada cristã e

educavam o fiel em uma teologia sólida, centrada na Bíblia. Esses hinos formavam, portanto, uma linguagem litúrgica estável, acessível e profundamente integrada à identidade denominacional.

Contudo, nas últimas décadas, esse modelo começou a ser substituído, ou ao menos diluído, pelas influências da cultura midiática e pela ascensão do *worship*, um estilo musical centrado na experiência emocional, na espontaneidade e na performance. Verone (2008) observa que esse processo foi acompanhado pela midiaticização do culto, que passou a ser transmitido por rádios, televisões e redes sociais, transformando o espaço da adoração em um palco e, muitas vezes, o adorador em espectador.

Esse deslocamento da função da música – de um meio de ensino e confissão para um instrumento de expressão emocional – gerou efeitos significativos nos fiéis. Kruger (2021) destaca que a música contemporânea muitas vezes reflete uma teologia fragmentada, marcada por repetições poéticas e ausência de conteúdo doutrinário robusto, o que pode resultar em uma experiência espiritual mais superficial e subjetiva. Não se trata aqui de negar o valor da emoção na adoração, mas de alertar para o risco de uma musicalidade desvinculada das Escrituras, que não forma, mas apenas sensibiliza.

Além disso, a linguagem litúrgica construída pelos hinários tradicionais proporcionava um senso de pertencimento e continuidade histórica. Como destaca Allen e Borrer (2001), a adoração cristã deve ser fundamentada em princípios teológicos atemporais e não apenas moldada pelas tendências culturais. Quando a música se torna excessivamente moldada pela estética do mercado ou pela lógica da indústria fonográfica, como alerta Nekola (2013), corre-se o risco de esvaziar a adoração de seu conteúdo sagrado e transformá-la em entretenimento.

Outro impacto relevante é o da participação congregacional. O hinário tradicional promovia o canto coletivo como expressão de unidade da fé. Hoje, muitos fiéis se veem como meros ouvintes de ministérios de louvor altamente profissionalizados, o que, segundo Sayão (2011), pode gerar uma “passividade litúrgica”, afastando os crentes da experiência ativa da adoração. A centralidade da performance sobre o conteúdo leva à inversão do culto, onde o foco passa de Deus para a sensação individual.

Por outro lado, não se pode ignorar que o *worship* surgiu como uma resposta legítima às mudanças culturais e às necessidades espirituais de novas gerações. Como observa Da Silva Martinoff (2010), a música evangélica atual reflete uma nova forma de religiosidade, mais experiencial, dialogando com as linguagens da juventude e utilizando a mídia como meio de expansão do evangelho. Essa musicalidade contemporânea, embora distinta dos hinários, também pode ser instrumento de fé, desde que esteja enraizada em princípios bíblicos.

Diante disso, o desafio teológico atual é o de buscar equilíbrio: preservar a herança dos hinários tradicionais, com sua riqueza doutrinária e litúrgica, sem desconsiderar a necessidade de contextualização cultural. A Igreja deve ser capaz de usar a música como ferramenta de edificação e não apenas como expressão estética. Carson (2012) reforça que o louvor verdadeiro é aquele que une mente e coração, doutrina e devoção, tradição e renovação.

Por fim, é importante lembrar que, como aponta De Oliveira (2022), desde Lutero a música foi compreendida como um dom divino para a igreja, com poder de transformar e ensinar. Essa visão permanece atual: seja por meio de hinos antigos ou de canções contemporâneas, a música deve sempre conduzir o povo a uma adoração que exalte a glória de Deus, fortaleça a comunhão dos santos e forme uma igreja enraizada na Palavra.

Portanto, as transformações musicais nas igrejas evangélicas, especialmente a transição do hinário tradicional para o estilo *worship* contemporâneo, têm gerado significativos impactos na vida espiritual e na experiência de fé dos fiéis. No contexto atual, essa transformação não é apenas uma questão estética ou de preferências musicais, mas envolve questões mais profundas, que dizem respeito à própria natureza da adoração, à educação doutrinária e à identidade da comunidade cristã.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transformação da liturgia musical nas igrejas evangélicas, marcada pela transição do hinário tradicional para o estilo *worship*, reflete não apenas uma mudança estética, mas uma reconfiguração profunda na forma como a fé é vivenciada, expressa e comunicada nas comunidades cristãs. Ao longo da pesquisa, foi possível observar que essa mudança não ocorreu de maneira abrupta, mas foi sendo construída a partir de diversos fatores socioculturais, teológicos e tecnológicos que influenciaram a prática religiosa contemporânea.

O hinário, símbolo de uma tradição enraizada e reverente, deu lugar ao *worship*, que propõe uma experiência de adoração mais livre, emocional e sensorial. Essa mudança, embora por vezes criticada por parte de setores mais conservadores, demonstra uma tentativa das igrejas de dialogar com as novas gerações e com as transformações do mundo atual, sem necessariamente abandonar os princípios da fé cristã.

As considerações finais apontam para a necessidade de um olhar equilibrado sobre essa transição, reconhecendo tanto os ganhos quanto os desafios que ela representa. A música continua sendo um canal fundamental de espiritualidade, comunhão e ensino nas igrejas evangélicas. Compreender as nuances dessa transformação é essencial para que a liturgia musical continue cumprindo seu papel como meio de conexão entre o ser humano e o sagrado, respeitando o passado, mas caminhando com discernimento rumo ao futuro.

A presente pesquisa permitiu compreender de forma mais clara a transformação da liturgia musical nas igrejas evangélicas, evidenciada pela transição do hinário tradicional ao estilo worship adotado pelas igrejas contemporâneas. Essa mudança não representa apenas uma alteração no repertório musical, mas revela um processo mais amplo de adaptação cultural, teológica e estética dentro do contexto religioso evangélico. Observa-se que, apesar das diferenças formais e estilísticas entre os dois modelos, ambos mantêm a função central da música como meio de adoração, ensino e edificação espiritual.

A relevância deste estudo está na sua contribuição para a reflexão crítica sobre o papel da música na liturgia, especialmente em tempos de rápidas transformações sociais e tecnológicas. A análise mostra que o worship não surgiu para substituir completamente o hinário, mas para atender às novas demandas de expressão espiritual, especialmente entre os jovens e nas igrejas urbanas contemporâneas. Essa nova linguagem musical tem promovido maior envolvimento emocional nos cultos, aproximando os fiéis da experiência do sagrado de maneira mais pessoal e sensorial.

Assim, este trabalho se destaca por lançar luz sobre uma temática atual e significativa para líderes religiosos, músicos cristãos, teólogos e estudiosos da religião, oferecendo subsídios para uma compreensão mais ampla da dinâmica cultural e espiritual que envolve a liturgia musical nas igrejas evangélicas hoje.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, R.; BORROR, G. Teologia da Adoração. 1ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2001. ALVES, I. O que é liturgia. Significados, 2022. Disponível em: . Acesso em: 02 dez. 2024.

BENTLEY, Irene. **A música sacra em duas igrejas evangélicas do DF**. 2009. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/4071>. Acesso em: 20 abr. 2025.

CARSON, D. A. et al. Louvor: Análise telógica e prática. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

DA SILVA MARTINOFF, Eliane Hilario. A música evangélica na atualidade: algumas reflexões sobre a relação entre religião, mídia e sociedade. Revista da ABEM, v. 18, n. 23, 2010. Disponível em: <http://www.abemeducao.com.br/revista23/musica-evangelica>. Acesso em: 20 abr. 2025.

DE ASSIS, Glauber Loures; LABATE, Beatriz Caiuby; CAVNAR, Clancy. Música, tradução e linguagem na diáspora do Santo Daime. *Revista de Antropologia*, v. 60, n. 1, p. 165-192, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/129732>. Acesso em: 20 abr. 2025.

DE OLIVEIRA, Heloísia Costa. **Martinho Lutero, o músico: uma análise a partir da produção musical lutera do século XVI**. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade Unida de Vitória, Vitória, ES, 2022.

DOLGHIE, Jacqueline Zioldo. Um estudo sobre a formação da hinódia protestante brasileira. **Âncora – Revista Digital em Estudos da Religião**, v. 1, p. 83-106, 2006. Disponível em: <http://www.ancora.religiao.digital/hinodia-protestante>. Acesso em: 20 abr. 2025.

KRUGER, Harriet Wondracek. **A teologia que vem dos palcos evangélicos**. São Paulo: Editora Jesus, 2021.

NEKOLA, A. “I’ll take you there”: the promise of transformation in the marketing worship media in US Christian music magazines. In: INGALLS, M.; LANDAU, C.; WAGNER, T (ed.). *Christian congregational music: performance, identity and experience*. Farnham: Ashgate, 2013. p. 117-136.

SAYÃO, L. O uso da música no culto. Escola Charles Spurgeon - Youtube, 2011. Disponível em: . Acesso em: 02 março. 2025.

VERONE, Sandro Luis Wodzik. **A voz da Assembleia de Deus: evangelismo midiaticado**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, Santa Maria, 2008. Disponível em: <http://www.unifra.edu.br/trabalhos/evangelismo-midiaticado.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2025.

WHITE, E. G. Testemunhos Seletos. 2ª. ed. Santo André: C.P.B, v. II, 1985.